

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Carolina Adolfo de Carvalho

**Do Match ao Date: a tensão entre o medo, o desejo e a vergonha
em mulheres que buscam relacionamentos com homens pelo
Tinder em Santa Maria-RS**

Santa Maria, RS

2019

Carolina Adolfo de Carvalho

**DO MATCH AO DATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO, O DESEJO E A VERGONHA
EM MULHERES QUE BUSCAM RELACIONAMENTOS COM HOMENS PELO
TINDER EM SANTA MARIA-RS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof. Dr. Francis Moraes de Almeida

Santa Maria, RS
2019

Carvalho, Carolina Adolfo de
DO MATCH AO DATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO, O DESEJO E
VERGONHA EM MULHERES QUE BUSCAM RELACIONAMENTOS COM
HOMENS PELO TINDER EM SANTA MARIA-RS / Carolina Adolfo
de Carvalho.- 2019.
212 p.; 30 cm

Orientador: Francis Moraes de Almeida
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2019

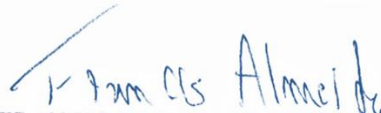
1. Mídias Digitais 2. Violência 3. Lenda Urbana 4.
Emoções I. Almeida, Francis Moraes de II. Título.

Carolina Adolfo de Carvalho

**DO MATCH AO DATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO, O DESEJO E A VERGONHA
EM MULHERES QUE BUSCAM RELACIONAMENTOS COM HOMENS PELO
TINDER EM SANTA MARIA-RS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra em Ciências Sociais**.

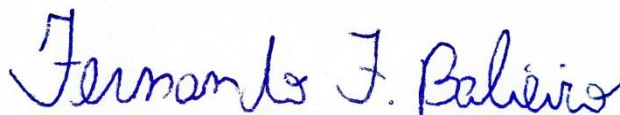
Aprovado em 18 de fevereiro de 2019:



Francis Moraes de Almeida, Dr. (UFSM)



Iara Aparecida Beleli, Dra. (Unicamp)



Fernando de Figueiredo Balieiro, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, pelo companheirismo inquestionável, ao meu pai, pela inspiração firme, à minha mãe, pelo apoio afetuoso, ao meu irmão, pela torcida generosa, e às minhas amadas Berinjela e Gelatina, pela presença amorosa e constante ao longo deste percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, pública, gratuita e de qualidade, pela oportunidade de estudar, aprimorar meus conhecimentos e contribuir para o fortalecimento e a manutenção da ciência.

Agradeço à direção e aos meus colegas do jornal Diário de Santa Maria pela compreensão diante das minhas ausências, pelas adequações nas rotinas de trabalho e pelo esforço em acolher minhas necessidades diante do desafio de cursar esse mestrado. O apoio e a compreensão que recebi neste período me são inestimáveis. Obrigada.

Agradeço ao professor Dr. Francis Moraes de Almeida pela orientação generosa, pelo acolhimento sereno e afetuoso, pela confiança inestimável e por ter me ajudado desde sempre a tornar esse trabalho possível. Eu sempre hei de te agradecer, professor, por tudo e tanto. Você sabe. Muito obrigada. E vamos em frente.

Agradeço, também, aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFSM pelo conhecimento compartilhado, pelos ensinamentos em diferentes âmbitos acadêmicos e da vida e, sobretudo, pela força de insistir na educação em um país que reconhece cada vez menos a importância do fazer científico. Fiquem firmes. Nós precisamos.

Agradeço à professora Dra. Sandra Rúbia da Silva pelas observações de suma relevância acerca de meu trabalho em minha banca de qualificação. Ao professor Dr. Fernando de Figueiredo Balieiro, pela atenção e dedicação na leitura de meus escritos e pelas sugestões importantes na qualificação e na defesa final, assim como à professora Dra. Iara Aparecida Beleli, por ter aceitado integrar a banca e por suas contribuições fundamentais para esta e, também, para futuras pesquisas. Agradeço, ainda, à querida professora Monalisa Dias, pela disponibilidade para a suplência da minha banca, pelas generosas contribuições com a minha pesquisa no dia da defesa e muito antes dela e pelas muitas que, eu sei, ainda virão.

Agradeço às 132 usuárias do Tinder em Santa Maria-RS que responderam minhas perguntas, em especial, a Cássia, Elis, Elza, Tiê, Karol e Roberta, que dividiram suas experiências, vivências e emoções comigo e, além disso, me incentivaram a persistir nessa empreitada e na carreira acadêmica, tornando esse trabalho e os próximos possíveis. Obrigada, minhas Tinderelas. Sem vocês, essa dissertação não existiria.

Agradeço, ainda, aos meus estimados colegas de mestrado, sobretudo àqueles que se tornaram verdadeiros amigos e que foram cúmplices nos momentos de angústia, ouvidos, diante dos desabafos terapêuticos necessários, sábios, nos momentos de dúvida, fortaleza, nos

momentos de descrença, e alegria pura nos muitos momentos divertidos que dividimos ao longo desses dois anos. Quem bom que foi com vocês e que bom que pudemos compartilhar tão lindamente tudo isso.

Mãe, pai e mano, sem vocês, eu não seria quem sou. Meu agradecimento a vocês é bem anterior e vai muito além desses dois anos de mestrado. Pela vida, pelo desenvolvimento, pelo apoio, pelo amor, serei grata a vocês todos os dias, até o fim deles e depois.

Por fim, meu amado marido, Adriano, sem teu suporte, abraço reconfortante, estímulo e crença inabalável de que eu era capaz, esse processo teria sido bem mais difícil. Obrigada pelo amor, pela companhia e por cuidar de todo o resto enquanto eu cuidava desta dissertação. Amo você, Beri, Gelatina, nossa família.

RESUMO

DO MATCH AO DATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO, O DESEJO E O A VERGONHA EM MULHERES QUE BUSCAM RELACIONAMENTOS COM HOMENS PELO TINDER EM SANTA MARIA-RS

AUTOR: Carolina Adolfo de Carvalho
ORIENTADOR: Francis Moraes de Almeida

Há pouco mais de uma década, empresas investem em sites e aplicativos de relacionamentos e transformam a paquera em algo mais discreto e privado, ao mesmo tempo em que proporcionam a seus usuários um agenciamento mais amplo do desejo. Pensando nisso, esse trabalho quer debater a perspectiva de que a mesma tecnologia que proporcionou o exercício livre da paquera também passou a despertar novos temores em seus usuários, sobretudo entre as mulheres. Com base em uma investigação etnográfica empreendida a partir de observação participante e entrevistas com mulheres usuárias do aplicativo de relacionamentos Tinder em Santa Maria-RS, e em diálogo com teorias que tratam de emoções, mídias digitais e lendas urbanas, proponho uma reflexão sobre se há, e como se dá, uma tensão entre o medo, o desejo e a vergonha nas buscas dessas mulheres por parceiros no aplicativo. Discuto essas sociabilidades considerando que essas mulheres vivem uma sociedade em que a violência de gênero, sobretudo a doméstica, praticada por agressores próximos, é uma realidade amplamente midiaticizada. Identifiquei, ao longo do trabalho de campo, que essas mulheres se sentem mais à vontade para flertar pelo aplicativo, mas ainda sofrem com o estigma de tomarem a iniciativa da busca por um parceiro. Além disso, influenciadas pela midiaticização da violência, elas temem ser vítimas da lendária figura do psicopata da internet, amplamente explorada pelas notícias e pelo cinema, mesmo que as estatísticas mostrem que o agressor de mulheres no Brasil é, na imensa maioria dos casos, um homem conhecido da vítima. Esse medo obstaculiza as relações dessas mulheres com os homens que conhecem pelo aplicativo e faz com que elas tomem uma série de precauções antes de partir para o encontro face a face, influenciando intensamente suas sociabilidades na e a partir da ferramenta.

Palavras-chaves: Emoções, Mídias Sociais, Violência, Lenda Urbana

ABSTRACT

FROM MATCH TO DATE: THE TENSION BETWEEN FEAR, DESIRE, AND SHAME ON WOMEN SEEKING RELATIONSHIPS WITH MEN ON TINDER IN SANTA MARIA-RS

AUTHOR: Carolina Adolfo de Carvalho

ADVISOR: Francis Moraes de Almeida

For just over a decade, companies have invested in social networking sites and applications and have turned flirting into something more discreet and private, while providing their users a broader desire management. Thinking about it, this work wants to debate the perspective that the same technology that made real the free exercise of flirting, also started to raise new fears in its users, especially among women. Based on an ethnographic inquiry undertaken from participant observation and interviews with women users of the dating app Tinder in Santa Maria-RS, and also in dialogue with theories which deal with emotions, digital media and urban legends, I propose a reflection on whether there is, and how it happens, a tension between fear, desire and shame in the searches of these women for partners in the application. I discuss these sociabilities considering that these women live in a society in which gender violence, especially domestic violence, practiced by close harassers, is a reality widely spread in media. I have identified throughout the fieldwork that these women feel more comfortable flirting with the application, but they still suffer from the stigma of taking initiative to search for a partner. Furthermore, influenced by the mediatization of violence, they fear being victims of the legendary figure of the Internet psychopath, broadly exploited by news and cinema, even though statistics show that the perpetrator of women in Brazil is, in the great majority of cases, a known man of the victim. This fear hampers the relationships of these women with men they know on the application and troubles them to take a number of precautions before leaving for the face-to-face date, strongly influencing their sociabilities inside and from the tool.

Keywords: Emotions, Social Media, Violence, Urban Legend

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Interface do Tinder | 56 |
| Figura 2 - Interface do Tinder | 57 |
| Figura 3 - Interface do Tinder | 58 |
| Figura 4 - Interface do Tinder | 59 |
| Figura 5 - Interface do Tinder | 60 |
| Figura 6 - Interface do Tinder | 61 |
| Figura 7 - Interface do Tinder | 87 |
| Figura 8 - Reprodução de conversa com interlocutora de 47 anos..... | 88 |
| Figura 9 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos..... | 108 |
| Figura 10 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos..... | 109 |
| Figura 11 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 109 |
| Figura 12 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 109 |
| Figura 13 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 110 |
| Figura 14 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos..... | 110 |
| Figura 15 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 110 |
| Figura 16 - Reprodução de conversa com interlocutora de 34 anos..... | 111 |
| Figura 17 - Reprodução de conversa com interlocutora de 48 anos..... | 113 |
| Figura 18 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 113 |
| Figura 19 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 114 |
| Figura 20 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 114 |
| Figura 21 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 114 |
| Figura 22 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos..... | 114 |
| Figura 23 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos..... | 115 |
| Figura 24 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos..... | 115 |
| Figura 25 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos..... | 115 |
| Figura 26 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos..... | 116 |
| Figura 27 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 116 |
| Figura 28 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 120 |
| Figura 29 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos..... | 124 |
| Figura 30 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos..... | 124 |
| Figura 31 - Reprodução de conversa com interlocutora de 37 anos..... | 124 |
| Figura 32 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos..... | 124 |
| Figura 33 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos..... | 125 |
| Figura 34 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos..... | 125 |
| Figura 35 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos..... | 125 |
| Figura 36 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 126 |
| Figura 37 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos..... | 126 |
| Figura 38 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos..... | 126 |
| Figura 39 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 127 |
| Figura 40 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos..... | 127 |
| Figura 41 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos..... | 127 |
| Figura 42 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos..... | 128 |
| Figura 43 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 134 |
| Figura 44 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos..... | 135 |
| Figura 45 - Reprodução de conversa com interlocutora de 20 anos..... | 135 |
| Figura 46 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 135 |
| Figura 47 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 136 |
| Figura 48 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 137 |

| | |
|---|-----|
| Figura 49 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos | 137 |
| Figura 50 - Reprodução de conversa com interlocutora de 37 anos | 138 |
| Figura 51 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos | 140 |
| Figura 52 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos | 140 |
| Figura 53 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos | 141 |
| Figura 54 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos | 141 |
| Figura 55 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos | 142 |
| Figura 56 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos | 144 |
| Figura 57 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos | 145 |
| Figura 58 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 145 |
| Figura 59 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos | 146 |
| Figura 60 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos | 146 |
| Figura 61 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos | 146 |
| Figura 62 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos | 147 |
| Figura 63 - Reprodução de conversa com interlocutora de 42 anos | 147 |
| Figura 64 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 148 |
| Figura 65 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos | 148 |
| Figura 66 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos | 148 |
| Figura 67 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos | 149 |
| Figura 68 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos | 149 |
| Figura 69 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos | 150 |
| Figura 70 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos | 150 |
| Figura 71 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos | 150 |
| Figura 72 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos | 150 |
| Figura 73 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos | 151 |
| Figura 74 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos | 151 |
| Figura 75 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 151 |
| Figura 76 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos | 152 |
| Figura 77 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos | 152 |
| Figura 78 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos | 152 |
| Figura 79 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos | 152 |
| Figura 80 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos | 159 |
| Figura 81 - Reprodução de conversa com interlocutora de 18 anos | 160 |
| Figura 82 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos | 160 |
| Figura 83 - Reprodução de página do Facebook..... | 161 |
| Figura 84 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos | 165 |
| Figura 85 - Reprodução de conversa com interlocutora de 41 anos | 165 |
| Figura 86 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos | 165 |
| Figura 87 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 166 |
| Figura 88 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos | 166 |
| Figura 89 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 167 |
| Figura 90 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos | 167 |
| Figura 91 - Reprodução de conversa com interlocutora de 35 anos | 172 |
| Figura 92 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos | 172 |
| Figura 93 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos | 172 |
| Figura 94 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos | 173 |
| Figura 95 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos | 173 |
| Figura 96 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos | 173 |
| Figura 97 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos | 174 |
| Figura 98 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos | 174 |

| | |
|---|-----|
| Figura 99 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos..... | 174 |
| Figura 100 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos..... | 175 |
| Figura 101 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 175 |
| Figura 102 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos..... | 175 |
| Figura 103 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 175 |
| Figura 104 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 176 |
| Figura 105 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 176 |
| Figura 106 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos..... | 176 |
| Figura 107 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos..... | 177 |
| Figura 108 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 177 |
| Figura 109 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos..... | 192 |
| Figura 110 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos..... | 192 |
| Figura 111 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos..... | 192 |
| Figura 112 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 192 |
| Figura 113 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos..... | 192 |
| Figura 114 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos..... | 193 |
| Figura 115 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 193 |
| Figura 116 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 193 |
| Figura 117 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 194 |
| Figura 118 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos..... | 194 |
| Figura 119 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 194 |
| Figura 120 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos..... | 195 |
| Figura 121 - Reprodução de conversa com interlocutora de 47 anos..... | 195 |
| Figura 122 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos..... | 195 |
| Figura 123 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos..... | 195 |
| Figura 124 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos..... | 196 |
| Figura 125 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos..... | 196 |
| Figura 126 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos..... | 196 |
| Figura 127 - Reprodução de conversa com interlocutora de 34 anos..... | 197 |
| Figura 128 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 197 |
| Figura 129 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos..... | 197 |
| Figura 130 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 198 |
| Figura 131 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos..... | 198 |
| Figura 132 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos..... | 198 |
| Figura 133 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos..... | 199 |
| Figura 134 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos..... | 199 |
| Figura 135 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos..... | 199 |
| Figura 136 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos..... | 200 |
| Figura 137 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos..... | 200 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Contato inicial | 90 |
| Gráfico 2 - As respostas..... | 91 |
| Gráfico 3 - Idades | 100 |
| Gráfico 4 - Ocupação..... | 101 |
| Gráfico 5 - Motivos para usar o Tinder | 106 |
| Gráfico 6 - Local preferido para encontros | 121 |
| Gráfico 7 - Motivos da preferência por local público | 122 |
| Gráfico 8 - Por que preferem ambiente privados | 139 |
| Gráfico 9 - Do que essas mulheres têm medo? | 144 |
| Gráfico 10 - Houve algum encontro em que sentiram medo?..... | 157 |
| Gráfico 11 - Conhecem alguém que tenha tido um encontro em que sentiu medo?..... | 158 |
| Gráfico 12 - Acham que as notícias influenciam no medo?..... | 171 |
| Gráfico 13 - Já sentiram algum tipo de preconceito por estar no Tinder | 190 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Contato inicial | 90 |
| Tabela 2 - As respostas | 90 |
| Tabela 3 - Idades..... | 100 |
| Tabela 4 - Ocupação | 101 |
| Tabela 5 - Motivos para usar o Tinder | 106 |
| Tabela 6- Local preferido para encontros..... | 121 |
| Tabela 7 - Motivos da preferência por local público..... | 122 |
| Tabela 8 - Por que preferem ambientes privados | 138 |
| Tabela 9 - Do que essas mulheres têm medo?..... | 143 |
| Tabela 10 - Houve algum encontro em que sentiram medo? | 157 |
| Tabela 11 – Conhecem alguém que tenha tido um encontro em que sentiu medo?..... | 157 |
| Tabela 12 - Acham que as notícias influenciam no medo?..... | 171 |
| Tabela 13 - Já sentiram algum tipo de preconceito por estar no Tinder?..... | 190 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 25 |
| CAPÍTULO 1 – SOCIABILIDADE NA PALMA DA MÃO: AS MÍDIAS DIGITAIS, O TINDER E OS DESAFIOS DA ETNOGRAFIA NA INTERNET | 31 |
| 1.1 A INTERNET E AS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS: A TRANSFORMAÇÃO NA BUSCA DE PARCEIROS | 36 |
| 1.1.1 Sites e aplicativos: outras alternativas na busca de parceiros..... | 38 |
| 1.2 A TECNOLOGIA, SEUS PROPÓSITOS E OS USOS QUE DELA SÃO FEITOS.. | 40 |
| 1.3 O DESAFIO METODOLÓGICO DO CAMPO EM UM APLICATIVO DE RELACIONAMENTOS | 43 |
| 1.4 O TINDER: COMO SURTIU E O QUE OFERECE AOS USUÁRIOS | 52 |
| 1.5 A ETNOGRAFIA: O MÉTODO E SEUS DESAFIOS..... | 64 |
| 1.5.1 Etnografando na Internet: as peculiaridades do método no âmbito digital | 79 |
| 1.6 CRIANDO UM PERFIL NO TINDER: ESTRATÉGIAS PARA ENTRADA EM CAMPO | 84 |
| CAPÍTULO 2 – EMOÇÕES EM DEBATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO E O DESEJO E A INFLUÊNCIA DA VERGONHA NAS SOCIABILIDADES DE MULHERES USUÁRIAS DO TINDER | 97 |
| 2.1 DEU MATCH! OS PERFIS DE MINHAS INTERLOCUTORAS | 97 |
| 2.2 EM BUSCA DO MATCH: O DESEJO E A AUTOESTIMA NO APLICATIVO .. | 105 |
| 2.3 “EU TENHO MEDO. TENHO MUITO MEDO”: A INFLUÊNCIA DO RECEIO NA SOCIABILIDADE DE MULHERES USUÁRIAS DO TINDER | 121 |
| 2.4 “E SE FOR UM PSICOPATA?”: O MEDO DO CRIMINOSO COMO PREPONDERANTE NOS DISCURSOS DAS USUÁRIAS DO TINDER EM SANTA MARIA-RS..... | 143 |
| 2.5 “EU NÃO TENHO MEDO DE SER ASSALTADA, DE MORRER, DE APANHAR, MAS EU MORRO DE MEDO DE SER ESTUPRADA”: O TEMOR DO ESTUPRO ENTRE AS USUÁRIAS DO TINDER | 162 |
| 2.6 “É CADA COISA QUE A GENTE VÊ NA TV”: O PAPEL DA MÍDIA E O COMPORTAMENTO DE MULHERES EM BUSCA DE UM PARCEIRO NO TINDER..... | 169 |
| 2.7 A LENDA URBANA DO CRIMINOSO ATRÁS DA TELA: O IMPACTO SOBRE SOCIABILIDADES DE USUÁRIAS DO TINDER EM SANTA MARIA | 178 |

| | |
|---|------------|
| 2.8 TINDER: USAR OU NÃO USAR? UMA QUESTÃO DE VERGONHA..... | 187 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 202 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 206 |
| ANEXO | 212 |

INTRODUÇÃO

Na parada do ônibus, na mesa durante o almoço, em shoppings, em festas, na farmácia, em sala de aula, pelos corredores, nos parques, nos cafés, nos restaurantes, em reuniões, no supermercado, todo mundo está, quase que o tempo todo, de olho no celular. Vivemos em uma era de digitalização das relações e, mesmo quando estamos juntos, parecemos mais conectados com quem não está por perto do que com quem está ali, ao alcance de nossos olhos, mãos, braços, abraços, beijos e galanteios. Em um mundo permeado por conexões estabelecidas via smartphone, tablet, computador e outros dispositivos cada vez mais acessíveis, é inevitável que as formas escolhidas pelas pessoas para se relacionarem umas com as outras venham se transformando, sobretudo, nas últimas décadas, a partir do crescente acesso em massa à internet. Chegou o tempo em que a paquera olho no olho passou a dar espaço considerável ao flerte em que o olhar está concentrado na tela do celular. Homens e mulheres passam a se utilizar, cada vez mais, de oportunidades oferecidas por sites de relacionamentos e salas de bate-papo, por redes sociais e por aplicativos para estabelecer contatos e conquistar novos parceiros. O flerte em espaços públicos parece estar perdendo o charme diante da procura privada e virtual. As trocas de olhares e sorrisos na rua, na faculdade, em bares e em baladas são preteridas por muitos que se deixam seduzir pelas trocas de mensagens de texto mediadas por telas e teclados e impulsionadas por uma prévia e criteriosa análise de fotografias. Mesmo quando o sujeito que aparece na tela é conhecido e está por perto para um contato mais próximo, é pelo celular que a conversa tem mais chances de começar. Assim, apresenta-se essa nova era de sociabilidade digital e é disso que trata essa dissertação.

De acordo com Illouz (2011, p.109), há quase 10 anos, de 20 a 40 milhões de pessoas, só nos Estados Unidos, visitavam mensalmente os sites de encontro da rede, mais de um milhão de usuários acima de 65 anos. Em 2018, só no Tinder, objeto de estudo desta pesquisa, já havia mais de 100 milhões de pessoas conectadas, de acordo com o site da plataforma. No mesmo ano, éramos mais de 4 bilhões¹ de usuários da rede ao redor do planeta – 116 milhões deles, só no Brasil. De acordo com a Pesquisa² Nacional por Amostras de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao final de 2016, 64,6% da população do nosso país, com idade acima de 10 anos, tinha acesso à internet. A pesquisa

¹ De acordo com o relatório Digital in 2018, divulgado pelos serviços online Hootsuite e We Are Social, disponível em www.hootsuite.com, acessado em 15 de dezembro de 2018.

² Disponível em www.ibge.org.br, acessado em 15 de dezembro de 2018.

também identificou que 96,6% das pessoas conectadas utiliza a internet, sobretudo, para a troca de mensagens em aplicativos.

Considerando que essa mudança de configuração na busca por um relacionamento está em transformação, é possível dizer que as formas pessoais de agenciamento sobre o desejo também já não são mais as mesmas. Assim como é entendida por Miskolci (2017, p.27), “agência”, aqui, “designa a forma como os sujeitos negociam seus desejos com as normas e convenções morais em voga, portanto, como algo situacional e dinâmico que pode preceder a ação e envolve, inclusive, a construção social do desejo”. Diante da tela do computador e do celular e do “cardápio”³ de possíveis parceiros disponíveis on-line, o sujeito se sente capaz de escolher seu perfil preferido para empreender um contato, pode rejeitar um candidato ou outro e é, por vezes, escolhido ou aprovado por alguém, em uma dinâmica que o favorece no sentido de atribuir poder a si mesmo. Além disso, esse novo modo de se relacionar proporciona ao usuário a sensação de liberdade para exercer o flerte – embora, para as mulheres, mesmo que o processo se dê no âmbito do privado e não esteja visível aos olhos da maioria, ainda é preciso enfrentar julgamentos e estigmas⁴ sociais decorrentes dessa busca. Apesar disso, a internet trouxe a possibilidade de exercer o desejo com uma liberdade amplificada e com acesso a uma gama muito maior de parceiros. No entanto, ao mesmo tempo, a tecnologia despertou novos temores em usuários, sobretudo entre aqueles que passaram a desenvolver aproximações com pessoas com as quais não têm ou não tiveram contato pessoal prévio.

Esse temor pelo desconhecido pode encontrar eco e legitimidade no alarde midiático em torno de casos de violência, sobretudo aqueles que envolvem mulheres, amplamente vitimadas diariamente, em grande parte dos casos, por homens. Isso sem falar na influência expressiva da indústria cinematográfica que dá bons exemplos ilustrativos de filmes⁵ que retratam psicopatas, bandidos perigosos e outros muitos perfis de sujeitos mal intencionados

³ O termo “cardápio” será usado aqui no sentido de um espaço que reúne diferentes possibilidades de escolha para satisfação pessoal, como ocorre em um cardápio de restaurante, mas de pessoas que estão disponíveis em aplicativos de relacionamentos.

⁴ Para Goffman (1988), estigma é definido como algo característico e que é desvalorizado pela sociedade, de modo que provoca, no sujeito, um sentimento pessoal de descrédito

⁵ Um exemplo é o filme norte-americano *Confiar* (2010), que conta a história da adolescente Annie Cameron, de 14 anos. Na trama, a jovem começa a conversar pela internet com um homem que, inicialmente, diz ser um adolescente de 16 anos. Com o passar das conversas virtuais, ele revela a idade real, 35 anos, eles se encontram e ele a leva para um motel, onde ela se torna vítima de abuso sexual. Dirigido por David Schwimmer, o Ross do seriado *Friends*, a obra é um alerta gritante acerca do suposto perigo de se relacionar com desconhecidos pela internet. Outro bom exemplo é o *Chatroom – Sala de bate-papo*, produção britânica também de 2010, que conta a história de adolescentes que se conhecem por meio de uma sala de bate-papo. O espaço virtual de encontro, além de permitir que seus usuários influenciem negativamente o comportamento uns dos outros, é invadido por um pedófilo.

que estão escondidos do lado de lá do computador, só esperando a primeira oportunidade de acabar com a vida de alguém. Nesse ínterim, esse trabalho quer investigar se a tensão entre o desejo, o medo e a vergonha está presente no comportamento de quem busca um relacionamento on-line, sobretudo, entre as mulheres que estabelecem contatos com homens, já que elas estão em busca de um parceiro que é percebido por muitas delas como alguém mais forte e, logo, com maior potencial ameaçador – sem deixar de considerar que essas mulheres estão inseridas em um contexto em que a violência de gênero⁶ influencia suas sociabilidades em diferentes âmbitos da vida. Além disso, quer-se, aqui, investigar como as mulheres lidam com a vergonha que sentem, diante do julgamento alheio, por estarem empreendendo uma busca por um parceiro em um aplicativo para relacionamentos.

Essa dissertação busca, portanto, compreender como essas mulheres elaboram uma negociação entre a vontade de estabelecer um encontro, a necessidade de assegurar a própria integridade física e moral e o constrangimento de tentar empreender uma busca em uma ferramenta criada para este fim e serem julgadas ou taxadas de qualquer coisa desabonadora. Diante desse contexto que envolve maior liberdade para exercer a sexualidade, mediação⁷ da violência, medo e vergonha, parto da ideia de que essa negociação pode ser amplificada quando se dá por meio de aplicativos de smartphones elaborados com o objetivo de conectar pessoas e estimular o flerte e as relações. Por isso, empreendo essa investigação tendo como objeto de estudo o Tinder, o mais popular em número de usuários entre os aplicativos criados especificamente para smartphones e com essa finalidade.

A plataforma foi lançada em 2012, nos Estados Unidos, tem milhares de usuários em diferentes lugares do mundo e mobiliza muitas pessoas em torno da possibilidade de se relacionarem umas com as outras. Com tamanho alcance e relevância, o aplicativo se tornou

⁶ Considero, aqui, a influência da violência de gênero sobre as sociabilidades dessas mulheres partindo de dados que comprovam os índices de vitimização feminina, sobretudo, em decorrência de agressões e crimes cometidos por homens. De acordo com o último Mapa da Violência 2015 – Homicídios contra Mulheres no Brasil, divulgado no mesmo ano pelo governo, dos 4.762 homicídios de mulheres registrados em 2013, 2.394, isto é, 50,3% do total naquele ano, foram perpetrados por um familiar da vítima, na maioria, homens. Isso representa perto de sete feminicídios diários no referido ano, cujo autor foi um familiar. Além disso, 1.583 dessas mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos daquele ano. Nesse caso, as mortes diárias foram quatro. Ou seja, as mulheres estão sendo agredidas, violentadas e mortas por pessoas próximas que, em sua maioria, são homens.

⁷ Entendo, aqui, como mediação, “o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. [...] a lógica da mídia também influencia a natureza e a função das relações sociais, bem como os emissores, o conteúdo e os receptores da comunicação. O grau de dependência aos meios de comunicação varia entre as instituições e os campos da sociedade” (HJARVARD, 2008, p.64-65).

objeto de diferentes estudos, sobretudo no que diz respeito à maneira como as pessoas se portam na ferramenta, que construções fazem de si, como organizam seus perfis, o que mostram e o que escondem, o que pretendem nesse espaço virtual e por quais motivos escolhem a plataforma para empreender a busca por um relacionamento. Mas, enquanto a atenção dedicada à constituição do perfil na rede social e dos modos de se mostrar nesses aplicativos é tão grande e absolutamente relevante, pouco se estudou, pelo menos até agora, sobre os medos que cercam os usuários e podem ser determinantes em seus comportamentos no uso da plataforma e no estabelecimento de relações no âmbito off-line que tenham tido início a partir do aplicativo.

Como jornalista formada há 13 anos e atuante no mercado de trabalho, acompanho (e produzo) diariamente notícias relacionadas à tecnologia, à violência e ao comportamento. Fazendo jornalismo todos os dias, sempre me preocupei com o impacto que a produção midiática pode causar nas vidas das pessoas e acredito fortemente que essa preocupação é determinante para que o ofício que escolhi seja feito com qualidade e responsabilidade. Também acredito que a afinidade entre minha área de formação e, agora, de pós-graduação, é tão grande que a Comunicação Social e as Ciências Sociais certamente dariam “match” no Tinder. E foi em decorrência de um flerte antigo e constante – e que me seduziu ainda na graduação – com a sociologia, a antropologia e a ciência política que decidi fazer um mestrado em Ciências Sociais. Acreditava (e sigo acreditando) que encontraria neste desafio uma possibilidade de aprofundar e produzir conhecimentos sem precisar me afastar completamente de minha área de formação. Refletindo sobre como conseguiria desenvolver uma pesquisa útil, contemporânea e relevante, optei por trazer um olhar diferente sobre esse que é o mais popular entre os aplicativos de relacionamentos. Minha intenção era tentar conciliar em uma só investigação a familiaridade que a midiatização me proporciona e o estranhamento que sinto diante dessas novas mídias sociais de relacionamento – nunca antes dessa pesquisa eu havia usado o Tinder ou qualquer outro aplicativo similar.

Assim, decidi refletir acerca do conflito de emoções mediado por esse aplicativo, em um contexto de midiatização da violência, e que parece tão determinante para as sociabilidades de mulheres nos âmbitos on e off-line. Diante disso, cheguei ao questionamento que norteia essa dissertação: **há nas mulheres que buscam relacionamento com homens em Santa Maria-RS uma tensão entre o medo, o desejo e a vergonha no momento de decidir por aceitar ou negar um encontro com um contato do Tinder?**

O que eu quero aqui é, portanto, a partir deste questionamento, tentar entender se existe uma tensão entre essas emoções no momento em que essas mulheres decidem fazer

parte do aplicativo e se encontrar (ou não) pessoalmente um sujeito com quem só tiveram contato por meio da plataforma digital. Os objetivos da pesquisa foram, portanto, identificar por quais motivos as mulheres procuram por relacionamentos afetivos e/ou sexuais por meio do Tinder; entender como funciona o agenciamento do desejo e quais estigmas ainda se fazem presentes no imaginário feminino na escolha de um parceiro online; identificar quais são os medos que essas mulheres sentem em relação aos possíveis parceiros e por quais motivos e entender qual é a influência da mídia na intensificação desse medo. Diante desse desafio, a abordagem qualitativa, a partir do empreendimento de uma etnografia, feita com base na observação participante no aplicativo e em entrevistas realizadas por meio do Tinder e, depois, em encontros pessoais, foi a opção metodológica escolhida.

Entre outubro de 2017 e dezembro de 2018, foram contatadas 207 mulheres, das quais 153 se mostraram interessadas em contribuir com o trabalho naquele momento e no futuro, mas foram 132 as que responderam a todas ou a algumas perguntas. Entre elas, seis aceitaram conversar comigo de maneira mais aprofundada – com cinco, encontrei-me pessoalmente, e, com todas, mantive contato frequente durante a elaboração desta dissertação. São seis mulheres diferentes, com histórias de vida e experiências diversas, mas que apresentaram percepções comuns acerca da ferramenta e comportamentos similares no que diz respeito à busca por um parceiro e aos encontros com esses homens.

Partindo a ideia de que essas mulheres sentem medo de homens desconhecidos com os quais conversam pelo aplicativo e considerando que a midiatização da violência motiva esse temor, trabalho, sem desconsiderar o contexto social permeado pela violência de gênero em que estão inseridas essas mulheres, com a ideia de que, diante de uma grande repercussão, casos que, em sua maioria, são isolados e que, portanto, não representariam um perigo generalizado à população, ganham contornos de lendas urbanas e passam a povoar a imaginação dessas mulheres de modo a fazê-las terem ainda mais medo desses homens, supostos psicopatas da internet que estão à espreita de mais uma vítima. De acordo com Brunvand (1981), que defende que lendas urbanas são folclores e não histórias verdadeiras, o papel da mídia é central nesses casos de disseminação do temor, já que a credibilidade da apuração e da publicação jornalística é inquestionável por boa parte de seu público, tornando legítimas e verdadeiras situações que podem ter origem em um boato sensacionalista. Segundo o autor, as lendas urbanas são histórias com caráter realista, geralmente, sobre eventos recentes, mas que têm um toque sobrenatural. Os sujeitos que reproduzem essas histórias, ainda segundo autor, são, geralmente, pessoas jovens, urbanas e bem educadas, que

assumem esses fatos como verdadeiros, mas assumem, também, que os reproduzem apenas com base em uma ou duas testemunhas confiáveis ou com base em notícias jornalísticas.

É, portanto, a partir de todas essas emoções que parecem centrais para o comportamento dessas mulheres na plataforma e para que os encontros passem da esfera on-line para a off-line, que busco discutir, nesta dissertação, como se dá sociabilidade de mulheres de Santa Maria-RS que estão em busca de homens por meio do Tinder.

No primeiro capítulo, abordarei o desenvolvimento da Internet, a partir de Castells, e falarei sobre a presença intensa das mídias sociais nas vidas das pessoas na atualidade. Com base nas argumentações de autores como Van Djick, Miskolci e Miller, também discuto o contínuo entre as esferas on e off-line hoje e como influenciam em nossas sociabilidades. Ainda neste capítulo, falo sobre as tecnologias, seus propósitos e os usos que delas são feitos, pensando a respeito da maneira como as plataformas moldam as relações entre as pessoas e como os usuários dessas plataformas, a partir de usos imprevistos que fazem delas, obrigam as tecnologias a também se adaptarem. Por fim, no primeiro capítulo, faço uma discussão metodológica acerca da etnografia, especialmente no que diz respeito àquela desenvolvida por meio de mídias digitais, com base em Geertz, Cardoso de Oliveira, Fonseca e Hine. Apresento, ainda, de maneira pormenorizada, o Tinder e suas funcionalidades e minhas estratégias para inserção em campo.

No segundo capítulo, trabalho de maneira mais detalhada o perfil de minhas interlocutoras e as emoções presentes nas sociabilidades dessas mulheres de Santa Maria-RS que estão em busca de um parceiro pelo Tinder. A partir de autores como Miskolci, Barbalet, Borges e Brunvand, amplio a discussão sobre desejo, medo, vergonha, a violência de gênero, as lendas urbanas e a influência da mídia nos comportamentos de minhas interlocutoras.

CAPÍTULO 1 – SOCIABILIDADE NA PALMA DA MÃO: AS MÍDIAS DIGITAIS, O TINDER E OS DESAFIOS DA ETNOGRAFIA NA INTERNET

O desenvolvimento da internet, o acesso massificado à ferramenta de comunicação por meio da banda larga, a popularização dos smartphones e a multiplicação de redes sociais, sobretudo na última década, fizeram com que a sociabilidade por meio dessas mídias digitais se tornasse corriqueiro na vida cotidiana. Mais do que isso, é possível dizer que a sociabilidade é potencializada na esfera on-line, dado que, por meio de diferentes plataformas, os usuários conseguem interagir, ao mesmo tempo, com muitas pessoas, que estão em diversos lugares. Para Castells (2015, p.40), “se precisarmos de uma resposta ao que aconteceu com a sociabilidade no mundo da web, aqui vai: há um drástico aumento em sociabilidade, mas em um tipo diferente de sociabilidade, facilitado e dinamizado pela conectividade permanente, favorecida pela difusão da comunicação móvel”. O autor rechaça a ideia de que essa sociabilidade on-line nos transporta para uma realidade virtual e defende que, ao contrário disso, vivemos em uma “virtualidade real, uma vez que as práticas sociais, compartilhamentos, combinações e vida em sociedade são facilitadas na virtualidade” (Castells, 2015, p.41).

Um exemplo da presença das mídias digitais em nossas vidas e de como elas nos permitem interações que, sem elas, não seriam possíveis, ampliando nosso espectro de sociabilidades possíveis, é o estudo desenvolvido por Miller (2016), com estudantes da Inglaterra. O trabalho mostrou que, entre as quase 2.500 crianças em idade escolar que participaram da pesquisa, a maioria usava seis redes sociais diferentes, cada uma delas com um propósito. Esses diferentes usos partiam da intenção de estabelecer vínculos e relações de caráter mais íntimo, como pelo Snapchat, onde essas crianças publicavam, para poucos amigos, imagens mais íntimas e que desapareceriam em 24 horas, até o Instagram, onde estavam em busca de apreciadores para suas fotos, que são permanentes na plataforma, quer esses apreciadores fossem conhecidos ou não. Ou seja, essas crianças desenvolviam diferentes maneiras de se relacionarem com diferentes pessoas, constituindo o que Miller chama de polimídia, por meio da qual é possível desenvolver diferentes tipos de sociabilidade, a partir dessa diversidade de plataformas digitais.

As interações acima descritas só são uma realidade porque, hoje, é possível estar conectado o tempo todo. Com a popularização de plataformas móveis que permitem o fácil e rápido acesso à internet, a partir de qualquer lugar, o ato de se sentar em frente ao computador, conectar à rede para “entrar” na internet já não é um ritual necessário para estar

on-line. A possibilidade amplificada de acesso à rede tomou tais proporções com o advento da chamada Internet 2.0⁸, quando os serviços online deixaram de ser ferramentas baseadas, de acordo com Castells, apenas na autocomunicação de massa – o autor entende a internet como um espaço de liberdade para produção, mas não necessariamente para circulação, em um contexto em que há corporações midiáticas e seus interesses por trás de usuários e produtos – para se tornar um espaço de conectividade, defendido por Van Djick (2016). Para a autora, o conteúdo passa a ser produzido e distribuído pelos usuários, agora, muito mais ativos e participativos. Segundo ela, com a chegada da web 2.0, os serviços online deixaram de oferecer canais de comunicação em rede e passaram a se converter em veículos interativos e retroalimentados de sociabilidade conectada.

No entanto, a autora relativiza essa liberdade pensando que, ao mesmo tempo em que a rede abre diferentes possibilidades aos seus usuários, também condiciona seus usos. O Instagram e o Facebook, por exemplo, condicionam seus inscritos a publicar conteúdos que gerem a aprovação dos outros usuários, por meio de “likes”. O mesmo acontece no Tinder, em que os usuários precisam da aprovação dos outros para conseguir interagir, o que leva as mulheres com as quais conversei ao longo do meu trabalho de campo a escolherem fotos e descrições de si que acreditam que serão interessantes para os homens que procuram. No entanto, há quem use a plataforma com o propósito para o qual ela foi criada – o de encontrar um parceiro –, mas também há, entre minhas interlocutoras de pesquisa, quem use apenas como passatempo ou por curiosidade, sem o desejo de estabelecer relacionamentos no âmbito off-line, e há, ainda, aqueles que usam o aplicativo com o objetivo de cometer crimes, transgredindo totalmente a previsão de usos da plataforma e é sobre esses usos diferentes e imprevistos dos quais falarei em seguida.

Mas, antes, acho importante pontuar que outra mudança fundamental que o avanço tecnológico proporcionou ao longo do tempo e que permitiu que, hoje, muitas pessoas tenham acesso a diferentes plataformas foi o relativo barateamento dos serviços. Quando a internet ainda engatinhava, na década de 1990, os computadores eram bem mais caros e era preciso fazer uso de um provedor, por meio do qual, através de uma linha telefônica residencial, era possível conectar a internet ao preço de um pulso⁹ telefônico. Caso o usuário não quisesse ou

⁸ De acordo com Coelho (2011) “o termo ‘Web 2.0’ foi utilizado pela primeira vez por Tim O’Reilly, em uma série de conferências promovidas em 2004 pela sua editora, O’Reilly Media. O autor descreveu a Internet como uma plataforma onde os conteúdos deveriam ser produzidos e consumidos por qualquer um, de forma simples e direta. [...] As novas mídias possibilitam que a mensagem seja criada e consumida por muitos”

⁹ De acordo com reportagem publicada no site da Folha de São Paulo, o pulso era um serviço por meio do qual o usuário de telefone era cobrado até 31 de dezembro de 2005. Esse pulso era cobrado, conforme a reportagem, na conta mensal de telefone e aumentava de acordo com o tempo de conversação. Ainda segundo a publicação, cada

não pudesse pagar contas telefônicas com valores exorbitantes por conta do acesso à internet, tinha a possibilidade de acessá-la aos finais de semana ou depois da meia-noite e antes das 6 horas da manhã, quando o valor cobrado pelo acesso era de apenas um pulso. O inconveniente, nesse caso, passava a ser apenas o de manter o telefone ocupado todo o tempo – em um período em que os celulares ainda eram para poucos, ter uma linha de telefone fixo disponível era fundamental para conseguir se comunicar com as pessoas, e o uso da internet discada impedia que a linha ficasse liberada. Por tudo isso, naquela época, o acesso à rede ainda era muito ritualizado e a diferenciação entre os ambientes real e virtual fazia mais sentido. Mas, com a progressiva popularização do acesso, essa tecnologia foi incorporada ao cotidiano e faz parte das vidas dos usuários quase que o tempo todo. Sobre isso, Miskolci (2017, p.22) afirma que “o advento da internet 2.0, e a expansão da banda larga, a chegada das câmeras digitais e a popularização de equipamentos móveis para acessá-la permitiram com que a rede se imiscuisse de tal forma no cotidiano que já não evoca qualquer separação entre o que se faz dentro ou fora dela”.

Essa percepção de continuidade entre o que ocorre on e off-line fica clara no discurso de minhas interlocutoras de pesquisa quando afirmam que acessam o aplicativo de relacionamentos Tinder em sua grande maioria pelo celular, de diferentes locais, em diferentes horários (embora a maioria prefira fazê-lo à noite, em casa), e de que o fazem, a maioria delas, com a intenção de estabelecer um relacionamento que, a partir da ferramenta on-line, deve se desenvolver na esfera off-line.

O fato é que, hoje, estamos conectados mesmo quando não estamos ou mesmo quando não queremos estar. Quando nossos smartphones estão guardados em nossos bolsos, bolsas ou mochilas, continuamos recebendo mensagens, curtidas, fotos e vídeos em nossas redes sociais. Ainda que estejamos com o pacote de dados ou o Wi-Fi desligados, as interações continuam acontecendo e seremos informados delas assim que nos conectarmos novamente, Conforme Lupton (2015), mesmo quem não quer estar nas redes sociais porque se recusa a mudar suas maneiras de se relacionar e socializar, mesmo essas pessoas estão ou estarão nessas mídias digitais porque convivem com pessoas que fazem uso dessas plataformas e que, por isso, gravarão imagens ou áudios nesses momentos de convívio e publicarão nesses espaços sem o conhecimento ou a autorização de quem não quer fazer parte disso. Para a

pulso poderia durar até quatro minutos e o valor de um pulso em São Paulo, em 2015, era de quase R\$ 0,15. Desde janeiro de 2006, os consumidores passaram a pagar as ligações por minuto. Reportagem disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u99215.shtml>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

autora, nós chegamos a um ponto em que a penetração e a onipresença das tecnologias digitais é tamanha que elas se tornaram invisíveis (LUPTON, 2015, p.2).

Van Djick (2016) nos ajuda a compreender essa dinâmica de sociabilidade on-line a partir do exemplo de uma família que vive muitas de suas interações a partir de mídias digitais. Ainda que alguns integrantes dessa família, como o pai, queiram estar mais distante das redes, nesses espaços se dão boa parte de sua sociabilidade com amigos, familiares e colegas de trabalho. E assim o é com muitos de nós, que mantemos contato com pessoas distantes (ou mesmo com as que estão bem próximas) por Facebook ou Instagram, que fazemos grupo de WhatsApp com colegas de trabalho para trocar informações sobre o que precisa ser feito durante a jornada, e com a família, para combinar o cardápio do almoço, a lista do supermercado ou amigo secreto do Natal.

O acesso está disponível o tempo todo, e é essa disponibilidade que borra as barreiras entre o que acontece nas esferas on-line e off-line. Miskolci (2016, p.277) entende que, como as relações sociais estão cada vez mais permeadas por essas tecnologias, “na sociedade digital passamos a viver em um contínuo *on-offline*, no qual – conectados em rede por meio de plataformas – consumimos, mas também criamos e compartilhamos conteúdos”. O fato é que vivemos em um tempo em que, para estar on-line, bastam alguns poucos toques na tela de um celular. Muitas vezes, interagimos com pessoas que estão próximas por meio das plataformas ou interagimos, simultaneamente, com alguém que nos manda mensagens por um aplicativo e com alguém que está sentado do outro lado da mesa, tomando um café em nossa companhia. Para Miller (2016), essa inserção na virtualidade faz parte da vida off-line, assim como o telefone, que, hoje, não é percebido como desconectado da esfera em que vivemos.

Ainda conforme Miller, quando os estudos sobre a internet começaram a se desenvolver, era comum que o mundo real e o mundo virtual fossem tratados de maneiras distintas e separadas, já que era necessário mesmo que se acessasse um ambiente diferente para estar on-line. Mas, hoje, a possibilidade de estabelecer conexões é permeada por uma mobilidade rotineira. Vivemos em uma época em que “a mídia social já se tornou uma parte integral do dia a dia e não faz mais sentindo vê-la como algo separado” (Miller et al., 2016, p.7). Para Van Djick (2016, p.11), a quantidade de plataformas das quais dispomos na atualidade influencia na interação humana em níveis individuais e comunitários, ao tempo que os mundos on-line e off-line se mostram cada vez mais interpenetrados. Outro aspecto que mudou com o passar do tempo e o desenvolvimento da tecnologia foi a ideia de que a internet estimularia comportamentos mais individualizados, conectando as pessoas a um espaço virtual e desconectando-as do ambiente off-line e do contato face a face com outras pessoas.

Segundo Castells (2015), essa individuação não significa isolamento, tampouco o fim da vida em comunidade. O que ocorre é que a “sociabilidade é reconstruída como individualismo conectado e comunidade, por meio da busca por indivíduos que possuem mentes semelhantes em um processo que combina interação on-line com interação off-line, ciberespaço e espaço local” (CASTELSS, 2015, p.37).

Apesar de essas transformações da tecnologia terem proporcionado essa interação sem grandes fronteiras no que diz respeito a ambientes reais e virtuais, é preciso fazer a ressalva de que essa realidade em que on e off se mostram contínuos e indissociáveis não faz sentido para todos os tipos de experiências on-line. Há plataformas em que, para estar on-line, o usuário precisa estar diante do computador, em um momento específico do dia, tendo o suporte técnico de uma conexão específica e de um equipamento adequado. Não se trata de experiências como as vivenciadas em redes sociais ou por aplicativos de paquera, que nos interessam aqui, mas há que se considerar que há contextos diferentes, que exigem uma relação diferente dos usuários com a tecnologia. Portanto, conforme Gomes e Leitão (2018, p.173), para mapear esse *continuum* on/off-line “é necessário considerarmos, tanto os contextos locais ou particulares de uso, quanto os agenciamentos (maquímicos, estruturais, de *software*, algorítmicos) propiciados pelas diferentes plataformas”. As pesquisadoras estudam o Second Life e, nesse ambiente imersivo em três dimensões, o que notam é que os usuários não só fazem essa separação entre o SL (Second Life) e a RL (Real Life) como fazem questão de manter as duas vivências, on e off-line, separadas o máximo possível:

No caso do *Second Life*, nos deparamos com um horizonte no qual as dinâmicas *on-line/off-line* operam de modos muito distintos daquelas de outras plataformas, à semelhança de redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, ou aplicativos de buscas amorosas. A questão do anonimato e de certa independência, conferida aos avatares pelos residentes do SL, não pode ser menosprezada. A própria noção de que sua vivência naquele espaço configura [...] um tipo de “residência”, uma existência em outro lugar, e não um uso, já que não nomeiam a si mesmos como “usuários” ou “jogadores”, pode ser referida como um primeiro indício dessa diferença. Mais além, a distinção êmica entre *real life* (RL) e *second life* (SL) é transversal aos diferentes ambientes de sociabilidade desse mundo virtual 3D. Embora percebamos, em nossas pesquisas, que essas fronteiras estejam, na prática, sujeitas a uma série de deslizamentos, sendo mais ou menos rígidas, dependendo do grau de proximidade entre as pessoas, o tempo de convívio, ou o tipo de atividade que ali desempenham, na vida cotidiana do SL, elas são levadas a sério. É comum ouvirmos, nesse mundo virtual 3D, comentários como “SL é SL e RL é RL” (GOMES e LEITÃO, 2018, p. 173-174).

Embora a maioria de minhas pesquisadas no Tinder faça questão de que as relações iniciadas no aplicativo tenham continuidade na esfera off-line e não entendam os contatos que fazem pela plataforma como algo descolado da realidade, algumas delas não pensam em levar

adiante as relações estabelecidas no aplicativo e afirmam que só estão no Tinder para olhar, para se divertir ou por pura curiosidade. Outras sequer usam imagens de si mesmas em seus perfis ou optam por fotografias que não revelam seus rostos, em uma tentativa de preservarem suas identidades ou porque são comprometidas e estão ali sem a intenção de que o que é vivido no aplicativo tenha continuidade fora dele ou porque sentem vergonha de estarem empreendendo uma busca amorosa por meio de uma tecnologia desenvolvida com essa finalidade.

Apesar dessas peculiaridades nos usos das diferentes plataformas, o que se vê hoje, de maneira majoritária e geral, é um intercâmbio, nas esferas on e off-line, das nossas maneiras de exercer nossas sociabilidades em ambas. O que somos em uma, invariavelmente, vai se refletir diretamente na maneira como vamos nos comportar na outra. Nossos comportamentos e sociabilidades, hoje, estão completamente permeados, off-line, por nossas interações desenvolvidas em diferentes espaços mediados pela tecnologia e, on-line, por nossos momentos cotidianos que são vivenciados nos momentos em que permanecemos longe da internet. Sobre isso, Miskolci (2017, p.22) diz que “não só as normas do velho cotidiano face a face moldam nossas relações on-line, mas também – desde que o acesso à rede se disseminou – as características das interações por mídias digitais têm passado a modificar as do dia a dia”.

Esses aspectos da continuidade entre a vida on e off-line ficaram evidentes no decorrer do trabalho de pesquisa desenvolvido para essa dissertação. Ainda neste capítulo, falarei sobre essas questões e sobre a relação entre a mídia digital e as transformações na busca amorosa, sobretudo no que diz respeito a mulheres de Santa Maria-RS, que empreendem essa procura por meio do Tinder. Além disso, falarei um pouco mais sobre como o usuário e as plataformas precisam se adaptar um ao outro ao longo do desenvolvimento das ferramentas e dos usos que são feitos delas.

1.1 A INTERNET E AS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS: A TRANSFORMAÇÃO NA BUSCA DE PARCEIROS

Para que a busca por um parceiro pudesse chegar à palma de nossas mãos, um longo caminho sedimentado pelo desenvolvimento tecnológico precisou ser percorrido. Desde a ARPANET, primeiro protótipo do que viria a ser a internet, em 1969, até hoje, as transformações na tecnologia em si e na maneira como nos relacionamos com ela e uns com os outros através dela mudaram muito, sobretudo depois da virada do milênio. Para se ter uma

ideia da expansão da rede, de acordo com Castells (2015), “em 1996 havia menos de 40 milhões de usuários de internet no mundo; em 2013, mais de 2,8 bilhões”. Em 2018, estima-se que mais de 4 bilhões de pessoas já usem a internet no planeta. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua¹⁰ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao final de 2016, 116 milhões de brasileiros estavam conectados à internet, o que equivale a 64,6% da população do país com idade acima de 10 anos. A pesquisa também identificou que 96,6% das pessoas conectadas utiliza a internet, sobretudo, para a troca de mensagens em aplicativos.

É claro que, com a evolução da internet e com a maior possibilidade de sociabilidade proporcionada pela tecnologia, os meios disponíveis para empreender na busca por um parceiro e exercer o flerte também aumentaram, assim como a possibilidade de encontrar mais pretendentes em potencial, de forma individualizada, discreta e eficiente. Nesse mesmo sentido, Miskolci (2017, p. 98-99) destaca cinco transformações que a internet causou na vida sexual e amorosa dos usuários: 1) a criação do sentimento de agência desejante para pessoas que, historicamente, foram impedidas ou mais controladas no exercício de sua sexualidade, como homossexuais e mulheres; 2) a individualização da busca por parceiros; 3) o flerte, que passou a se dar de forma mais direta e a partir da intimidade; 4) a aceleração das relações (do flerte ao rompimento, tudo passou a ser vivido de forma muito mais rápida); 5) a ampliação do número de parceiros em potencial. Algumas dessas vantagens das mídias digitais na busca amorosa e/ou sexual aparecem nos discursos de muitas das interlocutoras dessa pesquisa, que disseram ter optado pelo Tinder, entre outras coisas, pela facilidade que a plataforma oferece.

Para elas, é mais fácil exercer o desejo e a paquera on-line, porque podem fazê-lo do conforto de casa, sem precisar de maquiagens, decotes e saltos altos exigidos, segundo muitas delas, para ir a festas. Além disso, usar o aplicativo as faz sentir mais donas do próprio desejo, no sentido de que podem escolher qual perfil aprovar sem preocupações com uma eventual rejeição, já que o escolhido só saberá que o foi caso as escolha também. Outra vantagem apontada por minhas interlocutoras e que aparece entre as transformações elencadas por Miskolci é a de acelerar o processo de estabelecer um encontro, sobretudo quando a intenção de ambos os envolvidos é de cunho exclusivamente sexual. Muitas de minhas entrevistadas disseram coisas como “conseguir sexo no Tinder é muito rápido e muito fácil. É só querer e estar disposta a esse tipo de relacionamento casual”. Além disso, a maioria entre as que já

¹⁰ Disponível em www.ibge.org.br, acesso em 17 de dezembro de 2018

tiveram relacionamentos com homens que conheceram no Tinder disseram que foram relações mais rápidas, que duraram poucos meses ou, em alguns poucos casos, dois ou três anos.

Mas essa dinâmica dos relacionamentos estabelecidos por mídias digitais não é exclusividade do Tinder e nem começou quando ele foi lançado, em 2012. Muito antes disso, as pessoas já paqueravam por meio das salas de bate-papo de sites como o Uol¹¹ e o Terra, pelo mIRC¹², pelo ICQ¹³ e pelo seu sucessor, o MSN¹⁴ Messenger, depois, pelo Orkut¹⁵ e pelo Facebook¹⁶ – e por sites mais direcionados mesmo a encontros amorosos, como eHarmony, Match.com e Par Perfeito. Muitas de minhas interlocutoras, especialmente as que têm mais de 30 anos, dizem ter experimentado a maioria dessas ferramentas em suas buscas na internet por relacionamentos.

1.1.1 Sites e aplicativos: outras alternativas na busca de parceiros

Nem só dessas mídias digitais que já foram extintas ou que ainda estão por vir é feita a possibilidade de encontrar parceiros on-line. As possibilidades são muitas e não falaremos de maneira detida sobre elas aqui porque não são objeto desta dissertação, mas não podemos

¹¹ Um dos precursores entre as salas de bate-papo na internet foi o site UOL, em 1996. Nesses espaços de interação, não se tinha nenhuma informação sobre quem eram as pessoas com quem se estava conversando. Isso porque as pessoas se identificavam apenas por meio de um nickname, ou um apelido, que não necessariamente era seu nome verdadeiro – na maioria dos casos, as pessoas atribuíam adjetivos a si mesmas na hora de escolher uma alcunha para entrar nessas salas. O acesso a essas ferramentas era bem simples. Bastava acessar o site do UOL e, logo na página inicial, já se podia acessar as salas de bate-papo

¹² A primeira opção de bate-papo pela internet surgiu em 1988, quando foi criado o protocolo IRC, que chegou ao Brasil em 1995. Depois, com a criação do programa de mensagens do IRC, o mIRC, disponível para Windows, a plataforma ganhou grande popularidade no Brasil. Era por meio dele que as pessoas se conectavam em salas de bate-papo ou em chats privados

¹³ Criado em 16 de novembro de 1996, com o objetivo de possibilitar a comunicação instantânea entre usuários do sistema operacional Windows, o ICQ se tornou uma febre no Brasil. O ICQ tinha um som muito característico, de uma máquina de escrever, quando se estava digitando uma mensagem em uma conversa e um “Oh-Ou” também muito característico da plataforma que informava o usuário sobre a chegada de uma nova mensagem.

¹⁴ O MSN Messenger foi a grande evolução dos programas de bate-papo. Surgido em julho de 1999, ele foi atualizado em diferentes versões no início dos anos 2000. Pelo MSN, era possível conversar com os contatos por texto e chamada de vídeo e enviar arquivos com facilidade

¹⁵ Lançada em janeiro de 2004, o Orkut foi o precursor das redes sociais como as conhecemos atualmente. O espaço virtual chegou a atingir os 30 milhões de usuários e encerrou suas atividades em 2014, quando o Facebook já havia se tornado a rede social mais popular do mundo.

¹⁶ A mais popular entre as redes sociais entrou no ar pela primeira vez em 4 de fevereiro de 2004 e, rapidamente, espalhou-se pelo mundo todo. Em um último balanço sobre o número de usuários divulgado no final de 2017, o Facebook anunciou que contava com 2,13 bilhões de usuários no mundo, um número muito expressivo e que é resultado dos investimentos feitos pela empresa na plataforma, sobretudo nos últimos anos. Com características mais multimídia que suas antecessoras, a rede social permite publicação de imagens, vídeos, gravação de áudios no chat, permite a criação de grupos de discussão e trocas de informações (que podem ser abertos a todos os usuários do Facebook ou restritos a pessoas específicas convidadas por quem criou o espaço), a organização de eventos (que também podem ser abertos a todos os usuários ou restritos a convidados de quem criou o evento), o gerenciamento de perfis profissionais, transmissões ao vivo a partir dos perfis e páginas, entre outras muitas coisas.

negar que essa fartura de possibilidades é significativa e demonstra como as pessoas têm procurado esse tipo de serviço para estabelecer relacionamentos de ordem afetiva e/ou sexual. Entre os sites de namoro disponíveis na internet, os mais conhecidos são o Par Perfeito, o Match.com, o be2 e o Pra Casar, que são gratuitos e se propõem a reunir usuários interessados em um relacionamento mais sério; o C-date, que oferece encontros sem compromisso, mas casuais; o Ashley Madison, que se descreve como o lugar ideal para encontros discretos entre pessoas casadas; o Our Time, voltado para pessoas solteiras como mais de 50 anos; o Brazil Cupid, que tem como proposta aproximar mulheres Latinas de homens Europeus, Latinos e dos Estados Unidos; o Solteiros com Filhos, que diz ser o primeiro site de namoro para pessoas solteiras com filhos; o Amor em Cristo, criado para facilitar o encontro entre pessoas cristãs ao redor do mundo; o Novas Emoções, também voltado para pessoas mais velhas, assim como o Coroa Metade; o Divino Amor voltado para o público evangélico; e o G Encontros, voltado para o público LGBT.

Além desses, também há os aplicativos criados especialmente para smartphones e que também são populares, como o OkCupid, que é bastante parecido com o Tinder, mas exige do usuário que preencha uma lista maior de informações acerca de si mesmo, já que o objetivo é unir pessoas com um alto índice de compatibilidade; O Happn, que também se parece muito com o Tinder, mas com a diferença que, para que um usuário seja visto pelo outro na plataforma, eles precisam ter passado perto um do outro na rua; o Par Perfeito, mesmo do site, que também tem uma versão para celulares que permite que o usuário escolha, no momento de confecção do perfil, se quer namoro sério, pequenos casos ou amizades; o Badoo, que também tem a localização como principal quesito e foi um dos pioneiros a oferecerem a busca on-line por relacionamentos; o Once, que dá mais espaço para as descrições que os usuários fazem de si e oferece apenas um perfil de outros usuário por dia; o Grindr, voltado para homens homossexuais, tem interface parecida com a do Happn e a vantagem de mostrar quais pessoas estão online no momento em que o usuário acessa a plataforma e de que é possível começar uma conversa a qualquer momento, independentemente de o perfil ter sido aprovado ou não pelo outro; o 3nder, voltado para casais ou solteiros que tenham interesse em encontros a três, como o Tinder, funciona por meio de aprovação mútua de perfis, abrindo espaço para chat.

Não entrarei em detalhes sobre esses aplicativos porque o Tinder foi o escolhido como objeto dessa pesquisa, em decorrência de sua popularidade. As funcionalidades da ferramenta serão explicitadas no segundo capítulo desta dissertação.

1.2 A TECNOLOGIA, SEUS PROPÓSITOS E OS USOS QUE DELA SÃO FEITOS

O amplo acesso à tecnologia possibilitou que os usuários da rede pudessem interagir mais uns com os outros e permitiu a produção e circulação de conteúdos por parte de milhões de pessoas ao redor do mundo. No entanto, não é possível pensar que há uma ampla liberdade criativa nesses espaços considerando que as plataformas moldam a maneira como seus usuários vão agir, reagir e se comunicar. Segundo Van Dijck (2016, p.13), “é uma falácia acreditar que as plataformas não fazem nada além de facilitar as atividades da rede. Pelo contrário, as plataformas e práticas sociais são mutuamente constituídas”. Ou seja, nos sentimos livres para criar e distribuir conteúdo, para interagir com outras pessoas e para buscar informações, mas essas ações são todas limitadas pelas ferramentas. No Tinder, por exemplo, é possível flertar de maneira mais livre, mas, para que se possa interagir com outros usuários, é preciso ser aprovado por eles. Essa premissa influencia muito as mulheres com as quais conversei ao longo do meu trabalho de campo. É pensando nos homens que querem atrair que elas escolhem as fotos do perfil, elaboram a descrição de si (ou deixam o espaço em branco) e até mesmo decidem sobre expôr ou não a idade verdadeira. O mesmo ocorre no Facebook, maior rede social da atualidade, onde também precisamos nos adequar às maneiras como a ferramenta limita nossas interações – ninguém quer, por exemplo, postar um conteúdo que não gere “likes” (aprovação de outros usuários manifestada pelo botão “curtir” disponível em todas as publicações feitas na rede social). Isso porque receber muitos likes, ou seja, a aprovação de outros usuários, é importante para a sociabilidade do sujeito e é determinante, inclusive, para que ele possa se tornar um influenciador digital e monetizar sua presença nas diferentes plataformas.

A escolha do botão “like” revela uma predileção ideológica: favorece avaliações instantâneas, viscerais, emocionais e positivas. Desta forma, a popularidade transformada num conceito codificado torna-se não apenas quantificável, mas também manipulável: promover classificações de popularidade é uma parte fundamental do mecanismo que carregam botões desse tipo. Aquelas pessoas que têm muitos amigos ou seguidores começam a ser consideradas influentes e sua autoridade ou reputação social aumenta na medida em que recebem mais cliques. As ideias que recebem likes de muitas pessoas podem chegar a se converter em tendências (Van Dijck, 2016, p.19).

Nesse sentido, pensando os sujeitos como aqueles que atribuem sentido e produzem conteúdos nas plataformas, mas dentro dos limites impostos por elas, fica evidente a ideia de constituição mútua de plataformas e práticas sociais da qual fala Van Dijck (2016), mas também é possível refletir sobre como esses espaços virtuais refletem questões arraigadas em

nossas rotinas – admiramos, aprovamos, produzimos e distribuímos conteúdos nessas ferramentas a partir dos contextos nos quais estamos inseridos e dos nossos comportamentos socialmente construídos ao longo do tempo. Sobre isso, a autora vai dizer que “o ecossistema on-line está incorporado em um contexto econômico, político e sociocultural, que é inevitavelmente afetado pelas suas circunstâncias históricas” (VAN DJICK, 2016, p.16). Ao longo de minha investigação para esta dissertação, identifiquei um aspecto importante que permeia as relações de minhas interlocutoras de pesquisa no Tinder: a vergonha. Preocupadas em serem percebidas como mulheres dignas de um relacionamento sério, elas temiam serem vítimas de preconceito, não queriam ser mal vistas por estarem no aplicativo e, em optando por usar a ferramenta, preocupavam-se em escolher fotos que não mostrassem muito o corpo ou que não insinuassem que estavam em busca, exclusivamente, de sexo, porque acreditavam que, se fossem vistas dessa maneira, não seriam valorizadas pelos homens. Para além disso, tinham medo de que os homens com os quais conversavam julgassem, pelas fotos, que elas estavam dispostas a manter relações e sexuais e tirassem delas o direito de negar, tornando-se vítimas (culpabilizadas) do estupro. Ou seja, em uma sociedade em que a violência de gênero é muito presente, o contexto ainda é muito relevante para as sociabilidades dessas mulheres nos aplicativos de relacionamento. Falarei mais sobre isso no segundo capítulo, em que analiso os dados decorrentes de minha investigação.

Mas, assim como o contexto histórico, político e econômico influencia os comportamentos e a vida dos usuários dessas plataformas, a tecnologia também é determinante para sermos quem somos. Sobre isso, Lupton (2015, p.2) diz que a ideia de cultura e de sociedade “não pode agora ser totalmente compreendida sem o reconhecimento de que o software e os dispositivos de hardware não apenas sustentam, mas ativamente constituem a individualidade, a corporificação, a vida social, as relações sociais e as instituições sociais”.

A partir disso, também é possível pensar sobre os diferentes usos feitos dessas plataformas, muitos deles imprevistos e muitos deles diferentes em lugares distintos do planeta. Miskolci (2017) nos ajuda a compreender esses usos diversos das plataformas a partir da pesquisa que desenvolveu em sites e aplicativos de relacionamentos voltados para o público homossexual masculino em São Paulo (SP) no Brasil e em São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos. O autor deu início à pesquisa em mídias digitais em 2007, por meio de salas de bate-bapo, na capital paulista. Em 2013, foi para São Francisco, no estado norte-americano da Califórnia, em busca de verificar semelhanças e diferenças nas sociabilidades dos usuários dessas plataformas, desta vez, mais voltado para os emergentes aplicativos para

smartphones. Para tanto, contatou homens com idades entre 30 e 45 anos por diferentes aplicativos e sites, sempre considerando os contextos em que esses sujeitos estavam inseridos – o Brasil, notadamente reconhecido pela homofobia arraigada, e os Estados Unidos, especialmente São Francisco, por serem o berço da chamada Revolução Sexual na década de 1970, ocasião em que o movimento gay intensificou a busca por visibilidade, respeito e liberdade sexual e afetiva. Em comum, segundo Miskolci, usuários de ambos os lugares onde a pesquisa foi desenvolvida disseram utilizar-se das plataformas para conseguir encontrar mais homens gays e, com essa amplitude maior de contato, identificar, sobretudo, diversas possibilidades de relações sexuais rápidas e casuais. Há, portanto, com os aplicativos, segundo o autor, uma sensação de agência desejante e autonomia de busca por parceiro, que é mais individualizada, uma mudança na ordem da busca, no sentido de que o sexo vem antes da afinidade, uma aceleração nas relações e uma ampliação do acesso a parceiros. Além disso, em São Paulo e em São Francisco, o pesquisador identificou que, nessa nova maneira de se relacionar, mediada pelas plataformas digitais, os usuários parecem estar diante de uma tabela de Excel do amor: com uma busca mais organizada, que segue a lógica de mercado e com contornos midiáticos – as empresas que provém esses aplicativos imaginam seus usuários como bem sucedidos e passam a moldar seus desejos a partir de representações de homossexualidade, que dizem respeito a homens que frequentam academias, viajam e se vestem bem.

No entanto, uma constatação marcante da diferença entre os usos da plataforma na cidade brasileira e na cidade norte-americana, está na forma como os usuários se apresentam nos âmbitos on e off-line. Enquanto em São Paulo os homens costumavam se relacionar, publicamente, com mulheres, para manterem as aparências de seguirem uma vida heteronormativa, em São Francisco, os homens eram todos assumidamente gays e se relacionavam exclusivamente com homens, embora, “assim como os paulistanos, negociassem a visibilidade de seu desejo de acordo com o contexto e a pessoa com quem interagem” (Miskolci, 2017, p.122). Em ambos os ambientes onde a pesquisa se desenvolveu, os aplicativos são percebidos como um facilitador de contato (exceto para os homens mais velhos moradores de São Francisco, que ainda encontram muitas dificuldades para lidar com os smartphones e que viram minguar os bares e festas em que costumavam flertar antes). Porém, a despeito dessas semelhanças, uma diferença fundamental entre os usos que esses homens fazem desses aplicativos em São Paulo e em São Francisco está no fato de que, na capital paulista, os homens aproveitam essa tecnologia para empreenderem uma busca discreta, escondida, sigilosa. Na cidade brasileira, a busca por parceiros discretos e fora do

meio, ou seja, que pareçam heterossexuais e que não frequentem espaços reconhecidamente LGBTQ+, é muito mais marcante, já que, em nosso país, o “homossexual reconhecível publicamente ainda é imaginado como moralmente repreensível ou exposto a formas diversas de preconceito e retaliação social” (MISKOLCI, 2017, p.287). Já na cidade norte-americana, a discriminação, o sigilo e o esconderijo não são os principais motivadores, considerando que esses homens sentem-se mais livres para exercer suas sexualidades. O que os motiva, sobretudo, a acessar esses aplicativos é a possibilidade ampliada de acesso a homens gays. Além disso, conforme os usuários de ambas as cidades, as plataformas permitem filtrar melhor as pessoas com quem vão interagir.

Portanto, é possível notar que, assim como os aplicativos moldam os comportamentos de seus usuários, os usuários também acabam adaptando os usos dessas ferramentas e, muitas vezes, obrigam as plataformas a se transformarem a partir dos usos que delas são feitos. Além disso, a concorrência e o contexto em que essas ferramentas estão inseridas são impulsionadores importantes para seus aprimoramentos constantes.

É evidente que as plataformas de mídia social, longe de serem produtos acabados, são objetos dinâmicos que estão sendo transformados em resposta às necessidades dos usuários e objetivos dos seus proprietários, mas, também, pela reação às outras plataformas com as quais precisam competir e, em geral, a infraestrutura econômica e tecnológica em que se desenvolvem. (VAN DIJCK, 2016, p. 14).

Minhas interlocutoras de pesquisa fazem usos diferentes do Tinder – buscam sexo casual, relacionamentos duradouros ou simples distração – mas, em sua maioria, preocupam-se com um uso, em específico: o uso criminoso da ferramenta. Uma busca simples na internet por reportagens relacionadas a crimes ocorridos em encontros que tiveram o intermédio da ferramenta mostra que os casos são poucos. Ainda assim, existem, e vitimam, também, homens usuários do aplicativo. Diante disso, o Tinder criou um manual de segurança para seus usuários. Falarei mais sobre isso no segundo capítulo desta dissertação, em que abordo, de maneira mais pormenorizada, as preocupações de minhas interlocutoras acerca de sua presença na ferramenta.

1.3 O DESAFIO METODOLÓGICO DO CAMPO EM UM APLICATIVO DE RELACIONAMENTOS

O campo dos aplicativos de relacionamento, relativamente recente, tem se mostrado um espaço que oferece inúmeras possibilidades exploratórias para a ciência no mundo todo. A maioria dos trabalhos que investigam esse novo espaço de sociabilidade tem se ocupado de

tentar compreender o Tinder, o mais popular entre esse tipo de aplicativo. Em pesquisas realizadas nas plataformas Scielo e Google Acadêmico ao longo de 2017 e de 2018, usando “Tinder” como palavra-chave, encontrei trabalhos desenvolvidos no Brasil, no México, nos Estados Unidos, na Austria, em Portugal e na Holanda, a maioria deles, interessados em entender por quais motivos as pessoas optam por usar essas plataformas. Todos trazem contribuições relevantes para a área e ajudam a refletir sobre essa nova forma de sociabilidade pela internet. Em seguida, apresento esses estudos e antecipo alguns de meus achados de pesquisa de modo a dialogar com esse material que também teve o Tinder como objeto de investigação.

Um deles, desenvolvido por Sumter (et al), na Escola de Comunicação de Amsterdam em 2016, buscou investigar os motivos pelos quais pessoas que estão no início da fase adulta procuram por relacionamentos no Tinder. A pesquisa foi feita on-line, com holandeses com idades entre 18 e 30 anos. Os seis motivadores predominantes encontrados pelos pesquisadores foram: amor, sexo casual, facilidade de comunicação, validação de autoestima, emoção de excitação e tendência. Os homens disseram ser mais movidos pelo sexo casual, pela facilidade de comunicação e pela excitação do que as mulheres. A questão geracional também influenciou fortemente as respostas (os mais jovens falavam mais em sexo casual, e os mais velhos, em amor). Além disso, a maioria das pessoas entrevistadas pelos pesquisadores entendia o Tinder como o primeiro passo para um encontro off-line, ou seja, havia a intencionalidade de levar essas relações do âmbito on para o âmbito off-line.

Gatter e Hodkinson (2016) também estavam interessados, na Austria, em identificar os motivos que levam algumas pessoas a baixarem aplicativos como o Tinder e nos motivos que fazem com que outras pessoas prefiram os sites de namoro. Os pesquisadores não encontraram diferenças significativas entre o que move as pessoas a um ou outro espaço virtual de relacionamentos. O desejo de encontrar alguém, independentemente do tipo de relação a ser estabelecida, é o que impulsiona essas pessoas em ambas as plataformas, com uma sutil diferença de idade (os usuários do Tinder são mais jovens) e de permissividade sexual (no Tinder, as pessoas parecem mais dispostas a sexo casual do que nos sites de namoro). Também como na pesquisa desenvolvida em Amsterdam, nesta, os homens aparecem mais como os interessados em sexo casual. Eles também usam, em maior número do que as mulheres, os dois tipos de ferramenta (sites e aplicativo) em busca de satisfação sexual. Em meu trabalho, também perguntei a minhas interlocutoras de pesquisa o que as fazia querer estar no Tinder. Flertar com maior liberdade e comodidade foi o que apareceu na maioria das respostas. A questão do interesse sexual predominante na ferramenta também

apareceu nos discursos de minhas entrevistadas e foi apontado pela maioria como um fator negativo do aplicativo. Embora soubessem que o interesse masculino era predominante por sexo casual e embora muitas delas também estivessem só interessadas nisso, a maioria de minhas interlocutoras tinha esperança de encontrar um relacionamento mais profundo e duradouro no Tinder.

James (2015) também estava interessada em compreender como e por que as pessoas usam o Tinder. A pesquisa do tipo survey foi aplicada na Universidade do Estado do Texas a partir de uma amostra aleatória de 578 participantes, dos quais 38 usavam o Tinder. O trabalho identificou que as pessoas são divididas com relação ao motivo que as leva a usar a ferramenta. Muitos apontaram a facilidade e a conveniência como fatores mais relevantes – como minhas interlocutoras, parte dos entrevistados nesta pesquisa também acha mais fácil usar o Tinder do que ir a bares ou reuniões sociais – mas outros disseram não estar certos de que haja diferença entre o flerte no aplicativo e em festas. Os usuários também se mostraram divididos com relação ao fato de o Tinder ser uma ferramenta para o estabelecimento prioritário de relações sexuais – muitos acreditam ser possível encontrar um relacionamento duradouro na plataforma, e a maioria (sobretudo, entre as mulheres) não concorda com a afirmação de que “namoro on-line é para pessoas desesperadas que não conseguem estabelecer um romance”. Essa percepção denota a inexistência, neste público específico da Universidade do Texas, de uma carga grande de estigma sobre as pessoas que estão em buscas de relacionamentos no Tinder, algo que também apareceu de maneira intensa em meu trabalho de campo para essa dissertação.

Ainda com relação ao uso do aplicativo, James (2015) identificou que as pessoas são seletivas na aprovação de perfis no Tinder (não curtem todo e qualquer perfil que aparece só para conseguir matches e melhorar a autoestima), levam em consideração características físicas dos outros por meio das fotos exibidas nos perfis e têm alta expectativa de encontrar pessoalmente aqueles com os quais conversam por meio da ferramenta. Em minha pesquisa para essa dissertação, também identifiquei que, para a maioria de minhas interlocutoras, as imagens são fundamentais para a escolha de possíveis parceiros. Enquanto algumas usuárias do Tinder em Santa Maria optam por homens bonitos, que aparentam ter dinheiro e ostentam fotos de viagens internacionais, outras, sobretudo as comprometidas, optam pelas fotos que não mostram os sujeitos, considerando que esses, como elas, certamente são casados e, portanto, manterão o sigilo. Já com relação aos encontros pessoais, há uma diferença considerável de comportamento entre minhas interlocutoras e os norte-americanos pesquisados por James (2015). Enquanto, naquele país, há entre os usuários do Tinder uma

grande expectativa pelo encontro pessoal, em Santa Maria, as mulheres consultadas ao longo de minha pesquisa manifestam esse desejo de maneira menos acentuada e dizem que, antes de qualquer coisa, precisam se certificar de que estão seguras diante desses homens.

Seguindo a mesma linha de tentar entender como as mulheres selecionam os parceiros na ferramenta e o que levam em consideração para aprovar um perfil, Costa (2018) desenvolveu uma dissertação de mestrado pela universidade portuguesa do Minho em que pesquisou os tipos de homens que as mulheres procuram e como o ciclo menstrual influencia nessa busca. Entendendo que os aplicativos facilitam essa procura, a pesquisadora optou por conversar com mulheres usuárias do Tinder para identificar se preferiam homens fumantes ou não, com ou sem barba e que se apresentavam com ou sem a parte de cima das roupas nas fotos do aplicativo, além de tentar identificar a influência do ciclo hormonal nessas opções. Foram ouvidas 431 mulheres, com idades entre 18 e 30 anos, que responderam a um questionário e avaliaram 72 perfis de homens no Tinder, tendo de aprovar ou rejeitar esses perfis. A pesquisadora identificou que, no geral, fotos de homens não fumantes, com barba e com roupas na parte superior do corpo foram os preferidos e que mulheres que estariam ovulando eram mais lentas na escolha do que as que não estavam. A questão biológica é central para o trabalho e, por isso, foi levada em consideração aqui, mas não é relevante para a minha pesquisa.

Souza (2016) interessou-se por identificar a percepção que os usuários têm do aplicativo a partir de uma perspectiva mercadológica do prazer. A autora desenvolveu uma pesquisa do tipo survey com usuários do Tinder a fim de compreender se essas pessoas viam a si e aos outros como mercadorias e, a exemplo das demais pesquisas, o que as movia a empreender uma busca por relacionamentos na plataforma. Conforme a autora, “enquanto usuários do Tinder, eles não se percebem em uma vitrine, nem no papel de mercadorias nem na função de consumidores – mesmo que construam seus perfis visando atrair usuários de seu interesse” (SOUZA, 2016, p.194). Além disso, os entrevistados pela pesquisadora dizem “se ressentir pela rapidez do aplicativo – que os faz não ter a chance de reencontrar o perfil de alguém interessante – e pelo modo como muitas pessoas o utilizam ou descrevem como apenas um meio de obter relações de curto prazo, não significativas” (p.194). A ideia de que as pessoas estão no Tinder apenas em busca de sexo também apareceu muito nas falas de minhas interlocutoras de pesquisa, que também se mostraram, em sua maioria, ressentidas com essa questão. Assim como os pesquisados de Souza, minhas interlocutoras também tinham o desejo de encontrar pessoas com as quais pudessem estabelecer relacionamentos mais duradouros, embora não tivessem muitas esperanças de que isso pudesse vir a acontecer.

Com relação aos motivos que fazem com que as pessoas criem perfis no Tinder, o desejo e a possibilidade de exercitá-lo de maneira mais livre e a possibilidade de vivenciar novas experiências foram as razões que mais apareceram, o que também se assemelha ao que foi dito por minhas interlocutoras, que afirmaram encontrar no aplicativo um espaço que oferece maior liberdade para flertar. A mesma percepção aparece em um ensaio teórico publicado por Machado (et al. 2018) no *International Journal of Business and Marketing*. O trabalho discutia o exercício do consumo hedônico por meio da experiência de uso de aplicativos de relacionamento, tendo a luxúria como motivação principal. Como o trabalho de Souza (2016), esse também refletiu o comportamento dos usuários a partir de uma perspectiva do consumo e entendeu o desejo como um eixo central para o uso da ferramenta.

Vieira e Sepúlveda (2017) empreenderam uma investigação sobre as relações de usuários portugueses com o Tinder, pensando sobre a perspectiva da autoapresentação dessas pessoas na plataforma. Por meio da observação participante de 220 perfis (701 fotografias e 87 textos), a pesquisa identificou, a partir dos conceitos de fachada pessoal e desempenho de Goffmann (1983, 1993) que há diferentes estratégias envolvidas na autoapresentação que demonstram “a reflexividade acionada pelos sujeitos num jogo dialético de expectativas recíprocas e leitura dos contextos mediados colapsados e audiências imaginadas”. Ou seja, quando criam seus perfis, esses usuários reproduzem alguns estereótipos construídos a partir do que se imagina que vai despertar o interesse do outro. Esses estereótipos vão desde o vestuário até às práticas culturais, que incluem viagens e turismo, e esportivas. Segundo os autores, “as escolhas individuais para a apresentação do eu tendem a reproduzir (e legitimar) a cultura global dominante e as lógicas visuais e estereótipos dos media institucionais” (VIEIRA e SEPÚLVEDA, 2017, p.179).

Santos (2017) fez um apanhado histórico acerca do Tinder e do amor no Brasil e observou que, embora o aplicativo seja um facilitador para os encontros, é apenas um meio para conhecer novas pessoas que passam a se relacionar no âmbito off-line, ou seja, os relacionamentos não são duradouros quando mantidos apenas por meio da plataforma. Além disso, conforme a autora, os aplicativos se mostram como uma ferramenta utilizada na tentativa de preencher os espaços ocupados pela solidão das rotinas atribuladas de seus usuários.

A mesma percepção aparece na pesquisa de Bonavitta (2015), interessada em discutir o amor romântico no início do século XX, quando os pretendentes eram encontrados em bailes ou pelo intermédio de conhecidos das famílias, e o amor nos tempos do Tinder, quando as relações parecem mais superficiais e efêmeras. Para a autora, fica claro que vivemos uma

época de exaltação do eu e de obsessão pela imagem, que o amor está mudando suas pautas de comportamento e que já não podemos seguir apostando que um bolero e umas velas acesas são a fórmula do amor. Para Bonavitta, hoje, um “like” e uma tela sensível ao toque contribuem muito mais para o romance e a conquista. De fato, os modos de aproximação entre os casais já não são mais os mesmos e isso é possível notar, também, nos discursos das mulheres que usam o Tinder em Santa Maria-RS. Elas afirmam que encontram na ferramenta a praticidade e a facilidade para flertar que não era possível em uma época não muito distante, em que tinham que se arrumar, sair de casa e ir em busca de possíveis parceiros em bares ou boates da cidade.

Em sua tese de doutorado, Figueiredo (2016) também se preocupa em identificar essas mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos nas buscas amorosas, sobretudo entre as mulheres, e o impacto dessas transformações nos relacionamentos amorosos a partir dos usos que são feitos dessas ferramentas. Entre as usuárias do Tinder com idades superiores a 35 anos entrevistadas por ela e a quem chama de Tinderelas, a pesquisadora identificou três tipos de usos mais comuns da ferramenta (o uso curioso, o uso recreativo e o uso racional) e concluiu, assim como os demais estudos que se preocuparam em entender essa dinâmica, que os aplicativos ampliam as possibilidades de encontros com diferentes propósitos. No entanto, um aspecto central para a pesquisa de Figueiredo e que também se tornou central para a minha dissertação diz respeito à reprodução das relações de gênero na plataforma. Segundo ela, o uso do aplicativo com finalidades de flerte e, sobretudo, do estabelecimento de relações sexuais, parece ser mais legitimado socialmente para os homens.

Embora pesquisas mostrem que as mulheres são mais ativas nessas plataformas, algumas ainda se sentem constrangidas de buscarem esses homens, reproduzindo uma lógica tradicional de feminilização do amor e masculinização do desejo: elas têm que cuidar da reputação, e eles têm que provar que são homens. Conforme a autora, o padrão duplo para homens e mulheres continua firme em seu lugar, as mulheres continuam a perder status na medida em que crescem em experiências sexuais e ainda são estimuladas a fingir resistência para serem valorizadas no mercado matrimonial, enquanto eles seguem pressionados a abordá-las sexualmente, mesmo que não queiram ou não se sintam preparados. Nesse contexto, as mulheres seguem acreditando que, se forem sexualmente ativas, estarão transgredindo as regras da feminilidade (FIGUEIREDO, 2016, p.85) e, conseqüentemente, sentir-se-ão desvalorizadas. Minhas interlocutoras de pesquisa afirmaram com veemência que se sentem vítimas de preconceito por usarem o Tinder, que ficam tristes com isso e que deixam de usar a ferramenta por medo de serem julgadas e do que os outros vão pensar. Essa

questão que não era uma de minhas hipóteses iniciais de pesquisa acabou tomando proporções de grande relevância para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Como é possível perceber, há muitas pesquisas interessadas em compreender o que leva as pessoas a recorrerem a esse espaço on-line de relacionamentos e que buscam identificar as maneiras como as pessoas constroem as próprias identidades nesses espaços. No entanto, não consegui, ao longo desses dois anos de dedicação ao mestrado, encontrar nenhuma pesquisa que tenha tentado identificar a influência do medo ou da criminalidade nas sociabilidades dos usuários desses aplicativos, o que reforça a relevância e o caráter de ineditismo da pesquisa que resultou nesta dissertação.

Este trabalho surgiu, portanto, da intenção de identificar, partindo do aplicativo de relacionamentos Tinder, que foi elaborado especialmente para smartphones, se há uma tensão entre o medo, o desejo e a vergonha decorrente do preconceito em mulheres de Santa Maria-RS que estejam fazendo uso da plataforma em busca de relacionamentos com homens. Para realizar a pesquisa, optei pela abordagem metodológica qualitativa, a partir de uma investigação etnográfica, feita com base em observação participante da mídia digital em questão e em entrevistas semiestruturadas com 207 usuárias da plataforma, por meio do aplicativo. Além disso, entrevistei de maneira mais aprofundada seis mulheres que usam o Tinder em Santa Maria-RS – com cinco delas, encontrei-me pessoalmente, e, com uma, conversei por telefone.

Fazer uma etnografia é um empreender uma abordagem complexa que move antropólogos desde a concepção da disciplina, quando os nativos habitavam terras distantes e até hoje, nesse mundo globalizado em que os sujeitos das investigações etnográficas estão muito próximos e vivem de maneira muito semelhante aos pesquisadores. Fazer uma etnografia é propor-se a desempenhar um trabalho que se transforma o tempo todo, que se adapta a imprevistos, que se renova em campo e que exige vigilância metodológica, epistemológica e emocional. Fazer uma etnografia em um ambiente off-line, em que se tem contato direto, face a face, com o interlocutor, é desafiador. É preciso fazer parte daquele espaço, ser aceito pelas pessoas que nele habitam, inserir-se na rotina, observar, compreender, participar, perguntar, escutar, interpretar e escrever. Fazer etnografia em mídias digitais, a partir da observação de um aplicativo de telefone celular e de interações com pessoas que dele fazem uso, também exige inserção, compreensão, participação e interpretação, sobretudo das subjetividades que podem ser facilmente disfarçadas em um ambiente virtual, de modo que a adaptação das técnicas tradicionais é inevitável e desafiadora.

Como bem pondera Hine (2015, p.3), “quando um de nossos informantes atualiza seu status no Facebook, ele pode nos dizer o que ele quis dizer com isso, mas não podemos ter certeza de como seus amigos percebem o que ele escreve, nem mesmo qual de seus amigos pode ter visto o status”. A autora acrescenta, ainda, que um etnógrafo em tais circunstâncias deve se acostumar com o sentimento perpétuo de incerteza, de imaginar o que foi perdido e de tentar construir interpretações de eventos tendo como base uma evidência incompleta:

A mudança para a comunicação mediada em grande escala traz uma nova complexidade ao processo etnográfico, e levanta uma preocupação muito real de que as limitações de percepção dentro de um cenário mediado podem ameaçar a contribuição feita pela investigação etnográfica ou limitar a capacidade do etnógrafo de tirar conclusões robustas. Etnógrafos não se podem deixar afetar pela corrente cultural geral de preocupação que comunicações mediadas podem não ser tão boas quanto as reais, e, portanto, desenvolver um desconforto sobre a robustez das formas de conhecimento que podem ser criadas a partir destes meios (HINE, 2015, p. 4).

Além disso, fazer etnografia por meio de uma mídia digital que tem como função primeira o estimular algo que diz respeito à intimidade de seus usuários é uma tarefa que pressupõe, desde o início, que o pesquisador está interessado em algo do âmbito do privado de seus interlocutores e, portanto, encontrará barreiras e resistências ao longo do percurso. Para mim, fazer uma etnografia que tem como base o Tinder, uma plataforma desenvolvida especialmente para smartphones com o intuito de facilitar o estabelecimento de relacionamentos, foi desafiador e surpreendente desde o primeiro dia e a cada nova investida em campo. Para tanto, é fundamental compreender os processos que compõem o fazer etnográfico, sobretudo no que diz respeito às plataformas digitais, antes mesmo de dar início à construção social dos dados. Para que o trabalho de campo seja possível, entendo que seja preciso adaptar a premissa do ofício do etnógrafo defendida por pesquisadores como Malinowski. Segundo ele, era imprescindível, para o fazer antropológico, que o pesquisador deixasse seu próprio ambiente e se deslocasse até o ambiente no “nativo”. Só assim seria possível ter a vivência completa e profunda da experiência de viver com e como o “nativo”, a partir de sua rotina e de suas experiências cotidianas. Embora eu me proponha a imergir em uma rede social, a compreender seus pormenores, a fazer uso dela, a observar a dinâmica da plataforma e estabelecer contato com mulheres que fazem uso dela, eu o faço do conforto da minha casa, sentada em uma cadeira que eu mesma montei, de frente para uma mesa onde estão meus livros, alguns presentes queridos e o aromatizador de ambientes que eu escolhi. Estou entrando em campo, na maior parte do tempo, desde o ambiente que me é mais caro e seguro: meu lar.

Quando o “ambiente” em que o pesquisador está não é exatamente um lugar físico, o processo imersivo se dá de maneira diferente, porém, não desconectada da realidade tampouco totalmente descorporificada. Conforme argumenta Beleli (2015), ainda que o campo em questão não se trate de um local marcado ou situado, a análise do que acontece online nos ajuda a entender o comportamento no que diz respeito, também, ao ambiente off-line. Além disso, Beleli (2015, p.93) defende que, nesse revés da dicotomia real/virtual, “determinados aspectos corporais e psicológicos percebidos como mais aceitos socialmente podem ser acionados no continuum on line/off line”. Assim, defende a autora, a criação de um perfil em um site, rede social ou aplicativo não é algo que seja considerado distante da realidade. Tampouco os comportamentos de minhas interlocutoras no Tinder estão desconectados de seus modos de agir em outras esferas da vida, ainda mais porque o ambiente do qual falamos é acessado via celular, e o aparelho, hoje em dia, está totalmente incorporado à rotina. Para as interlocutoras de Beleli – mulheres com idades entre 35 e 48 anos, heterossexuais, independentes e de classe média, moradoras de São Paulo-SP – o celular já é uma extensão do próprio corpo:

Sentir-se nua sem um celular aponta o objeto como uma vestimenta e como tal é parte do corpo, que se move pelo mundo e o movimenta. O acesso a essa mobilidade/movimento, sem restrições de lugar ou horários, é compatível com atividades profissionais, domésticas ou mesmo de lazer, de modo que a funcionalidade do celular se subsume às emoções todo o tempo provocadas por sons, vibrações (BELELI, 2015, p.95).

Para Hine (2015, p.2), quando empreendemos uma pesquisa em uma mídia digital, estamos nos adaptando a novas realidades e podemos criar novas formas de produzir conhecimento, sem, no entanto, nos afastarmos dos princípios fundamentais da etnografia. Partindo disso, parece abrir-se uma gama mais ampla (e um campo mais rico) de possibilidades para que a etnografia não só seja legítima quando empreendida em ambientes virtuais, mas torne ainda mais consistente o resultado do empreendimento quando permite uma combinação entre a análise minuciosa da mídia digital e do comportamento de seus usuários nas diferentes plataformas, com os relatos desses usuários colhidos por meio de entrevistas realizadas pessoalmente. A partir dessa construção metodológica, parece possível atingir diferentes âmbitos da percepção e da compreensão do pesquisado e do campo de pesquisa.

Desde a criação de um perfil no Tinder até os encontros pessoais para entrevistas abertas com minhas interlocutoras, passando pela observação do aplicativo, pelos imprescindíveis matches e pelas conversas imensamente esclarecedoras estabelecidas via

chat, pelo celular, e, depois, de maneira mais próxima e aprofundada, com usuárias da plataforma em Santa Maria-RS, o desafio a que se propôs essa pesquisa foi compreender como se dá a sociabilidade dessas mulheres a partir de abordagens diversas e fundamentalmente complementares.

1.4 O TINDER: COMO SURTIU E O QUE OFERECE AOS USUÁRIOS

O Tinder é um aplicativo para relacionamentos disponível para os sistemas operacionais IOS e Android, gratuitamente. A ferramenta foi pensada especificamente para smartphones, mas hoje já pode ser acessada de computadores. Criado em 2012, o Tinder estava presente, seis anos depois, em 196 países do mundo, de acordo com seu site¹⁷. O aplicativo de paquera online é, atualmente, o mais popular no planeta em número de usuários e, embora existam outros com o mesmo propósito ou com intenções semelhantes, o alcance obtido pelo Tinder foi o critério utilizado para a escolha dessa plataforma no desenvolvimento deste trabalho. Ainda de acordo com seu site, o aplicativo é usado por mais de 100 milhões de pessoas em todo o planeta. Assim como as demais mídias digitais que se proliferam com rapidez, essa ferramenta tem se tornado, junto com outras que surgiram com propósitos semelhantes, uma mediação transformadora na busca de homens e mulheres por relacionamentos. O aplicativo foi idealizado, fundado e opera em Los Angeles, Califórnia, nos Estados Unidos, e, ainda de acordo com o site do Tinder, o fundador e presidente da plataforma é Sean Rad. Justin Mateen é co-fundador do aplicativo, mas não faz mais parte da empresa. Ainda de acordo com o site oficial da plataforma, 1,6 bilhão de interações ocorrem diariamente, por meio do aplicativo, no mundo todo. Os fundadores da plataforma mais popular do tipo atualmente, no mundo, parecem ter aproveitado uma movimentação em termos globais, que começou a se desenhar mais de uma década antes da fundação do Tinder, quando os smartphones ainda nem eram populares, para investir em um ramo bastante promissor. Em 2018, uma pesquisa¹⁸ feita pelo Hootsuite, empresa norte-americana especializada em gestão de marcas em redes sociais, verificou que há cerca de 4 bilhões de pessoas conectadas à internet ao redor do mundo. Já de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, 67,9% da população residia em domicílios com acesso à internet (por computador, celular, telefone, TV ou outro equipamento). Em 2017,

¹⁷ Disponível em <https://tinder.com>, acesso em 22 de dezembro de 2018.

¹⁸ Disponível em <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018>, acesso em 22 de dezembro de 2018.

essa proporção passou para 74,8%. Ou seja, cerca de 120 milhões de pessoas estão conectadas no país.

Os sites de encontros da internet tornaram-se empresas sumamente populares e lucrativas. Em 1999, um em cada doze adultos solteiros nos Estados Unidos havia experimentado a busca de parceiros on line [...]. No terceiro trimestre de 2002, esses sites tornaram-se a maior categoria on line de conteúdo pago, com uma receita de mais de trezentos milhões de dólares anuais. No contexto global da economia da internet, os sites e anúncios de encontros on line figuram entre os maiores ganhadores de dinheiro da rede, tendo obtido, no terceiro trimestre de 2002 uma receita de 87 milhões de dólares (ILLOUZ, 2006, p-109-110).

Com o objetivo de estabelecer interações entre pessoas que tenham gostos semelhantes e estejam perto umas das outras, o Tinder tem como premissa apresentar para seus usuários perfis de pessoas que se encaixem no que eles esperam de alguém com quem se relacionar e que estejam a – no máximo – 50 quilômetros deles no momento do acesso à plataforma. Portanto, por meio das informações fornecidas pelos usuários acerca de suas preferências e de sua localização, o aplicativo se encarrega de encontrar perfis adequados que estejam na proximidade desejada pelo usuário. Só depois dessa descrição acerca do que o sujeito pretende encontrar, é possível ter acesso a perfis de outros usuários e estabelecer algum tipo de contato com eles.

Por isso, entre as coisas que são imprescindíveis que o usuário informe no momento de criação de um perfil no Tinder, estão o gênero (masculino ou feminino) com o qual se identifica e o que ele busca no aplicativo: homens, mulheres ou ambos. É a partir dessa informação, portanto, que o aplicativo vai direcionar, para a página inicial do usuário, perfis de homens, de mulheres ou de ambos. Quando fiz meu perfil no Tinder, cadastrei-me como homem e apontei que tinha interesse em mulheres, isso para que eu as visse e para que também me vissem mulheres que se cadastraram como tal e que apontaram interesse em homens. Era especificamente esse tipo de mulher que me interessava aqui, as que estivessem em busca de homens ou, também, em busca de homens e de mulheres. Vou detalhar minha entrada em campo em seguida, mas é interessante ressaltar esse aspecto relacionado à identidade de gênero no aplicativo e como é possível identificar-se, no Tinder, da forma que se quer. Eu sou mulher, mas não enfrentei nenhum impedimento para me cadastrar como homem. Da mesma forma, durante minha busca por interlocutoras, embora tenha restringido meu interesse a mulheres, três perfis com fotos e descrições de usuários que eram homens apareceram para mim. Certamente, ambos se cadastraram como mulheres (porque apareceram para mim e meu interesse estava restrito a elas) e apontaram interesse por de homens (já que eu, com perfil de homem, apareci para eles) ou por homens e mulheres, talvez com interesse

em atingir um número maior de pretendentes do sexo masculino ou de ambos os sexos. Também pode ter acontecido, acredita uma de minhas interlocutoras, de eles terem se confundido e colocado como gênero, em vez do próprio, aquele no qual tinham interesse (o que acabou fazendo com que a plataforma os identificasse como mulheres). Ou pode ter sido um simples erro do aplicativo. Aprovei o perfil de um deles, mesmo que não fosse meu foco investigativo no momento, para entender os motivos que o fizeram optar por essa identificação de gênero e por essa busca na plataforma, mas ele não aprovou meu perfil e, portanto, não pudemos conversar. De qualquer forma, essa alternativa de identificar-se com qualquer que seja o gênero e direcionar o interesse livremente, parece-me bastante democrático, já que dá liberdade ao usuário de se identificar com o gênero que mais faz sentido para ele e de buscar, na plataforma, pessoas do tipo que mais o atraem. Pelo menos até que a discriminação prevaleça entre os usuários. De acordo com uma de minhas interlocutoras de pesquisa, uma mulher transexual de 27 anos que usa o Tinder em Santa Maria-RS em busca de homens, seu perfil é denunciado constantemente pelos usuários da plataforma que se sentem ofendidos com a presença dela no aplicativo. Diante da enxurrada de denúncias, o Tinder bloqueia o perfil dela inúmeras vezes, impossibilitando a interação da na ferramenta. Além de gerar essa consequência devastadora para minha interlocutora e muitas outras trans que estão tentando exercer sua sexualidade no Tinder, essa liberdade à identidade de gênero – que, no fim das contas, é bem restrita – também me parece propícia para que perfis falsos circulem e, ainda, para que usos imprevistos da ferramenta sejam facilitados.

Na página inicial do usuário, além do nome, da idade e das fotos escolhidas por ele, também estarão disponíveis para os demais usuários, caso o dono do perfil as forneça, informações acerca da cidade onde vive o sujeito, sua profissão, a distância que está de quem está olhando seu perfil e o texto com a descrição que o próprio usuário faz de si. Além disso, o Tinder permite (e sugere enfaticamente, embora não obrigue) que a conta no aplicativo seja vinculada ao perfil do usuário no Facebook. Se o sujeito que está criando uma conta no Tinder optar por fazê-lo por intermédio da outra rede social, terá facilidades no preenchimento das informações sobre si e na escolha das fotos do perfil, que são importadas automaticamente do Facebook. Além disso, quando dois usuários do Tinder combinam seus perfis e estão ambos vinculados ao Facebook, conseguem saber quantos amigos em comum têm entre si. Outra possibilidade de ampliar o leque de informações sobre o usuário é vincular, também, no perfil do Tinder, o perfil do Instagram¹⁹, disponibilizando no aplicativo de relacionamentos as

¹⁹ O Instagram é um aplicativo disponível gratuitamente para IOS e Android, que também pode ser acessado pelo computador e que tem como objetivo proporcionar ao usuário o compartilhamento de fotos e vídeos, com

imagens publicadas na outra plataforma. Mais recentemente, o gosto musical do usuário também já pode ser identificado no perfil, por meio de uma parceria entre o Tinder e o Spotify²⁰, que, da mesma forma que o Facebook e o Instagram, permite um link entre as duas contas do usuário. Essas possibilidades não só ajudam o sujeito na construção que faz de si no aplicativo, como ajudam o aplicativo a encontrar pessoas com afinidades semelhantes e ajudam quem está avaliando perfis a identificar mais características dos demais usuários. Mas nem todos os usuários fazem uso dessas ferramentas por motivos variados, que vão do fato de não quererem se expor a questões de privacidade de dados.

Minhas interlocutoras garantem que preferem ter contato com homens cujos perfis de Facebook e Instagram estejam disponíveis pelo Tinder. Isso porque elas dizem se sentir mais seguras ao estabelecer uma conexão com um sujeito sobre o qual têm mais informações, disponibilizadas em diferentes plataformas. A possibilidade de contato mais aprofundado com esses homens fica ainda maior, elas garantem, se houverem amigos em comum nessas plataformas, entre elas e esses sujeitos. Falarei mais adiante sobre as estratégias elaboradas por minhas interlocutoras para estabelecerem relações com outros usuários quando se interessam por eles no Tinder. Embora queiram manter contato com esses desconhecidos e o façam de maneira mais tranquila por meio do aplicativo, elas garantem que preferem se cercar de alguns cuidados antes de partir para um encontro face a face. Por agora, adianto que observar os detalhes do perfil do sujeito no Tinder e nas demais redes sociais possíveis é uma das providências tomadas pela maioria delas. Por isso, todas essas possibilidades de informação que o aplicativo disponibiliza a seus usuários parecem ser um estímulo para que os sujeitos se sintam à vontade para se conhecer e se relacionar.

Diante de uma interface simples, a partir do momento em que elabora um perfil e entra no Tinder, o usuário passa a ter acesso a perfis de outros usuários conforme as especificidades que informou quando criou a própria conta e pode estabelecer interações com outras pessoas por meio de um chat privado. Vale lembrar que, quando o usuário estiver cadastrado, sempre que acessar o aplicativo, a interface que vai encontrar terá os mesmos moldes da que

ou sem efeitos de tratamento de imagem oferecidos pela ferramenta. Amigos e seguidores podem ver essas imagens e curtir e comentar o que for publicado. Também pelo Instagram é possível compartilhar imagens no Twitter e no Facebook e publicar “stories”, que são imagens que ficam disponíveis na conta do usuário por apenas 24 horas e, depois disso, desaparecem.

²⁰ O Spotify é um aplicativo disponível para os sistemas operacionais IOS e Android e que oferece um serviço de streaming digital que, de acordo com o site da marca, dá acesso a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo o mundo. A plataforma está disponível com acesso limitado, gratuitamente, ou com amplo acesso, mediante pagamento.

reproduzo na próxima página, por meio de uma imagem retirada de um site²¹ e que é meramente ilustrativa.

Figura 1 - Interface do Tinder



Fonte: Reprodução do site Vida Moderna

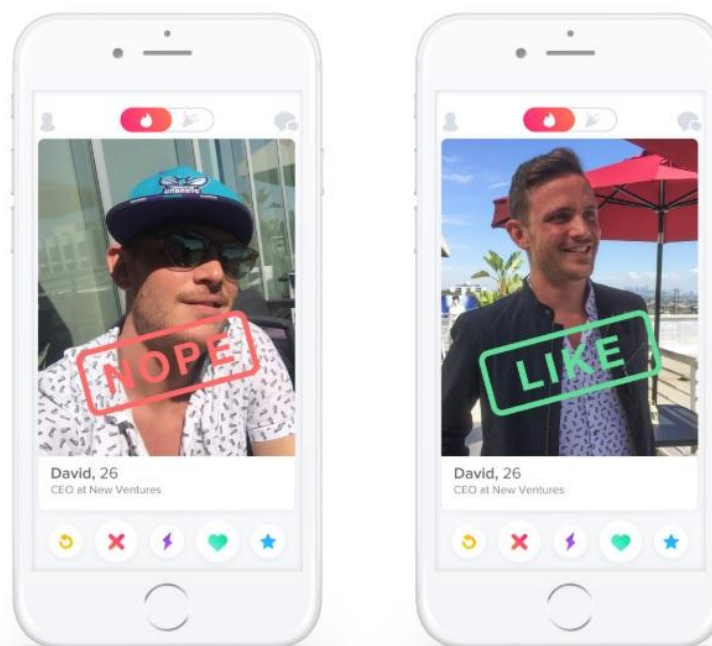
A partir da elaboração do perfil, a continuidade da interação na plataforma fica por conta do usuário, que pode aprovar ou negar os perfis apresentados a ele. Essa aprovação de perfis alheios acontece no momento em que o usuário desliza o dedo pela tela para o lado direito ou aperta em um botão em formato de coração, também ao lado direito da tela. Quando executa essa ação, a mensagem “like” (gostar ou curtir, em inglês) aparece sobre a foto do perfil aprovado e esse mesmo perfil some da tela, dando espaço para o perfil seguinte. O número de likes gratuitos é limitado. Depois de “gastar” todos os likes, o usuário só pode voltar a aprovar perfis no dia seguinte. Para rejeitar um usuário, o processo é o mesmo, no entanto, é necessário deslizar o dedo pela tela para o lado esquerdo ou apertar em um botão em formato de x, que fica à esquerda. Executada a ação, a mensagem “nope” (não, em inglês) aparece sobre a foto do perfil e ele também desaparece, dando, da mesma forma, espaço ao seguinte. Na página seguinte, uma imagem reproduzida de um site²² e meramente ilustrativa, ajuda a compreender como se dá esse processo de aprovação e rejeição de pretendentes. É

²¹ Disponível em <https://www.vidamoderna.com.br/como-ter-ou-nao-sucesso-no-tinder/>, acesso em 15 de dezembro de 2018

²² Disponível em <http://fortune.com/2017/02/16/tinder-snapchat-wheel/>, acesso em 15 de dezembro de 2018

importante ressaltar que o Tinder não permite que o usuário volte atrás e reconsidere perfis aprovados ou reprovados, a não ser que ele pague por isso (falarei dos serviços pagos em seguida, que oferecem outras muitas possibilidades aos usuários que optarem por investir financeiramente no aplicativo).

Figura 2 - Interface do Tinder



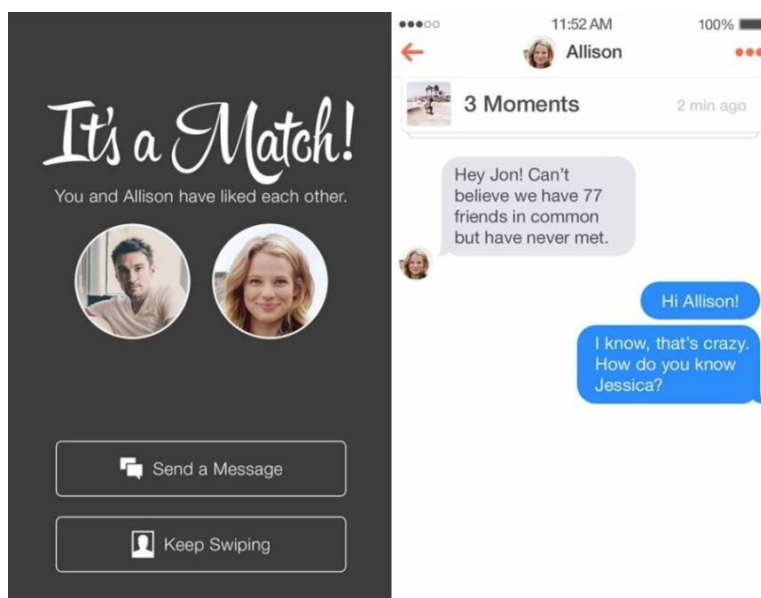
Fonte: Reprodução do site Fortune

Caso o sujeito aprove um perfil e também seja aprovado por ele, estabelece-se uma combinação, que a plataforma anuncia com uma mensagem que diz “It’s a match!²³”. Essa mensagem aparece nas telas de ambos os usuários, de maneira a comunicar os dois de que a aprovação mútua aconteceu e que, a partir disso, ambos podem dar sequência, de forma ampliada, à relação estabelecida anteriormente apenas a partir da avaliação mútua de perfis. Quando o match acontece, abre-se, automaticamente, no Tinder, um espaço de chat privado entre ambos os usuários, que podem optar por conversar ou não e, a partir dessa conversa, fica a cargo de ambos decidirem o que fazer com aquele encontro iniciado on-line. Na página

²³ Em inglês, a expressão “It’s a Match” pode significar algo como “é um jogo”, ou “é uma partida”, no sentido de que, interpretação minha, os usuários podem entrar na disputa um pelo outro a partir do momento em que se interessam um pelo perfil do outro. Mas também é possível pensar no “Match” como uma combinação entre dois usuários, considerando-se que “matching” em inglês, quer dizer algo como “pareamento”. Vou, aqui, pensar mais em termos de combinação do que de disputa.

seguinte, uma imagem meramente ilustrativa e reproduzida de um site²⁴ mostra as telas referentes ao match e ao espaço de bate-papo privado do Tinder. Na conversa entre Jon e Alisson, reproduzida na imagem, eles falam sobre o fato de terem 77 amigos em comum e nunca terem se conhecido antes de se encontrarem no aplicativo. O diálogo faz uma referência clara ao link que conecta as contas do Tinder e do Facebook e que disponibiliza essa informação sobre quem são os amigos em comum na rede social de Mark Zuckerberg.

Figura 3 - Interface do Tinder



Fonte: Reprodução do site The Odyssey Online

De forma geral, com as possibilidades de aprovações ou reprovações simples oferecidas pelo Tinder, o que acontece é que os usuários só sabem que tiveram seus perfis aprovados um pelo outro quando se dá o match. Caso um usuário curta outro, mas não seja curtido de volta, o que foi curtido jamais ficará sabendo que foi aprovado. E aquele que curtiu terá sempre o benefício de não ser exposto em suas intenções e de ficar com a dúvida se o outro o viu ou não no aplicativo, o que faz com que aquele que aprovou o perfil, mas não foi aprovado, não se sinta totalmente rejeitado. Outra especificidade da ferramenta, que tem como base de funcionamento a localização do usuário por meio do GPS do aparelho telefônico, é que, se o usuário esteve em um local determinado, acessou o aplicativo nesse local, enxergou um perfil, gostou dele e o aprovou e, depois, afastou-se desse local, pode acontecer de a pessoa aprovada só acessar o aplicativo quando esse usuário que gostou dela não estiver mais por perto e, portanto, não aparecendo mais entre os perfis possíveis no raio de distância

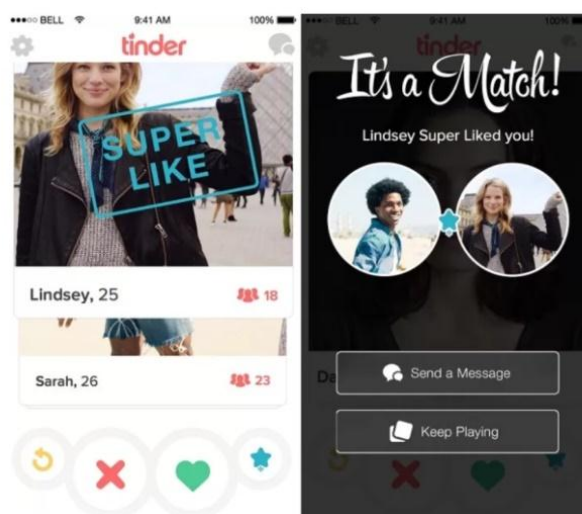
²⁴ Disponível em <https://www.theodysseyonline.com/4-ways-anyone-more-matches-tinder>, acesso em 15 de dezembro de 2018

determinado por ambos. O match, nesse caso, torna-se impossível, a não ser que o usuário que curtiu primeiro volte ao local e, nessa ocasião, seja visto pelo outro no aplicativo ou que esse mesmo sujeito que curtiu o perfil primeiro faça uso de uma ferramenta do Tinder chamada “Superlike” (algo como “supercurtida”, em inglês).

Com o Superlike, que tem uma limitação de uso gratuito, quem teve o perfil aprovado é notificado disso mesmo que não tenha curtido ou mesmo que não tenha visto no aplicativo o perfil do sujeito que o atribuiu um Superlike. Nesse caso, não importa a distância ou o interesse mútuo para que quem recebeu um Superlike saiba que isso aconteceu. E fica por conta desse usuário que recebeu o Superlike aprovar ou não o perfil do outro para que, só a partir da aprovação mútua, aconteça o match e abra-se a janela para a conversa privada. Para usar o Superlike, basta que o usuário clique em uma estrelinha azul que aparece junto aos botões de aprovar ou rejeitar um perfil.

Eu recebi sete Superlikes de mulheres durante meu trabalho de campo. Aprovei todas para que o match fosse possível e fiz contato com elas, via chat, mas, curiosamente, duas não responderam. Penso que ou essas interlocutoras me deram o Superlike sem querer, apertando o botão por engano, ou desativaram a conta antes que pudéssemos conversar – é possível desativar o aplicativo do celular, mas manter o perfil visível na plataforma para não perder os dados e os contatos anteriores caso o usuário deseje voltar. Em seguida, uma imagem ilustrativa retirada de um site²⁵, reproduz um match após um superlike:

Figura 4 - Interface do Tinder



Fonte: Reprodução do site Techtudo

²⁵ Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/10/super-do-tinder-chega-ao-brasil-diga-que-voce-gosta-muito-de-alguem.html>, acesso em 15 de dezembro de 2018

O Tinder oferece ao usuário, de maneira totalmente gratuita, apenas um Superlike ao mês. Mas, mediante pagamento de R\$ 62,99 por mês, o usuário pode assinar o Tinder Plus, que permite o uso de cinco Superlikes por dia, além de liberar a possibilidade de o usuário voltar quantas vezes quiser aos perfis que havia rejeitado. Com isso, é possível aprovar perfis descartados em um primeiro momento e ter uma segunda chance com eles. Na imagem ilustrativa que reproduzo em seguida, retirada de um site²⁶, é possível ver o botão amarelo, que é o que permite voltar aos perfis depois de rejeitá-los, e a mensagem de “oops” (expressão em inglês que quer dizer “opa”) que aparece sobre a foto de um perfil quando ele é reconsiderado:

Figura 5 - Interface do Tinder

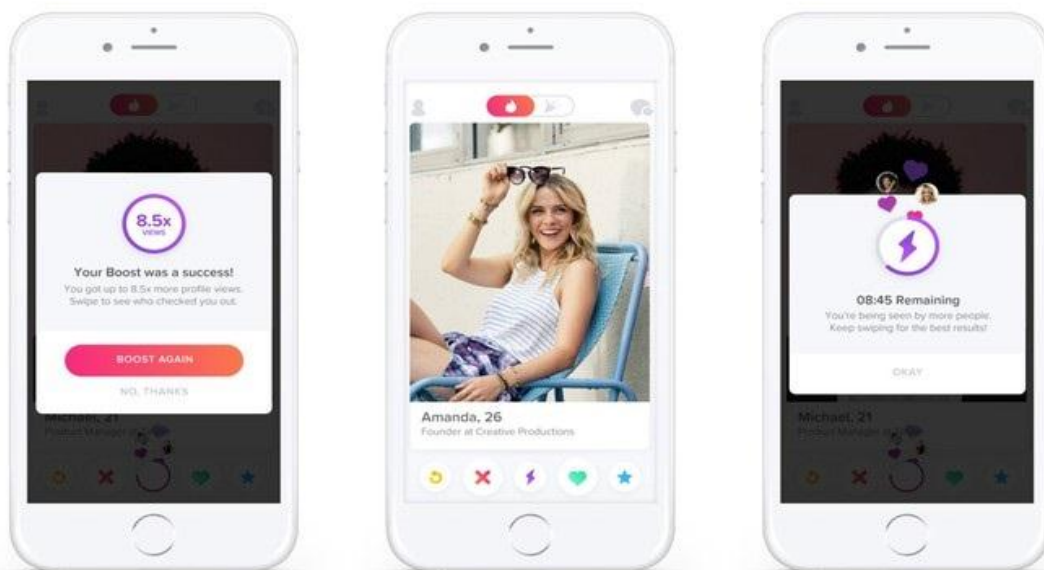


Fonte: Reprodução do site Techtudo

Esse pacote chamado Tinder Plus ainda oferece, pelos mesmos R\$ 62,99 por mês, que o usuário tenha acesso a perfis de pessoas que estão em outros lugares do mundo, desconsiderando a necessidade de proximidade física, além de oferecer um “boost” (“impulso”, em inglês) do perfil por mês. Ou seja, uma vez por mês, o perfil do usuário é “impulsionado” pelo Tinder e aparece mais do que apareceria normalmente para os demais usuários. A imagem ilustrativa que reproduzo em seguida mostra como o usuário pode utilizar a ferramenta para ser visto por mais pessoas no Tinder.

²⁶ Disponível em <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/12/o-que-e-e-como-funciona-o-tinder.html>, acesso em 15 de dezembro de 2018

Figura 6 - Interface do Tinder



Fonte – Reprodução do site Techtudo

Também pagando o mesmo valor, o usuário pode optar por não receber mais anúncios, pode controlar o que será mostrado do seu perfil para as pessoas, pode permitir que seu perfil fique visível no aplicativo apenas para as pessoas que ele curtiu e, além disso, ganha direito a likes ilimitados por dia, ou seja, pode aprovar quantos perfis quiser. Pagando um pouco mais, R\$ 94,99 por mês, o usuário assina o Tinder Gold, que, além de todas as vantagens do Tinder Plus, oferece, ainda, a possibilidade de o usuário ser informado sobre todas as pessoas que curtiram o perfil dele. Ou seja, essa opção retira a obrigatoriedade do match (ou do Superlike) para que o usuário saiba que há alguém interessado nele no aplicativo. Com a informação de quem curtiu o seu perfil, o usuário pode curtir a pessoa também e, assim, estabelecer o match e abrir o canal de conversa privada entre ambos. Durante meu trabalho de campo, não fiz uso de nenhuma dessas ferramentas pagas e reduzi minha experiência no Tinder àquela da qual se pode usufruir gratuitamente, com a intenção de ter a mesma percepção do aplicativo que é experimentada pela maioria de minhas interlocutoras de pesquisa, que não pagam pelas facilidades oferecidas pela ferramenta.

Ainda no que diz respeito aos matches, resultados das aprovações mútuas de perfis, vale ressaltar que todos podem ser desfeitos a qualquer momento por qualquer um dos envolvidos, interrompendo a possibilidade de comunicação entre ambos e apagando a conversa estabelecida entre eles. A comunicação também é interrompida, claro, se um dos dois sair do aplicativo. Mas, nesse caso, a conversa permanece disponível para o usuário que

seguir na plataforma. Essas alternativas que a plataforma oferece para o rompimento de contato entre os usuários fizeram com que eu me utilizasse de reproduções (por meio de prints da tela) de todos os diálogos estabelecidos com minhas interlocutoras no sentido de não perder o que me foi dito em campo. Além disso, me assegurei de que aquelas que estivessem interessadas em seguir contribuindo com a pesquisa me passassem outro canal de comunicação. Primeiramente, pedi que me informassem um e-mail, para não ser muito invasiva, mas muitas me deram, também, seus números de Whatsapp. Minha intenção com isso era de que não perdêssemos totalmente o contato, caso elas desfizessem o match ou saíssem do aplicativo por algum motivo ao longo do meu trabalho de campo. E isso de fato aconteceu, mas com uma incidência maior do que eu imaginava. Poucos meses após o início do meu trabalho de campo, muitas entre as usuárias que se mostraram interessadas na pesquisa não estavam mais no Tinder. E outras disseram que torciam para não estar mais no aplicativo no momento em que eu precisasse contatá-las novamente. Várias usuárias com as quais conversei ao longo de minha inserção em campo se disseram desconfortáveis com o fato de estarem no aplicativo e justificaram esse desconforto com a percepção que têm acerca do preconceito que sofrem por estar em busca de um parceiro. Por incrível que pareça, elas afirmam que comentários de amigos, familiares e mesmo de usuários homens do Tinder dão a entender que elas têm algum tipo de problema por estarem em uma mídia digital em busca de alguém com quem se relacionar, como se essa procura fosse primordialmente masculina, já que os homens ainda têm mais liberdade de agência sobre seus desejos em uma sociedade machista, e como se, por isso, o papel da mulher fosse sempre o de esperar pela iniciativa masculina de aproximação. Por conta dessa carga negativa sobre suas presenças na ferramenta, a maioria delas afirma que espera sair logo do aplicativo. Falarei mais sobre minha inserção em campo e minhas estratégias de negociação em seguida.

Sobre o Tinder e seu alcance, Justin Mateen, cofundador do Tinder, disse em uma entrevista ao Uol²⁷ em abril de 2014, que havia 10 milhões de brasileiros no Tinder e que, deste total, 80% eram solteiros e tinham idades entre de 14 e 35 anos. Outra reportagem, essa publicada pelo site Buzzfeed²⁸ em janeiro de 2017, dizia que a cidade no Brasil com maior número de usuários é São Paulo (SP), que ocupa o segundo lugar em número de usuários no mundo, perdendo apenas para Los Angeles. A segunda cidade em nosso país com maior número de pessoas no Tinder é o Rio de Janeiro (RJ). Além disso, de acordo com a

²⁷ Disponível em <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/23/brasil-tem-10-milhoes-de-usuarios-do-tinder-criador-explica-sucesso-do-app.htm>. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

²⁸ Disponível em https://www.buzzfeed.com/julianakataoka/numeros-tinder?utm_term=.kxY4kzKAZ#.khBjPVn9q. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

publicação, 42% dos usuários são mulheres, 58% são homens e há uma média de 26 milhões de matches por dia, sendo que 7 milhões deles ocorrem no Brasil. Ainda de acordo com a reportagem, o brasileiro tem 7% mais matches que a média global (os homens têm 7,5% mais matches que a média de outros homens no mundo, e as mulheres, 7,4%), os períodos de maior atividade no aplicativo são a hora do almoço (entre meio-dia e 14h), depois do trabalho (entre as 18h e as 21h) e antes de dormir (entre as 21h e a meia-noite). Curiosamente, esses eram os horários em que minhas interlocutoras respondiam com mais calma e atenção. Algumas delas, inclusive, disseram que preferiam acessar o aplicativo à noite, que era o momento em que tinham mais tempo, e não costumavam checá-lo durante o dia, quando estavam na faculdade ou no trabalho. A publicação ainda diz que a data de maior atividade no aplicativo é o Dia dos Namorados e que o uso do aplicativo aumenta na primavera e no verão.

Desde o seu lançamento, em 2012, o Tinder sofreu algumas alterações que vão desde o layout aos pacotes pagos sobre os quais falei anteriormente, passando pelas ferramentas disponíveis e a restrição de acesso de acordo com a idade do usuário. Até 2016, a plataforma permitiu que adolescentes com idades entre 13 e 17 anos tivessem perfis no Tinder, fazendo com que suas contas só fossem direcionadas a pessoas da mesma faixa etária. Mas essa permissão foi revista em 2016, com a intenção de evitar que menores se relacionassem com adultos. Desde então, pessoas que ainda não tenham atingido a maioridade não podem usar o aplicativo. No entanto, na hora de fazer o cadastro no Tinder, é perfeitamente possível inventar qualquer idade para atribuir ao perfil, em um espectro que, agora, parte dos 18 anos e não apresenta limite máximo, mas que permite que a idade não seja informada. Em meu campo, nenhuma das mulheres que aprovaram meu perfil parecia ser menor de idade. A mais nova tinha (ou, pelo menos, dizia ter) 19 anos. As outras reafirmavam as idades apresentadas no perfil ou simplesmente optaram por não dizer quantos anos tinham. Essas últimas, de modo geral, aparentavam, pelas fotos, terem mais de 30 anos.

Embora o Tinder seja muito popular, muitas de minhas interlocutoras disseram que passavam dias sem acessar o aplicativo, o que parece denotar um certo desânimo dessas mulheres, que afirmaram, também, já não ter muitas expectativas nem muita paciência com a plataforma. Esse comportamento desestimulado, acredito, tem relação direta com o fato de que, segundo minhas pesquisadas, os homens só estão interessados em sexo no Tinder e de que elas se sentem, umas mais e outras menos, estigmatizadas por usarem o aplicativo, assunto sobre o qual falarei no segundo capítulo desta dissertação.

Ainda de acordo com minhas interlocutoras, muitas pessoas casadas ou que estão em um namoro, noivado ou em outros tipos de relacionamentos convencionados monogâmicos

pela sociedade também têm perfis no aplicativo. Para elas, esse era um dos motivos mais consideráveis no impedimento do estabelecimento de novos relacionamentos por meio da plataforma. Há que se considerar que alguns desses homens comprometidos podem estar em um relacionamento aberto ou terem começado uma relação recentemente e ainda não terem apagado a conta no aplicativo ou, ainda, pode ser que estejam no aplicativo, mas não sejam ativos nele. Esses motivos, no entanto, não são objeto dessa pesquisa.

Ainda sobre haver pessoas que não são solteiras fazendo uso de um aplicativo que tem como premissa unir os usuários em novos relacionamentos, um porta-voz do Tinder disse, em fevereiro de 2014, em entrevista ao jornal Guardian²⁹, que a plataforma nunca pretendeu ser um espaço de encontros românticos, mas, sim, uma ferramenta de “descoberta social, facilitando uma introdução entre duas pessoas”. Ainda de acordo com a publicação, ele acrescentou que a empresa estava se “movendo para contemplar diferentes usos, fazendo pequenas coisas que permitirão que as pessoas interajam socialmente (no aplicativo) de outros modos do que apenas namorando ou ‘ficando’”. Quatro anos depois, o aplicativo parece não ter mudado em nada seu propósito de proporcionar encontros da ordem dos relacionamentos sexuais e/ou afetivos. Ao menos não para as usuárias de Santa Maria que foram entrevistadas para essa dissertação.

1.5 A ETNOGRAFIA: O MÉTODO E SEUS DESAFIOS

Com mais de 16 bilhões de interações diárias ao redor do mundo inteiro, o Tinder é, hoje, o mais popular entre os aplicativos de relacionamentos para celular. Independentemente de qual uso as pessoas cadastradas na plataforma fazem dela, o fato é que o Tinder tem um grande alcance e, atualmente, mobiliza milhões de pessoas ao redor do planeta, sendo um elemento chave na reconfiguração das formas por meio das quais se estabelecem conexões interpessoais. E foi diante dessa relevância transformadora que o aplicativo tem na vida de muitas pessoas e em suas maneiras de se relacionarem umas com as outras, incluindo, aqui, os usos diversos dessa mesma tecnologia, que surgiu a ideia desta pesquisa: investigar a busca feminina por relacionamentos no aplicativo para smartphones Tinder.

Para que a realização do estudo fosse possível, o método qualitativo, por meio de um empreendimento etnográfico, foi o escolhido. Segundo Riutort (2008, p.137), “os métodos qualitativos consistem na produção de conhecimento a partir do encontro do pesquisador com

²⁹ Disponível em <https://www.theguardian.com/technology/2014/feb/24/tinder-dating-app-social-networks>. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

o objeto estudado. Eles acontecem por meio de observação direta, participativa, e de entrevistas”. Partindo disso e para conseguir atingir os objetivos propostos nesse trabalho, foi fundamental optar pelo desenvolvimento de uma etnografia, que foi feita a partir da observação participante no aplicativo e de entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, entre outubro de 2017 e dezembro de 2018.

Para Fonseca (1999, p.58), a etnografia “é, de certa forma, o protótipo do ‘qualitativo’. Sua ênfase no cotidiano e no subjetivo parece uma técnica ao alcance de praticamente todo mundo, uma técnica investigativa, enfim, inteligível”. Aberto a inúmeras possibilidades de interações e descobertas em campo, a etnografia se mostra como uma abordagem que lança mão de uma série de técnicas de pesquisa e oferece, portanto, uma liberdade maior para que o pesquisador atue diante de seus objetos e, também, no momento de construir e publicar o resultado obtido ao longo do trabalho de campo. Para Hine (2015, p1.), a etnografia é o que nos permite alcançar o âmago do significado daquilo que se está investigando, é que nos ajuda a compreender, em profundidade, os sentidos que as pessoas atribuem à própria vida. No entanto, como alerta Fonseca (1999), é preciso ter sempre em mente, no percurso da reflexão epistemológica a que o pesquisador se propõe, que se está diante de uma metodologia que “faz parte das ciências sociais e exige o enquadramento social (político, histórico) do comportamento humano” (FONSECA, 1999, p. 62). Quando olhamos para o campo, conforme diz Cardoso de Oliveira (1996), precisamos estar influenciados pelo nosso itinerário acadêmico e pelas matérias que estudamos e que são transformadoras da maneira como a realidade é observada pelo pesquisador.

Trago isso para essa discussão porque, com um tema como a busca por relacionamentos em um aplicativo, o desenvolvimento da pesquisa pode, facilmente, ganhar contornos de abordagens confessionais e terapêuticas, sobretudo nas entrevistas com as interlocutoras desse trabalho que, não raro, aproveitam-se de meu interesse sobre como se sentem em relação a determinados assuntos e aspectos ligados ao uso do Tinder para desabafarem sobre a vida anterior à entrada no aplicativo e as alegrias e decepções que enfrentaram ao longo de suas vidas afetivas, entrando em um processo emocional que tangencia o objetivo primeiro desta pesquisa. Minha intenção, com o relato etnográfico, não foi entrar nos pormenores individualizados de minhas interlocutoras, mas, sim, situá-las, a partir de seus depoimentos, em um contexto histórico e social e, assim, fazer esse movimento interpretativo que vai do particular ao geral (Fonseca, 1999) para compreender com mais

clareza como a busca dessas mulheres por um relacionamento com um homem no Tinder se reflete em suas sociabilidades.

Ainda no que diz respeito ao ofício do etnólogo, Magnani (2009) nos ajuda a pensar que a etnografia é um recurso metodológico que nos permite estar em campo, no universo dos pesquisados, para compartilhar seu horizonte e, em uma relação de troca, “comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente”. Ainda conforme o autor, é “esse insight, uma forma de aproximação própria da abordagem etnográfica que produz um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outros métodos” (MAGNANI, 2009, p.135). Minhas interlocutoras têm várias teorias sobre o uso do Tinder, sobre os encontros que podem ser estabelecidos ou não por meio do aplicativo, sobre os preconceitos relacionados à liberdade de exercer a sexualidade feminina que ainda se fazem presentes no imaginário das pessoas, sobre por quais motivos sentem medo e o que é motivo de temor e sobre o papel da mídia nesse contexto todo.

Partindo da perspectiva de Cardoso de Oliveira (1996, p.21), que nos ensina que “trocando ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante”, optei, não fortuitamente, por estabelecer uma troca com minhas interlocutoras a cada incursão em campo. Sem receio de estar contaminando (Oliveira, 1996) minhas entrevistadas com elementos do meu próprio discurso, estabeleci uma relação que me oportunizou ter acesso a diferentes percepções dessas mulheres, sem as quais, esta dissertação, obviamente, não seria possível.

Mas, para que seja possível ter esse tipo de insight que conduz o pesquisador pelo caminho de realizar uma etnografia, é preciso estar atento aos rigores epistemológicos que o método exige. Essa vigilância epistemológica é fundamental para tratar as ferramentas de produção científica com atenção e destreza. Olhar, ouvir e escrever, como diz Cardoso de Oliveira (1996), podem parecer – e são – atitudes familiares, triviais, ordinárias e cotidianas. Mas, quando o que se quer é produzir conhecimento por meio do método etnográfico, é necessário problematizá-las a ponto de notar que “essas ‘faculdades’ ou, melhor dizendo, esses ‘atos cognitivos’ delas decorrentes, assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais que logramos construir o nosso saber” (OLIVEIRA, 1996, p. 15).

Eis aí um dos grandes desafios do empreendimento etnográfico: estar atento ao rigor epistêmico próprio do fazer científico e se permitir vivenciar as trocas do trabalho de campo

que se presta, a todo momento, a estimular o aparecimento de subjetividades, de emoções, de juízos de valores, de impressões e interpretações que precisam permear o resultado do levantamento de dados, já que são inerentes ao método. Porém, não se pode deixar que influenciem de maneira distorcida no resultado da pesquisa. Conforme Fonseca (1999), “por envolver em geral um número pequeno de informantes e por insistir na importância do contato pessoal do antropólogo com seu ‘objeto’, o método etnográfico propicia, sim, o estudo da subjetividade”, mas não se pode levar em consideração, e neste trabalho há um esforço epistemológico nesse sentido, aspectos psicológicos individuais. Como diz a autora, os sentimentos e emoções que são a matéria-prima dessa subjetividade nos devem colocar diante de ritos sociais que fazem parte do vasto leque de experiências dos sujeitos e que servem como educação sentimental dos envolvidos. Mas antes de entrar especificamente nas subjetividades inerentes à produção de dados e à apresentação dos resultados, é preciso entender que o fazer etnográfico, conforme ensina Geertz, não é apenas uma questão de método, mas, sim, de combinar diferentes técnicas de pesquisa:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são essas coisas e os procedimentos determinados que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15-17).

A descrição densa a que o autor se refere compreende, para além de observar os comportamentos daqueles que são pesquisados, compreender os significados de seus atos e, com isso, partir para as interpretações inerentes do ofício etnográfico e produzir conhecimento tendo como base a relação dessas interpretações com as teorias. Para que esse resultado seja alcançado, é preciso que o antropólogo empreenda um esforço que requer atenção, disciplina e rigor epistemológico, mas também exige que ele se permita pesquisar não o ambiente, mas no ambiente, abrindo, assim, espaço para ser perpassado pelas impressões e pelos subjetivismos do campo. Sobre isso, Geertz afirma que:

A minha própria posição tem sido tentar resistir ao subjetivismo, de um lado, e ao cabalismo, do outro, tentar manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, o mundo público da vida comum, e organizá-las de tal forma que as conexões entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas não sejam obscurecidas por apelos às ciências negras (mágicas). Nunca me impressionei com o argumento de que, como é impossível uma objetividade completa nesses assuntos (o que de fato ocorre), é melhor deixar os sentimentos levarem a melhor (GEERTZ, 1989, p. 40).

Para mim, que sou jornalista e que, há 12 anos, trabalho diariamente com a produção, apuração e redação de notícias jornalísticas e vivo rotineiramente sob a cruz da imparcialidade

e a espada do distanciamento, é um desafio me permitir vivenciar as subjetividades de um trabalho de campo etnográfico. No exato momento em que um repórter recebe a pauta do editor e pega o primeiro bloquinho e a primeira caneta para ir até o local onde os fatos a serem noticiados estão se desenrolando, o fantasma da credibilidade passa a rondar seus processos e vai acompanhá-lo desde a apuração até, invariavelmente, a escrita. Mesmo diante dessa diferença gritante entre os dois ofícios (que inclui, ainda, o diálogo com a teoria imprescindível para o desafio de fazer ciência), quando comecei a entender quais eram as premissas do trabalho do etnógrafo, passei a enxergar nele muitas semelhanças com as rotinas produtivas de minha profissão. Como o etnógrafo, o repórter precisa, de preferência, ir a campo, precisa entrevistar as pessoas, precisa conquistar a confiança de informantes, precisa ter jogo de cintura para se inserir nos grupos sobre os quais deseja fazer uma reportagem, precisa observar, precisa ouvir, precisa perguntar, precisa compreender e precisa, depois de tudo isso, apresentar os dados coletados à audiência do veículo para o qual trabalha. Porém, como dissemos, o repórter precisa manter um distanciamento rígido das fontes e no texto. Não deve se expor, não deve, salvo raríssimas exceções, falar de si, não deve fazer interpretações acerca do que apura. Deve, apenas, reportar, com a maior objetividade possível, o que descobriu.

Essas semelhanças permeadas pela rigidez da produção noticiosa que me acompanha há mais de uma década, todos os dias, inclusive em muitos fins de semana e feriados, influenciaram-me diretamente quando em minha inserção ao campo. Com os preceitos da prática jornalísticas enraizados em mim, tive uma dificuldade maior de me libertar de minhas amarras para conversar com aquelas mulheres que, em muitos de nossos contatos, queriam desabafar, queriam ser ouvidas, compreendidas, solicitavam, por meio de suas falas sobre experiências dolorosas e felizes, que eu ofertasse empatia e simpatia. E eu perdia o reboledo diante do tom confessional de nossas conversas e ficava tensa quando elas tangenciavam minhas perguntas. Em vez de procurar mais e novos sinais nesses tangenciamentos, eu me esforçava, como se faz com entrevistados no trato jornalístico (em especial quando se trata de políticos, que adoram tergiversar), fazê-las retomarem o ponto necessário.

Quando me dei conta do que estava acontecendo, passei, então, a fazer um esforço ainda maior para conseguir desempenhar meu trabalho de pesquisa de maneira eficiente. Para tanto, passei a ter como premissa o que diz Fonseca (1999), quando afirma que a subjetividade do autor/pesquisador é assumida como um componente essencial da análise. A autora cita, como exemplo desses enfrentamentos em campo, o caso de um jovem etnógrafo que tinha como fonte apenas uma pessoa e, com o decorrer dos contatos, essa fonte passou a

fazer relatos durante os quais se emocionava com facilidade. Preocupado em manter o distanciamento, ele passou a usar de um tom mais seco nas visitas, para não perder o controle da situação e dos rumos do trabalho. Porém, esse distanciamento levou o pesquisador a deixar de aproveitar as informações presentes naquela intimidade e, com isso, abriu mão de levar para o resultado da pesquisa um viés que poderia enriquecer grandemente o resultado final obtido. Com esse exemplo sempre rondando meu processo em campo e preocupada em não deixar que essa minha vigilância jornalística me impedisse de estabelecer uma relação mais profunda com minhas interlocutoras, arrisquei-me no caminho contrário ao desse rapaz citado por Fonseca. Sobretudo porque minha proposta de pesquisa já dizia respeito ao âmbito íntimo e privado daquelas mulheres a quem estava entrevistando. Uma de minhas interlocutoras, inclusive, quando começamos nossa conversa, pediu-me muitas informações sobre quem eu era. Ela queria me conhecer melhor porque, nas palavras dela, provavelmente eu a faria perguntas muito íntimas e, por isso, ela preferia saber mais sobre mim antes de se abrir comigo.

A necessidade de reavaliar meu processo em campo também ficou evidente para mim quando me vi diante de questões que, para minha ingenuidade de pesquisadora ainda inexperiente e para minha praticidade jornalística latente, pareciam muito objetivas, como “por que você decidiu usar o Tinder?”, e para a qual eu esperava respostas do tipo: “para encontrar um amor ou para encontrar sexo”. Mas minhas interlocutoras se puseram a falar sobre muito mais coisas e que eram bem mais profundas. Contaram-me como havia sido a vida antes da entrada no aplicativo, os relacionamentos complicados (e também os felizes) que viveram e que tiveram início pelas vias “normais”, as dificuldades de conseguir encontrar um parceiro atualmente, em meio a rotinas muito atarefadas, o cansaço diante de todo o ritual que é se arrumar para ir a uma festa para conhecer alguém e da frustração de voltar para casa sozinha, a falta de paciência com homens sem iniciativas em bares e casas noturnas, os detalhes dos relacionamentos abusivos vividos antes mesmo de a tecnologia ser inventada, as dores e o sofrimento de ser vítima de violência doméstica, os casamentos que não deram certo, o vazio que ficou depois que os filhos foram embora e a solidão de morar em uma cidade universitária, vivenciando as pressões acadêmicas longe dos amigos e da família, entre muitos outros relatos nesse mesmo sentido.

Diante de tudo isso, minha opção foi de manter a objetividade e o distanciamento necessários para o desenvolvimento do meu trabalho, mas não a ponto de fazer com que aquelas mulheres não se sentissem ouvidas e acolhidas por mim em suas dores e em suas alegrias. Entendi, com o passar do tempo e com as muitas conversas que se sucederam entre

nós, que eu não poderia seguir esse caminho de reflexão com elas sem me doar um pouco também. Elas queriam saber o que eu pensava e respondiam minhas questões de maneira mais aprofundada e desenvolta quando eu também falava sobre como enxergava algumas coisas. A saída que tentei exercitar, portanto, e que me exigiu vigilância constante, foi a de assumir uma postura compreensiva e empática, sem, no entanto, deixar que meu papel nessa relação deixasse de ser o de pesquisadora, o que exigiu uma negociação permanente de minha identidade no campo durante minha interação com as minhas interlocutoras.

Esse exercício de conectar-se intimamente mantendo distanciamento, de abrir-se ao relato do outro, de permitir-se, mas reforçando eventualmente o lugar de escuta, e de redirecionar o diálogo sem deixar de prestar atenção ao que algo tangente ao assunto em questão pode querer comunicar, eu acredito, foi-me muito útil durante minhas negociações em campo, algo que é tão comum nas atividades de um pesquisador, conforme nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira:

Quando o antropólogo faz a pesquisa de campo ele tem que negociar sua identidade e sua inserção na comunidade, fazendo com que sua permanência no campo e seus diálogos com os atores sejam, por definição, consentidos. Entretanto, o antropólogo sempre tem mais de uma identidade no campo. Pois, só um pesquisador com graves problemas psicológicos, talvez só mesmo um perverso desses que existem apenas no mundo ficcional poderia relacionar-se com os atores apenas como sujeito de conhecimento durante todo o tempo. Uma vez no campo, o antropólogo também se relaciona com os nativos enquanto ator, e frequentemente participa do modo de vida do grupo estudado ou compartilha experiências com seus interlocutores. A implicação disto é que, assim como nós temos uma identidade dominante na nossa sociedade, mas às vezes acionamos ou privilegiamos dimensões menos abrangentes dessa identidade em nossas interações cotidianas, nas interações que desenvolvemos no campo também assumimos mais de um papel e atualizamos mais de uma identidade. (OLIVEIRA, 2004, p. 34).

Esse percurso metodológico que me exigiu um modo diferente de me comunicar com minhas interlocutoras em relação ao padrão ao qual eu estava habituada também me fez pensar no que diz Lévi-Strauss (2003, p.29), em sua Introdução à obra de Marcel Mauss, quando afirma que “o problema etnológico é, portanto, em última análise, um problema de comunicação”. Nesse jogo de subjetivação que tem como base primeira o diálogo, a observação e a escuta, é preciso ter serenidade para enfrentar as ações e reações do outro, olhando para dentro e para o que se passa no exterior, vivenciando a experiência com a mente e o coração abertos, mas sem perder de vista que é necessário ter objetividade diante do que se quer apreender. Ainda sobre isso e sobre os pormenores da pesquisa de Mauss que envolvia perspectivas mágicas e religiosas e a noção de pensamento inconsciente, Lévi-Strauss aponta que:

Assim, a apreensão (que só pode ser objetiva) das formas inconscientes da atividade do espírito conduz do mesmo modo à subjetivação; pois, em última instância, é uma

operação do mesmo tipo que, na psicanálise, nos permite reconquistar nosso eu mais estranho e, na investigação etnológica, nos dá acesso ao eu mais estranho dos outros como um outro nós. Em ambos os casos, é o mesmo problema que se coloca, o de uma comunicação buscada, ora entre um eu subjetivo e um eu objetivante, ora entre um eu objetivo e um outro subjetivado. E, também nos dois casos, a busca mais rigorosamente positiva dos itinerários inconscientes desse encontro, traçados de uma vez por todas na estrutura inata do espírito humano e na história particular e irreversível dos indivíduos e ou dos grupos, é a condição do sucesso (LÉVI-STRAUSS, 2003, p.29).

Nesses itinerários que o encontro entre pesquisador e pesquisado traça, é preciso, portanto, estar atento ao que se diz, ao que não se diz e às maneiras como se comportam todos os envolvidos na construção de uma pesquisa. Isso porque, como bem define Da Matta (1978), “a Antropologia Social é uma disciplina da comutação e da mediação” e, neste trabalho, assim como em outros empreendimentos etnográficos, é preciso desenvolver habilidades que nos são ensinadas pela disciplina, mas, “de modo artesanal e paciente, dependendo essencialmente de humores, temperamentos, fobias e todos os outros ingredientes das pessoas e do contato humano” (DA MATTA, 1978, p.3). Logo em meus primeiros contatos com minhas interlocutoras e pesquisa, vi-me diante dessa realidade do ofício do etnógrafo, como o sujeito que, motivado pela produção de conhecimento, precisa ter serenidade e jogo de cintura para ir além no trabalho de campo e conseguir aproveitar e interpretar os conteúdos que estão explícitos e implícitos nos discursos dos interlocutores, sem perder de vista que se está trabalhando com seres humanos com vontades, desejos e intencionalidades próprias. Um dos aspectos do meu campo que me fez pensar sobre isso foi o questionamento, de um professor do mestrado e de um grande amigo que é expert em usar o Tinder, sobre o que me levava a crer que minhas pesquisadas estavam falando a verdade para mim enquanto eu as entrevistava. Falarei mais sobre entrevista em seguida, mas, por agora, creio ser necessário dizer que, de fato, eu não sei se elas estavam falando a verdade sem exageros ou romantizações o tempo todo, mas, para mim, era fundamental acreditar nelas. Além disso, eu sentia que o que elas diziam era sincero na maior parte do tempo. E, em muitos casos, acreditei mais em algumas do que em outras, tive simpatia mais por umas do que por outras, achei algumas mais espontâneas do que outras, quis conversar mais com algumas do que com outras, compreendi a algumas mais do que a outras, desenvolvi o assunto mais com algumas do que com outras. E essa interpretação acerca da sinceridade, essa identificação com as interlocutoras, a fluidez maior de alguns contatos em relação a outros leva a um aspecto mais subjetivo da disciplina e ao anthropological blues, sobre o qual Da Matta escreve lindamente:

Por *anthropological blues* se quer cobrir e descobrir, de um modo mais sistemático, os aspectos interpretativos do ofício de etnólogo. Trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos extraordinários ou carismáticos, sempre prontos a emergir de qualquer relacionamento humano (DA MATTA, 1978, p. 4).

O autor nos ajuda a compreender com clareza e naturalidade as emoções que tomam conta do pesquisador e dos interlocutores de pesquisa durante o trabalho de campo. E elas são várias. A mim, ocorreram muitas, mas uma delas foi muito semelhante à que Da Matta descreve ter sentido quando conseguiu compreender como operava a regra de amizade formalizada entre os índios Apinayé, estudados por ele em 1970. Sentindo-se realizado com sua descoberta, ele teve um desejo imenso de compartilhar isso com alguém, mas, por perto, só havia dois indiozinhos e uma lua amarela com quem dividir a solidão e o segredo daquela vitória. Quando eu criei meu perfil no Tinder (vou falar sobre como foi esse processo em seguida), não tinha grande esperança de que houvesse muitas mulheres no aplicativo interessadas em fazer, comigo, uma reflexão sobre a plataforma. Mas, em poucos minutos, uma delas aceitou. Logo em seguida, a segunda também aceitou, e, pouco depois, a terceira, a quarta, a quinta e assim por diante. Em três dias, eram 35 interessadas. A maioria delas trazia respostas que confirmavam uma de minhas hipóteses e muitas delas me abasteciam de informações surpreendentes que me estimulavam muito a seguir minha investigação e que me traziam novas ideias e perspectivas para a pesquisa. Mais do que isso, muitas delas se mostravam realmente dispostas a contribuir e curiosas com os resultados que meu trabalho traria. Isso me proporcionou uma alegria imensa, uma realização fundamental para que permanecesse firme e acreditando que tudo daria certo. Sem conseguir me conter, mandei mensagens para meu orientador relatando meu pequeno sucesso em campo, compartilhei com meu companheiro de vida minha empolgação pelo retorno estimulante do início da incursão, liguei para a minha mãe, comentei com meus amigos. Mas, embora todos compreendessem do que eu estava falando, a dimensão que esse retorno de minhas interlocutoras tinha para mim e para os desdobramentos de minha pesquisa só fazia sentido de maneira completa do meu ponto de vista, porque era eu quem vivenciava essas experiências do campo. Viver essa troca intensa com os interlocutores de pesquisa, sentir esse desejo de compartilhar descobertas e, ao mesmo tempo, entender a solidão inerente ao processo de pesquisa faz parte da rotina do etnógrafo o tempo todo.

De qualquer forma, nesse processo de convivência e isolamento, não se pode deixar de refletir sobre os resultados do trabalho etnográfico que são, invariavelmente, permeados pelas emoções e ter em mente que não há nada errado nisso, desde que se mantenham os limites

éticos que o trabalho do pesquisador exige e que o etnólogo tenha em mente o que aprendeu em seu percurso acadêmico. Precisamos estar abertos e atentos aos preceitos da disciplina e aos imprevistos que nos arrebatam no caminho porque, como diz Da Matta, “é como se na escola graduada tivessem nos ensinado tudo (...) e jamais tivessem nos prevenido que a situação etnográfica não é realizada em um vazio e que, tanto lá, quanto aqui, se pode ouvir os *anthropological blues!*”.

Todas essas emoções, em uma etnografia como a que me propus a fazer, em um aplicativo de relacionamentos para smartphones parecem muito intensas nos contatos via chat com as interlocutoras de pesquisa, mas também se fazem presentes na observação participante, que é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho etnográfico. Vale considerar aqui, conforme bem lembra Cardoso de Oliveira (1996), que a observação participante talvez seja a responsável por caracterizar o trabalho de campo na antropologia e o que a diferencie de outras disciplinas das ciências sociais. E, ainda conforme lembra o autor, embora o método tenha sido desenvolvido e aprimorado em sociedades muito diversas daquela em que vivia o pesquisador, pode perfeitamente ser aplicado a contextos urbanos ou rurais da sociedade do antropólogo. Acrescento a isso que, de maneira mais recente, a observação participante é absolutamente possível na esfera on-line, conforme se propõe essa dissertação. Falarei mais adiante, de maneira específica, sobre etnografia em ambientes virtuais, mas, por hora, é importante entender que, na observação participante, é importante estar lá, para compreender os comportamentos do local onde eles acontecem. Por isso, estar no Tinder, fazer uso da ferramenta, entender seus pormenores e ouvir o que tinham a dizer as usuárias do aplicativo foi fundamental para compreender as sociabilidades que se fazem presentes nesse espaço e, depois, escrever sobre elas. Como ensina Oliveira (1996, p.31) “essa vivência – só assegurada pela observação participante ‘estando lá’ – passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico”.

O Tinder é um aplicativo que tem interações limitadas quando se pensa nele para além do chat. O que se podia fazer, inicialmente, além de estabelecer conversas com outros usuários, era observar perfis e aprová-los ou rejeitá-los. Em 2018, houve uma atualização, e o Tinder passou a oferecer um feed de novidades sobre as pessoas com as quais o usuário deu “match”, ou seja, as pessoas cujos perfis ele aprovou e que também aprovaram o perfil dele. Falarei de maneira mais detalhada sobre as funcionalidades e a interface do aplicativo em seguida, mas, nesse momento, para fins de esclarecimento, considero importante essa pincelada inicial para que seja possível justificar por quais motivos o campo me parecia bastante limitado em um primeiro momento, em termos de possibilidades de observação.

Partindo também do entendimento de Fonseca (1999), que diz que “é no intuito de descobrir a relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social que os etnógrafos abraçam a observação participante – para tentar dar conta da totalidade do sistema”, no decorrer do tempo de investigação e com a familiarização do aplicativo, consegui perceber que havia muitas coisas a serem observadas ali, além do muito que me era dito inbox: como essas mulheres se apresentavam, que tipo de fotos escolhiam para seus perfis, quais descrições faziam de si, o que diziam sobre expectativas com relação a um parceiro em potencial e, inclusive, os perfis de homens que apareceram para mim durante meu campo, apesar de eu ter optado, quando criei meu perfil na rede social, por ver apenas mulheres no aplicativo. Tudo isso, além de o aplicativo ter essa interface aparentemente mais limitada, era muito significativo e me ajudou a ter uma compreensão melhor do que se passava e do que se passa no Tinder. Sobre esse papel fundamental da observação participante, Boellstorff (2012, p.55) vai acrescentar que a contribuição metodológica da observação participante é o que provê, para além das entrevistas, que oferecem representações sociais de práticas, insights de práticas e significados aos etnógrafos. Além disso, é por meio desse recurso metodológico que o pesquisador consegue presenciar conversas enquanto elas ocorrem, mas também atividades, incorporações, movimentos de pensamentos e construir ambientes.

Embora não seja aqui minha intenção entrar em análises semióticas das fotos, tampouco em análises de discurso das descrições de si de minhas interlocutoras e de outros usuários com os quais não obtive combinações, esses elementos, somados às informações que me foram repassadas por meio das conversas via chat, parecem-me fundamentais para compreender o aplicativo como um todo. Inclusive o próprio chat é revelador de como podem ocorrer as conversas no Tinder e de como minhas interlocutoras fazem uso dele, não só no que diz respeito à escrita de forma geral, mas aos horários que reservam para conversar com outras pessoas pelo aplicativo e o esforço que a ferramenta exige para que seus usuários digitem e estabeleçam conexões uns com os outros. Falarei sobre tudo isso de maneira mais pormenorizada quando detalhar o funcionamento da plataforma.

Outro recurso metodológico que se fez essencial para o desenvolvimento desta pesquisa foi a entrevista. Como jornalista, aprimorei, ao longo dos anos de profissão, diferentes técnicas e abordagens que tinham como premissa inquirir minhas fontes. Embora o método não me seja estranho e faça parte de minha rotina produtiva em um jornal diário há 12 anos, quando se está diante de uma investigação científica com o objetivo de produzir conhecimento, é preciso estar atento a algumas peculiaridades. Como argumenta Cardoso de Oliveira (1996), fazer perguntas em busca de respostas pontuais cria um campo ilusório de

interação. De modo geral, é isso o que o jornalismo faz: perguntas diretas em busca de respostas específicas e claras. No entanto, aqui e em todos os empreendimentos etnográficos, é preciso que o pesquisador estabeleça diálogos com seus interlocutores, que não sejam eles apenas informantes, mas que sejam, também protagonistas na produção do conhecimento:

A rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante o etnólogo não cria condições de efetivo "diálogo". A relação não é dialógica. Ao passo que, transformando esse informante em "interlocutor", uma nova modalidade de relacionamento pode (e deve) ter lugar. Essa relação dialógica, cujas consequências epistemológicas, todavia, não cabem aqui desenvolver, guarda pelo menos uma grande superioridade sobre os procedimentos tradicionais de entrevista. Faz com que os horizontes semânticos em confronto – o do pesquisador e o do nativo – se abram um ao outro, de maneira a transformar um tal "confronto" num verdadeiro "encontro etnográfico" (OLIVEIRA, 1996, p. 20).

Quando se está fazendo uma entrevista, independentemente de qual seja o interesse final da conversa, é preciso manter o foco no que se quer saber, mas nada me parece mais importante do que estar atento ao que o outro diz. É na fala de quem responde que estão as possibilidades de novas perguntas e de novas descobertas impensadas quando da elaboração dos questionamentos. Uma resposta pode mudar todo o rumo do que se pensou inicialmente tanto para uma pauta jornalística quanto para uma pesquisa científica de caráter etnográfico. O que a fonte, o interlocutor, o entrevistado tem a dizer ou mesmo o que ele tenta claramente esconder podem derrubar pautas ou hipóteses, criar novas reportagens ou novas teorias. Por isso, em campo, é preciso estar aberto ao surpreendente.

Minha experiência em campo mostrou que só a partir do estabelecimento de um diálogo seria possível inserir-me no universo de percepções daquelas mulheres, as quais eu convidava a refletirem sobre sua presença no Tinder e que, de forma geral, começavam a falar timidamente, mas iam se mostrando mais abertas a revelarem suas percepções quanto mais eu também avaliava o cenário sobre o qual falávamos. Ao passo que mantinha uma vigilância epistemológica constante para não influenciar as respostas de minhas interlocutoras de modo a não atrapalhar o andamento e os resultados do trabalho, também me permiti falar, opinar e relativizar com elas as vivências e percepções que generosamente dividiram comigo.

Mas, diante dessa identificação fundamental para a realização do trabalho de campo, das emoções compartilhadas e das informações divididas, outro exercício de vigilância epistemológica se fez necessário. Precisei me manter atenta o tempo todo ao que diz Fonseca (1999) sobre as tentativas dos entrevistados de ajustarem sua narrativa às experiências do pesquisador e, assim, tecerem “seus exageros: para entreter seu interlocutor tanto quanto para manipulá-lo”. Nesse sentido, percebi o que pareceram ser incoerências nos discursos de

minhas interlocutoras. Uma delas, por exemplo, disse de maneira muito enfática que preferia que os encontros com homens que conhecia pelo Tinder ocorressem em lugares públicos, porque tinha medo de estar diante de um psicopata, um sujeito perigoso, um criminoso em potencial. Mas, em seguida, com o decorrer da conversa, admitiu que chegou a receber desconhecidos em casa e que foi até a casa de desconhecidos também e que, só depois, pensou que era louca por fazer isso e que havia corrido um risco imenso ficar sozinha com aqueles homens, em lugares que não conhecia. Ou seja, o discurso não era coerente com o que ela fazia, de fato, diante da possibilidade de um encontro. Ela parecia querer corroborar a hipótese do medo da violência que assola a maioria das mulheres consultadas no decorrer do trabalho de campo, reforçando o temor relacionado à figura do criminoso do outro lado da tela, mas, ao mesmo tempo, admitiu que tinha um comportamento diferente daquele que descreveu inicialmente. Meu desafio, depois dessa fase inicial de contato via aplicativo, passou a ser a observação desses indícios pessoalmente, quando dos encontros com minhas interlocutoras para a aplicação de entrevistas semiestruturadas e de profundidade. Essas negociações e trocas que permeiam o campo, juntamente com as percepções e interpretações inerentes ao trabalho etnográfico são fundamentais para o processo de escrita que, ao final do levantamento de dados, precisa trazer relatos coerentes do que foi visto e vivido em campo. Por isso, Boellstorff (2012) defende a relevância da observação participante durante o trabalho de campo:

Mas os etnógrafos combinam métodos de elucidação (como entrevistas e grupos focais) com a observação participante, que [...] nos permite estudar as diferenças entre o que as pessoas dizem que fazem e o que fazem. [...] Naturalmente, as pessoas muitas vezes podem ser intérpretes eloquentes de suas culturas; por isso, as entrevistas devem fazer parte de qualquer projeto etnográfico (BOELLSTORFF, 2012, p.54).

Peirano (2014) afirma que boas etnografias consideram o contexto, levam para o texto o que foi vivo e intenso no campo e transformam a experiência em escrita, detectando a eficácia social das ações de forma analítica. Nesta etapa da pesquisa, bem como durante minhas entrevistas, também encontro semelhanças e diferenças intensas entre o trabalho de um repórter e o de um etnógrafo. Uma boa reportagem, como uma boa etnografia, leva para o leitor o que foi visto, ouvido, apurado, descreve lugares, cheiros, barulhos, emoções, comportamentos e reações, dá voz aos informantes, ouve especialistas e busca recorrências. Mas uma reportagem não tem o que é essencial para uma escrita etnográfica: a base teórica necessária para produzir novos conhecimentos. Segundo Geertz (1989, p.37), “as ideias

teóricas não aparecem novas a cada estudo; como já disse, elas são adotadas de outros estudos relacionados, e refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos”.

Além dessa diferença fundamental entre os dois tipos de escrita de que falava anteriormente, que é trazida pelo embasamento teórico que a disciplina exige, a reportagem presume sempre um afastamento do repórter na hora de escrever o texto. A regra da impessoalidade me fez questionar diversas vezes como poderia transformar em texto o que vivi em campo sem me tornar apenas reprodutora das vozes de minhas interlocutoras, assim como sugere Cardoso de Oliveira (1996) quando diz que

A chamada antropologia polifônica, na qual teoricamente se daria espaço para as vozes de todos os atores do cenário etnográfico, remete, sobretudo, no meu entendimento, para a responsabilidade específica da voz do antropólogo, autor do discurso próprio da disciplina, que não pode ficar obscurecido (ou seja, substituído) pelas transcrições das falas dos entrevistados. Mesmo porque, sabemos, um bom repórter pode usar tais transcrições com muito mais arte... (OLIVEIRA, 1996, p.27)

Portanto, ao tecer um texto etnográfico, é preciso que o autor se aproprie de seus dados, faça o movimento de debruçar-se sobre eles, interprete-os e, só depois, construa sua escrita. Como esse processo, presume-se será desenvolvido em um ambiente diferente daquele em que foi desenvolvido o trabalho de campo, é de grande valia que o etnógrafo faça um diário. Nesse espaço dedicado ao campo, ele vai escrever os detalhes do que observou quando estava entre os interlocutores, vai anotar impressões, diálogos, percepções, interpretações e acontecimentos. Além de serem um suporte fundamental para a memória, os diários de campo também são objetos de análise do pesquisador quando ele está de volta ao local de produção textual, longe do ambiente pesquisado. Embora muito do que foi escrito no caderno de campo vá ser aproveitado no texto etnográfico, ele nunca é a versão final de uma pesquisa, considerando-se que é livre dos preceitos que envolvem a escrita científica e que tem, em si, informações, muitas vezes, são mais terapêuticas que acadêmicas. Oliveira (1996) também considera “o diário e a caderneta de campo como modos de escrever que se diferenciam claramente do texto etnográfico final” e acrescenta que “talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto”. Ou seja, é preciso articular as vivências em campo e as teorias para, em um ambiente distante do campo e de reflexão sobre ele, produzir um novo conhecimento.

Grande parte de minha pesquisa foi feita, fisicamente, do mesmo local onde escrevo, já que minha imersão se deu em um espaço virtual, mas, nem por isso, o diário de campo se fez menos necessário. Pelo contrário. A dinamicidade dos dados observados on-line é enorme

e, por isso, ter um espaço para registrar percepções e memórias é fundamental. De acordo com Riutort (2008, p.176-177), “o antropólogo deve se tornar, antes de tudo, um etnógrafo documentando escrupulosamente, com a ajuda, por exemplo, do seu diário de campo, suas impressões e suas observações quotidianas, antes de se autorizar a tirar conclusões analíticas”. Partindo desse entendimento, elaborei um diário de campo desde o dia em que criei uma conta no Tinder com finalidades acadêmicas, em outubro de 2017. Escrevi, naquele arquivo, minhas estratégias para inserção em campo, os horários das primeiras aprovações que meu perfil recebeu, como foram os diálogos, as maneiras como percebi o interesse de minhas interlocutoras e as minhas primeiras interpretações acerca de seus discursos. Embora o material seja rico em informações, não será aqui reproduzido porque, além de não se tratar de um texto etnográfico, ainda conta com muitos dados que eu sequer posso compartilhar, como os nomes de minhas entrevistadas, já que me comprometi a não identificá-las em momento algum de minha pesquisa. Malinowski (1997, p.19) nos ajuda a pensar sobre esse exercício epistemológico desafiador e analítico que é a escrita quando diz que, “na etnografia, a distância entre o material informativo bruto – tal como se apresenta ao investigador nas suas observações, nas declarações dos nativos, no caleidoscópio da vida tribal – e a apresentação final confirmada dos resultados é, frequentemente, enorme”.

Além da habilidade refinada para transformar em texto acadêmico o que foi vivido em campo, para essa jornalista pesquisadora, este trabalho exigiu outro exercício importante: o de enfrentar a escrita em primeira pessoa do singular, tão importante para o enriquecimento de um trabalho científico que tem como premissa a etnografia. No início, tive medo de parecermos, eu mesma, minhas percepções e subjetividades, pouco relevantes para os interesses acadêmicos sobre os quais aqui trataria. Mas a experiência em campo e as muitas leituras sobre investigações etnográficas diversas me mostraram que fazer-se presente na apresentação do resultado de um empreendimento etnográfico é fundamental para ser fiel ao que foi investigado por um cientista que também tem sensações, emoções e interpretações sobre o que vivencia e observa durante seu trabalho de campo. Sobre isso, Oliveira (1996, p.27) sugere que usar esse recurso não “significa que o texto deva ser intimista. Deve significar simplesmente [...] que o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente onisciente”. Ainda sobre isso, Malinowski (1984, p.22) diz que a precisão e a clareza dos fatos, narrados com imprescindível honestidade, é fundamental para o sucesso do trabalho etnográfico. O autor também ressalta a relevância de se considerar que o levantamento do campo se baseia em depoimentos subjetivos de nativos, relatados por um pesquisador que também tem suas próprias

subjetividades. Por isso, o etnólogo precisa estar sempre atento à constante negociação que existe entre as declarações e interpretações daqueles com quem está em contato e as suas próprias, para que, assim, o resultado do trabalho seja o mais fiel possível ao que foi vivido e percebido em campo.

1.5.1 Etnografando na Internet: as peculiaridades do método no âmbito digital

Todos esses aspectos exigidos do pesquisador que opta por lançar-se a um empreendimento etnográfico – a observação participante, a entrevista, os ouvidos e olhos atentos, o diário de campo, a interpretação e a escrita – são fundamentais para que uma boa etnografia aconteça em qualquer que seja o ambiente ao qual o etnógrafo se propõe analisar. Mas, como disse, a etnografia em mídias digitais tem algumas complexidades que devem ser levadas em consideração quando se está disposto a produzir conhecimento nesse âmbito ainda novo, embora já bastante explorado, de nossas sociabilidades. Para Hine (2015, p.3), a comunicação mediada é preocupante para o etnógrafo porque, muitas vezes, parece nos deixar incapazes de compreender uma situação e suas ramificações e descobrir o que tudo isso significa para os participantes dessa comunicação mediada. Já Boellstorff (2012) entende essa mediação do digital como uma metodologia de aproximação, fundada na observação participante, para investigar o virtual e sua relação com o real.

A antropologia digital é [...] uma abordagem de pesquisa do virtual que permite tomar esse objeto de estudo a partir de suas próprias características (ou seja, não como uma mera derivação do off-line), mas sem perder de vista que essas características da sociabilidade online estão sempre ligadas, de maneiras diretas ou indiretas, à sociabilidade do mundo físico e vice-versa. Crucialmente, isso é possível a partir da observação participante. Um número alarmante de pesquisadores do online argumenta que está fazendo etnografia quando seus métodos envolvem entrevistar pessoas isoladamente ou em conjunto com outros métodos de investigação, como o survey. Mas, embora esses métodos de elucidação possam produzir dados válidos, um projeto de pesquisa que use *apenas* esses métodos não é etnográfico (embora possa ser qualitativo). Apenas dizer que um estudo é etnográfico não faz dele um estudo etnográfico (BOELLSTORFF, 2012, p.40).

Uma das importantes questões no que diz respeito aos estudos de mídias digitais está diretamente ligada ao embate entre a diferenciação do que é mundo real e mundo virtual. Em um contexto amplamente conectado, como o que vivemos hoje, essa diferenciação perde muito do sentido. As pessoas estão conectadas o tempo todo, sobretudo com o desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, é importante olhar também para a antropologia digital como um campo amplo de possibilidades no que diz respeito à produção de

conhecimento sobre nossas sociabilidades. Ainda para Boellstorff (2012: 42), a insistência de alguns estudos sobre o online tratarem o ambiente físico como real pressupõe que o on-line é irreal, o que deslegitima seu próprio campo de estudos e ignora que o virtual é eminentemente humano. Para justificar a necessidade de que se pense on e off-line de maneira continuada, o autor vai argumentar que relações que são construídas on-line têm valor semelhante às aquelas estabelecidas fora do ambiente digital e podem trazer consequências significativas para o mundo físico:

As intenções sociais, emoções, decisões e atividades que acontecem no Facebook não podem ser reduzidas às atividades e identidades de seus usuários no mundo físico, mesmo que possam ter consequências no mundo físico, que vão desde a dissolução de um romance até uma revolução política. É possível, por exemplo, tornar-se um amigo próximo de alguém no Facebook sem jamais conhecer essa pessoa no mundo físico (BOELLSTORFF, 2012, p. 52).

Como bem assinala Hine (2016, p.15), hoje, “nós encaramos a internet como um componente do dia a dia, não falamos mais em ‘ficar online’ como se fosse uma viagem para um local distante, mas, ao invés disso, usamos a internet de uma forma despercebida para fazer nossas atividades diárias”. Esse movimento permite conexões entre on e off que são, ainda de acordo com autora, complexas e imprevisíveis. A lógica do Tinder parece ser justamente essa da qual falam Hine e Boellstorff. O aplicativo de relacionamentos que estudamos aqui quer trazer para o off-line os contatos estabelecidos primeiramente online, reforçando essa continuidade entre o que diz respeito ao âmbito on-line e o que diz respeito ao âmbito off-line das vidas de seus usuários. Mas, nesse percurso entre o encontro no aplicativo e o encontro em um bar, em uma praça, em casa ou em um quarto de motel, alguns processos se fazem presentes, muitos dos quais, acredito, tornam-se impeditivos para que o propósito primeiro do aplicativo se cumpra. Diversos encontros possibilitados pelo Tinder ficam restritos ao âmbito on-line ou porque essas mulheres que usam a plataforma não se sentem seguras para um encontro físico ou porque o que se passa no chat do aplicativo não é estimulante o suficiente para que os usuários se movam no sentido de promoverem um encontro pessoal. Embora o campo apresente esse aspecto, também reforça a ideia de que um ambiente e outro estão intimamente ligados. O comportamento do outro no ambiente on-line pode ser determinante para sua sociabilidade off-line, no sentido de que um encontro pessoal está intimamente ligado ao encontro ocorrido antes, na plataforma, sendo o aplicativo claramente uma extensão da vida fora dele.

O objeto de estudo desta dissertação é, portanto, um exemplo do que argumenta Boellstorff (2012, p.52) quando diz que, enquanto as socializações on-line crescem em

número, tamanho e tipo, a densidade dessas relações digitais atravessando a fronteira entre on e off-line cresce exponencialmente. Nesse contexto, o autor vai dizer, ainda, que fazer antropologia digital, o que implica fazer uma etnografia, diz respeito à escrita que resulta da combinação de uma série de métodos que incluem não só as teorias das quais nos utilizamos e as sociabilidades que estudamos, mas a maneira como nós, pesquisadores, engajamo-nos na pesquisa. Além disso, como defende o autor, a vantagem da etnografia é que ela permite adaptar seus métodos ao campo que se está estudando, no período de tempo que a investigação dura. E ela deve ser feita com tempo e com reflexão suficientes para compreender o que digital quer dizer e quais suas consequências para a investigação social:

A antropologia digital pode desempenhar um papel importante nesse sentido, mas para que isso aconteça, ela deve representar mais do que uma etnografia on-line. O tempo é uma necessidade para a antropologia digital – você não pode fazer pesquisas etnográficas durante um fim de semana. Mas a imaginação também é necessária. Repensar a antropologia digital será insuficiente se não incluir a possibilidade de imaginar o que "digital" pode significar e quais podem ser suas consequências para a investigação social (BOELLSTORFF, 2012, p. 57).

O que parece ficar evidente quando se está no Tinder é que as emoções que se constroem por meio da experiência que se dá on-line são percebidas sem nenhuma diferenciação no ambiente off-line e, da mesma forma, são reflexos do que os usuários sentem também quando estão fora do aplicativo. O desejo que essas mulheres usuárias da ferramenta constroem no ambiente virtual é reflexo do que entendem ser desejável no âmbito off-line e é neste último ambiente que poderão exercer esse desejo de maneira mais ampla e corporificada. No entanto, essa experiência pessoal do encontro só será possível se as vivências e as trocas originadas on-line forem suficientes para que elas e seus pretendentes façam esse movimento. Hine (2016, p.16) diz, sobre isso, que a “experiência on-line pode produzir uma resposta emocional em nós tanto quando qualquer outra forma de experiência: nossos corpos não distinguem necessariamente uma experiência on-line de uma off-line a priori, de modo que seria problemático para um etnógrafo fazê-lo”. Apesar dessa proximidade entre o que acontece on e off-line, faz parte do trabalho do etnógrafo que aposta em um empreendimento em mídias digitais estar atento à proliferação de dados em curso e a complexidade espacial (HINE, 2016) que a internet oferece. Para isso, a saída é tentar localizar o empreendimento etnográfico em uma “localidade e em um período de tempo específicos, o que permite um foco restrito para manter o projeto etnográfico dentro da capacidade interpretativa individual do etnógrafo” (HINE, 2016, p.20).

Além de fazer uma escolha de abordagem dentro de um espectro amplo como o oferecido pela internet, é importante deixar claras quais são as prioridades do estudo que se pretende desenvolver e quais aspectos serão abordados. O Tinder é um terreno amplo para a pesquisa e oferece diversas possibilidades de análise quando o objetivo do pesquisador é compreender sociabilidades. No entanto, nesta dissertação, interessaram-me apenas as perspectivas apresentadas por essas mulheres em seus discursos e que parecem fazer parte do imaginário da maioria delas, a partir de um entendimento do que é relacionar-se com alguém por meio da internet que está enraizado no senso comum. Também quis, aqui, entender o que essas mulheres compreendem como sendo uma violência e de que forma os estigmas relacionados ao gênero ainda se fazem presentes nas emoções e nas atitudes on e off-line de minhas interlocutoras. Tudo isso, sem desconsiderar a relevância que a mídia tem para que elaborem suas percepções de mundo e do contexto em que estão inseridas.

Estar no aplicativo me ajuda a compreender algumas dessas perspectivas de minhas interlocutoras. É possível entender como a vivência da ferramenta me afeta pensando essa experiência a partir da perspectiva de Hine (2015) que defende que a internet é embutida, incorporada e cotidiana em nossas vivências. Conforme a autora, embora o meio nos condicione ao posicionamento, o trabalho autoetnográfico se torna central para o desenvolvimento de uma pesquisa na internet, já que nos permite questionar a experiência de navegar por esses territórios mediados socialmente e expor as práticas e habilidades de produzir sentido e forjar conexões nesses lugares. Esse exercício, defende Hine (2015, p.183) nos possibilita produzir ricas descrições destes novos espaços de sociabilidade cercados pela internet.

Muitas de minhas interlocutoras alegam que sentem medo porque não sabem quem é de verdade o sujeito que está do outro lado. Frases como “pode ser um louco” ou “vai que é um psicopata” ou, ainda “não sei se não estou falando com um criminoso. De repente, pode ser um estuprador” foram comuns ao longo dos contatos estabelecidos no campo. Percebi, com o passar dos dias de imersão no Tinder, que muitas usuárias não trazem fotos do rosto no perfil e não fazem descrições mais precisas e informativas acerca de si (como ocupação profissional ou preferências de forma geral) nem utilizam link da conta no aplicativo com outros aplicativos, como Facebook ou Instagram. Nesse sentido, entendo que a desconfiança de minhas interlocutoras acerca de outros usuários seja inevitável. E essa experimentação do ambiente virtual por parte do etnógrafo é essencial para a compreensão do que se está estudando:

uma etnografia da internet não centralizada na própria internet pode proveitosamente adotar uma abordagem reflexiva ou até mesmo autoetnográfica (RRED-DANAHAY, 1997; ELLIS et al., 2010) usando a imersão do etnógrafo em campo para desenvolver *insights* acerca dos aspectos sensoriais daquele campo para os participantes. As reflexões autoetnográficas fornecem insights sobre conexões e respostas emocionais sutis e permitem pensar sobre as escolhas contingentes que moldam nossas experiências da internet como um fenômeno cotidiano e incorporado. Qualquer pesquisa realizada *on-line* é de alguma forma uma pesquisa *'insider'*, já que devemos utilizar as mesmas ferramentas utilizadas pelos participantes para interagir com eles *on-line*. Trazer a dimensão autoetnográfica à tona, nos permite tirar vantagem do *status* de *insider* sem simplesmente tomar a ferramenta *on-line* como dada (HINE, 2016, p.22-23).

Além de entender como o Tinder funciona na prática a partir do que ele se propõe, também quero aqui discutir quais são os usos que as pessoas fazem da ferramenta no dia a dia. Há mulheres que estão no aplicativo com o objetivo de estabelecer um relacionamento, seja ele da ordem que for, mas também há mulheres na plataforma que dizem que só baixaram o aplicativo para ter um momento de distração, para jogar conversa fora e para passar o tempo, sem qualquer outra intenção, elas garantem. Outro ponto a ser observado nesta dissertação diz respeito aos diversos usos imprevistos de plataformas, que incluem os sujeitos que se utilizam do aplicativo para cometer crimes. Não me interessei em encontrar usuários que estejam nesse espaço virtual com essa intenção, mas, sim, em falar sobre como as mulheres que usam a ferramenta em Santa Maria-RS percebem a possibilidade deste uso criminoso do Tinder. Nesse sentido, a imersão na mídia digital permite a experimentação da ferramenta e o alcance do “profundo engajamento com os detalhes confusos contidos naquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática” (HINE, 2016, p. 12).

Sobre isso, Recuero (2016, p. 119) aponta que “a análise de redes sociais constitui-se uma abordagem relacional, cujo foco é construído nas relações entre os atores”. Para pesquisar o Tinder e entender de que forma se constroem suas relações dentro do aplicativo e, depois, fora dele, é preciso estar em contato direto com seus usuários, vivenciando a plataforma e conversando com as pessoas que fazem dela um uso diverso do que o do pesquisador. Portanto, para que o levantamento de dados seja possível, parece não haver alternativa, nesse processo etnográfico, que não o de inserção completa no ambiente virtual que se quer estudar. Nesse sentido, o papel do pesquisador passa a ser o do insider, que Polivanov (2014, p.107) define como sendo aquele que “está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo”.

Considerando todos esses aspectos a serem trabalhados no campo escolhido para essa dissertação, que tem como base uma mídia relativamente nova e que em muito pouco se

assemelha ao trabalho etnográfico em seus moldes mais clássicos, é preciso ter em mente o que afirma Silva (2016, p.60) quando diz “que todas essas mudanças na teoria antropológica podem se constituir efetivamente úteis na prática etnográfica”. Para a autora, as concepções antropológicas clássicas sobre o “estar lá” e suas dimensões metodológicas já não são mais as mesmas, mas, essas novas possibilidades se configuram em tempos interessantes para empreender em novas etnografias. Por isso, mantive, nesta dissertação, um olhar atento às premissas metodológicas clássicas da disciplina, exercitando-as em diferentes frentes, sem abrir mão do esforço de adaptá-las às novas realidades de sociabilidade do mundo conectado em que vivemos.

1.6 CRIANDO UM PERFIL NO TINDER: ESTRATÉGIAS PARA ENTRADA EM CAMPO

Fonseca (1999, p. 58) diz que o ponto de partida para a etnografia “é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, ‘nativos em carne e osso’”. Minha primeira interação em meu trabalho de campo não foi exatamente com “nativos” corporificados, face a face, em carne e osso, mas, sim com a tela do meu celular, por meio da qual interagia com perfis de mulheres que tinham fotos, nomes, e idades. Em alguns casos, as fotos eram de coisas e não de pessoas, os nomes eram apelidos, e as idades não existiam ou eram falsas, o que eu viria a descobrir depois, ao longo da conversa. Independentemente da maneira como esse primeiro contato com minhas interlocutoras de pesquisa foi feito, a troca que se deu entre mim e elas por meio da ferramenta de chat do aplicativo Tinder foi fundamental para a construção desse trabalho. E essa interação só foi possível a partir do momento em que eu criei um perfil no aplicativo, experiência que vou relatar a partir de agora.

Conforme dito anteriormente, para que se possa estabelecer um diálogo com usuários do Tinder por meio do aplicativo, é necessário ter um perfil na rede social. Muitas amigas, conhecidas e colegas, ao saberem de minha investigação, demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa (e até o fizeram informalmente), mas, como optei por fazer um estudo etnográfico, estratégia metodológica que prevê a observação participante, entendi que seria mais adequado buscar minhas interlocutoras por meio do próprio aplicativo, experimentando suas especificidades e dinâmicas. Para que isso fosse possível, meu primeiro passo foi, portanto, baixar o aplicativo em meu smartphone, plataforma para a qual a tecnologia foi criada. Também é possível acessar o Tinder pelo computador, mas preferi o acesso via celular para experimentar a maneira mais comumente utilizada para interação no

aplicativo e por entender que meu trabalho de campo e de observação participante na ferramenta faria mais sentido se fosse feita desta maneira. Baixar o aplicativo, disponível gratuitamente para os sistemas operacionais Android e IOS, é rápido e fácil. Fiz isso às 15h15min de 29 de outubro de 2017, sem nenhuma dificuldade. No meu celular, um Samsung Galaxy S7, o aplicativo abriu facilmente e, ao longo de meu trabalho de campo, acessei o Tinder por meio de redes wifi e por meio de pacote de dados do próprio celular. O aplicativo nunca travou, nunca deu erro e nunca se fechou sozinho, funcionando sempre de maneira rápida, intuitiva e eficiente.

Assim que baixei o aplicativo, apressei-me em criar meu perfil. O primeiro conflito com o qual deparei foi o de atrelar ou não minha conta no Tinder a meu perfil no Facebook. Optei por não fazê-lo porque não queria que meu perfil fosse direcionado prioritariamente a pessoas que fossem minhas amigas no Facebook ou que tivessem amigos em comum comigo na rede social. Queria deixar a porta aberta para qualquer possibilidade de encontro. Além disso, no Facebook, meu gênero é o feminino, o mesmo com o qual me identifico em todos os âmbitos de minha vida, mas, no Tinder, precisei fazer uma conta com o gênero masculino, para aparecer para mulheres que estivessem em busca de homens na plataforma. Em seguida, coloquei meu nome e idade verdadeiros nos espaços delimitados a isso na criação do perfil.

Feito isso, chegou a hora de escolher uma foto. Decidi usar, no Tinder, a mesma foto de perfil que uso no Facebook, partindo do pressuposto que minhas interlocutoras, provavelmente, iriam procurar por mim em outras redes sociais. Também foi por isso que escolhi colocar meu nome e minha idade reais, considerando que não queria dúvidas, por parte de minhas interlocutoras, acerca de quem eu era. É claro que, informando minha idade verdadeira (33 anos, na ocasião), restringi o meu acesso a algumas usuárias do Tinder, considerando que só era vista por aquelas interessadas em homens nessa faixa etária – as que buscavam homens mais novos ou mais velhos do que eu, portanto, não tiveram acesso ao meu perfil. Essa decisão, certamente, foi determinante para a constituição do perfil de minhas interlocutoras, sobre o que falarei no terceiro capítulo desta dissertação. Entendo que o ideal, para que mulheres interessadas em todas as faixas etárias me vissem, seria, portanto, não ter colocado idade alguma, mas essa opção não é oferecida para o aplicativo, que tem como premissa oferecer perfis a partir das demandas de seus usuários. A única coisa que o Tinder permite, mediante pagamento, é esconder a idade no perfil, mas isso não faz com que o usuário deixe de estar na faixa etária à qual pertence ou à qual informou quando da confecção da conta na ferramenta. Também não é possível fazer alterações no nome e na idade depois de criado o perfil – o usuário pode, apenas, alterar as fotos.

Mas é evidente que optar pela mesma foto do perfil do Facebook e pelo nome e pela idade reais não seria suficiente para que minhas interlocutoras aprovassem um perfil de uma mulher em um aplicativo no qual estão em busca de homens. Ainda mais em um aplicativo com usuárias que se dizem tão desconfiadas. Então, para evitar que meu perfil fosse rejeitado automaticamente, segui o conselho que recebi de uma professora durante uma disciplina que cursei ao longo do mestrado e elaborei uma espécie de cartaz que esclarecesse quem eu era e o que pretendia ali, além de pedir que as usuárias que me enxergassem na ferramenta aceitassem conversar comigo (o que só seria possível por meio da aprovação mútua de nossos perfis).

Para deixar claras, portanto, quais eram minhas intenções na ferramenta, elaborei uma mensagem que dizia “Olá! Sou pesquisadora e estou estudando a busca de mulheres por relacionamentos no Tinder. Por favor, fale comigo! Obrigada ☺”. Colei o cartaz junto da minha foto, em uma montagem simples, feita em um programa bem básico de edição de imagens, e defini essa imagem como minha foto de perfil. O passo seguinte seria escolher mais fotos para o meu perfil, mas optei por não colocar nenhuma outra por não achar condizente com minha proposta: não queria ali expor-me em poses e momentos diferentes de minha vida. Meu objetivo era apenas o de conversar com minhas interlocutoras a respeito da investigação que me propus a fazer para esta dissertação.

Parti, então, para o momento de definir em que tipo de pessoas estava interessada e quais, portanto, o aplicativo deveria me sugerir. Nesse momento, é possível escolher por homens, mulheres ou homens e mulheres. Optei, obviamente, por receber sugestões de mulheres que estão no aplicativo. Em seguida, pude escolher qual era a localização máxima na qual poderiam estar minhas interlocutoras, sendo a distância mínima de dois quilômetros, e a máxima, de 130 quilômetros. Optei por um raio de 31 quilômetros, pensando em mulheres que moram em Santa Maria ou em cidades próximas, mas estudem ou trabalhem em Santa Maria. Em seguida, foi preciso escolher a faixa etária das pessoas que me interessariam no aplicativo, dos 18 até os 55 anos ou mais. Mantive todo o espectro de possibilidades, partindo da hipótese de que diferentes gerações poderiam trazer uma amplitude mais rica de informações para o trabalho.

Depois disso, ainda precisei fazer uma descrição de mim mesma, no espaço específico criado pela ferramenta para isso. Para reforçar qual era a intenção da minha presença no aplicativo, escrevi o seguinte texto: “Meu nome é Carolina Carvalho, sou mestranda de Ciências Sociais na UFSM, e estou estudando a busca feminina por relacionamentos com homens pelo Tinder. Por favor, me ajude. As identidades de minhas interlocutoras serão

preservadas. Obrigada”. Ainda havia a opção de preencher os itens “cargo”, “empresa” e “escolaridade”, mas optei por não fazê-lo, já que essas informações estavam presentes em meu cartaz e em minha descrição. Pronto, o meu perfil ficou conforme a imagem que reproduzo em seguida.

Figura 7 - Interface do Tinder



Fonte: pesquisa de campo da autora

Já em campo, notei que, para algumas de minhas interlocutoras, a descrição feita no espaço específico para isso e o cartaz com o pedido de ajuda para a pesquisa não foram suficientes para que se sentissem confortáveis para conversar comigo. Muitas me perguntaram coisas que já estavam ditas na descrição e no cartaz e exigiram mais algumas informações acerca da pesquisa até se sentirem à vontade para falarem de si e refletirem acerca de sua presença no aplicativo. Uma delas, professora de 47 anos de uma escola da cidade, dizia-me, ao longo de nossa conversa, que era muito desconfiada dos perfis que encontrava no Tinder e que sempre fazia muitas perguntas sobre quem eram os sujeitos com quem interagira na

ferramenta. Conforme mencionei antes, isso também apareceu em minhas interações com outras interlocutoras que demonstravam curiosidade com relação ao trabalho, mas estas nunca chegaram a sugerir que eu não era quem dizia ser. Já com essa professora foi diferente porque, ao que eu respondi que entendia a preocupação dela em investigar os perfis no Tinder e segui fazendo minhas perguntas, ela demonstrou claramente que estava desconfiada de mim, conforme é possível ver nas imagens que reproduzo abaixo. Só depois que eu reafirmei quem era e mandei o link do meu perfil no Facebook, ela voltou a responder tranquilamente.

Figura 8 - Reprodução de conversa com interlocutora de 47 anos



Fonte: pesquisa de campo da autora

A esse se somaram outros casos de mulheres que desconfiaram da minha presença no aplicativo. Uma delas chegou a me pedir um documento qualquer que comprovasse minha ligação com a Universidade Federal de Santa Maria, e outra queria saber por quais motivos eu resolvi estudar o Tinder e onde queria chegar com a nossa conversa antes de me responder qualquer coisa. Com ambas, tive trocas muito agradáveis depois deste primeiro momento mais tenso. Mas, se houve desconfiança por parte de diversas interlocutoras, por outro lado, também tive a oportunidade de interagir com muitas usuárias do aplicativo que já me respondiam a primeira pergunta informando um número de telefone que eu sequer havia pedido para facilitar nossa comunicação. Outras abriam o coração à primeira resposta, com relatos profundos de suas histórias de vida, decepções amorosas e esperanças.

Mas, para que essas interações todas pudessem acontecer, depois que criei meu perfil, fui direcionada pelo aplicativo para a tela por meio da qual pude ter acesso aos perfis das

mulheres que se encaixavam nas restrições apontadas por mim na ferramenta. Desde que criei meu perfil, não fiz nenhuma alteração nas informações nem na foto e não utilizei nenhum recurso da plataforma que não fosse gratuito e, portanto, acessível a todos os usuários. A única coisa que mudou automaticamente, de lá até dezembro de 2018, foi a minha idade, no dia do meu aniversário.

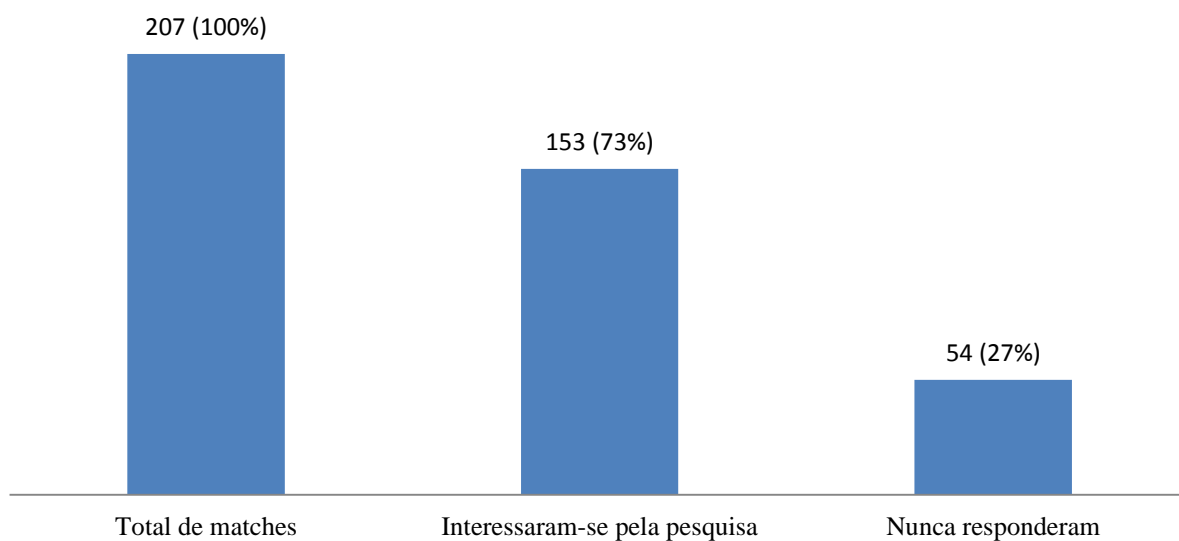
Quando terminei de criar meu perfil, passei a aprovar todos os perfis que apareciam no aplicativo, sem distinção: eram mulheres e estavam na distância estabelecida por mim, por isso, resolvi não restringir a aprovação de nenhuma delas a qualquer outro critério que não o previamente informado no perfil. E as combinações não demoraram mais do que 10 minutos para começarem a acontecer. Em três dias, foram 64 pessoas interessadas em, ao menos, entender a proposta da pesquisa. Depois de contatá-las e fazer as primeiras entrevistas, segui acessando o aplicativo sem, no entanto, iniciar novos contatos, com a intenção de organizar os dados levantados nos primeiros dias de campo. Em um segundo momento, retomei as aprovações de perfis e, em mais alguns dias esgotando todas as possibilidades de likes gratuitos, contabilizei 121 matches, um número que me deixou feliz e surpresa, porque não imaginava que o interesse pela pesquisa seria tão grande. Passada essa fase e contabilizados os dados, retomei, aos poucos, a rotina de aprovação de novos perfis no aplicativo, até dezembro de 2018. Ao final, contabilizei **207 matches** durante meu trabalho de campo, mas poderiam ter acontecido outros **26**, no mínimo, caso eu seguisse aprovando perfis. Isso porque a ferramenta informa, por meio de um ícone na tela, quantas pessoas “curtiram” o seu perfil, mas não foram curtidas por você. No meu caso, a interrupção nas aprovações dos perfis se deu porque eu precisava me concentrar na organização dos dados coletados até então, a fim de trabalhar na análise e nas conclusões dessa dissertação.

Ainda durante o meu processo de interação com novos perfis no Tinder, na maior parte do tempo, a cada novo like que eu dava, um novo match acontecia, porque essas mulheres já haviam me visto antes e já haviam atendido ao meu pedido e aprovado meu perfil. Caso isso não acontecesse imediatamente, pouco tempo depois, eu recebia notificações de novos matches se formando, já que essas usuárias vistas e aprovadas por mim me enxergavam na ferramenta e, em sua maioria, também me aprovavam, oportunizando a combinação e abrindo o canal de conversa entre nós. Todas as 207 mulheres com as quais obtive o match foram contatadas para uma conversa inicial. Entre elas, 153 (73%) se mostraram, inicialmente, interessadas em contribuir com o trabalho. As outras 54 (27%) nunca nem responderam ao meu contato inicial, em que eu apenas me apresentava, reforçava que era mestranda, reafirmava o que estava estudando e as convidava, novamente, a participarem.

Tabela 1 - Contato inicial

| | |
|--|-----|
| Total de matches | 207 |
| Interessaram-se pela pesquisa | 153 |
| Não responderam nem ao contato inicial | 54 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 1 - Contato inicial

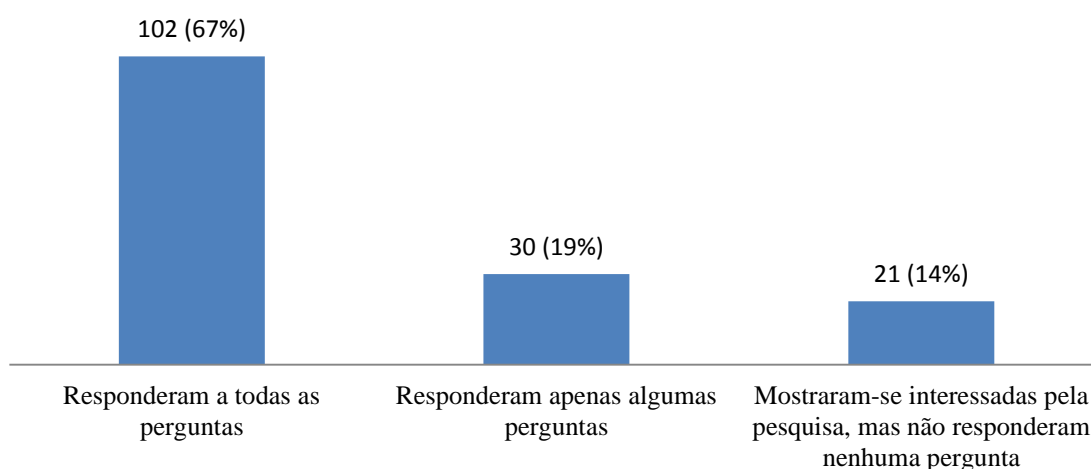
Fonte: levantamento de dados da autora

Entre essas 153 que se mostraram interessadas no início, 102 (67%) responderam a todos meus questionamentos e se prontificaram a seguir contribuindo com a pesquisa, outras 30 (19%) responderam a apenas algumas perguntas e depois pararam de responder, saíram do Tinder ou desfizeram o match, e 21 (14%) disseram que queriam participar, mas não responderam a nenhuma pergunta.

Tabela 2 - As respostas

| | |
|---|-----|
| Responderam todas as perguntas | 102 |
| Responderam apenas algumas perguntas | 30 |
| Interessaram-se pela pesquisa, mas não responderam nenhuma pergunta | 21 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 2 - As respostas

Fonte: levantamento de dados da autora

Considero importante e significativa essa contabilidade do número de mulheres que nunca me responderam ou que pararam de responder durante o contato porque parece ter relação direta com o que me disseram muitas de minhas interlocutoras: as pessoas aprovam perfis mutuamente, abrem o canal de conversa entre elas, mas, simplesmente, não conversam, não interagem na ferramenta. A explicação para isso elas encontram na falta de paciência para manusear o Tinder e para conversar com os homens que conhecem por intermédio dele, no cansaço de usar a ferramenta e não obter os resultados esperados ou planejados e no fato de passarem dias sem acessar o aplicativo, o que faz com que acabem se esquecendo das conversas que tinham se iniciado na plataforma. A falta de entusiasmo é tamanha, que a maioria delas já nem deixa ativa a notificação para quando uma mensagem nova chega. Além disso, muitas usuárias desinstalam o Tinder com frequência – o que não extingue a conta, mas a deixa inativa até que a plataforma seja reinstalada. As razões para “dar um tempo” no aplicativo, segundo minhas interlocutoras, vão desde o fato de elas terem iniciado um relacionamento novo até a falta de motivação para o uso da ferramenta, passando pela ausência total de contatos interessantes no aplicativo. De qualquer forma, optei por não insistir diante da ausência de respostas dessas mulheres e foquei meus esforços nas que responderam, pelo tempo que o contato se fez possível e/ou necessário. Portanto, pode ser que muitas delas não tenham tido interesse mesmo em seguir contribuindo, mas pode ser, também, que minhas perguntas tenham apenas sido esquecidas ou, simplesmente, apagadas pela saída delas do aplicativo em um desses momentos de descontentamento com a ferramenta. Para se

ter uma ideia de como os usuários se movimentam pelo Tinder, saindo dele ou desfazendo combinações, dos 207 matches estabelecidos entre mim e minhas interlocutoras, apenas 125 se mantinham um ano e um mês depois do início do trabalho de campo. Os outros todos sumiram, ou porque minhas interlocutoras os desfizeram ou porque elas deixaram o aplicativo.

Essa dinamicidade do campo e dos dados exigiu que, logo no começo, eu garantisse uma maneira de arquivar todas as conversas e trocas em campo para não perder o levantamento de dados. Fazer reproduções das telas das conversas se mostrou fundamental a cada nova mensagem para que o material não se perdesse caso elas desfizessem o match. Ao final do trabalho de campo, havia criado, em meu computador, 207 pastas com reproduções de páginas iniciais dos perfis de minhas interlocutoras e de nossas conversas, além de um diário de campo que me ajudou a recordar as impressões que tive a cada contato e que foram fundamentais para que eu conseguisse organizar os dados que serão apresentados no próximo capítulo desta dissertação.

Mas, antes de passar para a apresentação dos resultados e ainda para fins de descrição da ferramenta, acho relevante falar sobre como funciona a ferramenta de chat do Tinder, algo que pude experimentar durante o trabalho de campo. Muito parecida com outras ferramentas de conversação, ela tem um teclado padronizado, oferece a opção de mandar emoticons e gifs para a pessoa com a qual se está conversando, permite demonstrar aprovação a uma frase escrita pelo outro, apertando em um coraçãozinho que fica ao lado da mensagem, além de ser possível, arrastando a tela para cima e apertando um botão, mandar um monte de corações ou de gargalhadas ou uma salva de palmas para a pessoa com quem se está conversando. Os recursos são úteis e ajudam a dizer coisas sem verbalizar. Essa ferramenta foi fundamental para que os levantamentos iniciais do trabalho de campo se fizessem possíveis e para que eu conseguisse ter, ao menos, uma ideia inicial de como as mulheres se comportam diante da busca homens no aplicativo.

A despeito das diferenças e peculiaridades de cada uma delas e de suas manifestações durante nossas conversas, a maioria foi apresentando uma desenvoltura para falar sobre os temas que estavam sendo abordados na entrevista. Entre nossos assuntos, estavam o desejo por encontrar alguém disposto a um relacionamento sexual e/ou afetivo no Tinder, os machismos e preconceitos que se fazem presentes nesse caminho, nos âmbitos on e off-line, a violência a que as mulheres estão expostas todos os dias, nos mais diferentes lugares, além de muitas teorias acerca de como os homens percebiam esse contato via aplicativo. Acredito, pelo tom de cumplicidade na maioria dos casos, que o fato de eu ser mulher também facilitou

a abertura de espaço para que os diálogos e as trocas tenham sido mais intensos, para que elas se sentissem compreendidas e acolhidas em seus depoimentos. Acredito nisso porque eu entendo de que desejos elas estão falando, já senti na alma o preconceito que elas relatam enfrentar e já tive medo de cada uma das violências que elas temem. Penso que, por isso e pela maneira com que desenvolvi as entrevistas, muitas das que começaram nossa conversa um tanto arredias finalizaram nosso primeiro contato me chamando de Carol, desejando-me sorte no andamento da pesquisa, elogiando minha iniciativa e torcendo para que o trabalho desse certo e para que pudessem seguir contribuindo ao longo da pesquisa. Tudo isso acompanhado de muitos emoticons de coração, o que me deixou feliz, agradecida e estimulada a seguir em frente.

Mas, como eu já havia mencionado antes, nem todos os contatos se deram dessa maneira. Algumas mulheres responderam, desde o início, de modo mais seco e direto, outras pararam de responder ainda no começo da conversa, outras (muito poucas, é verdade, mas existiram) eu senti que foram impacientes e até grosseiras, tratando meus questionamentos como obviedades e respondendo de maneira mais superficial. Com uma, em específico, o diálogo começou bastante incômodo para mim. Quando combinamos nossos perfis, fui falar com a interlocutora – uma administradora de empresas branca e de 32 anos – como o fiz com todas as outras, apresentando-me, falando brevemente do trabalho e dizendo que, se ela topasse participar da pesquisa, eu faria algumas perguntas. Ao que ela respondeu: “Claro, né? Por isso que aceitei”. Ao longo da entrevista, ela respondeu a todas as perguntas objetivamente e manteve o mesmo tom, limitando-se a dizer, em muitos momentos, apenas “sim” ou “não” ou “claro que sim” ou “claro que não”. Mesmo assim, no final, deixou-me outro canal de contato, demonstrando, mas sem muita ênfase, desejo de seguir contribuindo com o trabalho. Pode ser que ela seja mesmo assim, nos mais diversos âmbitos de sua vida, ou pode ser que esse comportamento tenha sido provocado pela minha presença no aplicativo onde ela está com outros objetivos que não o de refletir. Sobre isso, Fonseca (1999, p.65) vai dizer que somos parte da realidade que pesquisamos e que seria uma ilusão pensar em um papel neutro no campo, já que “a reação do ‘nativo’ diante de nossa pessoa – seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, fraqueza ou indiferença – é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade de dominação”. Porém, alerta a autora, “seria um engano igualmente ingênuo reduzir a realidade àquela dimensão que diz respeito a nossa presença”.

Conforme disse nos parágrafos anteriores, entendo que essa identificação de gênero seja um dos motivadores para que tenha se manifestado, em minhas interlocutoras, o desejo

de desabafar durante nossas conversas. Muitas delas disseram, sobretudo no que se refere à violência temida por elas, coisas como “a gente que é mulher precisa estar sempre atenta” ou “eu sou mulher. Já nasci com medo” ou “Acredito que tenho os receios de toda mulher” ou, ainda, “me refiro ao risco que infelizmente toda mulher deve sentir medo, de ser violentada” ou “Hoje em dia, mulher tem que ter medo de tudo” ou, ainda, “querendo ou não, nós, mulheres, acabamos nos tornando vulneráveis também” e “você, como mulher, não se sente assim?”, inserindo-nos em uma mesma realidade e, como se, naturalmente, existisse uma identificação imediata entre nossas impressões e sentimentos.

Para que minha conversa com essas mulheres fluísse de uma maneira proveitosa para a investigação, optei por ser sutil e objetiva nas primeiras perguntas, com a intenção de que elas não se sentissem invadidas em suas intimidades e, com o tempo e a conversa, ficassem mais à vontade para falar sobre o que pensavam e sentiam. Não ousou dizer que consegui romper todas as barreiras que envolvem estar falando sobre questões íntimas com uma pessoa desconhecida pela internet, mas, com certeza, os depoimentos foram densos o suficiente para que fosse possível entender como se dá a sociabilidade dessas mulheres que estão interessadas em homens no Tinder. Para dar conta do que me propunha, nesse início de contato com minhas interlocutoras, limitei-me a perguntar, primeiro, por quais motivos optaram por usar o Tinder e se, quando marcavam encontros, o faziam em ambientes públicos ou privados e por quais motivos. Mas também aprofundi ou modifiquei as perguntas seguintes de acordo com as primeiras respostas delas. Além de, como mencionado anteriormente, tentar não ser invasiva demais com as perguntas para que as interlocutoras não se sentissem intimidadas, também me preocupei em tomar cuidado para não ser tendenciosa no sentido de não direcionar as respostas. E essa decisão me trouxe algumas surpresas.

Uma delas diz respeito à resposta de uma das minhas interlocutoras sobre por que preferia estabelecer encontros com homens que conheceu pelo Tinder em lugares públicos. A jovem de 25 anos, que é branca e estudante de Engenharia Química da Universidade Federal de Santa Maria, disse-me que, dessa maneira, sentia-se mais segura. Já imaginava que ela fosse, como muitas outras, falar sobre questões envolvendo violência. Mas, mesmo assim, não quis influenciar a resposta e perguntei, apenas, quais eram exatamente seus receios. Foi então que ela respondeu: “Olha, devido à minha baixa autoestima, o maior medo é de a pessoa não me curtir. A minha segurança ficou em segundo plano”. Quando eu dei início a esse empreendimento etnográfico, trabalhava fortemente com a hipótese de que as mulheres não gostavam de marcar encontros em lugares privados com sujeitos desconhecidos porque temiam ser alvo de diferentes tipos de violência. Essa hipótese se confirmou na grande

maioria dos depoimentos colhidos por mim, mas, como é possível notar nesse caso, não em todos eles. E eu nunca antes havia imaginado que uma mulher tomasse essa decisão porque, caso o homem não gostasse dela pessoalmente, seria menos humilhante estar em um shopping, por exemplo, de onde se pode sair com mais facilidade. Para mim, era absurdo que aquela mulher estivesse mais preocupada com ser aceita do que em estar segura. Mas, para ela, era isso o que mais importava: proteger sua integridade moral de uma rejeição em um ambiente privado. Ir até um local privado, como a casa do sujeito ou um motel, para ela, significava estar disposta a ter uma relação sexual e não ser desejada seria, para ela, pior do que estar sujeita a um momento de insegurança. Esse depoimento e outros que foram surgindo ao longo do trabalho de campo me ajudaram a perceber outras particularidades que essa etnografia traria ao longo de seu desenvolvimento.

Essas particularidades do campo me trouxeram outra visão sobre meu objeto de pesquisa. Antes de começar esse trabalho etnográfico, eu só havia usado o Tinder por meio das contas de dois amigos homens, para aprovar alguns perfis que eu achava que tinham mais a ver com eles, em uma atividade que não tinha caráter investigativo algum e estava permeada apenas pela diversão do momento. Por isso, não precisei exercitar o estranhamento tão enfatizado por antropólogos que se propõe a estudar ambientes que fazem parte de suas rotinas. O Tinder já me era estranho, embora eu tenha utilizado outras redes sociais, em outros momentos da vida, para estabelecer relacionamentos. Apesar do distanciamento natural que existia entre mim e a ferramenta, senti necessidade de refletir acerca da desconstrução de alguns estereótipos (Fonseca, 1999) durante o meu trabalho de campo, entre eles, o de que as mulheres estão mais interessadas no amor romântico. Outra impressão que tinha antes do início do campo e que precisei desconstruir em um processo de afastamento de minhas percepções e do senso comum era de que as mulheres não costumavam sair com pessoas desconhecidas com facilidade. Eu achava que só as mais liberais e corajosas o fariam e descobri que quase todas topam um encontro com um sujeito de conhecem no Tinder. Mas não sem antes se cercarem de vários tipos de precaução diferentes. Outro estranhamento provocado em mim, que me ajudou a construir minha análise e que, para minhas interlocutoras é muito presente e banal, foi o estigma e o preconceito que sofrem por estarem presentes no aplicativo. Surpreendentemente, em 2018, com tanta luta feminista por equivalência de direitos, muitas mulheres ainda se sentem desvalorizadas por estarem em busca de um parceiro por meio de um aplicativo criado com essa finalidade.

Ainda antes de apresentar os resultados parciais, avalio como relevante falar sobre como se deu a expectativa de minhas interlocutoras acerca da pesquisa aqui desenvolvida. Em

princípio, muito curiosas para entenderem onde eu queria chegar com o trabalho, elas também pareciam estimuladas pela possibilidade de conversar com alguém que estava estudando o assunto. Senti isso porque muitas me fizeram perguntas ao longo de nossos contatos, em busca de saber o que eu achava sobre os comportamentos delas no aplicativo e de dicas para utilizarem a ferramenta com mais eficiência. Essa maneira delas de agir me fez lembrar o que Miskolci (2017, p.175) também enfrentou em seu trabalho de campo que tinha como objetos de estudo aplicativos de relacionamento para homens homossexuais, quando diz que avalia que “a possibilidade de conversar com um ‘especialista’ foi meu principal atrativo. Além da expectativa de descobrir comigo como usar melhor as mídias digitais buscando mais eficiência em suas buscas”. Para que nossa relação se consolidasse e se tornasse mais promissora, falei, quando perguntada, sobre algumas percepções que eu tinha acerca da ferramenta, o que fez com que elas seguissem refletindo e contribuíssem mais para a pesquisa, cujos resultados apresento nas próximas páginas.

CAPÍTULO 2 – EMOÇÕES EM DEBATE: A TENSÃO ENTRE O MEDO E O DESEJO E A INFLUÊNCIA DA VERGONHA NAS SOCIABILIDADES DE MULHERES USUÁRIAS DO TINDER

Ainda antes do início de meu trabalho de campo no Tinder, eu tinha a impressão de que não conseguiria muitas contribuições, afinal, o propósito primeiro das mulheres que usam o aplicativo é conhecer homens com os quais possam se relacionar de alguma forma, e não refletir sobre suas sociabilidades na ferramenta. Mas, para a minha grata surpresa, o interesse foi intenso, em um sinal claro de que essas mulheres querem conversar e pensar sobre suas buscas sexuais e/ou afetivas nessa mídia relativamente nova. Na maioria dos casos, minhas interlocutoras se mostraram muito interessadas. Eu sentia, nelas, o desejo real de falarem sobre si e de analisarem suas práticas no Tinder a fim de contribuir com o estudo e, em alguns casos, de desabafar e procurar respostas para angústias provocadas pela solidão e pela busca por um companheiro. Além disso, também ficaram evidentes o interesse e a expectativa pelo resultado da pesquisa – todas me deixaram um e-mail ou telefone de contato para que as avisasse quando o trabalho estivesse pronto e disponível para a leitura. E as usuárias com as quais conversei pessoalmente (e com quem desenvolvi uma relação mais próxima) pediram, também, que as avisasse sobre a defesa da dissertação para que pudessem estar presentes nesse momento importante de conclusão desta jornada que me ajudaram a percorrer. Em seguida, apresentarei um perfil geral de minhas interlocutoras e os perfis de cada uma das seis mulheres com as quais conversei de maneira mais aprofundada – mas já adianto que essas últimas se diferem em suas idades, profissões, rotinas e usos da ferramenta. Entre as seis, apenas duas permaneciam com suas contas ativas no Tinder em dezembro de 2018.

2.1 DEU MATCH! OS PERFIS DE MINHAS INTERLOCUTORAS

Santa Maria é conhecida por ser uma cidade universitária e militar, que se desenvolveu no entorno de uma ferrovia considerada estratégica, já que o município ocupa uma região de importante ligação com diferentes partes do Rio Grande do Sul. Situada na região central do estado e, por isso, chamada de Coração do Rio Grande, Santa Maria tinha, em 2018, uma população estimada de 280.505 pessoas, de acordo com o site do IBGE³⁰, sendo a quinta maior em número de habitantes no Estado. Ainda de acordo com o instituto, em divisão

³⁰ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>, acesso em 21 de janeiro de 2019.

territorial datada de 2005 e válida até hoje, o município é constituído por 10 distritos: Santa Maria (sede), Arroio do Sol, Arroio Grande, Boca do Monte, Pains, Palma, Passo do Verde, Santa Flora, Santo Antônio e São Valentim. É considerada uma cidade de transição, partindo-se da perspectiva de que grande parte da população é composta por estudantes e militares – Santa Maria tem oito instituições de Ensino Superior, entre elas, a Universidade Federal de Santa Maria, a maior do interior do Estado, e abriga a sede da 3ª Divisão de Exército e a Ala 4, base aérea de relevância para a aeronáutica, formando, assim, o segundo maior contingente militar do país. A maior parte da população tem entre 15 e 30 anos, em uma proporção simétrica de homens e mulheres, e 95% das pessoas vivem na zona urbana. Em 2016, o salário médio mensal do santa-mariense era de 3.1 salários mínimos, o que, em valores atualizados, daria cerca de R\$ 3 mil. Além disso, em 2010, 98% das crianças com idades entre 6 e 14 anos estavam matriculadas em escolas da cidade – Santa Maria conta com 108 escolas de Ensino Fundamental, e 40, de Ensino Médio. A cidade fica a 290 quilômetros da capital, Porto Alegre. Esses dados são relevantes para esta pesquisa porque ajudam a compreender a faixa etária preponderante entre as minhas interlocutoras, o fato de maioria estar no mercado de trabalho ou estudar e o contexto sociodemográfico em que estão inseridas. Falarei, em seguida sobre o perfil das mulheres com as quais interagi ao longo desta dissertação.

Durante os primeiros momentos de observação do aplicativo, quando comecei a aprovar os perfis que apareciam para mim, notei que a maioria das mulheres apresentava fotos nítidas do rosto em seus perfis, informavam nome e idade e ocupação profissional e faziam breves descrições de si no espaço destinado a isso. Uma de minhas interlocutoras, a Elis³¹, me explicou que uma amiga dela, que é “especialista em Tinder” disse a ela que o perfil precisava “ter duas fotos de rosto, uma que apareça o corpo e uma viajando, para mostrar um pouco de inteligência, do que a pessoa gosta de fazer”. Via de regra, os perfis eram assim mesmo, mas com uma peculiaridade observada em um trabalho de campo que foi desenvolvido no período que precedeu a eleição³² presidencial de 2018. Muitas mulheres passaram a colocar suas

³¹ Pseudônimo escolhido por minha entrevistada e que faz referência à cantora Elis Regina. As seis mulheres com as quais conversei de maneira mais aprofundada foram identificadas neste trabalho com nomes de divas da Música Popular Brasileira, a partir de escolhas feitas por elas, conforme explicarei em seguida, neste capítulo.

³² As eleições presidenciais do Brasil em 2018 foram marcadas pela polarização entre os ideais e bandeiras defendidos pelos candidatos e entre os eleitores. Os debates se tornaram acirrados, sobretudo, nas redes sociais, entre os apoiadores de Jair Bolsonaro (PSL), candidato de extrema direita, e os eleitores mais identificados com a esquerda e que apoiavam, especialmente no segundo turno, o candidato Fernando Haddad (PT). De acordo com reportagem publicada na Revista Exame em 15 de outubro (disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/os-impactos-da-polarizacao-politica-na-saude-mental-de-brasileiros/>, acesso em 22 de janeiro de 2019), entre 30 de setembro e 11 de outubro, foram registrados ao menos 70 ataques motivados pela divergência política no Brasil, segundo levantamento da Agência Pública em parceria com a Open Knowledge Brasil. Ainda conforme a publicação, entre esses ataques, 50 foram cometidos por eleitores do Bolsonaro; 6 contra eleitores do Bolsonaro

preferências políticas já na descrição do perfil. As hashtags #elenão e #B17, em repúdio e apoio, respectivamente, ao então candidato Jair Bolsonaro, do PSL, que foi eleito presidente, viraram parte do processo de descrição de si das mulheres observadas por mim na plataforma. Estar ou não ao lado do então presidenciável passou a ter um significado claro e direto acerca de crenças e valores importantes para elas os quais não faziam questão nenhuma de esconder, sobretudo quando estavam em busca de alguém com quem (não) se relacionar. O objetivo, disseram-me, era evitar que eleitores apoiadores ou contrários ao candidato já nem tentassem uma aproximação o que, segundo elas, seria inevitavelmente desastroso, desgastante e desnecessário em um momento de ânimos já tão inflamados. O fato de a polaridade que tomou conta do processo eleitoral ter respingado no Tinder faz todo o sentido, considerando-se que as redes sociais se transformaram em espaço de campanha entre os eleitores de maneira bastante contundente nesse período. Sobretudo porque a elaboração do perfil é fundamental para que os sujeitos sejam atraentes para os demais usuários. Nesse contexto, as informações sobre si e as fotos, normalmente, selfies, são o “resultado de transformações sociais profundas em que as pessoas se tornaram mais conscientes de sua própria aparência e dos padrões culturais aos que têm que fazer frente para serem consideradas desejáveis” (MISKOLCI, 2017, p.101).

Com o passar do tempo e o aumento expressivo do número de matches, pude traçar um perfil de quem eram essas mulheres com as quais pude interagir durante a pesquisa, ou seja, aquelas com as quais consegui estabelecer uma combinação a partir da aprovação mútua de perfis. Para definir aspectos como idade e ocupação profissional utilizei as informações aparentes no perfil de minhas interlocutoras.

Entre as 207 mulheres com as quais estabeleci matches, 110 (53,1%) tinham idades entre 21 e 30 anos, 59 (28,5%) tinham entre 31 e 40 anos, 19 (9,17%) tinham de 18 a 20 anos, 14 (6,7%) tinham de 41 a 50 anos, apenas uma (0,48%) tinha 51 anos e cinco pagaram para

e 15 agressões não definidas. Os registros, de acordo com a publicação, eram apenas de casos de agressões e ameaças feitas ao vivo, nos quais a integridade física de pessoas correu risco. Mídias digitais como o Facebook e o WhatsApp se tornaram ferramentas de militância e proliferação de notícias, sobretudo falsas, acerca dos candidatos e das ideias defendidas por eles. Nesse ínterim, mulheres se uniram e criaram, no Facebook, no Twitter e em outras redes sociais, a hashtag #elenão, em referência ao candidato Bolsonaro, que defendia posicionamentos tidos como agressivos e não se mostrava aberto à implementação de políticas públicas em favor das mulheres. Esse movimento se tornou um evento que tomou conta de ruas e avenidas em diversas cidades do país e mobilizou milhares de mulheres que reivindicavam que ele não fosse eleito. A hashtag levou o movimento e o pleito às trending topics (mais compartilhadas) do Twitter no país e no mundo. Em contrapartida, eleitores apoiadores de Bolsonaro, entre eles, outras tantas mulheres, responderam com as hashtags #elesim, #B17 (em referência ao número do candidato na urna eletrônica) e #mito. Esse movimento que dividiu o país respingou, também, no Tinder, onde as hashtags se proliferaram como uma maneira de deixar claro qual o posicionamento político dos usuários e em uma tentativa de evitar aproximações de pessoas com opiniões contrárias, o que demonstra o nível de dificuldade de diálogo que se estabeleceu entre um e outro lado.

que a idade não aparecesse no perfil (2,4%). Acho importante reafirmar que esses números são reflexos da minha escolha por colocar minha idade real no aplicativo, o que restringiu a visualização de meu perfil a mulheres que estavam interessadas em homens da minha faixa etária. Informar a idade é obrigatório no Tinder.

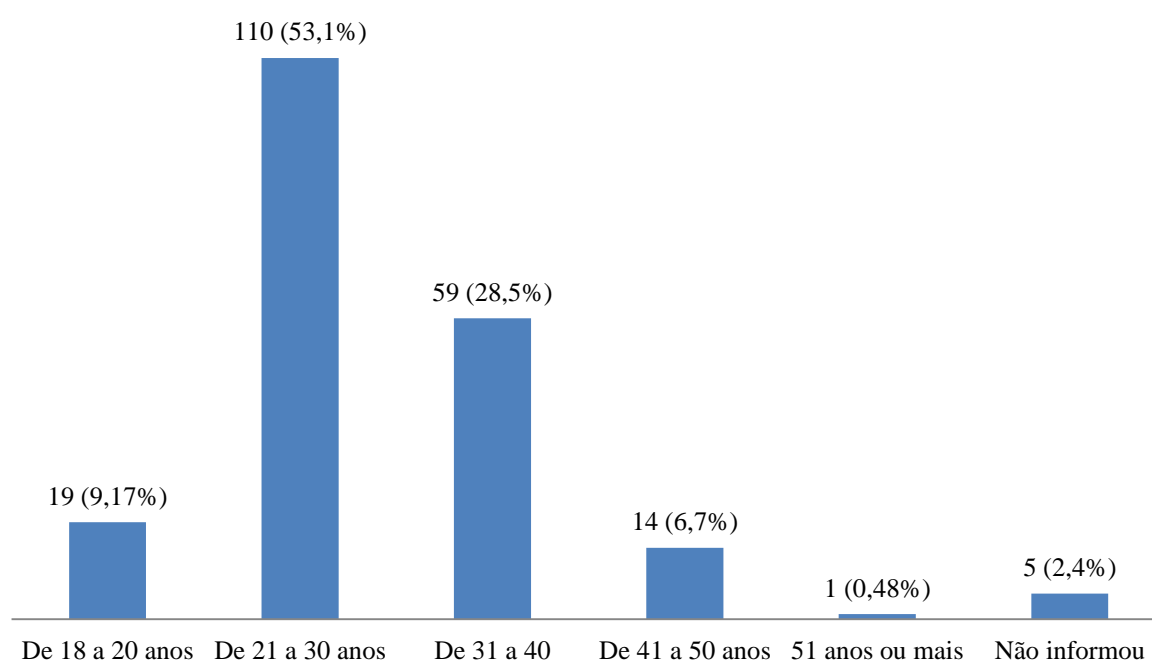
Optei por usar minha idade verdadeira para conferir maior veracidade ao trabalho e ao meu perfil e como um critério metodológico, já que a escolha por qualquer outra idade requereria uma justificativa e um propósito, o que não é o caso, considerando-se que não estava focada em uma faixa etária específica de mulheres. Também o fiz considerando que meu perfil só seria visível para mulheres interessadas em homens com a minha faixa etária. Em seguida, reproduzo os números em tabela e gráfico, respectivamente, para fins de organização e para que as diferenças fiquem mais visíveis.

Tabela 3 - Idades

| | |
|-----------------|-----|
| De 18 a 20 anos | 19 |
| De 21 a 30 anos | 110 |
| De 31 a 40 anos | 59 |
| De 41 a 50 anos | 14 |
| 51 anos | 1 |
| Não informou | 5 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 3 - Idades



Fonte: levantamento de dados da autora

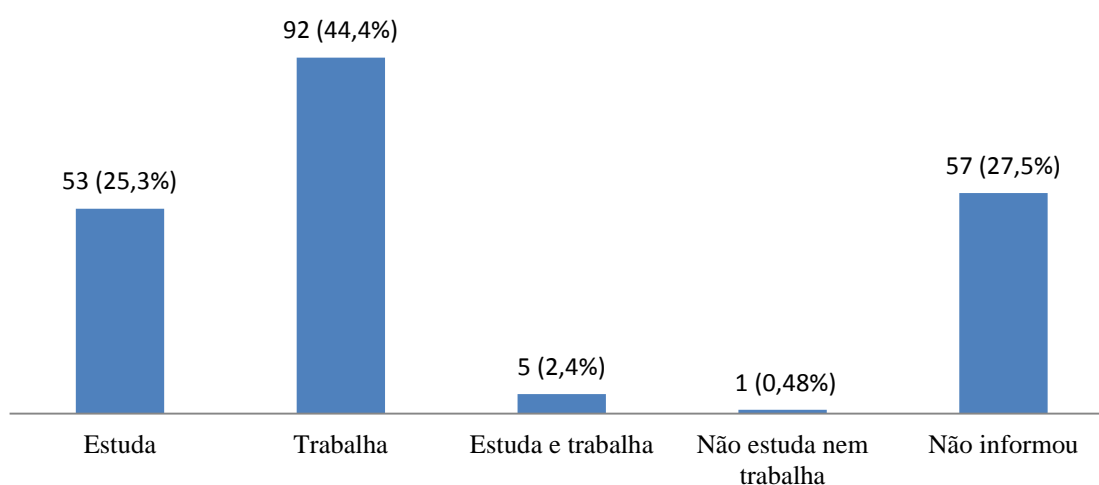
Provavelmente também em decorrência da faixa etária predominante, dos 21 aos 30 anos, a maioria de minhas entrevistadas está no mercado de trabalho: 92 (44,4%) informaram a profissão no perfil. Outras 53 (25,3%) se declararam estudantes, cinco (2,4%) se descreveram como profissionais atuantes e estudantes, uma informou que não estudava nem trabalhava (0,48%) e 57 (27,5%) não informaram se estudam, trabalham ou estão em busca de uma colocação no mercado.

Tabela 4 - Ocupação

| | |
|-------------------------|----|
| Estuda | 53 |
| Trabalha | 92 |
| Estuda e trabalha | 5 |
| Não estuda nem trabalha | 1 |
| Não informou | 57 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 4 - Ocupação



Fonte: levantamento de dados da autora

Entre as que trabalham, estudam e estudam e trabalham, há uma predominância também com relação à vinculação dessas mulheres com instituições de Ensino Superior de Santa Maria: entre as 140 que disseram trabalhar, estudar ou exercer ambas as atividades, 127 (90%) informam em seus perfis estar cursando ou ter cursado e/ou estar trabalhando ou ter trabalhado em alguma universidade ou faculdade da cidade. Apesar de a maioria conseguir se comunicar bem por meio do Tinder, há, também, entre as interlocutoras que responderam minhas perguntas, duas que apresentaram dificuldades para se expressar por meio da escrita. Uma delas, em especial, tinha uma escrita tão truncada que dificultou a minha interpretação

acerca do que ela estava querendo, de fato, dizer em suas repostas, fazendo com que eu tivesse que perguntar as mesmas coisas mais de uma vez, de diferentes maneiras, para conseguir ser fiel ao que ela queria responder.

Além desta dificuldade de comunicação, também foi preciso lidar com algumas respostas muito curtas e vagas ou muito longas, mas que fugiam do que era questionado. Outro contratempo enfrentado em campo diz respeito à possibilidade de rompimento do contato a qualquer momento na plataforma. No decorrer de minha investigação, notei que as usuárias do Tinder saem do aplicativo e voltam para ele a todo momento, por diferentes motivos – algumas porque deram início a novos relacionamentos, outras porque perderam a paciência para conversar com os homens pela plataforma ou porque já não acreditam na possibilidade de encontrar um companheiro por meio da ferramenta. Essa inconstância de permanência no aplicativo ocasionou a interrupção do contato entre mim e algumas de minhas interlocutoras sem que tivéssemos terminado nossa conversa. Além disso, qualquer usuário do Tinder pode desfazer o match a qualquer momento, impedindo que a conversa continue. Essas interrupções de contato decorrentes da saída das mulheres do Tinder ou de matches desfeitos ocorreram sem explicação prévia entre mim e algumas de minhas interlocutoras, sempre por iniciativa delas, por motivos que desconheço. No entanto, apesar desses problemas enfrentados ao longo do trabalho de campo, é possível dizer que, de maneira geral, as conversas foram esclarecedoras e fundamentais para a realização desta dissertação.

Ainda com relação aos perfis com os quais deparei no trabalho de campo, a maioria era, então, de mulheres brancas, com idades entre 20 e 31 anos, que estão trabalhando e têm ligação com alguma instituição de Ensino Superior da cidade. Mas eu também encontrei, durante minha busca por mulheres no Tinder, perfis que tinham nome e fotos de homens durante minha busca por mulheres. Optei, em um primeiro momento, por não aprovar dois desses perfis – portanto, não ocorreu um match entre nós – considerando que esse não era meu foco. Mas, depois, refleti melhor e, quando um terceiro perfil apareceu, eu o aprovei. Mas ele não me aprovou e, sem o match, não pude conversar com esse sujeito para entender por quais motivos havia se identificado como mulher em sua busca por homens no aplicativo. Partindo da ideia de que o Tinder foca em gênero para definir quem vai interagir com quem, esses homens acabam por fazer usos imprevistos dessa plataforma. E esse viés do uso imprevisto do Tinder faz parte de minha pesquisa, sobretudo no que diz respeito à ideia que corre o imaginário de muitas de minhas interlocutoras acerca de um possível criminoso, psicopata ou pessoa de má fé que esteja à espreita do outro lado da tela. Além disso, a partir dessa perspectiva, também é possível afirmar que eu mesma estou subvertendo o propósito

original da tecnologia quando a utilizo para realizar uma pesquisa de mestrado, assim como o fizeram outros pesquisadores que tiveram o Tinder como objeto de seus empreendimentos científicos.

Entre as 207 mulheres com as quais estabeleci um match, seis foram escolhidas para entrevistas mais aprofundadas que foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2018. Com cinco delas, eu conversei pessoalmente. A sexta foi entrevistada por telefone em decorrência de uma incompatibilidade de agendas, mas, como o material produzido foi rico apesar da ausência do contato face a face, optei por incluí-la neste grupo para poder explorar mais o que abordamos durante nossas conversas. Conforme combinado com elas e as demais que foram contatadas apenas pelo Tinder, nenhuma seria identificada em meu trabalho. Para fins de organização dos dados e dos perfis das seis entrevistadas, decidi identificá-las com os nomes de cantoras brasileiras, o que foi aceito por todas com bastante entusiasmo. Dei a elas, ainda, a chance de escolher quem seriam as cantoras cujos nomes as identificariam, e as seis escolhidas foram: Cássia Eller, Elis Regina, Tiê, Elza Soares, Karol Conká e Roberta Miranda.

Cássia é branca, tinha 32 anos quando nos encontramos, trabalha em um negócio próprio e foi minha primeira entrevistada. Casada com um homem há quase uma década e mãe de dois filhos, entrou no Tinder em março de 2018 e, em setembro, quando nos conhecemos pessoalmente em uma cafeteria no centro da cidade, já havia desativado a conta. Logo em nosso primeiro contato, pelo aplicativo, Cássia me passou seu contato de WhatsApp para que pudéssemos manter contato caso ela saísse do Tinder. Foi, portanto, por meio do aplicativo de troca de mensagens que conseguimos marcar nossa entrevista, considerando que ela já havia saído do Tinder na ocasião em que nos encontramos. A busca de Cássia na ferramenta, por homens e mulheres, foi motivada, segundo ela, pelo desejo de vivenciar novas experiências homoeróticas, pela falta de conexão com o marido, sempre muito cansado, e pela vontade de ter com quem conversar. Sua permanência no Tinder foi encerrada pela culpa de estar se sentindo infiel ao companheiro. Apesar de se sentir mal enquanto esposa, não descarta voltar ao aplicativo a qualquer momento.

Elis é branca, tem 39 anos (mas dizia ter 30, no perfil do Tinder), é dentista e foi minha segunda entrevistada. Criou um perfil no Tinder em julho de 2018 e, em novembro, dois meses depois de nosso encontro pessoal em uma cafeteria no centro da cidade e quatro meses depois de instalar o aplicativo, disse-me que havia saído do Tinder por falta de paciência para conversar com os rapazes. Sua busca por homens pela ferramenta teve início

após o fim doloroso de um relacionamento e foi incentivada por amigas que já tinham perfis no Tinder. Não descarta reativar a conta no aplicativo a qualquer momento.

Tiê é branca e tinha 30 anos quando nos encontramos, em uma cafeteria em um bairro da cidade. Fisioterapeuta, foi minha terceira entrevistada, em outubro, ocasião em que me disse que entrou no Tinder com o objetivo de conhecer homens com quem pudesse se relacionar sexualmente. No entanto, ao longo de nossa conversa, disse que nutria uma esperança de encontrar um relacionamento duradouro e um amor de verdade por meio da ferramenta. Em dezembro de 2018, seguia no Tinder. Foi, dentre minhas interlocutoras, a que se mostrou mais entusiasmada e esperançosa com a ferramenta.

Elza também é uma mulher branca e tinha 42 anos no dia em que nos conhecemos, em outra cafeteria do centro da cidade. Professora universitária, estava há mais tempo no Tinder do que minhas outras interlocutoras – criou o perfil em 2014 e, de lá para cá, fez usos diversos da ferramenta. Quando nos encontramos, em novembro, ela já havia desinstalado o aplicativo. A mudança foi ocasionada pela maternidade. A filha de Elza chegou aos braços dela em fevereiro de 2018, transformando a rotina e roubando a atenção de todo o resto, inclusive, do Tinder. Além disso, Elza não quer se relacionar com qualquer pessoa após da chegada da filha. De qualquer forma, não descarta uma eventual volta ao aplicativo.

Karol é uma mulher negra e tinha 21 anos quando nos encontramos em outra cafeteria, na região central da cidade. É estudante universitária, mantém um pequeno negócio, mas está em busca de um emprego formal. Criou um perfil no Tinder em 2018, em busca de sexo casual, depois de passar por dois relacionamentos difíceis e traumáticos. Permaneceu por dois meses no aplicativo, até começar a namorar um homem que não conheceu no aplicativo. No dia de nossa entrevista, havia desinstalado a ferramenta do celular, mas não descarta retornar ao Tinder, mesmo namorando, para, segundo ela, poder satisfazer desejos de ordem sexual.

Roberta tem 27 anos, é uma mulher branca, graduada e pós-graduada na Universidade Federal de Santa Maria, estuda e, em dezembro de 2018, estava em busca de um emprego. Criou o Tinder pela primeira vez em 2014, mas usou só por um mês e começou a namorar um homem que não conheceu pelo aplicativo. Sua volta ao Tinder ocorreu em outubro de 2017, quando ela tinha o objetivo de se relacionar com homens, palavras dela “como quem vai para uma balada”. Nossa entrevista aconteceu por partes, ao longo de três dias, e foi feita por meio da troca de áudios pelo aplicativo WhatsApp por sugestão de Roberta, logo que eu comecei a entrevista-la pelo chat do Tinder. A troca foi tão agradável e profunda que optei por incluí-la neste grupo. Nosso encontro pessoal não foi possível por incompatibilidade de agendas, mas ainda mantemos o contato e nos adicionamos em outras redes sociais. Fiz o mesmo com as

demais mulheres a quem entrevistei pessoalmente e a quem acompanho, também, pelo Instagram pelo Facebook. Também conversei com frequência com todas elas pelo WhatsApp. Em dezembro de 2018, Roberta permanecia com o perfil ativo no aplicativo. Apenas reproduzirei, nesta dissertação, o conteúdo construído a partir das entrevistas em profundidade feitas pessoalmente ou por áudio com essas seis mulheres. As reproduções de conversas estabelecidas por meio do aplicativo que apresentarei neste capítulo dizem respeito a entrevistas feitas com outras interlocutoras, com as quais conversei apenas pelo Tinder.

Durante o trabalho de campo no aplicativo e, depois, nas conversas estabelecidas pessoalmente com minhas interlocutoras, identifiquei quatro aspectos como centrais desta dissertação e que apareceram com frequência nas falas de minhas entrevistadas: 1) a possibilidade de exercerem o desejo mais livremente e do quanto isso fazia bem à autoestima delas; 2) o medo que sentem de se encontrar com desconhecidos em ambientes privados e se colocarem em uma situação de perigo porque acreditam que o pretendente possa ser um psicopata, um criminoso ou uma pessoa de má índole e o quanto isso influencia no modo como conduzem seus relacionamentos no aplicativo; 3) a influência que notícias e relatos de casos de abuso exercem sobre essa percepção que elas têm de que o sujeito do outro lado da tela pode ser perigoso; 4) o preconceito que ainda enfrentam na busca por esse exercício livre do desejo, pelo simples fato de serem mulheres, e o quanto isso as limita em suas interações e acessos à ferramenta. Falarei, em seguida, sobre cada um desses aspectos.

2.2 EM BUSCA DO MATCH: O DESEJO E A AUTOESTIMA NO APLICATIVO

Durante o levantamento de dados acerca das emoções que norteiam a interação dessas mulheres com homens no Tinder e que são determinantes para que decidam por estabelecer um encontro com eles (ou não), descobri que a maioria dessas mulheres entrou no aplicativo em busca de ter mais um canal para conhecer pessoas e estabelecer conversas com homens de maneira mais rápida, fácil e direta. Os motivos que as levam a procurar a ferramenta como um dispositivo para interagir com esses sujeitos são diversos e falarei sobre eles em seguida. Mas, independentemente do gatilho que as fez criar um perfil no aplicativo, entre as 132 mulheres que responderam todas ou parte de minhas perguntas, 129 (98%) disseram que usam o aplicativo como uma ferramenta para conhecer pessoas novas, que o Tinder facilita a paquera, no sentido de ser de prático manuseio, que as ajuda a se sentirem mais bonitas e desejáveis e que não descartam a possibilidade de conhecer, pessoalmente, os homens com os quais conversam pelo aplicativo. Já outras três (2%) afirmaram que usam o aplicativo apenas com o

objetivo de manter “amizades virtuais”, que nunca foram a um encontro e que não pretendem fazê-lo. A justificativa dada por elas é que não querem se envolver com ninguém neste momento de suas vidas, no Tinder ou fora dele, e que usam a ferramenta apenas como um passatempo em momentos de tédio. No gráfico e na tabela a seguir, é possível ver o resultado do levantamento de dados desta pesquisa acerca dos motivos que fazem com que as mulheres usem o Tinder.

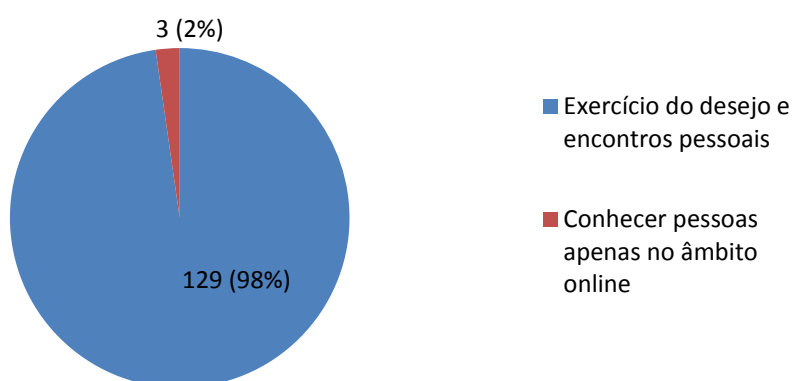
As categorias que dizem respeito a por quais motivos essas mulheres decidiram usar o Tinder, assim como todas as demais categorias que se serão apresentadas ao longo deste capítulo nesta dissertação, foram criadas somente após as conversas com as usuárias da plataforma. Para criá-las, considere as respostas mais frequentes e as sistematizei, sem que fosse alterado o sentido do que foi dito de diferentes maneiras por minhas interlocutoras ao longo de nossas conversas, que tiveram como base entrevistas semiestruturadas. Essa decisão se deu no momento da análise desta pesquisa, diante da grande quantidade de material que foi produzido em campo, para fins de melhor organização e, conseqüentemente, de melhor compreensão dos dados que serão apresentados em seguida.

Tabela 5 - Motivos para usar o Tinder

| | |
|--|-----|
| Desejar, sentir-se desejada e conhecer novas pessoas de maneira mais fácil e livre | 129 |
| Apenas conhecer pessoas on-line, restringindo o uso a este meio | 3 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 5 - Motivos para usar o Tinder



Fonte: levantamento de dados da autora

De acordo com Beleli (2015), a explicação para essa busca cada vez mais intensa por relacionamentos por meio das mídias sociais está no fato de que, na internet, as mulheres encontram um espaço em que se sentem especiais, inclusive, para alguém que elas não têm “a menor ideia de quem seja, mesmo que a interação seja rápida”. Ainda segundo a autora, que

desenvolveu uma pesquisa em 2014, com mulheres solteiras e divorciadas, moradoras de São Paulo (SP) e que utilizam aplicativos como o Tinder, os desejos e as emoções são presentes o tempo todo nesse campo dos aplicativos de paquera virtual, o que mobiliza a descoberta de afinidades com o outro desejado e a consequente percepção de si mesmo desses sujeitos (BELELI, 2015, p.101).

Essas novas maneiras de sociabilidades são reflexo do que Del Priore (2005) chama de reorganização das atividades cotidianas que ocasionou uma reorganização profunda da vida emocional. Após investigar as mudanças sofridas pelo amor romântico ao longo dos séculos, a autora concluiu que, hoje, a devoção ao amor deu lugar à reivindicação da liberdade sexual e que, “por trás da idéia libertadora, porém, os sociólogos revelam que se acumulam as vítimas, os perdedores. A liberdade amorosa tem contrapartidas: a responsabilidade e a solidão” (DEL PRIORI, 2005, p. 339). E é nesse contexto de responsabilidade e de solidão que navega, pela tela do celular, grande parte de minhas interlocutoras. Muitas delas, inclusive, responsabilizam-se pelo agenciamento de sua liberdade sexual e afirmam encontrar no Tinder o espaço perfeito para satisfazerem suas vontades, já que partem do pressuposto de que os homens estão no aplicativo em busca, exclusivamente, de sexo rápido e fácil. Apesar disso, a maioria também admite que sofre com a falta de um relacionamento mais profundo e que espera encontrar “uma pessoa legal, um dia”. Já aquelas que entram no Tinder em busca de conforto para um coração partido – e elas também são muitas – enfrentam mais dificuldades para se adaptarem à ferramenta e para encontrarem parceiros que estejam dispostos à mesma coisa.

De qualquer forma, o Tinder, assim como os demais aplicativos criados para esse fim, torna-se um ambiente favorável à liberdade da sexualidade feminina e sua materialização, considerando que, nesses espaços, “visibilidade e discrição andam juntas” (NOGUEIRA, SILVA e SILVA, 2017, p.8), além de facilitar a comunicação entre as pessoas que estão usando a mesma ferramenta, na maioria dos casos, com a mesma intenção: relacionar-se uns com os outros, de alguma maneira. Além disso, o Tinder permite que essa mobilização de desejos e emoções se dê sem a necessidade de que suas usuárias saiam de casa, oferecendo maior comodidade ao flerte em meio a rotinas atribuladas. Isso porque, segundo minhas interlocutoras de pesquisa, o aplicativo permite que a paquera aconteça em um ambiente mais confortável e tranquilo do que uma festa, por exemplo. As baladas, elas argumentam, exigem uma preparação intensa prévia (com escolha de roupa e maquiagem), exigem disposição durante (já que é preciso, por horas, ficar de pé sobre o salto alto), e exigem, ainda, que elas lidem com a interferência da música alta e do álcool que, invariavelmente, atrapalham a

conversa. Fora isso, outra desvantagem da balada em relação ao aplicativo, segundo elas, é o fato de ter que decidir em um curto espaço de tempo se vão ou não dar uma chance ao sujeito com quem interagem. Já o Tinder, elas argumentam, dá acesso aos homens desde o conforto de casa, vestindo pijamas, sem a necessidade de despender tempo e energia com preparação, com a chance de conversar com alguém sem barulho em volta e com a possibilidade de refletir por horas ou mesmo dias se vai dar o passo seguinte ou não rumo àquele homem pelo qual se interessaram e que se interessou por elas. Além disso, outro fator importante que a ferramenta oferece e que as festas não oferecem é a questão do interesse presumido, no sentido de que, para haver o match e o canal de comunicação se abrir, é preciso que ambos os envolvidos na conversa tenham aprovado um o perfil do outro, conforme expliquei no primeiro capítulo desta dissertação. Já uma troca de olhares em uma festa pode não configurar um interesse explícito e encorajador o suficiente para dar início a uma conversa. Além disso, as baladas não costumam ser espaços muito convidativos ao diálogo, considerando-se o volume alto das músicas característico da maioria desses ambientes.

Movidas por diferentes razões, em um contexto permeado pela tecnologia e pouco favorável ao amor, minhas interlocutoras justificam, em mensagens que reproduzo a seguir, suas entradas no aplicativo. É possível ver, nas respostas, que a maioria delas justifica a opção pela ferramenta pela questão da praticidade de flertar em casa, nos horários livres, mas também dão pistas com relação a preocupações relativas a rejeição e a “não chamar a atenção de homens nas baladas”, o que revela um componente importante relacionado à autoestima e à vontade de se sentirem aceitas.

Figura 9 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos

Outro motivo que eu acredito que leve as pessoas ao aplicativo, é que em festas, tu não tem a possibilidade de conversar com o outro. É mais coisa de momento e dificilmente passará disso. Aqui, tu tem a possibilidade de "conhecer" a pessoa sem fatores que alterem seu comportamento, como a bebida, numa festa, embora o celular não seja algo 100% transparente.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 10 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Claro, bom uma amiga minha que indicou o Tinder para mim a uns dois anos, pois não tenho muito costume de sair. sou mãe solteira no fim trabalho e não tenho muito tempo de sair. Então resolvi usar o Tinder para conhecer homens mais para sexo sem compromisso.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 11 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

Sim.. pois como disse é um dos unicos meios q tenho contato com gnt nova.. como disse não saio mto.. nao trabalho com publico, ja terminei a faculdade.. então... e outra: qdo saio, incrível q não tem um indivíduo kpaz de chegar p conversar.. eu e minha amigas sempre comentamos isso.. saimos pra nos divertir msm, pq se for na esperança de conhecer alguém volta frustrada hahaha..

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 12 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Então, eu usava o Tinder pq quando eu saia com meus amigos não tinha vontade de conhecer ninguém, então acabava me fechando mais e curtindo as festas com os amigos apenas, sem "paquera". Também comecei a usar (primeira vez) quando realizei interncambio e era uma maneira mais fácil de me comunicar com as pessoas do lugar. Acabei voltando e continuei a usar, pq tinha tido experiências boas tanto de relacionamento quanto de amizade pelo aplicativo.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 13 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

eu resolvi usar o Tinder por que sou introvertida, não saio muito, nem vou em festas, então o aplicativo é uma forma de conhecer gente nova. Além disso ele deixa que ambos selecionem com quem querem conversar, então você já parte do pressuposto que a outra pessoa ficou minimamente interessada 😊

evita aquela rejeição ao vivo e a cores

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 14 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos

Ah sim, então, me mudei p sm esse ano e só conhecia uma pessoa, e foi essa pessoa quem me falou p baixar o app, pq aqui Td mundo usava kkkkk

oq foi bom pq n saio mt aqui, por conta da faculdade q no momento está exigindo mt de mim, então to sempre em função disso, e o app foi uma maneira mais fácil de conhecer pessoas sem ter q sair de casa

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 15 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Escolhi o tinder pq acho q é um jeito de conhecer pessoas nesse mundo moderno

Ainda mais pq sou uma pessoas um pouco timida

E sou mais caseira, não sou muito de sair e qdo saio não sou uma pessoa q chama a atenção dos rapazes na balada

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 16 - Reprodução de conversa com interlocutora de 34 anos

Por que eu tenho um relacionamento aberto

E o Tinder é um facilitador

Para pessoas que não saem muito

Encontrarem alguém para a mesma finalidade

Fonte: pesquisa de campo da autora

Karol, minha única interlocutora negra e a mais nova delas também não acha que festas são o melhor lugar para o flerte e optou pelo Tinder para conseguir ter acesso mais rápido, fácil e direto a homens com os quais gostaria de manter relações sexuais. Com 21 anos, a jovem é estudante de um curso de Ciências Humanas, faz doces em casa para ajudar a pagar a faculdade particular e, em dezembro de 2018, procurava um emprego formal para ter outra fonte de renda. Com uma rotina cheia e sem paciência para “ir a festas caçar”, ela diz que encontrou no Tinder a praticidade de que precisava para conseguir fazer sexo sem ter de estabelecer nenhum tipo de compromisso, já que não estava em busca de um relacionamento sério durante os dois meses em que manteve a conta ativa no Tinder, em 2018. Nesse período, ela teve sete encontros. Nenhum deles se repetiu, já que o objetivo era que fossem apenas casuais. Não desconsidera reativar a conta com o mesmo fim, mesmo namorando.

Eu tenho poucos tabus, sou uma pessoa muito liberta, graças a Deus, e eu estava em uma fase em que eu não queria um relacionamento com ninguém, não queria ter que sair, conversar, falar sobre o que eu faço da vida... eu só queria sair, tomar uma cerveja e fazer sexo. E eu achei que o Tinder era uma ferramenta para conseguir isso de maneira mais fácil. E até tive alguns encontros com alguns caras e foi super tranquilo, super legal e não teve cobrança nenhuma. No outro dia, a tua vida vai seguir normal, como se nada tivesse acontecido. Então, esse foi o meu principal motivo para entrar na ferramenta. É mais fácil do que ir para uma festa caçar, é mais prático, mais fácil conversar pelo aplicativo sobre o que eu quero do que chegar em uma festa, olhar para um cara e dizer: “eu quero dar pra ti”. Na festa, eu vou para curtir com as minhas amigas e ficar bêbada e já era. Então, por isso, acho o Tinder muito mais prático. E os caras que eu fiquei foi só para o sexo mesmo e depois “tchau”. A única coisa que fazia com que eu me afastasse era quando os caras começavam com muito grude, eu não queria isso e sempre deixei bem claro que era só sexo e que eu não queria compromisso com ninguém. E quando começava com “bom dia”, “boa noite”, não, não curtia, eu só queria transar mesmo, não precisava desse papinho. Daí, eu comecei a namorar e desinstalei o Tinder. Não excluí a conta porque a gente nunca sabe quando vai precisar, né? E eu sei diferenciar muito bem

sexo de amor. Eu posso dar para um cara hoje e amanhã nem lembrar e isso não vai influenciar no amor que eu tenho pelo meu namorado porque é só sexo. Às vezes, eu até penso em ficar com outros caras, mas não é porque eu não amo ele. É porque meu namorado anda numa fase muito amorzinho e eu não, eu gosto de sexo, de selvageria, de se bater, de chicote, de vibrador, transar ao ar livre, em festa... e o meu namorado já está mais calmo, sabe? E eu preciso disso. Às vezes, me dá vontade. A rotina é ótima, a gente é muito parceiro, mas a questão sexual é um problema neste momento.

Tiê, 30 anos, também entrou no Tinder com o objetivo de “pegar gente”, embora, diferentemente de Karol, ela nutrisse, na época, uma esperança de encontrar, no aplicativo, um sujeito com quem valesse à pena se relacionar de maneira mais profunda. Fisioterapeuta e com uma rotina agitada, que inclui muitas amigas e viagens para diferentes lugares, Tiê também optou pelo aplicativo em virtude da praticidade oferecida pela ferramenta para quem quer encontros de ordem sexual. Naquele espaço, ela se sente mais livre para flertar com mais tranquilidade, algo que, em uma festa, não é tão simples para ela, como não o é para as interlocutoras cujos depoimentos reproduzi anteriormente:

Ter um perfil no Tinder é um facilitador, porque é mais difícil estabelecer uma conversa em uma festa, por exemplo, ou em outros ambientes. Pelo menos, para mim, é assim. Então, como eu queria pegar gente mesmo, ter um perfil no aplicativo faz todo o sentido para esse fim, que era o meu objetivo quando fiz o meu perfil. Embora, no fundo do meu coração, eu tenha esperança de achar uma pessoa legal no Tinder. Se eu sou legal e estou no aplicativo, há de ter homens legais no Tinder também. E esses eu procuro para estabelecer uma relação bacana da ordem que for, e não apenas um encontro.

Elis, 39 anos, também manteve o perfil no aplicativo por aproximadamente cinco meses porque acha que ele proporciona um caminho mais fácil para estabelecer relações sexuais. Mas, depois desse período, ela desinstalou o aplicativo. Quando perguntei os motivos, ela respondeu: “ah, muito homem burro. Cansei. Li uma frase esses dias que diz que o melhor anticoncepcional do mundo é ouvir o que os homens têm a dizer. Sem misandria, mas tá difícil”. Entre as vantagens da ferramenta, para a qual ela não descarta voltar, também estão o conforto de não precisar enfrentar uma festa na busca por um homem:

Eu acho o Tinder mais prático para estabelecer relacionamentos. Se tu vai para balada, vai ter que colocar salto. Eu sou dentista, tenho 39 anos, então, já tenho a coluna estourada. Se eu vou colocar salto e ficar cinco horas de pé, meu humor termina. E, aí, eu começo a beber e começo a ficar surda, não escuto mais. E, aí, vou conversar com a pessoa de que jeito, sabe? No aplicativo é tão mais fácil.

Mas Elis, assim como a outras três mulheres com as quais conversei de maneira mais aprofundada se disseram mais motivadas a entrar no Tinder em busca de amenizar a dor provocada por fins de relacionamentos. Apesar de o fator motivacional para a inserção na

plataforma ter sido outro, a prerrogativa de poderem exercer mais livremente seus desejos no aplicativo também se fez presente nos discursos das quatro e de outras interlocutoras que entrevistei apenas pelo Tinder. Em comum entre elas – e diferentemente do que disseram Karol e Tiê, que não mencionaram essa questão – estava a necessidade proeminente do resgate da autoestima após vivenciarem o encerramento de romances que deixaram feridas. O Tinder, portanto, tornou-se um espaço para que pudessem buscar por relacionamentos de ordem sexual e/ou afetiva, mas também virou uma espécie de bote em meio a um mar de tristeza, decepção e falta de amor próprio.

Para essas mulheres – inseridas em um contexto social em que suas práticas amorosas e/ou sexuais ainda são questionadas e reprimidas – que não querem se expor a julgamentos enquanto tentam se reconstruir e se fortalecer emocionalmente, a internet “se mostra como o lugar onde se pode estar a salvo. Sobretudo para aqueles/as que, historicamente, tiveram seus desejos proscritos” (PELÚCIO, 2017, p. 12). Este é o caso de mulheres com as quais conversei pelo Tinder e cujos depoimentos reproduzo abaixo. Muitas viviam ainda dores profundas e outras já estavam se sentindo fortes o suficiente para ingressarem no aplicativo e tentarem novos relacionamentos.

Figura 17 - Reprodução de conversa com interlocutora de 48 anos

Comecei com o tinder por estar com a minha estima muito baixa, tinha saído e um relacionamento de 17 anos que não dava mais frutos, então busquei no aplicativo uma forma de me ver desejada novamente. E tentei encontrar um rapaz duas vezes, mas não obtive muito sucesso e na verdade eu até não estava muito empolgada e sempre

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 18 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Bom, eu tive Tinder a três anos atrás, conheci meu noivo por esse app. Terminamos e resolvi baixar novamente, se deu certo uma vez, quem sabe rolê de novo.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 19 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

Há um tempo eu terminei meu relacionamento e não estava saindo muito

Depois de um período, comecei a sentir vontade de conhecer outras pessoas

E pensei que o Tinder pudesse ser uma ferramenta pra isso

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 20 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Eu recorro ao Tinder quando estou; Entediada... desiludida ou com vontade de me vingar do ex, kkkkk

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 21 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Eu comecei a usar meio por tédio mesmo hahahahah. Terminei um namoro longo, então nunca tinha brincado com os apps de paquera. Aí tava curiosa pra ver como que era. Hahahah

Desde lá instalei e desinstalei o app várias vezes.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 22 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Eu decidi usar o Tinder há uns 3 anos quando terminei um relacionamento meu e havia me afastado de muitos amigos, não sabia como 'voltar' a ter uma vida social como eu tinha antes e resolvi instalar o app

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 23 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

Eu namorei durante 9 anos e faz 2 que estou solteira. Bom...após o término e todo aquele período de sofrimento, quando realmente me senti livre para conhecer novas pessoas, resolvi criar um perfil no tinder por curiosidade, pra saber como funcionava.

Foi um ano com muitas adversidades, entre elas, início de carreira em uma cidade que não conhecia ninguém e sem minha família por perto.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 24 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Depois disso, no final do ano passado retomei o namoro de quase 5 anos e ficamos juntos até um mês atrás, onde chegamos a conclusão de que não sentíamos mais atração um pelo outro e que por mais que gostássemos um da cia do outro, sabíamos que isso somente não iria nos manter felizes. Então terminamos e novamente baixei o aplicativo. Dessa vez com a intenção de alimentar o ego mesmo, pq ter ouvido da pessoa que eu namorei 6 anos que ele não sentia mais tesão, mexeu um pouco com minha auto estima.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 25 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos

Eu inicialmente tbm queria privacidade, pois havia saído de um casamento de treze anos

Não queria me expor

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 26 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Então... Eu saí de um relacionamento... De pouco tempo até.. 6 meses mas que eu levava a sério e queria seguir a diante, ele terminou comigo em um momento difícil.. era meu tfg2 na faculdade.. 1 semana antes da entrega final hehehee.. eu fiquei fragilizada e perdida, depois que passou as obrigações com a faculdade.. me vi bem carente e tal.. sem nenhum um "lance" nem que seja pra dar umas voltinhas, conversar, uns beijos.. nada sério.. foi aí que meu amigo disse " tu precisa de um tinder"

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 27 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

Então, acho que acabada sendo legal quando o match acontece com alguém que eu já tinha visto na vida real,mas que só acaba acontecendo mediado pelo aplicativo

Acaba*

Ah sim... com desconhecidos tu sente o que?

Acho que com desconhecidos é mais uma questão de auto estima mesmo

Tipo "ah, essa pessoa que parece interessante tb me achou interessante em algum sentido"

Fonte: pesquisa de campo da autora

O mesmo desejo de se sentir atraente e resgatar a autoconfiança aparece no depoimento de outra interlocutora que disse não procurar relacionamento sério na ferramenta, pois viveu “um casamento neurótico por 20 anos”, mas que via no Tinder uma valorização da autoestima, já que se surpreendia com as pessoas que se interessavam por ela. Elza, minha interlocutora de 42 anos, que é professora universitária, enfrentou esse dilema da falta de autoestima quando entrou no Tinder em 2014, depois de um casamento que terminou de uma

forma muito dolorosa para ela e de um segundo relacionamento, iniciado em um site de relacionamentos, que também não acabou bem. A dificuldade que Elza enfrentava de se sentir suficiente era tamanha, que ela não aprovava perfis de homens muito bonitos porque achava que ela “não era uma mulher para eles”:

É tão mais confortável paquerar estando de pijama em casa. É uma maneira de exercitar o desejo de maneira mais livre e mais confortável. Hoje eu estava pensando sobre quando foi exatamente que eu entrei no Tinder. Eu acho que foi em 2014. Eu tinha me separado em 2011, um processo de luto muito complicado, depois de 11 anos juntos. Logo depois, eu não deixava ninguém chegar perto, se aproximar, aquela coisa toda. A autoestima muito baixa porque ele me destruiu, ele acabou comigo. Ele me atirou no chão e pisoteou. Ele me traiu, mas, hoje, eu digo que a traição foi o de menos. Porque o que eu descobri que ele me mentiu. Ele inventou outra vida. Uma história que não era dele. E eu caí. Ele sustentou essa mentira por seis anos. E as pessoas diziam: não pode, tu é louca. Porque a gente é sempre a louca, né? E daí eu fiquei muito receosa, mas entrei em um site, o Par Perfeito. Só que eu estava com a autoestima tão baixa que eu olhava os caras e pensava: ah, não, esse não é para mim, esse é muito bonito. Eu achava que eu não servia para aqueles homens porque eu estava gorda. Porque isso foi uma das coisas que o meu ex-marido me falou, que ele não me amava mais porque eu tinha engordado. Lógico que era para me machucar, para me ferir, mas, fragilizada, tu cai na bobagem de acreditar. Então, sempre tinha um problema de autoestima. Até que eu decidi ficar com um cara do Par Perfeito, que era um homem lindo, de quase 2 metros. Ele é um gato. Podre de complicado. Mas a gente não sabe na hora. E eu acabei me apaixonando. E daí me fodi porque ele acabou ficando com outra mulher. Porque quando eu me separei, eu tive uma depressão que não foi tão forte quanto essa. Eu tive uma recaída, um rebote. Tinha parado de tomar os remédios e me acabei. Me destruí. Isso foi em 2013 ou 2014. E aquilo me destruiu e eu comecei a ficar com um pé atrás de novo. Decidi dar um tempo. E daí, em 2014, eu já tinha defendido o doutorado, já estava me sentindo mais segura com relação às coisas todas, daí, eu entrei no Tinder. Mas, no início, eu ainda tinha aquela coisa: aí, é muito bonito, esse é muito isso, aquilo, aquele outro.

Quando criou o perfil no Tinder, Elza tinha a esperança de encontrar um relacionamento de ordem mais afetiva, que a ajudasse a superar a dor do fim das relações anteriores, até que, um ano depois, percebeu que o aplicativo não era o ambiente mais eficiente para essa busca. Essa percepção de que os homens que estão no Tinder têm mais interesse em sexo do que em comprometimento aparece também nos discursos de outras interlocutoras e influencia em suas sociabilidades, conforme fica perceptível na fala de Elza:

E aí veio 2015 e eu pensei: quer saber? Eu vou bancar. Vou enfiar o pé na jaca. E aí comecei a dar match match match, não queria nem saber se a pessoa é atleta, anda de bicicleta, se sobe e desce morro, não queria nem saber. E, daí, 2015 foi o ápice do Tinder. Eu nunca vi tanto pau na vida. Não sei quantos eu conheci em 2015, mas foram muitos. No final de 2015, eu fiz um cálculo, não me lembro direito se foram 12 ou 14, mas foi uma coisa assim. Às vezes, eram dois por dia. Eu tentava organizar um, outro, às vezes, três falavam comigo ao mesmo tempo. Era uma confusão. Porque no início, quando eu comecei a usar o Tinder, eu tinha aquela ideia do romantismo, aquela ideia de arranjar um namorado, alguém para ficar, um cara legal. Daí, em 2015, foi só sexo, foi só trepar, que é o que as pessoas procuram no aplicativo, só que lá no início, eu não sabia que era isso.

Elis também encontrou no Tinder uma saída para um momento de decepção amorosa. Apesar de ainda não se dizer totalmente recuperada do fim daquela relação, o que fica evidente quando diz que “não quer nem ver” o sujeito com o qual se relacionava, Elis está mais confiante, segura e com a autoestima mais elevada e, agora, a falta de paciência para conversar com os rapazes que conhece no aplicativo já é maior do que o benefício da distração que eles trouxeram:

Faz uns dois meses que tenho o Tinder. Eu conheci um cara no final do ano passado. Me apaixonei, fiquei nas nuvens, sabe quando tu meio que sai do chão? E aí ele começou a sumir. Eu falei para ele: tu tá sumindo, né? Eu não consigo fazer mais nada contigo porque tu nunca pode fazer nada. E ele dizia que não, que estava tudo bem, para eu não me preocupar. Até que acabou, eu parei de ir atrás, ele parou de falar. Eu ainda estava me perguntando o que eu tinha feito, como eu poderia me aproximar de novo, o que tinha acontecido, e ele apareceu namorando. Aí, eu pensei: bom, eu tenho duas saídas, ou eu fico em casa chorando e me deprimindo ou eu saio para a rua e vou conhecer outras pessoas e colocar a cabeça no lugar. Enfim, nunca mais o vi e nem quero mais ver e não sei como eu vou reagir. Porque eu sei que o dia que eu enxergar, vai ser o dia que eu vou estar com o cabelo desarrumado, vestindo moletom, e ele vai estar com a namorada, bem lindo e feliz. Então, melhor não. E aí comecei a conversar com pessoas e acho que eu sofri menos. Porque das outras vezes que eu sofri esses baques eu fique em casa sofrendo meio ano, um ano e não foi legal.

O incômodo com a solidão também foi o que motivou Roberta, 27 anos, a criar um perfil no aplicativo em 2014. Naquela ocasião, ela havia terminado um relacionamento e, sofrendo por estar sozinha e ter sido traída, queria uma distração. Um mês depois, começou a namorar um homem que não conheceu no Tinder e só voltou a reativar a conta em 2017, segundo ela, com outra intenção. Desta vez, ela se diz determinada a ter encontros, conhecer os homens pessoalmente e desejar e se sentir desejada também no âmbito off-line:

Eu usei o Tinder pela primeira vez há quatro anos, quando eu terminei o meu último relacionamento. Estava me sentindo sozinha, carente, meio sem saber o que fazer e precisando conversar com gente diferente. Aí, eu instalei o aplicativo e eu acabei basicamente usando ele por um mês. Depois, eu comecei a namorar uma pessoa que eu conheci fora do aplicativo. No ano passado, em outubro, mais ou menos, novembro, por ali, eu comecei a usar o aplicativo novamente, mas com outra visão. Porque se, inicialmente, eu simplesmente queria pessoas para conversar e não sofrer tanto com o tempo de estar sozinha, de ter sido traída, desta vez, eu fui já pensando: vamos ver, vamos conhecer pessoas que eu não conheço. Então, eu fui para o Tinder com a mesma ideia das pessoas quando vão para a balada, sabe? Quando tu vai para a balada e tu encontra pessoas que não encontraria em outras situações? Eu encaro o Tinder mais ou menos dessa forma, como uma balada em que tu encontra pessoas diferentes e que tu consegue conversar com essas pessoas antes. Então, eu resolvi usar para conhecer pessoas diferentes, que eu não conheceria no meu ciclo de amigos, pessoas que façam coisas diferentes do que eu faço, que sejam de áreas diferentes das pessoas com as quais eu convivo diariamente.

Cássia, 32 anos, foi a única entre as entrevistadas com as quais conversei de maneira mais aprofundada que disse também sentir desejo por mulheres. Além de enfrentar as

dificuldades acerca do cerceamento histórico da sexualidade enfrentado por mulheres heterossexuais, ela ainda precisava lidar com a vontade de experimentar uma relação fora dos padrões heteronormativos. Até entrar no Tinder, Cássia nunca tinha se envolvido com nenhuma mulher. E foi na ferramenta que ela encontrou o lugar ideal para viver seu desejo homoerótico que, segundo Miskolci (2017, p.65), é “compreendido como ameaça à ordem social e simbólica”, sendo, o mesmo tempo, “obsceno e abjeto, portanto, uma vergonha e um segredo”. Secretamente, a esposa de um homem e mãe de dois filhos passou a flertar com mulheres no Tinder no intuito de entender a própria sexualidade já que, segundo ela, sentia coisas desde o Ensino Médio e que não sabia explicar e esse movimento foi prazeroso para ela, assim como é, de maneira geral, para pessoas que buscam parceiros do mesmo sexo:

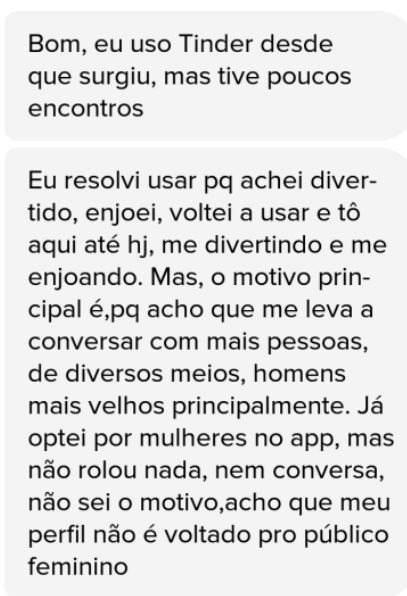
O sentimento de agência desejante – de estar em um espaço em que se pode ser desejado assim como tentar conquistar outrem – é prazeroso e gratificante para aqueles que, no cotidiano moldado pela premissa heterossexual, são obrigados a apagar seu desejo e nem mesmo são reconhecidos como desejáveis por quem os atrai (MISKOLCI, 2017, p.126).

Quando entrou no Tinder, Cássia restringiu a busca a mulheres e usou uma foto que achou na internet e escolheu um nome fictício. Sempre que o marido saía de casa, ela instalava o aplicativo, que era desinstalado assim que ele chegava. Cansada de se esconder, Cássia sugeriu ao marido que fizessem, na ferramenta, um perfil de casal que está em busca de uma terceira pessoa, no caso, uma mulher, algo que se tornou bastante comum no aplicativo. A desculpa utilizada por ela foi a de apimentar a relação. O marido topou e, então, ela passou a gerenciar o perfil com liberdade. Disso tudo, resultou a primeira experiência sexual de Cássia com uma mulher – e o marido não estava junto:

Escolhi o Tinder por ser anônimo. A primeira vez que criei conta foi em março desse ano. Depois de algumas questões pessoais relacionadas à minha sexualidade e à minha orientação sexual e a problemas com o meu companheiro, eu resolvi procurar o aplicativo. No início, eu me coloquei apenas a procura de mulheres. E foi com uma mulher meu primeiro encontro, o que acabou se tornando a minha primeira experiência homossexual. E ela foi a única que eu encontrei pessoalmente. Não sabia direito como funcionava e fui experimentando todo dia um pouquinho. Foi então que criei uma rotina. Quando eu acordava, instalava e, antes do meu marido chegar em casa, desinstalava o aplicativo. Sempre assim, uma tensão, durante aquele período, com medo que ele visse. Aquilo estava me incomodando muito. Então, propus para ele que nós encontrássemos uma terceira pessoa, uma mulher. Ele aceitou. Eu aproveitei esse momento para, oficialmente, criar uma conta, para poder ficar com o aplicativo 24 horas por dia no meu telefone e olhar a qualquer momento que ele não ia achar nada além do combinado. Depois, a gente mudou de ideia, porque a minha intenção nunca foi essa mesmo. Era só um pretexto para eu conseguir usar. Porque é muito incomodo e cansativo ter que instalar e desinstalar o tempo todo. E eu encontrei com essa mulher nesse meio tempo em que estava procurando uma pessoa para nós dois, mas ele nunca ficou sabendo e ele nunca vai ficar sabendo.

Depois desse primeiro encontro, Cássia ainda abriu o perfil para outros homens e encontrou com um deles pessoalmente. Nossa primeira entrevista foi pelo aplicativo e, em seguida, Cássia desinstalou o Tinder. Antes de nos encontrarmos pessoalmente, ela instalou de novo, mas por poucos dias. Quando nos conhecemos, ela já havia desinstalado outra vez, mas não desconsiderava a possibilidade de retornar, algum dia. Essa inconstância de permanência no Tinder é muito comum entre os usuários e é motivada por diferentes fatores, mas, os mais comuns são a falta de paciência para o flerte e para os demais usuários ou o início de um novo relacionamento. Outra interlocutora, uma estudante de 23 anos a quem só entrevistei pelo aplicativo, assim como Cássia, também tinha um perfil voltado para homens e mulheres, relatou que entrava e saía com frequência da plataforma:

Figura 28 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos



Fonte: pesquisa de campo da autora

Diante de todos esses depoimentos, foi possível perceber que a maioria dessas mulheres aproveita o caráter facilitador da internet (que não exige que elas sequer saiam de casa e enfrentem uma festa ou a expectativa de que um homem se aproxime delas nesses locais e que permite que elas flem de maneira mais livre, individual e discreta) para exercer seus desejos e empreender a busca por um relacionamento, ainda que ele sequer passe do match, já que, conforme minhas interlocutoras, muitos homens nunca chegam a conversar com elas, apesar de a aprovação mútua de perfis abrir essa possibilidade. Isso porque, mesmo que não haja interação, o fato de se sentirem aprovadas por esses sujeitos já confere mais autoestima a elas e faz com que se sintam desejáveis e importantes para esses homens. Há,

ainda, aquelas poucas que usam a ferramenta apenas como um passatempo e que dizem não ter intenção de encontrar com os homens, mas, mesmo essas, encontraram no Tinder uma maneira de se relacionar e agenciar seus desejos.

2.3 “EU TENHO MEDO. TENHO MUITO MEDO”: A INFLUÊNCIA DO RECEIO NA SOCIABILIDADE DE MULHERES USUÁRIAS DO TINDER

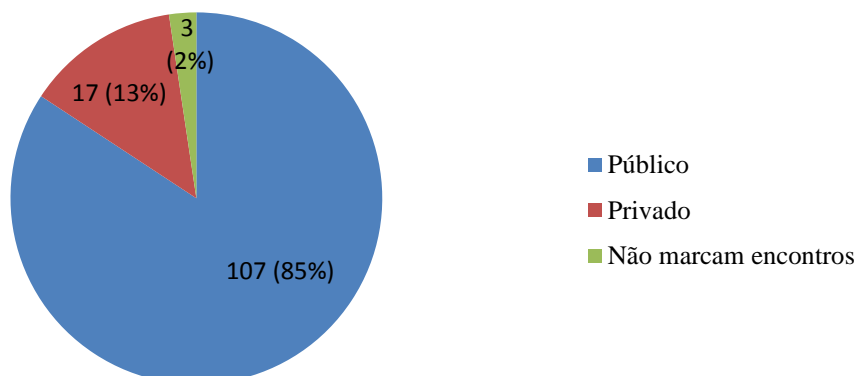
Quando dei início a minhas conversas com minhas interlocutoras de pesquisa, perguntei a elas se preferiam se encontrar com homens que conheciam pelo Tinder em ambientes públicos ou privados e por quais motivos. Trabalhava com a hipótese de que a maioria preferiria que os encontros acontecessem em locais movimentados para resguardarem suas integridades físicas e morais e para que não fossem vítimas de nenhuma situação constrangedora ou violenta. Entre as 127 interlocutoras que responderam a essa pergunta, apenas 17 (13%) disseram que marcam encontros com homens em ambientes privados. Outras 107 (85%) disseram que só aceitam um primeiro contato face a face com possíveis parceiros em locais públicos. As outras três (2%) disseram que não marcam encontros pelo Tinder. Abaixo, apresento os dados em forma de tabela e gráfico:

Tabela 6 - Local preferido para encontros

| | |
|-----------------|-----|
| Público | 107 |
| Privado | 17 |
| Não responderam | 3 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 6 - Local preferido para encontros



Fonte: levantamento de dados da autora

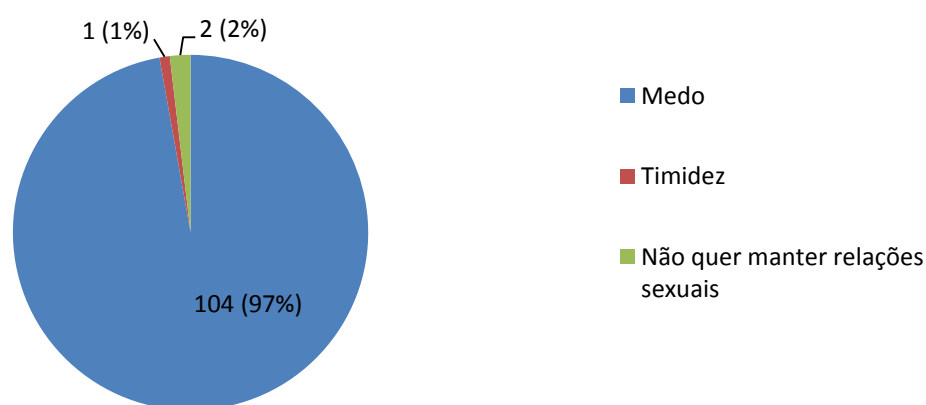
Com relação aos motivos que as levam a optar por um local público, o medo foi o que apareceu de maneira mais significativa, confirmando a hipótese com a qual eu trabalhava desde o início de minha investigação. O que me surpreendeu, sim, ao longo do levantamento de dados foi o tipo de medo mais citado por minhas interlocutoras, sobre o qual falarei em seguida. Entre as 107 mulheres entrevistadas, 104 (97%) disseram que preferem se encontrar com homens que conhecem pelo Tinder em ambientes públicos porque sentem medo; uma (1%) disse que preferia o encontro em local público por conta da timidez, alegando que se sentiria mais confortável com mais pessoas em volta; e duas (2%) disseram que preferem lugares públicos porque não querem estabelecer relações sexuais com esses sujeitos, ao menos, não no primeiro encontro.

Tabela 7 - Motivos da preferência por local público

| | |
|----------------------------------|-----|
| Medo | 104 |
| Timidez | 1 |
| Não quer manter relações sexuais | 2 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 7 - Motivos da preferência por local público



Fonte: levantamento de dados da autora

O medo sempre fez parte da vida das pessoas e parece cada vez mais presente, sobretudo no que diz respeito às percepções das mulheres. É uma emoção que faz com que as pessoas reajam diante de um perigo real, potencial ou imaginário e que “tem início com um estímulo de estresse e termina com a liberação de compostos químicos que causam aumento da frequência cardíaca, aceleração na respiração e energização dos músculos” (BORGES, 2011, p.58). Partindo de uma visão mais naturalizada desta emoção, Caetano (2012, p.42)

entende que o homem é um medroso por natureza e que o medo é ambíguo, é uma defesa natural que garantimos contra o perigo. O autor nos ajuda a compreender esse sentimento a partir de um histórico da humanidade, retomando diversos medos presentes desde a Idade Média, quando temíamos a escuridão, o mar, a peste, a violência e a fome. Mais recentemente, passamos a temer a criminalidade e nossos monstros internos, esses últimos, da ordem do psíquico e que podem vitimar qualquer um. E em nenhum outro momento da história as pessoas sentiram tanto medo como agora (PINHEIRO, 2003, p.11), uma época em que crescemos envoltos por uma cultura do medo. Nesse sentido, “além dos perigos iminentes e reais, o medo pode ser acionado diante de associações que fazemos ao longo da vida” (BORGES, 2011, p.59). Barbalet (1998, p. 217) diz que o medo é “uma emoção incapacitante”. Para nos ajudar a compreender como essa emoção funciona, o autor parte da concepção darwiniana de medo, que diz que o sentimento em questão é uma reação ao perigo, mas acrescenta que, quando se trata de medo social, é preciso considerar o que é alvo de temor e quem o teme, partindo do fato que “o medo é uma experiência intersubjectiva na qual cada indivíduo contribui necessariamente para a experiência social do medo que outros também sentem” (BARBALET, 1998, p.222).

Nas respostas que apareceram durante minha pesquisa, muitas mulheres deixavam claro que sua preocupação maior dizia respeito a serem vítimas de violência por parte desses homens. Para elas, esses sujeitos representam uma ameaça e são as fontes da sensação de perigo que é acionada por um estímulo construído a partir da acumulação cognitiva social e cultural (BORGES, 2011, p.19) dessas mulheres. E é por isso que, nesse caso, os espaços públicos parecem mais seguros. Na visão dessas mulheres, caso esses homens tentassem fazer algo contra elas, estariam em um local com mais chances de fugirem ou serem socorridas. É importante ressaltar que, para minhas interlocutoras, como para as pessoas de um modo geral, não basta que o local seja público, é preciso que seja, também, movimentado, considerando que “metrôs escuros, becos longos, áreas desertas, ruas mal iluminadas, parques vazios e bosques densos, ruas silenciosas e áreas de parques são definidos como espaços urbanos onde o medo do crime é altamente percebido” (TANDOGAN e ILHAN, 2016³³). Em seguida, reproduzo alguns dos relatos de minhas interlocutoras entrevistadas apenas por meio do Tinder.

³³ E-book, sem página

Figura 29 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Prefiro marcar em lugar público, não aceito caronas por medo

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 30 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Tem sempre o lance da segurança, de não se arriscar ficar só com uma pessoa desconhecida aos olhos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 31 - Reprodução de conversa com interlocutora de 37 anos

Publicos

As pessoas nem sempre são aquilo que pensamos

Então prefiro ter mais segurança

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 32 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Então, sempre que marquei encontros, foi em lugares públicos

Por uma questão de autoproteção mesmo

Por toda a questão da violência de gênero que nós estamos mais vulneráveis

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 33 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

Prefiro em local público por motivo de segurança, justamente por não conhecer e não saber as reais intenções da pessoa.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 34 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Raramente março encontros com caras por aqui. As vezes que marquei foi em lugares públicos (exceto uma vez em que o cara veio aqui em casa, mas a gente já conversava a um tempo e eu escondi uma arma de choque no sofá por via das dúvidas) ahahaha

Hahaha

Aliás, sempre levo uma arma de choque junto quando vou sair com alguém. Nunca precisei usar, mas são homens que não conheço bem, então...

Fonte: pesquisa de campo da autora

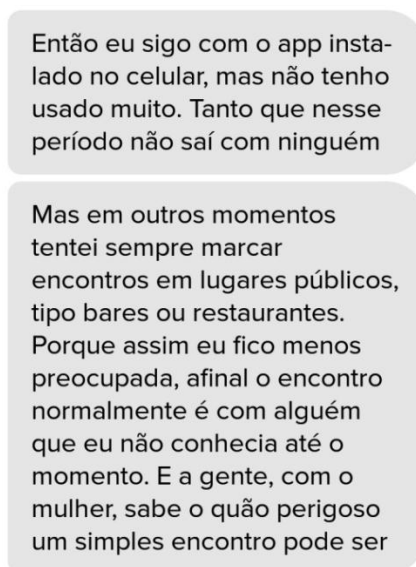
Figura 35 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Por segurança, é um aplicativo que tu não tem como ter ideia de como a pessoa realmente é. Antes tinha a opção de ver os amigos em comum do Facebook, o que dava uma segurança maior, hoje já não se tem mais isso

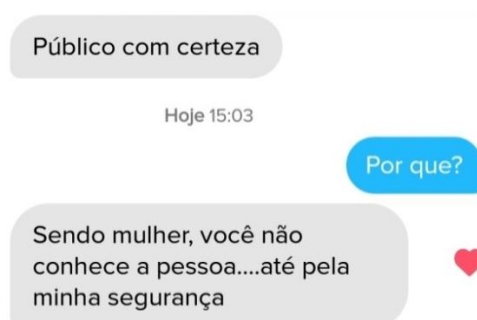
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 36 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

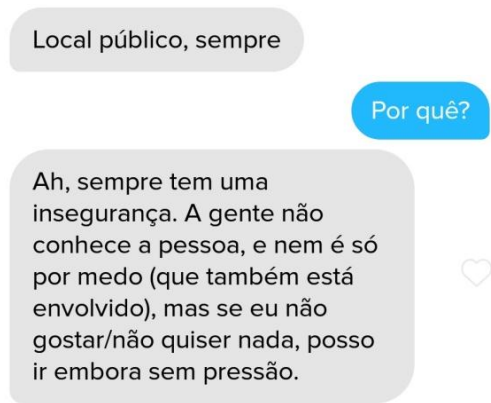
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 37 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

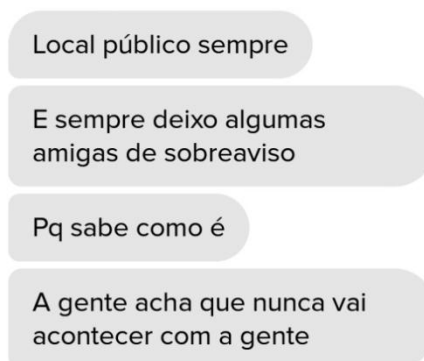
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 38 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 39 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

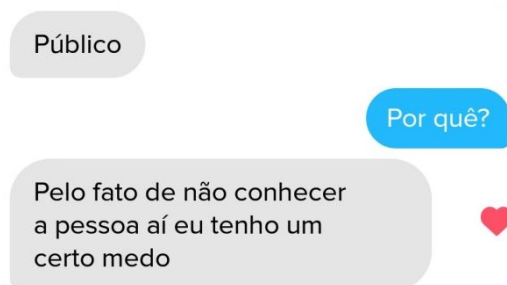
Figura 40 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 41 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 42 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos



Fonte: pesquisa de campo da autora

Os depoimentos de minhas interlocutoras, muitos dos quais colocam as mulheres em um mesmo grupo que deve temer a violência a todo momento, em diferentes lugares, sobretudo, no encontro com desconhecidos, parecem dizer respeito ao que Barbalet (1998) entende como experiência social do medo, que inclui a ideia de climas emocionais:

Os climas emocionais são conjuntos de emoções ou sentimentos que não são apenas partilhados por grupos de indivíduos envolvidos em estruturas e processos sociais comuns, mas que são também significativos na formação e manutenção de identidades políticas e sociais e no comportamento coletivo. O clima emocional inclui por isso tonalidades e padrões emocionais que diferenciam grupos ou categorias sociais pelo facto de serem partilhados pelos seus membros e pouco susceptíveis de serem partilhados pelos não membros (BARBALET, 1998, p. 231)

Depois de sair de um relacionamento, há quatro anos, Roberta só queria usar o Tinder para conversar e quase não marcava encontros. Mas essa perspectiva mudou quando voltou à ferramenta no ano passado. Desta vez, ela diz que quer mais é que os encontros aconteçam o quanto antes. Mas, apesar da empolgação na busca por envolvimento com um homem pelo aplicativo, assim como a maioria de minhas interlocutoras, ela prefere conhecer esses sujeitos em lugares públicos e movimentados. E sequer deixa que eles a busquem em casa. O que a motiva a agir assim também é o medo:

Sempre que eu marco de encontrar com alguém eu marco em um local público. Então, se é de dia, tomar um café, se é de noite, jantar, comer alguma coisa ou ir a um barzinho, uma coisa que dê para conversar, mas não muito afastado ou separado. Nunca marquei na casa de alguém. Quem veio me buscar em casa foi só um caso porque o meu carro quebrou no meio do dia. Porque eu sempre marco de encontrar a pessoa já em um lugar e eu vou com o meu carro. Então, a pessoa não sabe onde eu moro com exatidão. E se eu achar alguma coisa de estranho, não gostar de alguma coisa, já digo: “ah, deixa pra lá, não vai rolar” e não dou mais seguimento. Às vezes, no segundo encontro, até aceito que venha me buscar em casa, mas a maioria dos meus encontros não viraram segundos encontros. A minha precaução, na verdade, é a seguinte: não são poucas as histórias de mulheres que foram desrespeitadas, violentadas, etc, na rua ou na casa de alguém, muitas vezes, por alguém próximo. Então, eu tomo esses cuidados mais no sentido de tentar me preservar, preservar a minha segurança, a segurança da minha família, minha segurança física,

principalmente por esses motivos, de tentar me preservar e me cuidar. Como, geralmente, são pessoas que eu não tenho um referencial de um terceiro, não é como: ah, Carol, eu vou sair com o Fulano, teu amigo. O que tu acha dele? Ele é tranquilo? Então, é melhor que eu tente me preservar do que “chorar pelo leite derramado”. Nesse ponto, eu sou um pouco precavida, talvez até demais. Já tive vontade de estender um primeiro encontro e ir parar na casa da pessoa, mas não o fiz justamente por isso, pelo cuidado comigo e com a minha família, porque eu moro com a minha mãe e com a minha irmã, então, é um certo cuidado com elas também.

Elis também tem como premissa não ter primeiros encontros em casa, motel ou lugares mais reservados. Com medo de que algo possa acontecer com ela e de facilitar para que isso ocorra, prefere encontrar os homens em ambientes públicos e movimentados. Por isso, costuma marcar os encontros em lanchonetes e restaurantes:

Eu estava dando like nuns gurizinhos, mas acabei me incomodando porque eles não têm muito discernimento das coisas ainda. Teve um que insistiu para ir lá em casa, porque eu contava que eu moro sozinha, o que é outra coisa que eu pretendo parar de fazer. Vou começar a dizer que eu moro com alguém ou com meus pais. Porque eu não vou colocar alguém dentro da minha casa na primeira vez, né? Em hipótese alguma. Então, esse é o medo, né? Eu acho que, a partir do momento que tu abriu a porta, que a pessoa não precisou arrombar, que ela está lá dentro, ela faz o que ela quiser. E foi tu que abriu para a pessoa entrar. Então, para se conhecer, não vai ser em casa. Ele vai ter que conversar comigo antes e vai ter que conversar comigo em público. Depois, a gente vê o que fazer. Eu sempre vou em algum lugar para comer, daí já come e já conversa.

Em 2015, Elza usou o Tinder com fins exclusivamente sexuais e, naquela época, encontrava-se com os homens apenas em ambientes privados, para que a relação acontecesse de maneira mais rápida e fácil. Em muitos casos, sequer sabia se o nome que o homem usava no aplicativo era mesmo o verdadeiro, tampouco onde morava ou no que trabalhava. No entanto, segundo ela, depois de um ano nesse ritmo, deu-se conta de que o que fazia poderia ser perigoso e mudou de postura, passando a se encontrar apenas em ambientes públicos e movimentados com homens que conheceu pelo Tinder. E o medo, segundo ela, ficou ainda maior depois da maternidade:

Em 2015 foi só sexo, foi só trepar, que é o que as pessoas procuram no aplicativo. Só que, lá no início, eu não sabia que era isso. E, daí, me caiu a ficha e eu digo: gente, tu te expôs muito, muito, muito. Porque chegou um ponto que eu conversava com um cara e dizia: “vamos transar?”. “Ah, vamos”. E eu nunca mais via, não sabia o nome, quem era, não sabia nada. Tu entende? Quando me caiu a ficha, eu pensei: tu é muito louca. Mas foi bem divertido. E graças a Deus, eu acho que eu tive muita sorte. Hoje, vendo, assim, eu acho que eu tive muita sorte. Porque, hoje, eu tomo muito cuidado com quem eu vou deixar chegar perto de mim e, principalmente, com quem vai chegar perto da minha filha. Eu já tinha medo, mas, agora, eu tenho mais. E esse medo veio de quando eu me dei conta que eu me expus demais. E isso me apavora. Eu não tinha me dado conta do que poderia acontecer.

O objetivo de Karol com o Tinder sempre foi muito claro para ela e para os homens com os quais conversava por intermédio da ferramenta: ter relações sexuais. Mas, mesmo com essa intenção, ela nunca marcou um encontro direto na casa de algum deles ou em um motel – na casa dela, jamais levaria nenhum sujeito que conheceu no Tinder, segundo ela, em respeito aos pais e aos irmãos com os quais divide o teto. Só depois de encontrar e conversar com o homem pessoalmente, caso gostasse dele e sentisse que estava lidando com alguém confiável, ela aceitava ir para um motel:

Meus encontros são todos sempre em lugares públicos, até para ver se eu vou curtir o cara. Porque, de repente, a conversa no Tinder é uma, e pessoalmente é outra. Porque o discurso do homem pessoalmente pode ser diferente do discurso no aplicativo. Eu já ouvi coisas do tipo: nossa, você é mais bonita do que eu imaginava, ou: até que você é bonita para uma mulher negra, ou: nossa, que coisa mais linda essas pernas. Então, se já vem com vulgaridades e muda o discurso, eu já saio fora. Além disso, tem a questão da segurança. O número do Whatsapp pelo qual eu conversava com eles é um número que eu não uso. Já coloquei o chip fora, inclusive. E eu só dava o número depois que eu sentia que o cara era legal e que poderia me oferecer um sexo casual. E eu ia sempre para motel. Na minha casa, jamais, porque eu moro com meus pais e acho uma questão de respeito não levar um cara novo a cada final de semana para casa, por mais que eu seja maior de idade, trabalhe, eu sempre preferi ir para um motel. Para a casa deles, poucas vezes eu fui por questão de segurança.

Mas, além de fazer questão de conhecer o homem em um local público, Karol ainda toma algumas precauções antes de se arrumar e sair de casa rumo a um encontro. As estratégias de segurança adotadas por ela são comuns, também, entre as interlocutoras com as quais conversei pelo Tinder e entre as demais mulheres com as quais conversei de maneira mais aprofundada. Todas parecem ser reflexos do medo do crime e, analisando as falas dessas mulheres, as quais vou reproduzir a seguir, é possível pensar o comportamento dessas usuárias do Tinder a partir do modelo de Crenças de Perigo de Borges (2011, p.81), que diz que a reação emocional ao medo está ligada a cinco crenças: a de que o indivíduo é um alvo atrativo (algo que se faz presente nos discursos da maioria de minhas interlocutoras que acreditam tanto que são um alvo em potencial que criam estratégias para se proteger de uma possível violência); a de que determinado ambiente é perigoso (no caso, o ambiente privado, para a maioria de minhas entrevistadas); a de que há muita violência na sociedade (o que também fica presente nas falas de diversas delas quando dizem que mulheres são vítimas de crimes o tempo todo); a de estar desprotegido (sozinhas em um ambiente privado com um homem desconhecido elas se sente desprotegidas); e a crença da presença de um potencial ofensor (no caso, o desconhecido da internet).

Para Karol, é importante que uma amiga saiba sempre com quem ela está e, se puder, ela manda o número da placa do sujeito e uma localização de onde está com ele para caso precise de socorro. Embora diga gostar de homens mais velhos – o namorado tem 40 anos e ela teve um relacionamento com um homem de 60 anos há pouco tempo – Karol também disse também ter medo que muitos deles possam ser pedófilos, estupradores ou algo desse tipo. Inclusive, ela disse adotar medidas superprotetoras com o irmão mais novo, que tinha 9 anos em dezembro de 2018: não o deixava sair do quarto caso houvesse muita gente na casa em que vivem e que também é um terreiro candomblecista e o aconselhava a não entrar no banheiro da escola caso houvesse muito meninos no recinto. Karol passou por uma experiência que a fez acreditar que sofreu uma tentativa de estupro por parte do filho de uma conhecida de sua mãe. Na ocasião dos fatos, minha interlocutora de pesquisa tinha 9 anos de idade. O menino, na ocasião, tinha 12, e tirou a blusa dela e a acariciou enquanto estavam sozinhos em um quarto. O episódio, que havia sido esquecido, foi lembrado por ela recentemente, de maneira dolorosa e impactante. Tanto que ela não teve coragem de comentar a lembrança com a mãe, que foi quem evitou que a agressão acontecesse. Desde então, está ainda mais cuidadosa e só não se preocupa mais com a irmã, de 15 anos, porque ela tem um namorado e passa a maior parte do tempo com ele, em casa.

Quando eu saía com esses caras do Tinder, eu avisava minhas amigas. Às vezes, eu dizia que ia lá fora fumar um cigarro só para olhar a placa do carro e mandar para uma amiga, mandava localização, fazia isso sim. Sempre avisava. Tu precisa estar todos os dias se cuidando porque é muito perigoso. Tu nunca sabe quem são as pessoas de verdade. E eu sou muito neurótica com isso. Eu até comecei a fazer terapia porque eu tinha medo de que homens mais velhos fossem abusivos.

Influenciada por amigas que a aconselharam a criar o Tinder, Elis já começou a tomar precauções pensando na própria segurança no momento em que estava fazendo o perfil no aplicativo. Depois que se tornou ativa na ferramenta, ela passou a também exigir medidas de segurança das amigas e da irmã, recém-separada, a quem ela estava aconselhando a criar um perfil no Tinder:

Minha amiga que me ajudou a criar meu perfil ia me dizendo todas as coisas: tu vai pedir redes sociais, tu nunca vai dar teu WhatsApp logo de cara. Pelas outras redes sociais, tu vai vendo quem é o cara e, quando tu for sair com ele, tu vai nos avisar. E tem mais uma amiga que também está no Tinder e pensa do mesmo jeito. Então, as duas foram me falando como é: quando tu for sair, tu vai nos avisar, que horas, onde tu vai, quem é esse cara e, quando tu chegar, tu também vai nos avisar. Elas disseram, também, para não colocar nada na Bio e deixar o cara dar o like e depois falar sobre mim quando a gente começasse a conversar. Minha irmã se separou agora e não quer fazer Tinder, mas eu disse para ela fazer. E, se ela fizer, vou alertar para todos esses cuidados, claro. Então, o processo básico é: deu match, começamos a conversar, eles pedem o whatsapp. Daí, eu pergunto se tem outras redes sociais. A

maioria já começa a desconversar e eu já fico desconfiada... olha esse carioca, por exemplo, disse que não tinha e era casado. Tem que ter as redes sociais. Todo mundo tem. Então, a pessoa me dizer que não tem Facebook, que não tem Instagram, é muito esquisito. Então, ali tu vai olhar quem são os amigos, o que a pessoa gosta de fazer, se é casado ou não, a opinião política, porque as pessoas postam. Se eu gostar do que vi nas redes sociais e se eu confirmar que a pessoa é mesmo aquilo que ela diz que é, eu dou o meu Whatsapp. Teve um guri que colocou umas fotos, ele era a coisa mais linda, muito bonito, e, aí, eu pedia o Facebook e ele não me dava. Aí eu falei: essas fotos não são tuas, né? E ele: não, não é isso, me dá teu whatsapp que a gente conversa melhor e tu vai gostar de mim. Mas na foto do whats tu coloca o que tu quiser, né? E ele me add e eu vi que não era a mesma pessoa... o pobrezinho era tão feio, mas tão feio. Aí ele disse: tu me achou feio, né? E eu disse: não é essa a questão. Era, né? Mas eu não ia dizer isso pra ele. Então, eu disse: tu pode mentir um pouco, mas tu não pode mentir tanto. Tem muita mentira. Por isso, só depois desse processo inicial, eu dou o Whats para conversar e combinar de se encontrar. Sinto medo por ser mulher. Os caras são mais fortes.

Também muito precavida, por sentir que pode ser uma vítima em potencial, de um ofensor provável, Roberta diz ter criado um manual próprio de como se proteger, física e emocionalmente, de um encontro com um desconhecido no Tinder. A ideia dela, além de encontrar com esses sujeitos apenas em locais públicos, é manter, pelo máximo de tempo possível, uma conversa pelo aplicativo por meio do qual, segundo ela, é mais fácil de “sumir”:

Dá pra dizer que eu tenho umas regrinhas de uso que eu mesma criei. Não saio com a mesma pessoa mais uma vez em uma semana, não passo meu número de telefone direto, eu espero pelo menos alguns dias de conversa antes disso, tento conversar com a pessoa sobre assuntos diferentes, entender o que ela gosta de fazer, ver se ela se contradiz em algum momento. Então, eu sou uma pessoa que uso o aplicativo e converso bastante por ele, pelo simples fato de que ali tu pode simplesmente sumir a qualquer momento. Então, se eu acho que alguém está meio esquisito, eu desfaço a combinação ali e sumo, a pessoa some e está tudo certo. Se a gente for pensar só em violência, a gente não pega nem táxi, né? Não pega Uber, não pega ônibus e acaba se privando de viver. Então, eu acho que o aplicativo acaba nos protegendo um pouquinho porque tu acaba tirando uma perspectiva de quem é essa pessoa antes de se atirar de cabeça, e aí tu consegue tirar uma febre antes. Eu, por exemplo, se o cara curtiu página pró-armamento, pró-Bolsonaro, deu pra mim. Algumas coisas eu vou utilizando como corte. Conversou, foi estúpido, já corto, vou cortando por alguns quesitos coisas que para mim pareça que não pegou eu já corto, mudo de assunto, sumo, porque tem jeito de ser furada. Mas é claro que isso funciona no caso da estratégia que eu uso, que inclui conversar alguns dias no aplicativo antes de dar meu contato de telefone, isso quando eu não dou Instagram primeiro antes de dar meu telefone para depois escalonar. Se a pessoa que eu conheci hoje e vou sair hoje é muito mais difícil de filtrar, tu está exposta aos mesmos riscos do que conhecer alguém na balada em cinco minutos. Segura, segura, a gente não está nunca, né? Nem dentro de casa, porque, a qualquer momento alguém pode invadir e, enfim. Mas são tentativas de se proteger e de cuidar de si.

Delumeau (2009, p.12) diz que “não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidos em um diálogo permanente com o medo”. Pensando sobre a perspectiva dessas mulheres, é possível dizer que há, coletivamente, uma negociação permanente com o medo no uso que fazem do aplicativo.

Essa preocupação também é verificável no próprio Tinder que divulga em seu site³⁴ dicas de comportamento on-line e off-line para seus usuários e explica como marcar encontros com segurança. As dicas do aplicativo incluem investigar quem é o outro, marcar encontros em local público e avisar amigos, exatamente a mesma linha que seguem as interlocutoras desta pesquisa, que não disseram ter se preocupado em ler as dicas de segurança do aplicativo – muitas delas sequer sabiam que elas existiam –, considerando que essas são medidas que costumam tomar em outros âmbitos da vida.

Ancorado na justificativa de que a segurança dos usuários é uma prioridade da ferramenta, o Tinder diz que “por você estar no controle de sua experiência no Tinder, há certas medidas de segurança que devem ser seguidas durante seus encontros – tanto online como off-line”. O texto diz, ainda, que encoraja os usuários a seguirem as orientações com relação à própria segurança pessoal e ao bem-estar, mas ressalta que não há ninguém melhor do que o usuário para julgar o que é melhor para si e para a sua segurança pessoal.

As precauções, segundo o próprio Tinder, devem começar já no âmbito on-line, de modo que o usuário “proteja suas finanças e nunca envie dinheiro ou informações financeiras”, nunca respondendo a solicitações de envio de dinheiro e denunciando essas práticas; “proteja suas informações pessoais”, como número de cartão de crédito, informações bancárias ou endereço profissional ou residencial; “seja inteligente ao usar a internet”, bloqueando e denunciando usuários suspeitos e mantendo a conversa na plataforma, já que “pessoas de mau caráter tentarão migrar as conversas para textos, e-mails pessoais ou telefonemas”; “denuncie todos os comportamentos suspeitos” e, por comportamento suspeito a plataforma entende pessoas que pedem dinheiro ou doações, que pedem fotografias, menores de idade, pessoas que mandam mensagens perturbadoras ou ofensivas, usuários que se comportam de maneira inadequada após terem se conhecido pessoalmente, perfis falsos, solicitações para tele-sexo ou para venda de produtos.

Já com relação ao âmbito off-line, o texto publicado pelo Tinder diz que “os primeiros encontros são emocionantes, no entanto, sempre tome precauções e siga estas orientações para garantir sua segurança”. O que se segue, como dito anteriormente, são dicas muito parecidas com as precauções que estão presentes nos discursos de minhas interlocutoras. Para alertar seus usuários, o Tinder recomenda: “conheça melhor a outra pessoa”, mantendo conversas restritas à plataforma, já que “as pessoas de mau caráter costumam forçar conversas fora da plataforma logo no início” e cabe ao usuário “pesquisar e realizar a devida diligência”;

³⁴ Disponível em tinder.com/safety, acessado em 10 de dezembro de 2018.

“encontre-se e permaneça sempre em locais públicos [...] onde haja pessoas – nunca se encontre com alguém em um local privado ou remoto, na sua casa ou apartamento” e acrescenta que, em caso de ser pressionado pelo outro, o usuário deve terminar o encontro e ir embora; “conte a seus amigos ou parentes sobre seus planos”, dizendo quando e para onde vai e mantendo o celular com bateria carregada por perto; “vá e volte do seu encontro em seu próprio veículo”, acrescentando que o usuário precisa estar no controle para poder se locomover “especialmente se algo der errado”; “mantenha-se lúcido”, ponderando que o consumo de álcool e de drogas pode prejudicar o julgamento do usuário e coloca-lo em perigo e alertando para o conhecido “boa noite, Cinderela”, quando diz que “saiba que pessoas de mau caráter podem tentar se aproveitar de você alterando sua(s) bebida(s) com substâncias sintéticas”. Esse, especificamente, é, segundo Donovan (2016), um dos grandes medos mais consolidados em nossa sociedade, sobretudo depois que jornais começaram a alertar as pessoas sobre o potencial dessas novas drogas e associar seu uso a fins como roubo, iniciação à dependência de drogas e álcool e violência sexual.

Em seguida, o aplicativo alerta, ainda, para cuidados que os usuários devem ter em relação à própria saúde, sobretudo caso optem por envolver-se em atividades sexuais. Nesse sentido, o Tinder diz que é importante que o usuário: “proteja-se” com preservativos para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs); “seja franco e honesto”, falando sobre as últimas vezes em que fez exames para detectar DSTs e se teve ou tem alguma delas; “vacine-se” contra doenças sexualmente transmissíveis e “conheça suas condições de saúde” para evitar a propagação de doenças. Por fim, como mais um alerta, o Tinder aconselha os usuários ligarem para o número 190, da Polícia Militar, caso algo como “ameaças de violência ou violência sexual ou algo que possa colocar sua saúde ou a de outra pessoa em risco” aconteça. A seguir, reproduzo alguns relatos de minhas interlocutoras acerca das estratégias que usam para se sentirem mais seguras em encontros iniciados pelo Tinder:

Figura 43 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos



Dai depois sempre troco
WhatsApp e fico conversando
alguns dias... e dai março sim
num local público... e sempre
aviso uma amiga... tento
ver o facebook ou o insta
da pessoa...

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 44 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos

Mas, todos os encontros que tive sempre deixo o telefone e fotos do rapaz com uma amiga

Aviso onde vou e dou previsão de volta

Siiiiim... tu toma todas essas precauções...

Mais umas 6h de tolerância e se não der sinal aconselho ela ir a polícia

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 45 - Reprodução de conversa com interlocutora de 20 anos

Qndo vc vai sai com alguém avisa uma amiga

Diz o nome a placa do carro e vc liga pra ela pra avisa q ta bm

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 46 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

E quando tu sai com alguém tu avisa alguma amiga e manda o perfil da pessoa, essas coisas?

terça-feira 21:26


Numero

Foto da pessoa

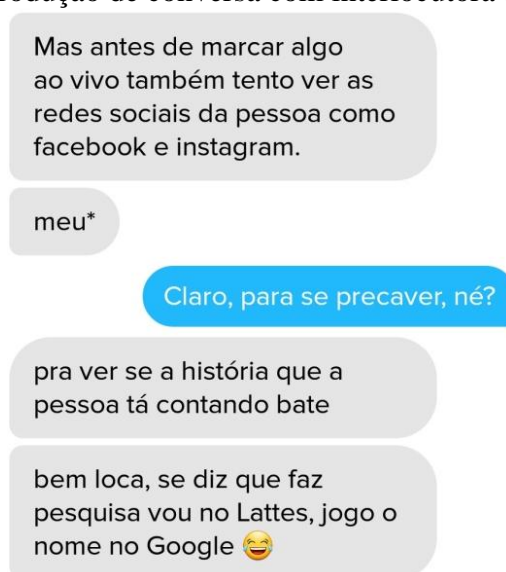
Placa

Modelo

P onde to indo

Se mudo de lugar, mando localização 

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 47 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

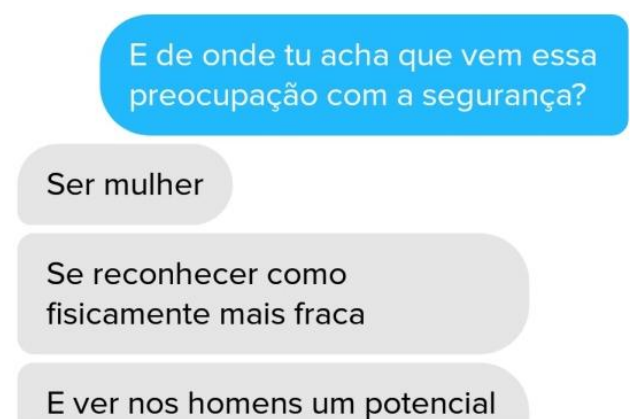
Durante o tempo em que estive no Tinder, Cássia também preferiu encontro em locais públicos, mas só quando pretendia encontrar homens. Na única vez em que encontrou uma mulher, ela preferiu que fosse em casa porque, com uma mulher, não se sentia tão ameaçada quanto com um homem que, para ela, era potencialmente mais perigoso:

Fiquei com medo por não conhecer ele, por ele ser homem, mas forte, por ser alguém bem estranho, porque ele nem daqui é, tem outro sotaque, não sei. Mas, assim, aquela coisa, todas as informações que ele me passou, eu olhei o Instagram dele, e tudo que ele me falou eu consegui confirmar, buscando daqui e dali... isso é o ócio, só o ócio, porque só a pessoa que não tem o que fazer fica investigando (risos). E daí encontrei esse cara essa noite e, assim, muito maravilhoso, cheiroso, tudo o que eu poderia querer na minha vida, mas também não quis mais, nem ele. Nunca mais me procurou, eu também não procurei mais. Eu tenho o telefone dele aqui, ele tinha o meu. Mas eu fiquei com medo de me envolver porque eu não quero acabar com o meu casamento. E este casinho terminou aí. Mas, assim, foi muito bom, mas não aconteceu mais nada. Com esse homem em específico eu fiquei com mais medo de encontrar que da mulher porque ele é de fora, não tem raiz nenhuma em Santa Maria. Já ela é daqui, eu sei onde ela trabalha, sei quem são os pais dela, sei por onde ela anda na Universidade. São pessoas mais ou menos próximas. Isso não garante nada, mas dá uma falsa sensação de segurança.

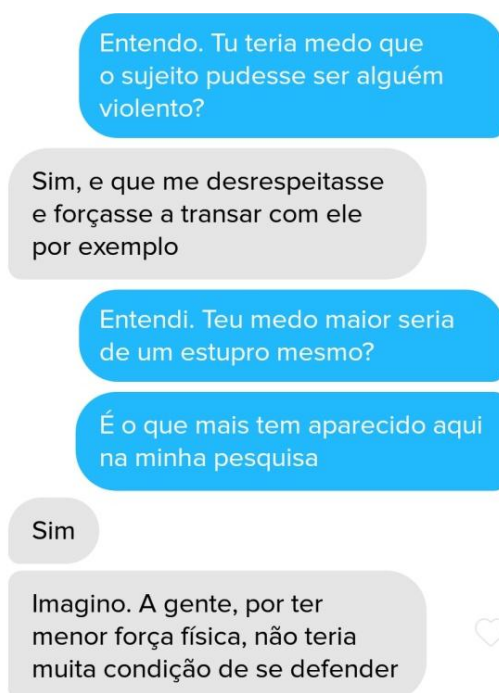
Outras mulheres com as quais conversei pelo aplicativo e que também tinham interesse em homens e mulheres também compararam a insegurança que sentem em relação a esses encontros. Uma delas disse que o medo era mesmo, partindo da ideia de que “perigo não está no pênis, está no caráter”. As outras, sempre atribuíram mais o medo à questão física, de o homem ser potencialmente mais forte e, por isso, mais ameaçador:

Figura 48 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 49 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 50 - Reprodução de conversa com interlocutora de 37 anos

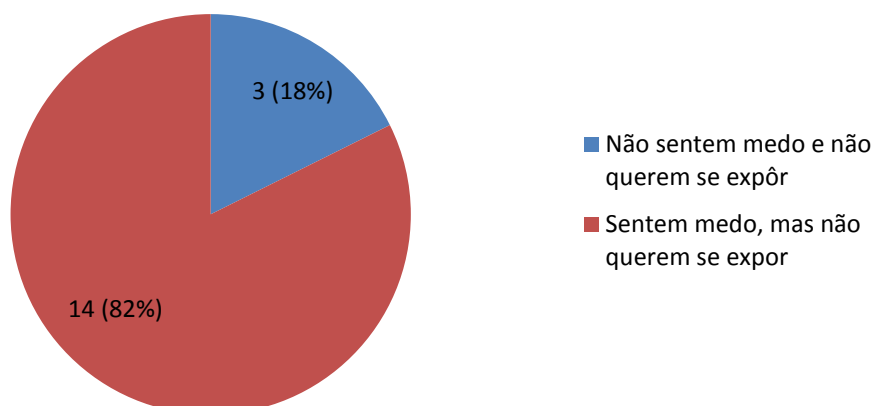
Fonte: pesquisa de campo da autora

Apesar da preferência predominante por ambientes públicos para o primeiro encontro, entre as 124 que responderam se preferiam que o primeiro encontro ocorresse em ambientes públicos ou privados, 17 disseram que, se dependesse delas, conheceriam pessoalmente os homens com os quais falam no Tinder apenas em ambientes reservados. Entre essas 17, 14 (82%) disseram que sentem medo desses encontros, mas justificam a escolha por lugar privado com base na aversão à exposição e apenas 3 (18%) disseram que não sentem medo e não querem se expor, por isso, optam por lugares privados para um primeiro encontro iniciado pelo Tinder. Para fins de sistematização, apresento, a seguir, esses dados em formato de tabela e gráfico:

Tabela 8 - Por que preferem ambientes privados

| | |
|---------------------------------------|----|
| Não sentem medo e não querem se expor | 3 |
| Sentem medo, mas não querem de expor | 14 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 8 - Por que preferem ambiente privados

Fonte: levantamento de dados da autora

Tiê é a única, entre as interlocutoras com as quais conversei de maneira mais aprofundada que prefere ambiente privado por não querer se expor. Embora tenha medo de ser vítima de violência, ela adota uma postura diferente das outras e opta por lugares mais reservados e, de preferência, em outra cidade. Para exemplificar como se sente, ela me contou sobre um encontro que teria, um dia depois de nossa entrevista, com um carioca que conheceu no Tinder. Encantada com o sujeito, ela sugeriu que ele fosse a Porto Alegre que ela o encontraria lá. Mas algumas posturas dele no Instagram e uma mensagem de uma ex-namorada a alertando sobre como ele era um sujeito complicado fizeram com que ela mudasse de ideia e desistisse de viajar:

Eu tenho esse lance que eu te falei, que eu tenho medo que eles invadam a minha vida, sabe? Eu tenho medo desse negócio de invadir meu ambiente sendo que não é uma pessoa de confiança, que eu não sei quem é. É um misto de medo com desconforto. Tanto que eu disse para ele: nem precisa vir para Santa Maria. Eu vou para Porto Alegre e a gente se encontra em Porto Alegre. E eu gosto de viajar, gosto de umas aventurinhas. Então, falei: vou pagar para ver, né? Só que aconteceram algumas coisas. Ele estava falando comigo direto e ele tinha chance de vir para cá se quisesse se estabelecer aqui próximo. Então, eu pensei: vou investir nesse louco, vou ver ele nesse final de semana, vai que é alguma coisa, a gente não sabe o que vai acontecer. E ir para Porto Alegre também seria uma diversão, ir a uns restaurantes diferentes, uns pubs diferentes. E aí eu comecei a ver na semana passada no Instagram uns stories que não combinava com as ideias dele que eu comprava, entendeu? Uns comportamentos meio idiotas, meio agressivo, com muito álcool. Sabe quando tu sente a pessoa agressiva no storie? Sei lá, eu vou para uma festa para me divertir e, de repente, a pessoa apresenta uns comportamentos meio pesados. Estou em uma fase da minha vida que esse lance energético é muito importante. Tipo, uma semana antes de ver o cara, ele deveria estar em cima de mim, me bajulando, me mimando. E uma semana antes de encontrar com o cara, eu recebo no Instagram uma mensagem de uma ex-namorada dele, só que de um perfil falso, dizendo que ele era um lixo. Aí, de boa, eu sou paz e amor, eu odeio barraco, por favor. E eu não culpo a mulher. A mulher não é culpada disso. A culpada é relação que se estabeleceu e eu acho que o homem quer tem um harém, é uma coisa do comportamento masculino. Eles mantem vínculo com várias mulheres. E as

mulheres não são assim. Pelo menos não o meu círculo, a minha geração. Eu não consigo dar atenção para muitos porque não tem troca energética. São só números, e número, pra mim, não serve. Eu mandei um print e cobre dele. E comecei a ver que poderia não ser muito feliz em investir tempo e dinheiro nisso e em um cara que está despertando esse tipo de sentimentos nas pessoas. Demorou dois meses... Eu ia cair se não fosse essa abençoada pessoa. Claro, eu já estava sentindo uma vibe meio negativa, mas é muito arriscado encontrar alguns caras. Eu me arrisco, mas, sei lá, pode acontecer qualquer coisa.

Outras mulheres com as quais conversei pensam como Tiê e não querem se expor estando com um sujeito desconhecido em lugares públicos. Outras, no entanto, dizem que preferem que o primeiro encontro aconteça em casa porque se sentem mais seguras com as colegas de apartamento ou o porteiro do prédio por perto. Abaixo, reproduzo alguns deles:

Figura 51 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Na realidade acho que comecei a usar na época porque querendo ou não virou "moda" em todos lugares hahaha
 Nos últimos meses voltei a utilizar no intuito de conhecer pessoas mesmo.
 Geralmente no meu apartamento, me sinto mais segura pois moro com outras garotas, daí uma cuida da outra quando recebe visita kkkk

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 52 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

E tu te sente segura nesses encontros?

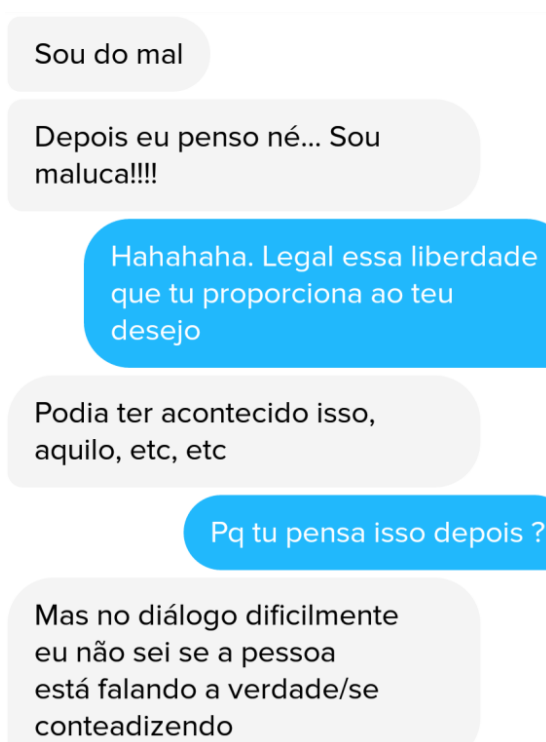
Sim...até porque converso bastante antes

Chamo no meu ap pq sempre tem vizinhos e tal

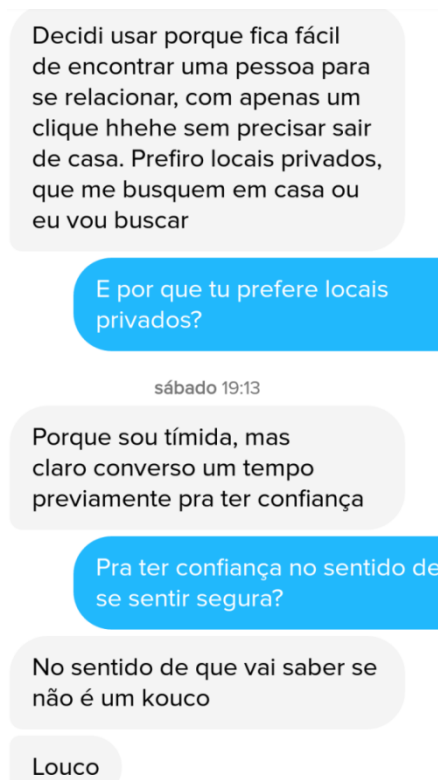
Mas nunca aceitei ir ao ap deles

Isso tenho medo

Fonte: pesquisa de campo da autora

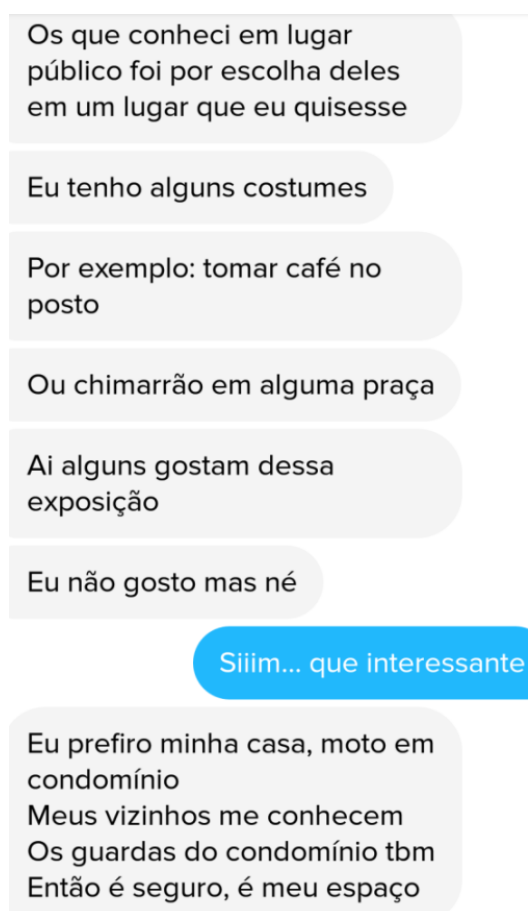
Figura 53 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 54 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 55 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos



Fonte: pesquisa de campo da autora

Disso, é possível notar que, embora a maioria das mulheres associe a segurança ao ambiente público, há aquelas que se sentem mais seguras e confortáveis dentro de suas casas para um primeiro encontro com homens que conhecem pelo Tinder. Mesmo a interlocutora que disse que era “do mal” porque não era pudica e preferia encontros em casa, com o objetivo de estabelecer relações sexuais, disse que sentia medo do que poderia ter acontecido com ela nesses encontros. Para além disso, apesar de preferir levar esses homens para casa, ela sempre acabava se encontrando com eles em bares e boates da cidade para, depois, dar o próximo passo. Ou seja, o componente do medo é muito presente no discurso dessas mulheres e influencia muito em suas sociabilidades.

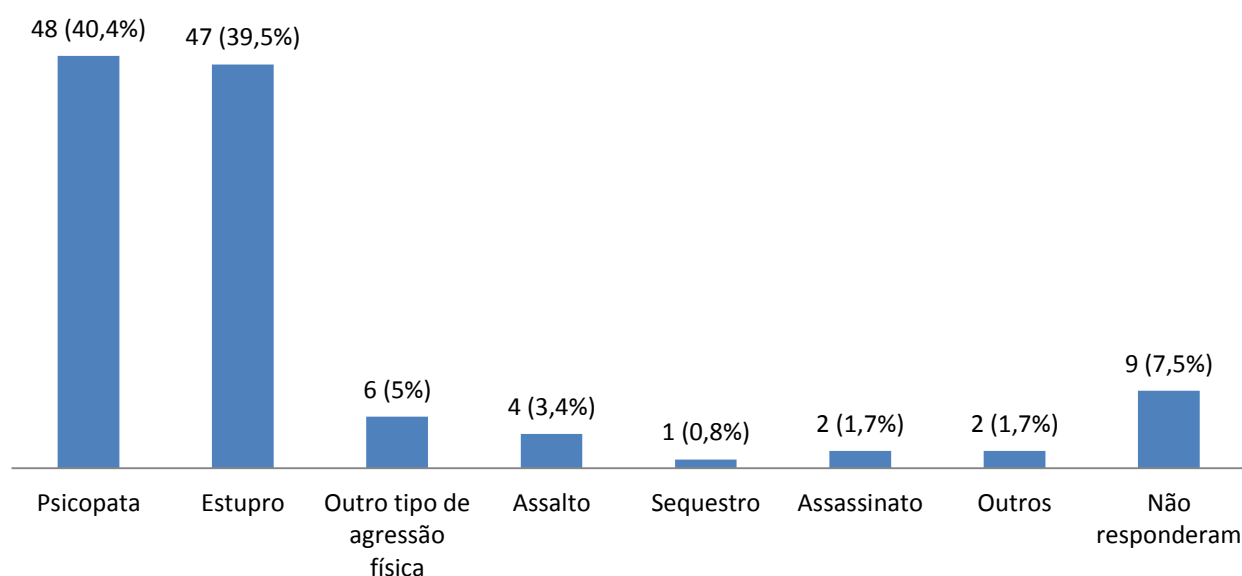
2.4 “E SE FOR UM PSICOPATA?”: O MEDO DO CRIMINOSO COMO PREPONDERANTE NOS DISCURSOS DAS USUÁRIAS DO TINDER EM SANTA MARIA-RS

Outra questão muito presente no discurso de minhas interlocutoras durante o trabalho de campo desenvolvido para esta dissertação diz respeito ao receio que sentem de estar em contato com um psicopata, um sujeito mal intencionado, maníaco, criminoso ou louco que esteja no aplicativo à espera de encontrar uma vítima em potencial. Entre as 119 mulheres que responderam ter medo, 48 (40,4%) disseram espontaneamente, quando perguntei o que temiam, ter medo de um “psicopata”, “maníaco”, “criminoso”, “louco” ou “pessoa de má índole”. O número chega a ser maior do que aquelas que temem ser vítimas de um estupro – 47 mulheres (39,5%) disseram ser esse o maior temor que sentem, mas nesse caso, é possível dizer que os medos se sobrepõem, considerando que muitas das que têm medo do psicopata temem que ele possa estupra-las e muitas das que têm medo de estupro entendem que esse crime pode ser cometido por um maníaco. Ainda conforme o levantamento feito durante o trabalho de campo, 6 mulheres (5%) temem outro tipo de agressão física, 4 (3,4%) temem ser vítimas de assalto, 2 (1,7%) temem ser vítimas de assassinato, 1 (0,8%) teme ser sequestrada, outras 2 (1,7%) têm outros tipos de medo (de o sujeito ser feio e de não gostar delas) e 9 (7,5%) não responderam a pergunta. Em seguida, apresento os dados em forma de tabela e gráfico para fins de melhor compreensão:

Tabela 9 - Do que essas mulheres têm medo?

| | |
|--|----|
| Que o sujeito seja um psicopata, maníaco, louco ou pessoa de má índole | 48 |
| Estupro | 47 |
| Outro tipo de agressão física | 6 |
| Assalto | 4 |
| Sequestro | 1 |
| Assassinato | 2 |
| Outros (o sujeito ser feio ou o sujeito não gostar dela) | 2 |
| Não responderam | 9 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 9 - Do que essas mulheres têm medo?

Fonte: levantamento de dados da autora

Durante minha investigação, tornaram-se comuns depoimentos como os que trago em seguida, que explicitam essa percepção do risco de haver uma pessoa perigosa do outro lado da tela. Além disso, as falas dessas mulheres deixam claro que esse temor influencia diretamente em seus comportamentos diante da possibilidade de estabelecer um encontro com um homem por meio do Tinder. Com medo de serem a vítima em potencial pela qual o criminoso espera por trás do computador ou do celular, minhas interlocutoras tomam muitos cuidados, desconfiam de qualquer comportamento “suspeito” e, muitas vezes, desistem de encontros para não se colocarem em situações de risco.

Figura 56 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Entendo... quando tu fala em segurança, qual exatamente é o teu receio?

Conversando apenas por um aplicativo você não conhece a pessoa... não se sabe se ela é louca, se vai fazer alguma coisa

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 57 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Eu ultimamente tenho marcado encontros raramente, sou mais da conversa virtualmente Mas quando marcava , sempre eram em lugares públicos e com muitas pessoas , caso fosse um psicopata estaria com pessoas por perto e sempre passei o nome foto e telefone pra um amigo meu caso eu sumisse ele saberia quem foi o culpado

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 58 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

mas tenho receio sim

E esse receio seria do que exatamente?

A gente nunca sabe

existe gente loca

psicopata

nossa

isso tem que ser colocado na equação

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 59 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Do uma olhada nas redes sociais, vejo quem é a pessoa

Por segurança mesmo

Certo... e quando tu fala em segurança, qual seria teu receio?

Me certifico que a pessoa que está falando comigo é real, tenho receio de ser um psicopata ou algo do tipo

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 60 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos

Locais públicos por questões de segurança

Certo... quando tu fala em segurança, qual seria teu receio?

Por não saber se a pessoa pode ter uma má intenção

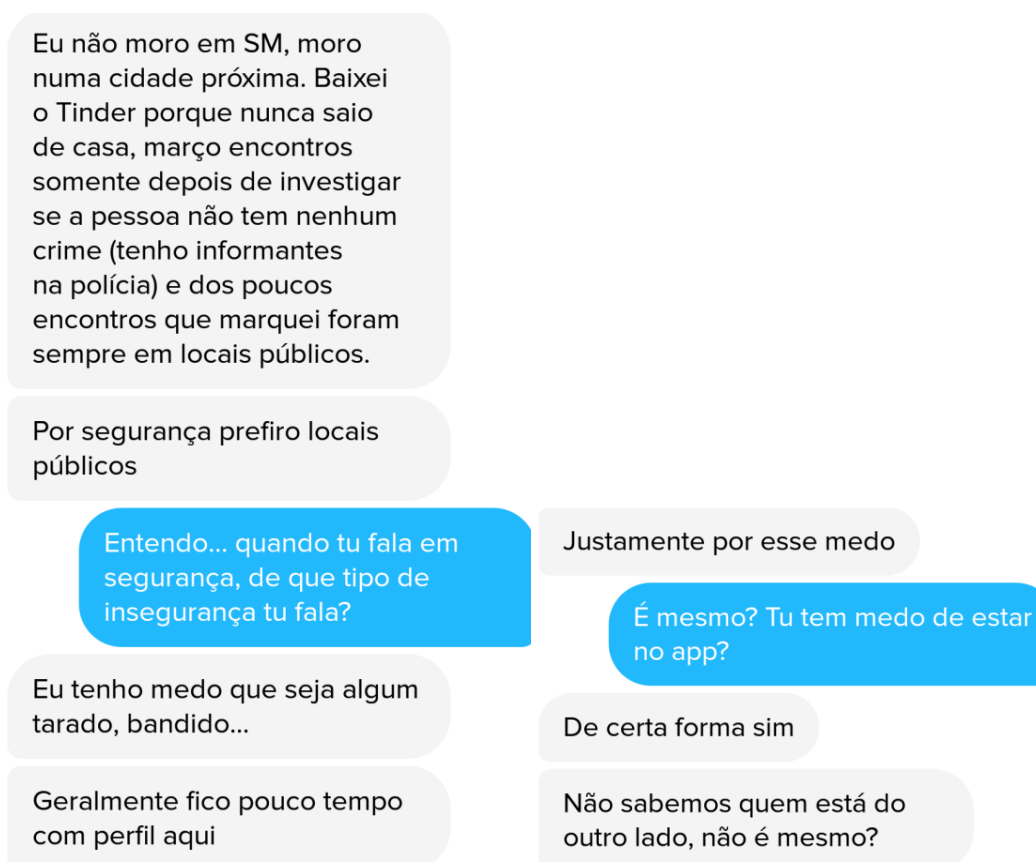
Pois atrás de uma tela não tem como saber de fato, muitas vezes nem ao vivo!

Fonte: pesquisa de campo da autora

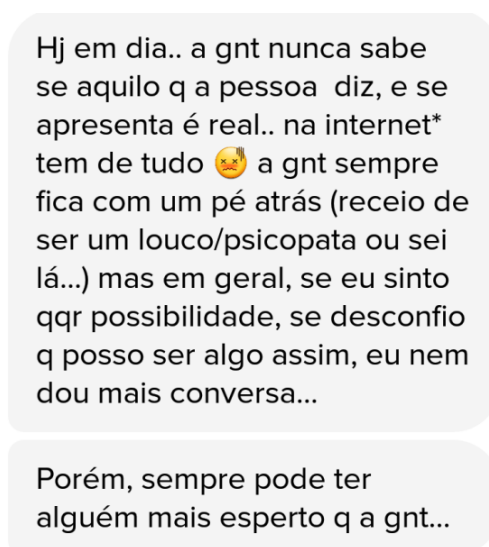
Figura 61 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos

Sim, assim eu tenho muito medo de chegar na pessoa e não ser ela, e sim eu louco, medo de ser estripada, ou até um sequestro

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 62 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 63 - Reprodução de conversa com interlocutora de 42 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 64 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Meu receio é ser estuprada por algum maluco que use o aplicativo pra abusar de mulheres

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 65 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos

Depende do que estou procurando...no momento eu acho que por aqui não é o melhor lugar para marcar um encontro! Pois do outro lado todo mundo é o que quer! Entende?

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 66 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

pk não sabemos se oke falam aki é verdade

terça-feira 10:25

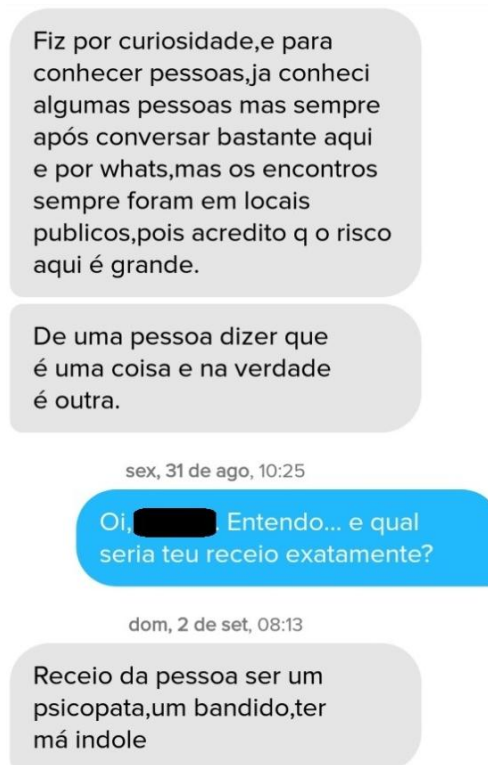
Entendo... mas qual é o teu receio exatamente?

terça-feira 23:03

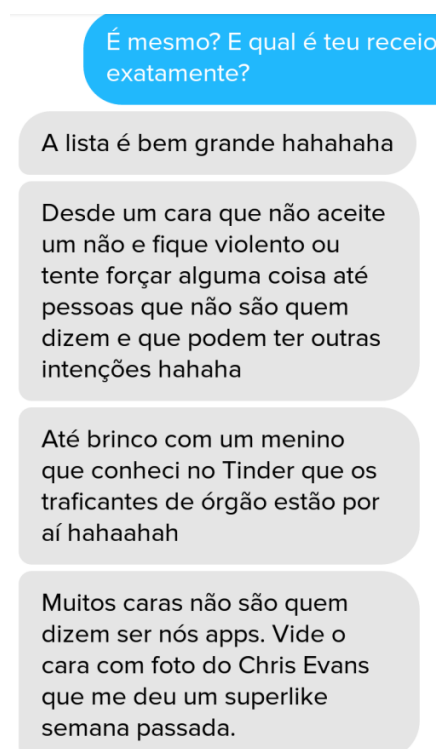
não saber com ke estou lidando

pode ser gente Boa como tbm não pode

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 67 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 68 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 69 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos

Todos os encontros eu
marquei em lugares públicos

Pelo fato de ser mais
seguro, caso a pessoa seja
um psicopata kkkkk

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 70 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

2. Só marquei encontro uma
vez, e foi em local público.
Nunca marcaria em um local
privado, tenho medo do que
possa acontecer, nunca sabe-
mos em sua totalidade quem
está do outro lado do telefone.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 71 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Uma pessoa que me engane
em sua simpatia e gentileza e
suma comigo depois 😊😊

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 72 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

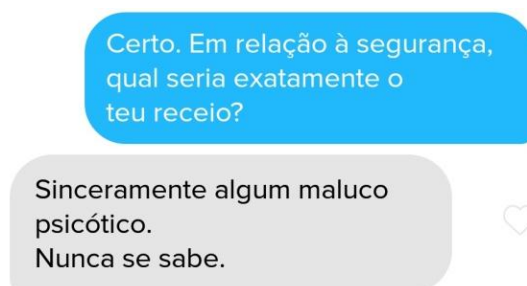
E qnd eu marco algum
encontro, prefiro marcar em
lugares públicos, por exemplo
cinema, ou sair para comer,
mas smp lugares onde tenha
fluxo de pessoas

Perfeito. E por que tu prefere
lugares públicos?

Pq eu estou saindo com
pessoas q eu não conheço,
pessoas q eu não sei se são
confiáveis ou se são boas
pessoas

E pq a gnt sabe q existe muitas
pessoas mal intencionadas

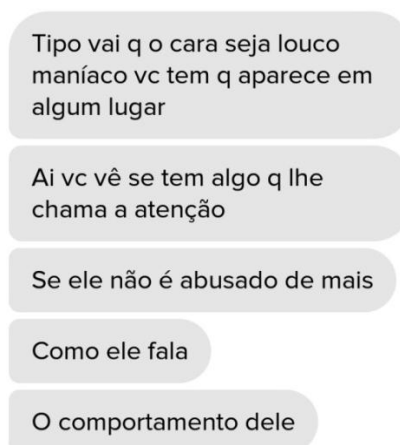
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 73 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 74 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 75 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 76 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Sei lá, não se sabe quem é a pessoa do outro lado do pela conversa, e se for um maníaco hahahah da tempo de fugir

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 77 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Eu tenho medo, a gente nunca sabe quando vai encontrar um maníaco ou sla

Não confio muito na internet heueheuhe

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 78 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Hoje 13:47

Público

Por que?

Hoje 14:21

Gosto do meu rim

Nunca se sabe como são as pessoas

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 79 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

A gente sempre brinca, mas é real que por foto e conversa online tu não sabe se é uma pessoa do bem, ou um "macho escroto", ou até sequestrador... vai saber

Fonte: pesquisa de campo da autora

Para Karol, o risco de “dormir com o inimigo” é tão grande que, durante os encontros com homens que conheceu pelo Tinder (ou por outras redes sociais, como o Facebook, conforme é possível ver no relato dela, a seguir) jamais aceitava passar a noite toda com eles. O medo era que pudessem fazer alguma coisa com ela caso adormecesse e se tornasse mais vulnerável a um “lobo mau”. Karol ressalta, ainda, a dificuldade para conseguir identificar esses sujeitos maldosos entre as pessoas comuns, reforçando um dos estereótipos do psicopata de que se trata de uma pessoa agradável, porém dissimulada e perigosa.

Uma vez, estava conversando com um cara no Facebook e olhei a timeline dele e ele era totalmente escroto. A gente fazia parte de um grupo e alguém colocou uma foto de uma mulher desmaiada de bêbada perguntando: se você visse essa mina, o que faria? E ele foi lá e comentou: eu ia meter na bocetinha dela dormindo. E rindo, como se fosse uma brincadeira, algo normal. Digo: gente! Na hora parei de conversar e excluí de tudo. Imagina? Certo que é um doente, no mínimo. E teve outro cara que conversamos bastante e ele era conhecido de uma amiga minha que me contou que ele tentou pegar a filha pequena de uma vizinha. E comigo ele era supereducado. Então, é muito difícil identificar um cara desses. Tu não sabe com quem tu está conversando, com quem tu tá dormindo. É muito arriscado. O pai de uma amiga minha estuprou uma sobrinha com demência e ele fazia todos os reparos elétricos da minha casa. Parecia uma pessoa ótima. Então, é muito difícil identificar um lobo mau, por mais que investigue. Por isso, eu não dormia com essas pessoas. Eu transava e ia embora. Também porque não queria criar intimidade, não queria nada mesmo. Eu tenho medo de dormir, de pegar no sono. Tanto que, se eu vou para uma balada que eu sei que vou ficar bêbada, eu sempre levo uma amiga de confiança junto.

O depoimento de Karol nos ajuda a pensar que a figura do psicopata, esse grande vilão de nossas sociabilidades, pode ser compreendida a partir de um processo social de “construção de pessoas” (ROSE, 2011, p.153). Embora existam critérios de diagnósticos determinados pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) para transtorno de personalidade antissocial, que é associado à personalidade psicopática, há uma figura presente no imaginário popular – e das mulheres que usam o Tinder em Santa Maria-RS – que parece reflexo de construção do outro a partir do que imaginamos. Segundo o DSM (2014, p. 659), presume-se que, para ser considerado psicopata, o sujeito tem de ter mais de 18 anos e apresentar pelo menos três das seguintes características: fracassar em conformar-se às normas sociais com relação a comportamentos legais, indicado pela execução repetida de atos que constituem motivo de detenção; demonstrar impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro; apresentar irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas; porém, paradoxalmente, têm fama e geralmente agem de forma bem comportada; ser desrespeitoso e irresponsável pela segurança própria ou alheia; apresentar irresponsabilidade consistente, indicada por um repetido fracasso

em manter um comportamento laboral consistente ou honrar obrigações financeiras; ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado outra pessoa; apresentar comportamento sexual exacerbado e inadequado, via de regra com vários parceiros, sem nenhuma ligação afetiva; ter histórico de agressividade contra animais domésticos; ter desrespeito e desprezo por ambientes familiares;

Nota-se que as características, ao mesmo tempo em que são específicas, como quando se referem à agressividade relacionada a lutas corporais (embora caiba dizer aqui que a evidência pode ser considerada equivocada e frágil quando pensamos em lutadores profissionais), também são bastantes vagas como quando apontam, por exemplo, comportamento sexual inadequado, com vários parceiros (o que é um comportamento sexual inadequado e quantos parceiros seriam “vários?”). Considerando-se essas limitações, pode-se inferir que o diagnóstico do transtorno, se definido exclusivamente a partir desses indícios, pode ser impreciso, amplo e inconsistente. Assim como parece ser o “diagnóstico” feito pelas mulheres usuárias do Tinder acerca dos homens com os quais se relacionam. Há, no imaginário delas, um psicopata que se assemelha muito aos da televisão e do cinema, mas também há uma certa dose de determinismo biológico que norteia as concepções dessas mulheres acerca desse criminoso em potencial: são homens fortes, altos, másculos e grandes, logo, potencialmente ameaçadores.

No século XIX, era também o determinismo biológico o que alarmava a sociedade acerca de possíveis criminosos. Embora esse método de identificação de tendências criminosas – que tem como base os atributos físicos e genéticos dos indivíduos – sofra ampla crítica por parte daqueles que a consideram uma teoria de ordem racista, preconceituosa, sexista e fascista, que tem por objetivo o controle social, ainda há quem reproduza a ideia ou que a utilize de maneira semelhante. Em 1876, o médico e filósofo italiano Cesare Lombroso escrevia “O Homem Delinvente” e associava a estrutura física do homem ao comportamento criminoso. Criador da Antropologia Criminal, Lombroso seguia a linha positivista evolucionista e atribuía ao tamanho do crânio, da mandíbula e dos ossos a predisposição genética e inata do sujeito ao crime.

O criminoso é geneticamente determinado para o mal, por razões congênitas. Ele traz no seu âmago a reminiscência de comportamento adquirido na sua evolução psicofisiológica. É uma tendência inata para o crime. (...) criminoso não é totalmente vítima das circunstâncias sociais e educacionais desfavoráveis, mas sofre pela tendência atávica, hereditária para o mal. Enfim, o delinvente é doente; a delinquência é uma doença. A reação desfavorável à teoria lombrosiana baseia-se na consideração de que ele despreza o livre-arbítrio e não deve o criminoso ser responsabilizado, uma vez que ele não tem forças para lutar contra seus ímpetos (ROQUE, 2013, p. 6).

De acordo com Rose (2013), o primeiro grande problema de associar características biológicas ao comportamento criminoso, como preconizou Lombroso a partir de seus estudos do criminoso atávico, está justamente na oposição binária do livre-arbítrio contra o determinismo e do reducionismo biológico contra a causação social que esse tipo de relação pode provocar. Ou seja, quando se considera criminosa uma pessoa a partir de características genéticas, ignoram-se elementos importantes que estão diretamente relacionados à capacidade pessoal do sujeito de fazer escolhas e, da mesma forma, desconsideram-se as influências que o comportamento individual pode sofrer em decorrência do ambiente e do contexto no qual o indivíduo está inserido.

Fatores biológicos são meramente uma série de fatores entre outros que predisõem as pessoas à conduta antissocial, e as ‘intervenções terapêuticas’ são propostas para o bem tanto do indivíduo quanto da sociedade. Isso exige a identificação preventiva e o gerenciamento de ‘indivíduos perigosos’ e ambientes que geram riscos. Estes buscam reduzir a periculosidade das pessoas consideradas como agressores potenciais onde for possível e, onde não for, buscar a detenção indefinida delas em nome da segurança pública (ROSE, 2013, p. 314).

As características apresentadas por esse viés de percepção e determinação do comportamento criminoso parecem desconsiderar as influências externas que o comportamento tanto do criminoso quanto do psicopata podem sofrer e que podem ser determinantes para que sujeito não se enquadre em nenhuma dessas categorias, não seja violento e não venha a cometer nenhum crime durante a vida. A criminologia biológica justifica seus métodos com a proteção da sociedade. Porém, ao invés de reduzir a responsabilidade do sujeito que é influenciado por questões biológicas involuntariamente, o caráter físico da personalidade psicopática e criminosa pode ser determinante para o seu encarceramento e para a constituição de sua individualidade enquanto um estereótipo:

a predisposição genética é uma espada de dois gumes, que pode diminuir a culpabilidade do crime, ao mesmo tempo que indica a probabilidade de que o criminoso possa ser perigoso no futuro e está além da redenção, justificando portanto, a pena de morte. A isso, pode-se acrescentar o surgimento de pedidos para detenção preventiva de “psicopatas”, “pedófilos” e outras “pessoas monstruosas”, consideradas como constitucionalmente incorrigíveis e uma permanente ameaça ‘ao público (ROSE, 2013, p.328).

Muitas de minhas interlocutoras de pesquisa levam aspectos físicos em consideração quando pensam na figura do psicopata. O fato de possíveis parceiros encontrados no Tinder serem homens já as deixa preocupadas por entenderem que eles são potencialmente mais fortes e perigosos. Cássia, por exemplo, tinha mais medo de se encontrar com homens, pelo simples fato de serem homens, do que com mulheres. E, mesmo depois que conseguiu se

permitir o encontro com uma mulher, que vivenciou sua sexualidade de maneira mais livre, inclusive compartilhando com o marido sua homoeroticidade, e que passou a usar o aplicativo com uma finalidade mais terapêutica, no sentido de buscar apenas conversas, de preferência, com pessoas casadas que enfrentassem os mesmos problemas da rotina de casal que ela enfrenta, Cássia sentiu medo. Sobretudo quando achou que estava conversando com um psicopata, o que fez, inclusive, com que ela excluísse a conta no aplicativo logo em seguida. Na interpretação dela, um hipotético psicopata seria um sujeito com dificuldades de aceitação, que faria perguntas estranhas e que diria estar próximo dela:

Já pensei se não era um louco, um psicopata, o cara que estava conversando comigo. Em um caso específico, quando deu o match, o cara começou a escrever, me bombardear o tempo inteiro. Eu nem tinha tempo de responder, porque era um monólogo, só ele. Ele falava muito, parecia uma pessoa se descobrindo tardiamente, que estava fazendo terapia, nunca se aceitou, que as pessoas o tratavam como moreno claro e ele achava que era negro e disse que ia começar a me fazer umas perguntas, do tipo: tu te julga sensível? Como se vê em relação a ajudar o próximo? Era muito esquisito, parecia fichinha que tu preenche quando chega a primeira vez no dentista. Muitas perguntas. E disse: agora já te conheço melhor que os teus vizinhos. E como tem a distância, ele disse: “a nossa proximidade deve estar de assustando”. E eu comecei a me assustar, parecia um psicopata. Essa foi a minha última conversa. Eu excluí a conta de saí. Fiquei assustada, com medo que estivesse hackeando meu telefone.

Depois de passar por diferentes experiências sexuais com homens que conheceu pelo aplicativo, Elza passou a se questionar sobre os riscos aos quais se submeteu durante esses momentos. Em seu depoimento, ela fala sobre a possibilidade de que um desses sujeitos fosse um psicopata e pudesse ter se aproveitado das circunstâncias para violenta-la:

Acho que qualquer um desses homens com os quais eu me envolvi poderia ser um criminoso, uma pessoa mal intencionada. Foi divertido? Foi. Mas poderia ter acontecido algo muito ruim. Porque tem muita gente mentirosa no aplicativo. As pessoas inventam uma vida. As pessoas inventam o que elas quiserem, elas podem ser o que elas quiserem. Mentem tudo, nome idade, o que fazem, o que não fazem. Dificilmente a pessoa é aquilo que ela diz. E acho que também tem a questão da malandragem e entender o que é. E de se dar conta que tu está se expondo sim e que as pessoas podem sim chegar até ti. Teve um cara uma vez que eu conheci e ele me disse: já achei teu Face. E eu disse: como assim? E ele: ah, eu fui te investigar, tu não me investigou? E eu disse: não... Aí, eu pensei: meu Deus, eu sou uma idiota. Eu não investigava, mas agora eu investigo. E se for um psicopata?

Assim como Elza saiu ilesa de todos esses encontros, a grande maioria de minhas interlocutoras também não vivenciou nenhuma experiência assustadora durante os encontros estabelecidos por meio do Tinder. Entre as 129 que disseram que costumam se encontrar com homens que conhecem pelo aplicativo, 103 (78%) disseram que nunca passaram por nenhuma situação, em um encontro, que as deixasse com medo; quatro (3%) responderam que

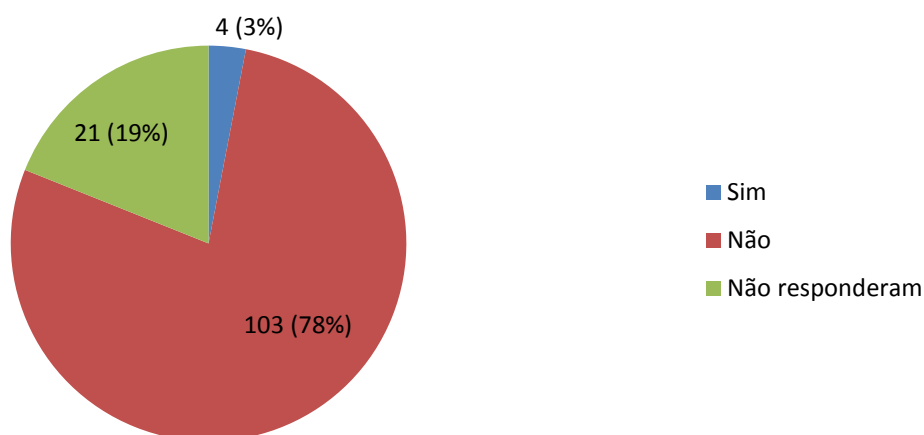
vivenciaram situações constrangedoras, mas nenhuma foi vítima de violência; e 21 (19%) não responderam. Já entre as 132 interlocutoras que responderam a todas ou parte das perguntas e que não necessariamente marcam encontros, 102 (79%) disseram não conhecer ninguém que tenha tido um encontro difícil com alguém que conheceu pelo Tinder; 2 disseram que têm amigas que tiveram encontros ruins, mas não relataram violência (2%); e 28 (19%) não responderam. Ou seja, embora nunca tenham – ou tenham poucas vezes – vivenciado um encontro difícil por meio da plataforma e, embora não conheçam ninguém – ou poucas pessoas – que tenham enfrentado situações de constrangimento ou abuso em momentos intermediados pelo aplicativo, essas mulheres apontam o medo como um elemento central de suas sociabilidades. Em seguida, apresento os dados em forma de tabela e gráfico para fins de maior organização e melhor compreensão:

Tabela 10 - Houve algum encontro em que sentiram medo?

| | |
|-----------------|-----|
| Sim | 4 |
| Não | 103 |
| Não responderam | 21 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 10 - Houve algum encontro em que sentiram medo?

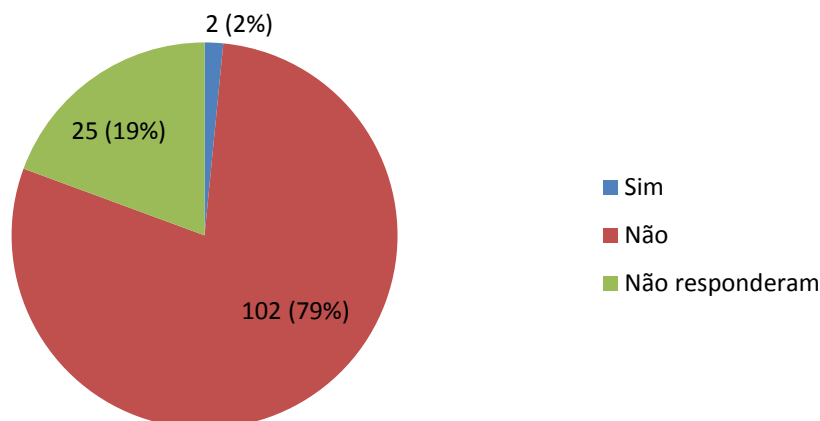


Fonte: levantamento de dados da autora

Tabela 11 – Conhecem alguém que tenha tido um encontro em que sentiu medo?

| | |
|-----------------|-----|
| Sim | 2 |
| Não | 102 |
| Não responderam | 28 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 11 - Conhecem alguém que tenha tido um encontro em que sentiu medo?

Fonte: levantamento de dados da autora

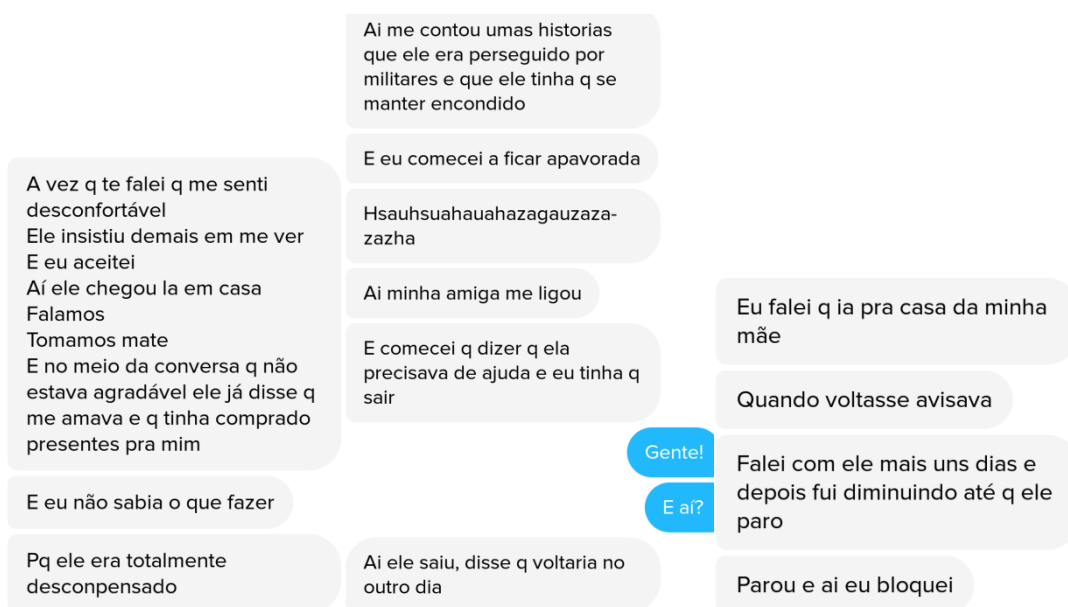
Roberta está entre as que vivenciaram uma situação mais difícil envolvendo um homem que conheceu pelo aplicativo. No entanto, tudo aconteceu sem que ela, ao menos, conhecesse pessoalmente o sujeito em questão. Delegado da cidade onde a irmã de Roberta mora, o homem se utilizou de informações a respeito de uma ocorrência policial envolvendo a familiar de minha interlocutora para tentar forçar um encontro. Na ocasião, por conta de um arrombamento no apartamento na irmã, Roberta estava na cidade onde o homem atua como delegado e, pelo Tinder, ele pediu que ela fosse encontra-lo, mas minha interlocutora não queria vê-lo porque estava envolvida em ajudar a irmã. Diante das sucessivas negativas de Roberta, o delegado disse que sabia, por meio da ocorrência do arrombamento registrada na delegacia, onde Roberta estava e usou essa informação para, no entendimento dela, ameaça-la e coagi-la a encontrar com ele. Embora não tenha se tornado uma situação de violência física, considerando que eles não chegaram a se encontrar pessoalmente, o comportamento do sujeito incomodou Roberta, que fala do caso como uma situação ruim vivenciada pelo aplicativo:

A única vez que eu tive uma experiência realmente ruim com o aplicativo foi com o delegado da cidade onde minha irmã morava. Eu dei match com ele, não sabia que ele era delegado e bem no mesmo dia arrombaram o apartamento da minha irmã, eu tive que ir correndo para lá. E aí ele começou a perguntar: “onde é que tu tá? Tu tá aqui, eu estou vendo pela distância, eu quero te ver”. Eu digo: “não, não quero te ver”. Aí, ele deu um ataque de pelanca: “porque tu não tem o direito de vir até aqui e não me ver. É um absurdo. Tu vai vir aqui para a minha casa”. E eu disse: “não, eu não vou para a tua casa. Se eu fosse te ver, seria em um lugar público”. E ele: “ah, tu foi a única mulher que já me falou isso. Eu não vou ser visto na rua com mulher”. Digo: “o problema é teu, comigo, é assim que funciona”. E ele: “ah, mas comigo não é assim que funciona”. E eu digo: “tudo bem, cada um pro seu caminho e tchau e bênção”. Daí, ele me bloqueou em tudo. Mas, no outro dia, desbloqueou e mandou: “vem aqui”. E eu respondi: “eu não vou”. E ele: “ah, mas tu vai embora, passa aqui na frente e me dá um beijo”. E eu digo: “eu não vou”. E aí ele ficou bravo comigo e começou a dizer: “então, eu vou aí, me passa teu endereço”. Só que ele é

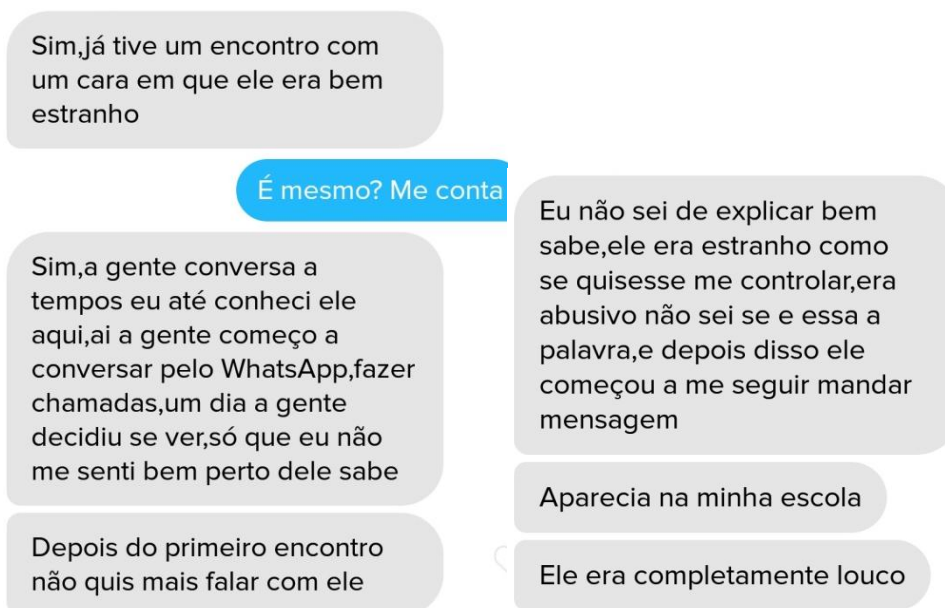
delegado da cidade e ele tinha em mãos o boletim de ocorrência do arrombamento da casa da minha irmã. E ele começou: “tu tá na casa da tua irmã?” e disse o nome da rua e pediu o número do apartamento. E eu digo: “não vou te passar”. E começou a me dar medo porque, bem na hora, tocaram o interfone e chegou a me gelar por dentro. Eu digo: “eu não acredito”. Eu pensei: “tudo bem, eu vou ligar para o superior dele e vou dizer que ele está usando informação de trabalho para fim pessoal”. No fim, era o proprietário do apartamento que tinha mandado o pessoal do seguro ir lá. Foi a única vez que eu senti medo e pensei: “meu Deus do céu, e agora?”. Mas foi só essa vez. Depois disso, fiquei mais cuidadosa. Então, às vezes, eu mando mensagens que parecem coisas bobas, do tipo: ah, do que tu gosta de comer? Qual teu suco preferido? Se a pessoa já começa a se fresquear para responder tu já sabe que a pessoa não é flexível e que pode ser que dê bosta, sabe? Então, nesse sentido, eu comecei a perguntar mais coisas e esticar mais a conversa pelo aplicativo.

Os demais relatos acerca de encontros difíceis estabelecidos pelo aplicativo, os quais reproduzo em seguida, também dizem mais respeito a impressões que minhas interlocutoras tiveram de estar na presença de homens estranhos e perigosos. Mas nenhuma delas afirmou ter sido vítima de um estupro, que é um medo muito presente nos discursos da maioria delas, ou conhecer alguém que tenha sido.

Figura 80 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos



Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 81 - Reprodução de conversa com interlocutora de 18 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 82 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

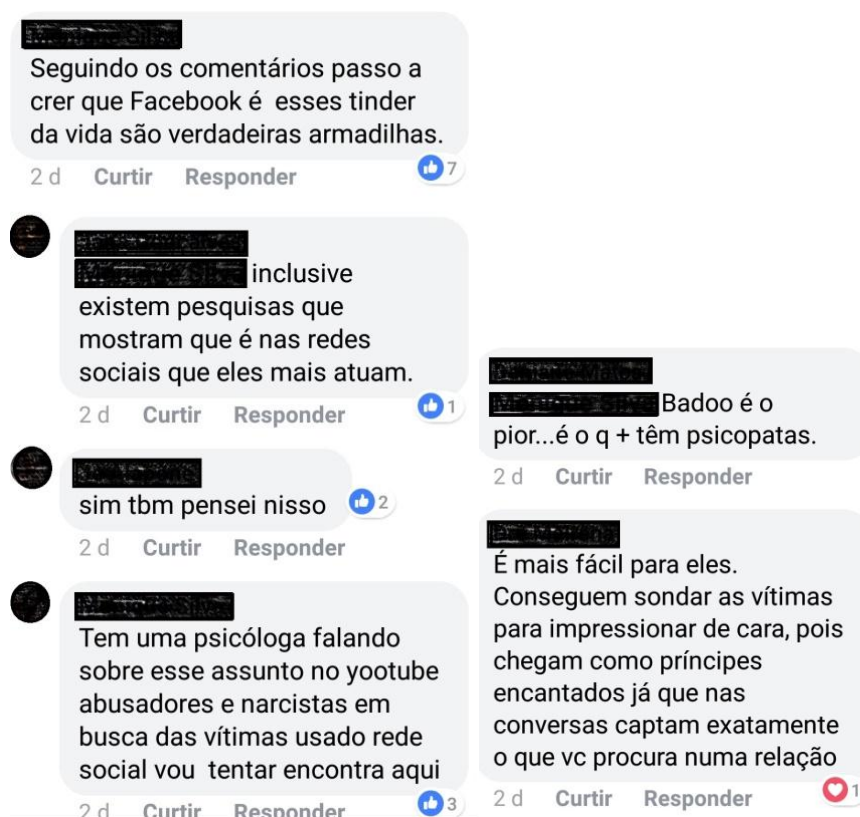
Ja conheci um cara no qual não tive interesse e ele ficou "perseguido" fazendo chantagem emocional, demorei quase um ano pra me livrar dele... Em outra situação combinei uma janta e ele armou a situação para que ficassemos sozinhos e trancados na casa dele, consegui sair bem rápido de lá mas confesso que tive muito medo.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Em um grupo do Facebook chamado “Relacionamento Abusivo, Liberte-se!”, mulheres trocam entre si experiências acerca de companheiros violentos, agressivos e narcisistas. É um espaço fechado – é preciso autorização do moderador para poder entrar, e eu entrei com o objetivo de fazer uma observação do ambiente, já que a violência de gênero está presente em minha pesquisa – e que oferece apoio e aconselhamento mútuo entre as participantes. Em dezembro de 2018, o grupo contava com mais de cinco mil membros. Geralmente, neste ambiente, as mulheres contam suas histórias, pedem ajuda, pedem emprego, dinheiro para sair de casa e debatem acerca de características emocionais desses

homens com os quais se relacionam. Notei que um tópico recorrente nessas conversas é, de fato, a figura do psicopata, do maníaco, do homem adoecido emocionalmente e que as agride em decorrência de diferentes transtornos de ordem psíquica. E um dos posts mais compartilhados e curtidos pelo grupo, essas mulheres falavam acerca do perigo de fazer parte de aplicativos de relacionamento porque é nesse espaço virtual que se escondem eles, os temidos psicopatas. Nenhuma delas relata nenhum caso ruim envolvendo o Tinder ou qualquer outro desses aplicativos, mas o risco parece ser um consenso, assim como a posição delas nesses espaços como vítimas em potencial. Além disso, elas citam pesquisas que sugerem que os maníacos estão nesses aplicativos, mas não compartilham os estudos e tampouco apontam uma fonte credível para suas afirmações. Em seguida, compartilho os comentários em um desses posts mais diretamente relacionado aos aplicativos, em que elas dizem que o Tinder é uma verdadeira armadilha e citam o Badoo como o pior, aquele que mais tem psicopatas :

Figura 83 - Reprodução de página do Facebook



Fonte: pesquisa de campo da autora

Ou seja, a figura do psicopata, do maníaco, da pessoa mal intencionada, conforme é construída socialmente, aparece presente no imaginário de mulheres usuárias do Tinder e de outros aplicativos para relacionamentos. Também trabalho, aqui, com a ideia de que as notícias sobre casos de mulheres vítimas de violência influenciam nesse pensamento feminino acerca do perigo do psicopata da internet, mas falarei disso em seguida. Antes, creio ser importante abordar o segundo tipo de medo mais citado entre minhas interlocutoras de pesquisa, quando vão ao encontro de um desconhecido do Tinder: o de serem estupradas.

2.5 “EU NÃO TENHO MEDO DE SER ASSALTADA, DE MORRER, DE APANHAR, MAS EU MORRO DE MEDO DE SER ESTUPRADA”: O TEMOR DO ESTUPRO ENTRE AS USUÁRIAS DO TINDER

A frase de Karol, que intitula este subcapítulo, é recorrente entre as mulheres que usam o Tinder em busca de homens em Santa Maria-RS. Conforme dados apresentados anteriormente, entre as 119 mulheres que disseram sentir medo de um encontro com um homem que conhecem pelo Tinder, 47 (39%) afirmaram, quando perguntadas sobre qual receio exatamente tinham, que tinham medo de serem violentadas sexualmente por esses homens. Outras 48 apontaram o medo do psicopata, do criminoso, do mal intencionado, mas esses números acabam, como disse anteriormente, sobrepondo-se, já que o psicopata pode ser o autor do estupro. O medo da violência sexual é amplamente justificável na sociedade em que essas mulheres estão inseridas. Dados do Atlas da Violência de 2018 que aponta que, em 2016, 49.497 mulheres registraram, em delegacias do país, ter sido vítimas de estupro. Ainda de acordo com a publicação, outros 22.918 casos de estupro foram registrado pelo Sistema Único de Saúde no Brasil no mesmo ano. Considerando-se o índice de subnotificações desse tipo de crime em decorrência de fatores que envolvem dependência emocional e financeira das vítimas e o constrangimento de ter sua integridade questionada ao reportar o ocorrido, entre outros, e comparando-se o índice de subnotificações do Brasil com o dos Estados Unidos, que gira em torno de 90%, teríamos, pelo menos, entre 300 mil e 500 mil casos de estupro por ano no Brasil (CERQUEIRA et al., 2017). Porém, em um cenário ainda mais preocupante, um estudo desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará indica estimativas que permitem fazer uma projeção por meio da qual mais de 1 milhão de mulheres seriam vítimas de violência sexual por ano no país:

Ainda hoje, muito pouca informação de qualidade foi produzida sobre a incidência e prevalência do estupro. Nunca houve pesquisas domiciliares nacionais a respeito e o único survey regional, com padrão de qualidade metodológica internacional, é a PCSVDFMulher, produzido pela Universidade Federal do Ceará em parceria com o Instituto Maria da Penha. Segundo a pesquisa, 2,4% das mulheres entre 15 e 49 anos sofreram agressões sexuais nas capitais do Nordeste em 2015. Caso a prevalência relativa nacional fosse igual à verificada nas localidades estudadas, mais de 1.350.000 mulheres seriam vítima de violência sexual no país a cada ano (CERQUEIRA, 2017, p.26)

Em um contexto permeado pela violência de gênero, as usuárias do Tinder em Santa Maria-RS se protegem para não se tornarem um número a mais nas estatísticas. E essa proteção influencia em suas sociabilidades dentro do aplicativo e fora dele. Karol diz que evita beber demais quando sai porque tem medo de ser estuprada. Esse temor é compreensível quando pensamos acerca do quanto a bebida alcoólica ainda está relacionada à culpabilização da vítima em casos de estupro. Uma pesquisa desenvolvida em um bairro pobre de Fortaleza-CE em 2015 mostrou, por meio da análise de letras de forró e dos discursos de jovens do sexo masculino frequentadores dessas festas que a agressão sexual ainda é vista como responsabilidade das mulheres que bebem e frequentam lugares em que a disponibilidade para o ato sexual é presumida. Ao longo de sua investigação, Brilhante, Nations e Catrib entrevistaram 14 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos, matriculados nas duas escolas de ensinos Fundamental e Médio de um bairro pobre e periférico da cidade. Partindo da justificativa de que os homens são os principais perpetradores de violência sexual para a escolha de adolescentes do sexo masculino, as pesquisadoras identificaram quatro formações discursivas principais entre os entrevistados: desmoralização da vítima, legitimação do estupro pelo álcool, desqualificação da recusa feminina e banalização da violência contra a mulher. As autoras também analisaram letras de músicas como “Levanta o Copo”, da Banda Aviões do Forró, que são comuns nessas festas. Nesta composição, em específico, o uso de álcool por parte de mulheres é tido como um facilitador para o estabelecimento de relações sexuais. A letra da música incentiva que os homens utilizem a bebida alcoólica como uma aliada para ajuda-los a fazer sexo com mulheres, o que fica evidente nos versos reproduzidos a seguir: “É só levantar o copo. É muito fácil/Gatinha mamadinha vai, corre pro abraço/Eu quero ver/Levanta o copo/Dá uma rodadinha/Dá um golinho/Tá facinho/Taca cachaça que ela libera/Se você tá com medo de pedir um beijo pra ela/Taca cachaça que ela libera”. Conforme as autoras, os papéis de gênero diferentes em relação ao álcool ficam evidentes nas festas:

Hierarquicamente, cabe ao homem a abordagem, enquanto as mulheres posicionam-se em rodas aguardando a intervenção masculina. Essa aproximação modifica-se

com o tempo e o limiar do álcool. Se no começo há convites, do meio para o fim da festa há puxões pela cintura e palavras jocosas ao pé do ouvido. Embora homens e mulheres consumam bebidas, o álcool assume simbologias diferentes entre os gêneros. Para os homens, autoriza abordagens grosseiras. Para as mulheres, desqualifica a recusa. Desse modo, quando a mulher foge à previsibilidade ritualística, rechaçando a abordagem, ela é ofendida com gestos e palavras. “Vagabunda”, “maloqueira”, “piriguete”, “troço” foram palavras ouvidas nas festas do Bom Jardim. Tudo se articula para que, naquele grande terreno com infraestrutura precária e forte presença de álcool, tudo seja permitido. “Ninguém é de ninguém” – ouvimos. (BRILHANTE et al., 2018, p. 4-5)

Além de ter medo de ser estuprada se ficar muito bêbada, Karol também se diz preocupada pelo fato de ser negra e de isso fazer com que os homens se sintam mais estimulados a manter relações sexuais com ela. Isso faz com que Karol descarte qualquer contato com homens que fazem referência à beleza dela de maneira mais vulgar ou que sugerem que a cor da pele dela é o que os motiva a tentar estabelecer um encontro:

Tanto no Facebook quanto no Tinder, os caras me davam muitos likes ou adicionavam para conhecer. Aí, a gente começava a conversar, falar sobre o que gostava e tal e eles diziam: “eu sempre ouvi dizer que as negras são mais fogosas ou estou louco para bater nesse teu tamborim”, que, no caso, era a minha bunda, “ah, dizem que as negras são melhores na cama”, “ah, você é uma pretinha deliciosa, parece a Globeleza” e assim vai. Tu escuta bastante coisa. Eu acho isso horrível, acho horrível, tanto que, todas as vezes que chegou nesse patamar da conversa eu já saía fora, não queria mais conversar. É difícil. E eu tenho medo. Então, não dou conversa para esses caras e até quando eu vou em alguma festa que eu vejo que eu estou ficando fora de mim eu já paro de beber para evitar que aconteça alguma coisa comigo. Tenho muito medo de estupro. Muito.

O reflexo do cuidado com o próprio comportamento para não ser vítima de violência fica evidente, também, nas falas de outras interlocutoras desta pesquisa, as quais reproduzo em seguida. Segundo seus relatos, elas preferem encontrar os homens que conhecem pelo Tinder em lugares públicos para não serem estupradas – como se o fato de elas estarem em um ambiente privado com esses sujeitos desse a eles o direito, e a elas, a obrigação, de manter relações sexuais. Uma delas diz, inclusive, que só sente medo quando sai com homens e que, quando sai com mulheres, é “suave”, reforçando a ideia de que a figura masculina é mais temida e, também, configura a maioria esmagadora dos agressores “independentemente da faixa etária da vítima, sendo que as mulheres são autoras do estupro em 1,8% dos casos, quando a vítima é criança” (CERQUEIRA e COELHO, 2014, p.9)

Figura 84 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Bom, acho que o primeiro medo é de ser violentada. Forçada a fazer algo que eu não queira, caso não role aquela química heheh

Depois, de sofrer algum outro tipo de violência, porque a gnt nunca sabe quem é a pessoa realmente

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 85 - Reprodução de conversa com interlocutora de 41 anos

Muitas vezes os homens no primeiro encontro já querem algo mais, e acabam agredindo elas por não querer. Medo da agressão física mesmo e estupro sexual

Fonte: pesquisa de campo da autora

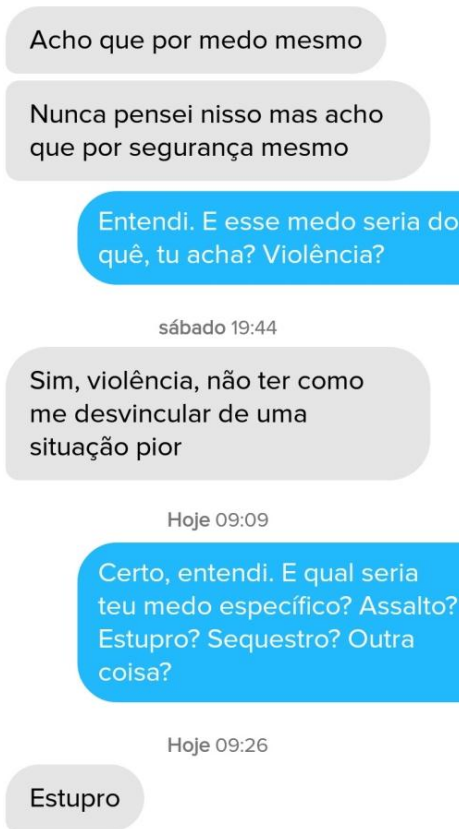
Figura 86 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Comecei a usar o Tinder em 2014 pq todo mundo falava e me deu curiosidade, daí sempre quando tô no tédio apareço por aqui! Já saí com várias pessoas do Tinder, sempre em lugar público e sempre pra beber antes de ir pra alguma festa com meus amigos pra caso der algum ruim eu ter pra quem correr

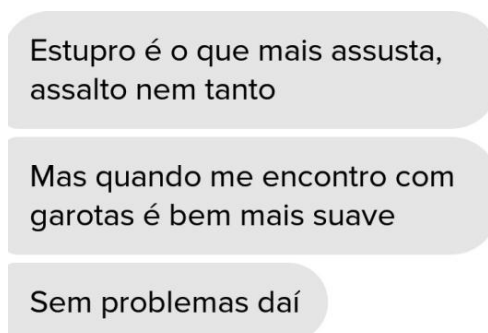
Entendi.... só para eu entender melhor, o que tu quer dizer com der algum ruim? O que tu tem medo que possa acontecer?

Caso o cara seja um escroto e tente fazer algo que eu não quero, tente forçar alguma coisa

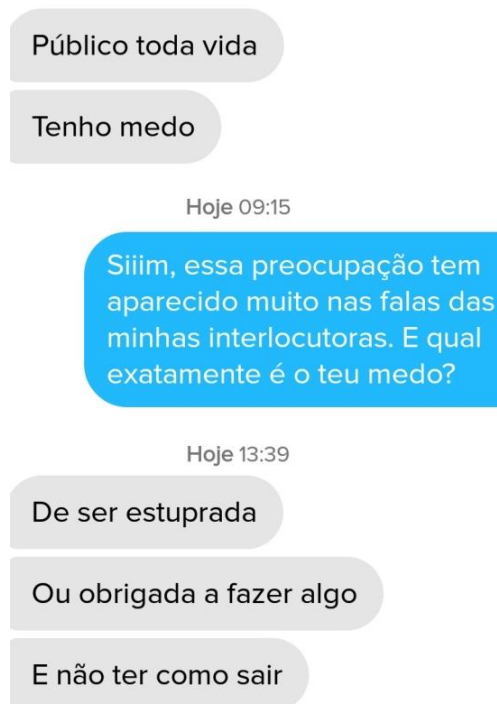
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 87 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

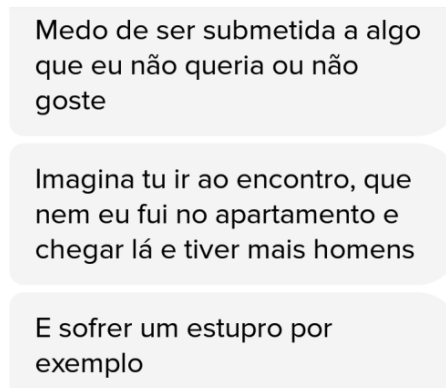
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 88 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 89 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 90 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Elis também tem medo de sofrer violência sexual. Para ela, “colocar alguém para dentro de casa sem o mínimo de contato é muito arriscado”. O estupro e a possibilidade de pegar uma doença sexualmente transmissível decorrente da violência sexual são, para ela, os medos mais presentes quando pensa em se encontrar com homens que conheceu no Tinder. O mesmo medo também assombra Elza, que, depois de se “dar conta de que havia se arriscado muito” durante o tempo em que usou o Tinder com o objetivo de estabelecer relações sexuais, época em que se encontrava com os homens que conhecia pelo aplicativo apenas em

ambientes privados, passou a temer imensamente a possibilidade de ser estuprada. O medo ficou ainda maior depois que ela se tornou mãe, sobretudo porque acredita que os homens não sabem ouvir um “não”:

E o meu maior medo é a violência. Chegar em um ponto de me bater ou de me estuprar. Porque, na verdade, os homens não sabem ouvir “não” e respeitar. Por que ela está vestida assim, veio até aqui, então, está sem fazer. E isso me apavora. E eu não tinha me dado conta de que isso poderia acontecer. E, quando eu me dei conta, eu parei de sair tanto. Porque minhas amigas disseram: cara, tu é louca. E eu me dei conta porque elas falaram e porque eu refleti. Não chegou a acontecer nada de ruim, mas foi pela análise mesmo de tudo o que poderia ter acontecido que eu mudei. Porque uma vez, por exemplo, eu conheci um cara que morava em Camobi. A gente conversou uma tarde, e ele disse: eu estou aqui na casa da minha sobrinha, perto da casa da minha mãe, e eu estou sozinho aqui, quem sabe tu vem para cá? E eu fui! Cara, eu fui! Sem dizer para ninguém, sem as pessoas saberem. Dormi na casa dele e apareci na casa da minha mãe no outro dia. Por sorte, ele não era um psicopata, mas ele poderia ser. Poderia. Claro que poderia. Sabe? E eu recebi gente na minha casa de madrugada... E, gente, como assim? Eu acho que as pessoas podem ser más por serem más ou por oportunidade. E eu tenho muito medo de abuso também quando diz respeito à minha filha, que já foi negligenciada pela família (a menina foi adotada por Elza). Eu tenho muito medo da violência, e as crianças são indefesas. E isso influencia muito na minha decisão por ter um relacionamento. Para que aconteça, só se valer muito à pena. Ou a gente vai morar em casas separadas, se eu achar que não dá para botar dentro da minha casa, ou não vai rolar. Porque eu tenho medo. Porque criança é suscetível. E as pessoas são más, muito más. Então, tenho medo de abuso, de assassinato, de estupro. Tenho muito medo. Por mim e pela minha filha.

Na pesquisa desenvolvida nas festas de forró em Fortaleza-CE, fica evidente que há um julgamento moral intenso acerca do comportamento feminino e do quanto aquelas que se preservam são mais dignas de respeito, na opinião dos entrevistados pelas autoras. Conforme elas, é possível perceber que “a mulher honesta é descrita como alguém que não frequenta o forró, não ingere bebidas alcoólicas, mantém o controle e o recato (...) comportamentos que fujam ao recato, como frequentar o forró e consumir bebidas alcoólicas, são tomados como autorização para o assédio” (BRILHANTE et. al, 2018, p. 5). Além disso, entre as falas dos jovens entrevistados pelas pesquisadoras, apareceram justificativas para o sexo sem consentimento e o questionamento acerca das negativas femininas diante de investidas sexuais, reforçando uma ideia socialmente disseminada de que a recusa é um “charme”:

Paulto, 16 anos, afirma: “*Eu vi uma vez numa novela que a menina fez sexo bêbada e engravidou do cara. Cara, ela bebeu, foi pro quarto com ele e depois que tira a roupa fica com ‘não quero’. A própria mãe da menina fez foi gostar porque o cara tinha dinheiro. Só é estupro quando o cara é liso*”. A afirmação é complementada por Ricardo, 15 anos, que reforça: “*Ou então, se o cara tivesse dinheiro e depois dispensasse ela. Aí, também era estupro*”. (...) Apenas André, 15 anos, considerou válida a negativa: “*Bicho, mas se ela disser que não quer e disser de verdade não pode. É estupro*”. Sua percepção, contudo, não é compartilhada por seus colegas. A ideologia socialmente disseminada de que a mulher diz não querendo dizer sim perpassa os discursos sociais, sendo sumarizada por Pedro, 17 anos: “*E quando é*

que a gente sabe que o não de uma mulher é não?”. (BRILHANTE et al., 2018, p. 5-6).

Pensando sobre esse tipo de entendimento acerca das violências contra as mulheres, que são objetificadas, culpabilizadas e desqualificadas sistematicamente, é possível compreender o medo que ronda as usuárias de aplicativos de relacionamentos (sejam eles quais forem) em busca de homens. No entanto, é necessário ressaltar que, durante minha investigação, identifiquei que essas mulheres temem ser vítimas de um anônimo, um desconhecido da internet, quando, na maioria das vezes, os estupradores são pessoas muito próximas de suas vítimas. Conforme Cerqueira (et. al, 2017), dos 20.085 estupros registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) em 2014, 12.676 foram cometidos por familiares ou conhecidos das vítimas, enquanto que em 5.381 incidentes os perpetradores eram desconhecidos. Ainda de acordo com o autor, esta relação de mais de dois para um “mostra que o agressor dorme ao lado, o que revela a gravidade do problema de violência doméstica no país” (CERQUEIRA et. al, 2017, p. 39). Outro dado importante nesse sentido diz respeito à reincidência do estupro quando o agressor está próximo da vítima mostra que “enquanto 14,0% das pessoas violentadas por desconhecidos haviam sofrido estupro anteriormente, 56,5% das vítimas cujos algozes eram conhecidos sofreram estupros repetidos” (CERQUEIRA et. al, 2017, p. 39).

Portanto, o temor de minhas interlocutoras acerca do desconhecido, embora seja verdadeiro e justificável, não corresponde ao que de fato acontece na maior parte dos casos de estupro no país. Além disso, ao longo de nossas conversas, identifiquei que essas mulheres também reforçam seus temores a partir do consumo de notícias acerca da violência. Essas reportagens fazem com que elas reforcem a ideia de que são vítimas em potencial e de que a criminalidade está disseminada. É possível dizer, portanto, que o que torna esse medo possível é que ele é coletivo e corroborado pela mídia, ou seja, essas mulheres temem o que elas conhecem, ouvem, assistem e consomem. Falarei sobre isso em seguida.

2.6 “É CADA COISA QUE A GENTE VÊ NA TV”: O PAPEL DA MÍDIA E O COMPORTAMENTO DE MULHERES EM BUSCA DE UM PARCEIRO NO TINDER

Para Borges (2011, p.73), “a mídia, muitas vezes sensacionalista, dramatiza (Smith, 1985, 1986) e amplia (Pidgeon *et al.*, 2003) as ocorrências criminais, além de valorizar os crimes mais sérios e com maior comoção social em detrimento dos de maior incidência”.

Assim, acredita o autor, constrói-se um cenário complexo de temor. Esse cenário repleto de receios que é impulsionado pela midiaticização da criminalidade também habita o imaginário das mulheres que estão em busca de homens no Tinder e que foram ouvidas ao longo do trabalho de campo desta dissertação. Cássia é uma delas. Quando perguntei a ela de onde achava que vinha o medo que sente de se encontrar com pessoas que conhece pelo aplicativo, sobretudo homens, ela fez uma referência imediata à midiaticização da criminalidade:

Da onde eu acho que vem esse medo? Eu sempre fui assim, medrosa, mas agora, qualquer site de notícias, qualquer jornal, é só esse tipo de notícia que tem. A mídia é só violência: fulana foi agredida, fulana foi atirada do quarto andar. Semana passada mesmo, meu vizinho bateu na minha vizinha. A gente ouviu os gritos, e eu levantei para ver de onde vinha. Então, isso acontece o tempo todo. Então, eu investigo a pessoa com quem estou falando porque tenho esse medo. Claro que também tem curiosidade de saber quem é a pessoa, principalmente, quando está sem a foto. Há uma curiosidade de ter uma imagem da pessoa, embora não tenha o interesse de algo mais. Mas é, também, porque esse tipo de violência está em todo lugar e em todos os jornais o tempo todo.

Esse discurso acerca da influência da midiaticização da criminalidade como algo que ajuda na intensificação do medo também está presente na fala de Karol. Mas, além disso, ela afirma que tem amigas que foram vítimas de violência sexual e emocional (mas não com pessoas que conheceram pelo aplicativo) e que a proximidade dos casos também faz com que ela sinta mais medo. O tempo em que fez estágio em um escritório de advocacia também a fez se tornar uma pessoa mais desconfiada:

Com certeza as notícias sobre violência influenciam muito no meu medo. E eu também tenho amigas que sofreram violência sexual, violência psicológica, violência física. Então, eu fico com receio, porque tu nunca sabe o que esperar. Eu estudo Direito na Ulbra e eu estava fazendo estágio em um escritório e a gente pegou um caso de um cara que era um suposto estupro. Tu olhava para o cara tu não dizia jamais que ele era alguém que faria isso. Então, quem tu menos imagina é um estupro em potencial. Então, por mais que tu queira autonomia para sair com a roupa que tu quiser e fazer o que tu quiser, tu precisa se resguardar porque tu não sabe o que está te esperando lá fora.

Roberta e Tiê também afirmaram que se sentem impactadas pelas notícias acerca da criminalidade contra mulheres. Já Elza e Elis não atribuem à mídia uma grande influência sobre o medo que sentem quando pretendem estabelecer um encontro com um sujeito que conhecem pelo Tinder. No entanto, essas suas últimas são exceções, considerando-se que, entre as 129 mulheres que responderam a todas ou a parte das perguntas feitas durante meu trabalho de campo, 84 (71%) afirmaram que as notícias influenciam no medo que sentem dos homens com os quais conversam pelo aplicativo, enquanto 22 (18%) disseram que a mídia

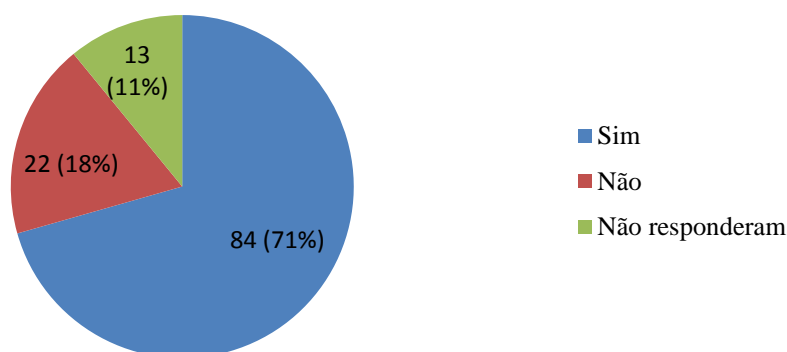
não as influencia nesse sentido, e 13 (11%) não responderam a essa pergunta. Em seguida, apresento os dados em forma de tabela e gráfico para melhor compreensão.

Tabela 12 - Acham que as notícias influenciam no medo?

| | |
|-----------------|----|
| Sim | 84 |
| Não | 22 |
| Não responderam | 13 |

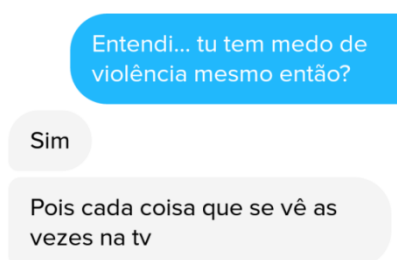
Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 12 - Acham que as notícias influenciam no medo?

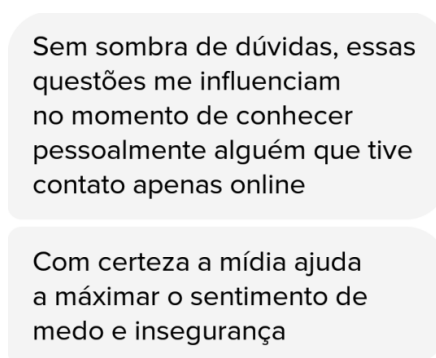


Fonte: levantamento de dados da autora

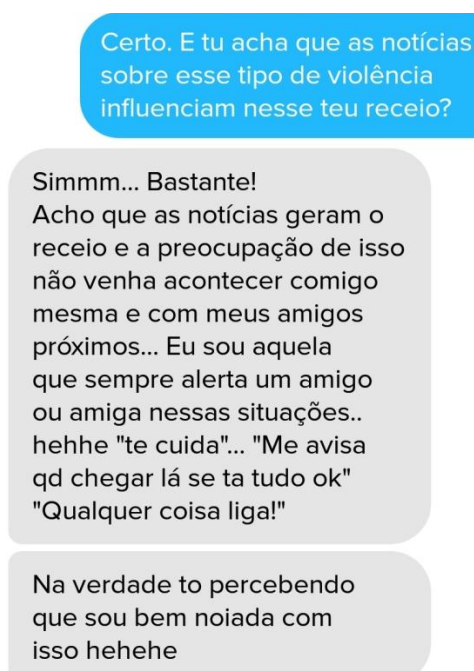
Considerando-se, como diz Glassner (2003, p.33), que toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta e que, entre as diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa, indiscutivelmente, um dos primeiros lugares, pensar sobre isso parece fundamental para compreender o temor de minhas interlocutoras de pesquisa. Conforme muitas delas, as notícias são amplamente relevantes na percepção do medo em relação aos encontros com os homens que conhecem em aplicativo e só confirmam que é necessário manter um comportamento pautado pela precaução, não só no aplicativo, mas em outros âmbitos da vida. Em seguida, reproduzo alguns desses depoimentos:

Figura 91 - Reprodução de conversa com interlocutora de 35 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 92 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 93 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 94 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

ah a gnt se preocupa cm a segurança ne, vou te confessar que no início eu n ligava mto pra isso, saia assim no meio da noite cm os caras e nem ligava, mas ai tu começa a ouvir relatos e notícias, ate msm de outros lugares, q "fulana foi morta após marcar encontro no tinder" ai tu começa a ficar meio q cm um certo medo ne "bah podia ser comigo"

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 95 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

tu acha que as notícias sobre casos envolvendo violência te influenciam de alguma forma nesse receio?

terça-feira 02:00

Muito. No medo mas tbm em como me prevenir...e não repetir algumas atitudes. Tento saber o máximo da vida do cara, o famoso stalkear, aviso amigas de onde eu vou, procuro ir a um lugar público...

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 96 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Influenciam

Acho que a gente sempre fica atenta, independente das notícias

Mas quando elas surgem, colocam a violência de forma escancarada...como se fosse uma forma de lembrar que precisamos estar sempre vigilantes pra não nos colocarmos em situação de risco

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 97 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Muito!!! E quando eu comecei a usar lá em 2014 era tudo novidade então eu tinha bem menos medo, ia bem de boas sair com as pessoas q conversei por sei lá, uma hora

Hoje em dia que tem bem mais informação sobre isso eu fico bem mais receosa, converso bastante antes, pergunto pra amigos em comum se vale a pena sair

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 98 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Acho que influencia sim.

Como mulher a gente já tem sempre um medo a mais da violência masculina.

Mulheres são mortas todos os dias pelos parceiros, pra motorista de táxi/app, etc

Fonte: pesquisa de campo da autora

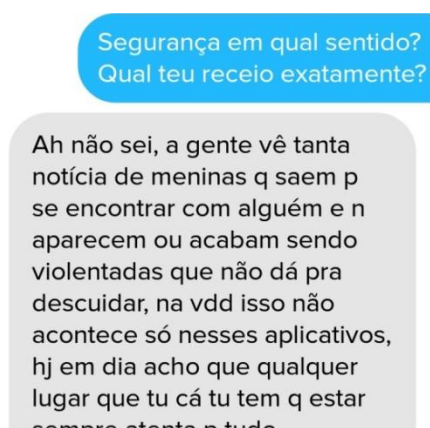
Figura 99 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos

Quando tu fala em segurança... qual seria exatamente o teu receio?

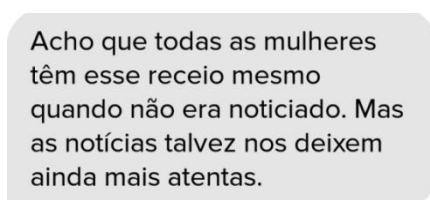
sábado 22:05

A preocupação de acontecer algo, principalmente em virtude das notícias que ouvimos... Mais a questão da violência mesmo

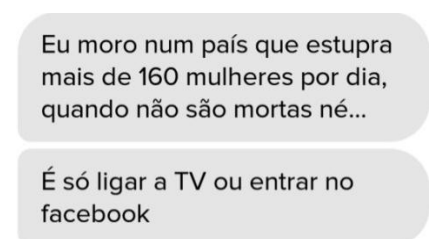
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 100 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos

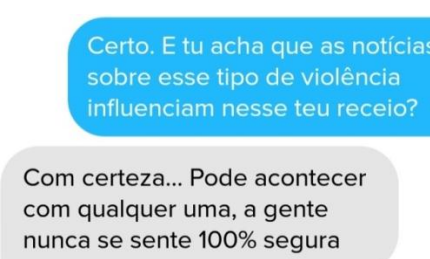
Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 101 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 102 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 103 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 104 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

acho que sim. Se vejo alguma notícia próxima de uma situação que eu vivo eu penso "meu Deus, podia ter sido eu!"

mas não lembro de ter visto alguma notícia no sentido do Tinder, tipo um encontro casual que terminou em um estupro na casa de alguém ou motel

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 105 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Eu nunca vi nenhuma notícia sobre violência através de encontros em aplicativos, mas todos os dias temos notícias acerca de violência, abusos, morte de mulheres porque vivemos em uma sociedade machistas

É um cuidado que tenho comigo para evitar que me aconteça algo

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 106 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Tipo, as notícias de violência estão aí desde sempre, então adotamos uma postura defensiva desde sempre. Acho que é uma influência indireta, tipo, me cuido em encontros de Tinder, mas tbm deixo a porta aberta quando estou com um professor ou pedreiro casa

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 107 - Reprodução de conversa com interlocutora de 22 anos

Sim, com certeza. Quanto mais tu assiste ou ouve assuntos sobre isso, mais receio fica.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 108 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Certo. E tu acha que as notícias sobre esse tipo de violência influenciam nesse teu receio?

Com certeza

Por quê?

As notícias acredito que são 10% do que acontece

Os 90% nem são veiculados

Pq geralmente acontece com mulheres de periferia

Que não são visadas pela população

Que ninguém se importa

Então se a gente já vê muito na mídia

Pensa tudo o que acontece por fora

Fonte: pesquisa de campo da autora

Em um trabalho sobre práticas sociais e as representações que dizem respeito ao crime e a violência na sociedade gaúcha no final do século XIX, Pesavento (2004) aborda esse processo de influência das reportagens de jornal sobre a percepção das pessoas acerca da

criminalidade a que, supostamente, estavam expostas naquela época. De acordo com a autora, “a julgar pelas ocorrências encontradas nos jornais da cidade, parecia que, verdadeiramente, o pecado morava ao lado de cada moradia e que o crime espreitava em cada esquina” (PESAVENTO, 2004, p. 29), o que não correspondia à realidade da época e o que levava uma sensação de angústia, risco e perigo eminente à população que, na prática, não estava ameaçada. O mesmo acontece com minhas interlocutoras de pesquisa. Embora a ampla maioria nunca tenha tido um encontro perigoso ou não conheça pessoas que vivenciaram experiências ruins em encontros estabelecidos pelo Tinder, elas consomem tanta informação acerca do perigo e tantas notícias sobre casos de mulheres vítimas de violência que sentem muito medo de que esse tipo de ocorrência as envolva. Essa influência da midiaticização dos crimes leva, portanto, a população a um estado de angústia acentuada. E essa angústia se mostra presente nos discursos das mulheres entrevistadas para esse trabalho que afirmam que, quanto mais ouvem, leem ou assistem sobre os diferentes tipos de violência que vitimam as mulheres, mais têm medo. Além disso, é possível verificar a influência midiática na sociabilidade dessas mulheres quando elas dizem que aprendem também com notícias como se precaver nesses encontros com homens que conhecem pelo Tinder.

De acordo com Brunvand (1981), que defende que lendas urbanas são folclores e não histórias, o papel da mídia é central nesses casos de disseminação do temor, já que a credibilidade da apuração e da publicação jornalística é inquestionável por boa parte de seu público, tornando legítimas e verdadeiras situações que podem ter origem em um boato sensacionalista. Segundo o autor, as lendas urbanas são histórias com caráter realista, geralmente, sobre eventos recentes, mas que têm um toque sobrenatural. Os sujeitos que reproduzem essas histórias, ainda segundo autor, são, geralmente, pessoas jovens, urbanas e bem educadas, que assumem esses fatos como verdadeiros, mas assumem, também, que os reproduzem apenas com base em uma ou duas testemunhas confiáveis ou com base em notícias jornalísticas. E é sobre como o temor das usuárias do Tinder diante do homem desconhecido da internet pode ganhar contornos de lenda urbana que falarei no próximo subcapítulo desta dissertação.

2.7 A LENDA URBANA DO CRIMINOSO ATRÁS DA TELA: O IMPACTO SOBRE SOCIABILIDADES DE USUÁRIAS DO TINDER EM SANTA MARIA

Ao longo de meu trabalho de campo, identifiquei que minhas interlocutoras de pesquisa se enxergam como vítimas em potencial e percebem os homens com os quais

conversam pela internet como possíveis agressores (sobretudo, a partir do argumento de que é possível ser quem se quiser por trás de uma tela). Considerando-se indefesas, elas temem que maníacos, loucos ou psicopatas estejam à espreita para violentá-las e as submeterem a uma violência terrível: o estupro. Nesse contexto, cinema, televisão e jornalismo se colocam como protagonistas na formação deste tipo de temor e na disseminação de histórias misteriosas e assustadoras. Em tempos de fake news como o que vivemos, em que há uma possibilidade de acesso massivo à informação produzida por um sem número de pessoas ao redor do mundo, as lendas urbanas ganham ainda mais espaço, força e alcance e são criadas e disseminadas por inúmeros sujeitos. Conforme Dion (2008, p.3), lenda urbana “é uma narrativa oral, exemplar, coletiva, anônima, que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida à qual nos ligamos”. Além disso, segundo a autora, o objetivo da lenda urbana é explicar o inexplicável e o incompreensível e, por isso, é preciso que “esteja ancorada na cidade e na modernidade, baseada na crença, requerendo igualmente a cumplicidade de um ouvinte” (DION, 2008, p.4). Ainda de acordo com a pesquisadora, “a lenda urbana também tem como gênero vizinho o *fait divers*, que, por sua vez, tem na origem acontecimentos reais que receberão tratamento jornalístico” (DION, 2008, p.4) e é a expressão de nossos medos e de nossos desejos.

Renard (2007, p.98) segue a mesma linha e entende que “um boato ou uma lenda urbana é um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações”. Já Nuñez (2012) entende as lendas urbanas como relatos pertencentes ao folclore contemporâneo, como se fossem crônicas de feitos reais da atualidade:

As lendas urbanas são relatos pertencentes ao folclore contemporâneo que, em que pese conter elementos sobrenaturais ou inverossímeis, se apresentam como crônicas de feitos reais sucedidos na atualidade. Alguns partem de feitos reais, mas esses são exagerados, distorcidos ou misturados com dados fictícios. Circulam boca a boca, por correio eletrônico ou por meios de comunicação como imprensa, rádio, televisão ou Internet. Costumam ter como fundo uma “moral de uma história” (NUÑEZ, 2012, p.74).

Ainda segundo o autor, “as lendas urbanas, os spam, os rumores etc. são essas novas ‘mitologias de internet’, histórias desvinculadas de lugar e de referente, onde se produziu a suspensão de credibilidade, cibertextos de uso basicamente lúdico etc.” (NUÑEZ, 2002, p.82). Apesar dessa desvinculação de espaço, chamamos a essas narrativas de lendas urbanas ou contemporâneas de modo a inseri-las na atualidade e diferenciá-las daquelas consideradas tradicionais, “não porque elas se desenvolvem, necessariamente, no meio urbano, mas para

sublinhar que estas lendas tratam da modernidade, de nossas sociedades técnicas e industriais, nas quais a cidade é emblemática” (RENARD, 2007, p.98).

As chamadas lendas urbanas, ou lendas contemporâneas, já há um tempo fazem parte de nosso cotidiano. Elas nos chegam em conversas com pessoas em que confiamos (ou não), nos jornais sensacionalistas e também nos mais sérios, nos e-mails encaminhados por dezenas de remetentes anteriores de quem nunca ouvimos falar, e até mesmo em filmes e outros produtos populares da mídia. Elas nos alcançam quando menos esperamos e, em alguns casos, mais do que provocar espanto ou surpresa, geram incredulidade e irritação, especialmente quando inundam nossas caixas de mensagens de correio eletrônico. (LOPES, 2008, p.373)

Brunvand (1981, p.7) define as lendas urbanas como histórias que são boas demais para ser verdade e que, normalmente, aconteceram com um amigo de um amigo. Lopes (2008) segue a mesma linha e diz que essas histórias que envolvem elementos ou situações banais do cotidiano, mas que por seu caráter inusitado, ou em muitos casos absurdo, provavelmente não aconteceram, chegam até gente “em conversas com pessoas em que confiamos (ou não), nos jornais sensacionalistas e também nos mais sérios, nos e-mails encaminhados por dezenas de remetentes anteriores de quem nunca ouvimos falar, e até mesmo em filmes e outros produtos populares da mídia” (p.373). O autor argumenta, ainda, que essas histórias são contadas como algo que de fato tivesse acontecido, não com quem as está propagando, mas com algum conhecido próximo, além de terem sempre características de algo urgente:

Quando um conhecido nos conta, por exemplo, que alguém foi contaminado por uma agulha infectada com o vírus HIV ao sentar-se numa cadeira de cinema, ou ao enfiar o dedo no lugar de onde saem as moedas de troco em um telefone público, dificilmente saberemos quem é essa pessoa, seu nome, onde mora. Nosso conhecido nos dirá que aconteceu com “um amigo de um amigo”, ou que ouviu contarem isso numa festa, ou em conversa ao redor do bebedouro, no cafezinho. (LOPES, 2008, p. 374).

Ainda conforme o autor, as lendas urbanas “nos alcançam quando menos esperamos e, em alguns casos, mais do que provocar espanto ou surpresa, geram incredulidade e irritação, especialmente quando inundam nossas caixas de mensagens de correio eletrônico”. (LOPES, 2008, p.373). Dion (2008, p.) também aborda a amplitude de alcance das lendas urbanas em tempos de correntes de e-mail (e, mais recentemente, de WhatsApp) e cita como exemplos as histórias do shampoo cancerígeno, do aspartame que provoca doenças neurológicas e da latinha mal lavada que pode levar a uma morte fulminante por leptospirose (DION, 2008, p.1). Há, ainda, outra famosa lenda urbana do sujeito que está espetando pessoas com uma

agulha contaminada em cinemas ou áreas centrais da cidade. Essa se espalhou e causou alarde em Santa Maria-RS, em 2017. Na ocasião, jornalistas de diferentes veículos de comunicação foram colocados em alerta por pessoas que ficaram desesperadas diante de uma corrente de WhatsApp que dava conta de que um sujeito estava atacando pessoas em uma praça central da cidade com uma seringa contaminada com o vírus da Aids. O caso jamais se confirmou, mas foi o suficiente para deixar muita gente em pânico. Histórias como essa fazem parte do “Grande Livro das Lendas Urbanas”, de Brunvand (1991), que as define como sendo muito boas, muito perfeitas e muito trágicas para serem verdade e afirma que são contadas sempre como algo que aconteceu com “o amigo de um amigo” (BRUNVAND, 1991, p. 7). Fazem parte da coletânea de casos transformados em histórias em quadrinhos, a história da babá hippie que cozinhou a criança no micro-ondas achando que era um peru e da babá que deixou as crianças dormindo no andar de cima onde havia um assassino escondido; da mulher que acha que está sendo seguida por um homem enquanto dirige, mas, na verdade, ele só queria alertá-la sobre o assassino que estava sentado no banco de trás do carro dela; do casal que oferece carona para uma mulher na estrada e ela some misteriosamente de dentro do carro porque, na verdade, estava morta; do lenhador que deixa o cão cuidando do bebê, mas, quando volta, o bebê sumiu e o cão tem marca de sangue no focinho, então, ele mata o cão e depois descobre o filho vivo ao lado da cama e um lobo morto perto; do policial que passa por um sujeito na estrada que olha para ele e grita “porco, porco”, ele xinga o sujeito de volta até atropelar um animal na pista e se dar conta de que estava sendo alertado, entre muitas outras relacionadas a automóveis, horror, acidentes, crimes, negócios e celebridades. Segundo o autor, “as lendas são amplamente difundidas e têm um apelo muito forte entre os americanos saturados das mídias comuns” (BRUNVAND, 1991, p. 7-8). Entre essas lendas urbanas tão disseminadas ao longo dos anos está a do golpe chamado “Boa noite, Cinderela” que pressupõe o uso de drogas em bebidas alcoólicas de pessoas que ficam inconscientes após ingerirem um drink e são submetidas a diferentes tipos de crimes, que vão desde o assalto e o abuso sexual até a retirada dos rins de uma criatura indefesa que, depois de perder os órgãos, é deixada à própria sorte imersa em uma banheira de gelo.

Em nossa entrevista pessoal, Cássia me disse que, desde criança, quando ia a festas com amigos, recebia dinheiro da mãe para comprar o próprio refrigerante e sempre foi orientada a jamais aceitar bebidas de estranhos. Até hoje, ela recusa ofertas desse tipo de desconhecidos porque tem medo de ser vítima desse tipo de golpe e acabar sendo estuprada, violentada ou assaltada. Donovan (2016) estudou o uso criminoso de drogas em bebidas na Austrália. Segundo a pesquisadora, os drinks adulterados não eram uma preocupação

consolidada antes da época em que o acesso a jornais se tornou massivo, e o alerta acerca dos perigos dos medicamentos sintéticos espalhou-se pela audiência (DONOVAN, 2016, p.2). Assim, evidencia-se, mais uma vez, o papel estratégico da mídia na proliferação dessas histórias e do medo decorrente delas. Ainda segundo a autora, assim como essa prática é popular, o receio de ser vítima dela também é recorrente, sobretudo entre as mulheres que, na década de 1990, foram alertadas amplamente pela mídia acerca de uma sequência de eventos perigosos a qual estavam amplamente sujeitas: elas vão para um bar, festa ou casa noturna, o drink delas é adulterado, elas deixam o local ou são levadas pelo sujeito que colocou drogas em sua bebida e sofrem abuso sexual. Donovan relativiza esses relatos para dizer que nem todos os casos suspeitos de bebidas adulteradas por drogas foram confirmados por exames e que, raramente, a imprensa seguiu acompanhando as histórias para verificar os seus desfechos e poder afirmar com certeza que se tratou deste tipo de crime. A autora concluiu que a maioria dos relatos de pessoas que disseram ter sido drogadas com bebidas oferecidas por desconhecidos na Austrália não é acompanhada de alegações de agressão sexual ou roubo, tampouco há só mulheres entre as vítimas, embora o problema seja tratado como caso de saúde pública no país. Ou seja, embora haja casos, embora o medo seja justificável, talvez as proporções dadas ao risco de ser vítima do “Boa noite, Cinderela” não sejam assim tão alarmantes. Mas e por que acreditamos nesses boatos ou lendas urbanas e por que deixamos que influenciem tanto em nossas sociabilidades? Conforme Renard (2007), há quatro motivos fundamentais, que incluem a advertência acerca de um perigo, a atualidade do problema, a mensagem moral e carga simbólica das narrativas:

Concluindo, pode-se dizer que nós acreditamos nos boatos e nas lendas urbanas por quatro razões fundamentais: 1. O boato ou a lenda revela uma informação ou uma situação surpreendente. Frequentemente, trata-se de uma advertência que diz respeito a um perigo; 2. O boato ou a lenda evoca, indiretamente, um problema social real e atual. Os boatos que os meios irão circular são aqueles que evocam, simultaneamente, vários problemas sociais; 3. O boato espalha uma mensagem moral, permitindo distinguir entre os bons e os maus. Coloca em cena uma justiça imanente; 4. O boato ou a lenda resgata temas folclóricos antigos. É a forma moderna das narrativas lendárias de antigamente. Como os contos e lendas do passado, quanto maior forem a simplicidade e a força da carga simbólica dessas narrativas, maior será o sucesso obtido (RENARD, 2007, p.103-104)

As mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS que foram ouvidas ao longo do trabalho de campo desta dissertação, em sua maioria, sentem medo de serem violentadas por um criminoso da internet, mesmo inseridas em um contexto em que a maioria de nós é vítima de pessoas muito próximas. De acordo com o último Mapa da Violência 2015 – Homicídios contra Mulheres no Brasil, divulgado em 2015 pelo governo, dos 4.762

homicídios de mulheres registrados em 2013, 2.394, isso é, 50,3% do total nesse ano, foram perpetrados por um familiar da vítima. Isso representa perto de sete feminicídios diários no referido ano, cujo autor foi um familiar. Além disso, 1.583 dessas mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos nesse ano. Nesse caso, as mortes diárias foram quatro. Ou seja, as mulheres estão sendo agredidas, violentadas e mortas por pessoas próximas. No Rio Grande do Sul, ainda de acordo com o levantamento, em 2013, 85.094 mulheres foram agredidas por alguém conhecido, enquanto 64.910 foram vítimas de desconhecidos. Ou seja 20.184 mais mulheres gaúchas foram violentadas por pessoas próximas do que por pessoas com quem não tinham contato prévio.

Embora não tenham sido vítimas de um desconhecido nem conheçam alguém que tenha sido, essas mulheres se deixam influenciar amplamente por esse medo, ao passo que não afirmam sentir medo de amigos, namorados, maridos, companheiros. O direcionamento deste medo a pessoas que não fazem parte do convívio dessas mulheres pode encontrar explicação na lenda do criminoso anônimo, escondido atrás da tela, que também é citado por Glassner (2003) quando fala sobre casos envolvendo o envenenamento de crianças nos Estados Unidos na década de 1980. Segundo o autor, na ocasião, “o mito do anônimo estranho e sádico foi usado para encobrir o crime real” (GLASSNER, 2003, p.84), que envolvia familiares dessas pequenas vítimas, mortas por quem as deveria proteger. Outro caso semelhante citado por Glassner (2003, p. 88-89) – e que se parece muito com o que assombra minhas interlocutoras de pesquisa – é o de um menino de 11 anos assassinado em 1997 nos Estados Unidos e cuja morte foi atribuída, pelas manchetes de jornal, a um psicopata cibernético. Mas o menino, na verdade, não foi vítima de uma emboscada preparada on-line, e, sim, foi morto na rua, quando vendia artigos de presente de porta em porta. O autor argumenta, ainda, que, diante do mito do psicopata da internet que assombrava os Estados Unidos na época, por meio de notícias que diziam que o perigo estava a um clique de mouse das vítimas ou que a internet era uma cidade sem policiamento, seria uma dádiva de Deus, para as crianças que correm maior risco de sofrer um abuso sexual, ficar sozinhas em seus quartos com um computador. O mesmo pode-se dizer das mulheres que estão sozinhas em casa, com seus celulares, em contato com desconhecidos pelo Tinder estão potencialmente mais seguras do que aquelas que dividem o lar com companheiros agressivos.

São as crianças pobres – poucas das quais possuem uma assinatura da America Online – que sofrem muito mais abusos, sendo na casa das próprias crianças e nas dos parentes próximos que o abuso normalmente acontece. Ao focar os predadores do ciberespaço, os repórteres deixam à margem esses fatos essenciais e as questões desconfortáveis suscitadas (GLASSNER, 2003, p.89-90).

Ainda como exemplo acerca de como casos isolados e que têm grande repercussão na mídia podem afetar as sociabilidades das pessoas, o autor cita o caso envolvendo assassinatos cometidos por colegas de trabalho nos Estados Unidos, que deixou muitas pessoas estressadas e com medo de ir para o local de emprego. O gatilho para o medo generalizado foi um caso amplamente noticiado. No entanto, conforme o autor, na verdade, “cerca de 90% dos assassinatos no local de trabalho são cometidos por pessoas de fora que vêm para assaltar. A chance de uma pessoa ser morta por um colega de trabalho ou por um empregado são menos de uma em dois milhões” (GLASSNER, 2003, p. 80). O temor acerca da violência e da provável vitimização de qualquer pessoa também assombrou a comunidade norte-americana com a ampla cobertura do caso de um soldado morto nos Estados Unidos logo depois de retornar de uma missão – conforme Glassner (2003), as pessoas começaram a se sentir mais inseguras na rua do que em uma zona de guerra – o militar em questão foi assassinado a tiros do lado de fora do prédio onde morava com a família. A história era perfeita para a imprensa, que, segundo o autor, passou a explorá-la à exaustão:

Do ponto de vista de jornalistas e editores, uma história de crime ideal – isto é, do tipo que merece lugar de destaque e com certeza prende a atenção de leitores e telespectadores – com vários elementos que a distinguem de outros atos violentos. As vítimas são inocentes, pessoas simpáticas; o criminoso é um bruto sem sentimentos (GLASSNER, 2003, p.76-77).

Ocorre que o assassino do soldado era o cunhado da vítima, irmão da esposa dele que encomendou sua morte interessada no seguro de vida a que teria direito caso ele morresse. Um crime atribuído a um sujeito estereotipado, como o são os da lenda urbana, como o são os psicopatas de internet e os estupradores sádicos que assombram as interlocutoras dessa pesquisa. Conforme Glassner (2003, p.27), esse tipo de medo de algo que, na verdade, não seria a ameaça principal, é algo comum, e “um dos paradoxos relativos a uma cultura do medo é que os problemas sérios continuam amplamente ignorados, ainda que causem exatamente os perigos mais abominados pela população”. Os perigos mais abominados por minhas interlocutoras de pesquisa são o de serem vítimas de um criminoso, um psicopata, um sujeito mal intencionado que está em busca de uma vítima pelo Tinder e que esse sujeito perverso as estupra. Ocorre que o que se verifica hoje, no Brasil, é que, em vez de agressores conhecidos pela internet, mulheres são vítimas de seus amigos, namorados, maridos, companheiros, parentes. Conforme levantamento reproduzido em pesquisa feita em 2015 acerca da violência de gênero em festas de forró ocorridas em Fortaleza, 43% das brasileiras já sofreram algum tipo de violência sexual, “sendo que mais de 50% não pediram ajuda e que

em 53% dos casos os maridos e parceiros foram os agressores (...) e dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados em 2013 no Brasil, 50,3% foram cometidos por familiares, incluindo parceiros e ex-parceiros em 33,2% dos casos” (BRILHANTE et al., 2018, p.8)

É claro que esse medo que as mulheres usuárias do Tinder sentem de se encontrarem com um desconhecido é real e é justificável. Essas mulheres vivem em uma sociedade em que homens matam, estupram e violentam mulheres todos os dias. Além disso, conforme Borges (2011), uma reação de medo pode ser quase instintiva, como quando nos deparamos com um animal feroz, mas também podemos sentir medo ao “imaginar que, do outro lado de uma porta, há um animal ameaçador (ainda que não exista animal nenhum atrás da porta) (...) tais situações mostram que o motivo do medo pode ser imaginário, mas o medo é real” (BORGES, 2011, p.80). Essas mulheres imaginam um criminoso violento atrás da tela e sentem medo de verdade. Mas será que o medo que sentem, as precauções que tomam e as demandas de segurança que pleiteiam de fato as protegem dos perigos mais reais e comuns a que estão sujeitas?

Para Pinheiro (2003) a disseminação do medo que influencia o comportamento dos cidadãos determina a criação de políticas públicas. Segundo ele, “é certo que o medo, baseado em avaliações reais, é um instrumento no auxílio ao escape ou enfrentamento de perigos reais. O falso medo, porém, aquele baseado em estimativas irrealistas, é fonte de sofrimento e determina políticas equivocadas” (PINHEIRO, 2003, p.12). O autor pondera, ainda, que “os percentuais estatísticos que impressionam e apavoram muitas vezes não contêm números confiáveis e pretendem ser validação científica de ocorrências pouco significativas” e que “sugerir que todos os americanos [ou brasileiros] estão submetidos ao mesmo risco de serem vítimas de homicídio é simplesmente aumentar a já altíssima taxa de ansiedade entre pessoas sujeitas a baixo risco” (PINHEIRO, 2003, p.15).

No Brasil, como dito anteriormente, as mulheres são vítimas de violência, em sua maioria, por parte de pessoas próximas. No entanto, mesmo com avanços como a Lei Maria da Penha³⁵, criada em 2006, essas mulheres sofrem com dificuldades para conseguir medidas protetivas ou abrigos públicos para conseguirem se separar de seus agressores. De acordo com

³⁵ De acordo com Código de Processo Penal, a lei número 11.340, de 7 de agosto de 2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

dados publicados em reportagem³⁶ do Jornal Zero Hora em agosto de 2018, obtidos via Lei de Acesso à Informação, desde 2015, 40% das vítimas de feminicídio no Rio Grande do Sul solicitaram medida protetiva com base na Lei Maria da Penha. Além disso, conforme a publicação, “em quase três anos, 254 mulheres foram mortas com motivação de gênero no Estado. Dessas, 106 solicitaram proteção, embora nem todas tenham tido o pedido aceito pela justiça. As outras 148 vítimas poderiam ter pedido proteção em agressões ou ameaças anteriores”. Ou seja, a legislação, a polícia e a justiça não protegem de maneira efetiva essas mulheres que estão sendo assassinadas por seus companheiros, maridos, namorados. Uma pesquisa sobre a mulher nos espaços públicos e privados, desenvolvida no Brasil em 2001, traz dados alarmantes acerca de como a violência está presente nos lares do país:

uma mulher é espancada a cada 15 segundos no Brasil, a cada 15 segundos uma brasileira é impedida de sair de casa, também a cada 15 segundos outra é forçada a ter relações sexuais contra sua vontade, a cada 9 segundos outra é ofendida em sua conduta sexual ou por seu desempenho no trabalho doméstico ou remunerado. Esses dados evidenciam que a violência contra a mulher no Brasil, longe de ser um problema que deva estar restrito ao âmbito privado dos casais, constitui um fenômeno social de grande alcance, a requerer políticas públicas de ampla difusão e acesso (VENTURI, RECAMÁN e OLIVEIRA, 2004, p.26).

Talvez os dados trazidos pelo jornal e pela pesquisa ainda sejam tão alarmantes porque ainda exista uma preocupação muito grande em concentrar esforços no policiamento de espaços públicos, em vez de criar alternativas para que essas mulheres estejam a salvo de seus agressores de maneira efetiva. De acordo com Glassner (2003, p.75), “nós temos de ter preocupações com a criminalidade, o consumo de drogas, o abuso de crianças e outras calamidades. A questão é: como nos atrapalhamos tanto sobre a verdadeira extensão desses problemas?”.

Além de afetar a criação de políticas públicas eficientes para a proteção dessas mulheres, o medo exagerado do que não deveria ser temido com tanta intensidade também pode atrapalhar a vida das pessoas, sobretudo das mulheres com as quais conversei ao longo desta pesquisa, em outros âmbitos. Glassner (2003, p. 24-25) diz que “os medos válidos têm sua razão de ser: dão-nos dicas sobre o perigo. Os medos falsos e exagerados causam apenas apuro. Mesmo preocupações sobre perigos reais, quando extrapoladas, causam estragos significativos”. Para exemplificar o que fala, o autor traz dados sobre como mulheres com grande incidência de câncer de mama na família acabam deixando de fazer exames com medo da confirmação de que também desenvolveram a doença, o que faz com que acabem tendo menos chances de se prevenir e se tratarem adequadamente. Também sobre isso, Tandogan

³⁶ Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/08/quatro-em-cada-10-vitimas-de-femicidio-solicitaram-protexao-no-rs-cjkk7x36s01ez01pisp3zqb.html>, acesso em 16 de dezembro de 2018.

e Ilhan (2016) vão dizer que o medo do crime tem um impacto devastador na rotina e na vida como um todo de um indivíduo:

O medo do crime, como um problema social, tem muitos efeitos adversos no indivíduo, na sociedade, na economia e na coesão social. Tais impactos negativos sobre os indivíduos, como afastamento, sendo introvertidos, e alienação social são observados. Por outro lado, o medo do crime também exerce negativas sobre os indivíduos, como ansiedade, estresse, insegurança, incompatibilidade, alienação e até distúrbios psicológicos. Danificando a paz social e o senso de confiança dentro da comunidade, o medo do crime reduz a relação humana e enfraquece laços intensos, também colocando limitações à rotina diária das pessoas. As pessoas que têm medo do crime não costumam sair e tendem a interromper suas comunicações com outras pessoas.

E isso acontece com muitas de minhas interlocutoras do Tinder. Com medo de serem vítimas de um maníaco, de um criminoso, de estupro do outro lado da tela, acabam não desenvolvendo relacionamentos pessoais ou mais aprofundados com muitos dos homens pelos quais se interessaram no aplicativo.

2.8 TINDER: USAR OU NÃO USAR? UMA QUESTÃO DE VERGONHA

Quando dei início ao meu trabalho de campo, não imaginava que houvesse, no Tinder, tantas mulheres quanto as que encontrei que se sentiam estigmatizadas por usar o aplicativo. Com o decorrer das conversas e das entrevistas, identifiquei que esse sentimento tem grande influência sobre o comportamento dessas mulheres no aplicativo. De acordo com Figueiredo (2016, p.85), “a lógica tradicional masculiniza o desejo e feminiza o amor e exige padrões opostos para homens e mulheres. Elas têm que cuidar da reputação, eles têm que provar que são homens”. Esse padrão, segundo a autora, continua firme atualmente e pode ser claramente percebido nos discursos de minhas interlocutoras de pesquisa.

Conforme Barbalet (1998, p. 153), a vergonha “funciona em termos de suposição do olhar de outrem como sendo o próprio, de tomar o ponto de vista de outrem, Deste modo, a vergonha afeta aqueles que a sentem de acordo com as expectativas sociais”. Para Roberta, que entrou no Tinder pela primeira vez há quatro anos, o preconceito sempre existiu, mas foi mudando de formato e transformando, também, a vergonha que algumas pessoas sentem por usarem o aplicativo. Em 2014, segundo ela, a visão que se tinha de quem usava o Tinder era de que se tratava de pessoas muito carentes ou estranhas e que não conseguiam conversar muito. Hoje em dia, ela acredita, o normal, entre as pessoas solteiras, é usar o aplicativo. Embora afirme que nunca sentiu preconceito por parte de nenhuma pessoa em específico, ela diz que acredita que há um certo estigma no entorno de alguns tipos de mulheres que fazem

uso da ferramenta. Em seu discurso, Roberta dá sinais de que se adapta a esse olhar do outro ao qual se refere Barbalet quando sugere que “com a vergonha, o eu é necessariamente qualificado pelo outro; o indivíduo é inevitavelmente social” (BARBALET, 1998, p. 154). Segundo minha interlocutora, ela prefere não usar, no perfil do Tinder, fotos em que está com roupas provocantes porque isso pode ser sinal de que a usuária está desesperada em busca de alguém que mantenha relações sexuais com ela. Ou seja, como explica Barbalet (1998, p.165), a partir da concepção darwiniana desta emoção, a vergonha diz respeito a pensar sobre o que os outros pensam de nós e agir tendo essa percepção em mente. Conforme Roberta, ela tem a sensação de que as pessoas comentam a maneira como as mulheres se mostram no aplicativo e isso a influencia em sua construção de si na plataforma:

Eu não te digo que o preconceito é uma coisa ultrapassada. Acho que depende muito da abordagem que a mulher usa. Isso eu percebo muito por algumas pessoas que eu converso. Então, eu, por exemplo, tenho relativamente o cuidado de colocar fotos com roupas que não tenham muito decote, não colocar fotos que mostrem muito o corpo, não boto foto de biquíni. Mas eu tenho a sensação, e algumas pessoas comentam, que, se a mulher entrou no Tinder e só colocou foto de biquíni e decotão é porque está desesperada, só quer dar. Vamos usar o termo bem chulo assim: ah, só está procurando alguém para comer ela porque está desesperada porque ninguém quer. Então, tem essa visão de que se enxerga os dois lados. Ou tu está desesperada para transar hoje ou tu está ali só para olhar o mercado. Porque inclusive esse é um termo que eu tenho ouvido de algumas amigas: ah, eu vou instalar o Tinder para ver como está o mercado. Então tu fica: que mercado, gente? Vocês acham que estão indo às compras? Mas é uma sensação assim, que eu vou olhar o mercado para ver quais as opções que estão disponíveis, digamos assim. Eu acho que caiu muito esse preconceito de que “ah, eu estou desesperada”, pelo menos comigo nunca aconteceu de alguém me olhar e me dizer: ah, mas tu tá no aplicativo porque tu tá desesperada. Nunca aconteceu de alguém sequer dar a entender isso. Mas eu entendo que, sim, algumas coisas dão alguns indícios de que tu está mais desesperada ou não.

Depois de aproveitar o Tinder por dois anos de maneira mais intensa e com o objetivo de estabelecer relações sexuais, Elza decidiu mudar drasticamente o uso da ferramenta. Uma das coisas que mais a influenciou nesse sentido foi uma avaliação que fez acerca dos riscos a que se expôs se encontrando com desconhecidos em ambientes privados. Com medo de ser vítima de algum tipo de louco que abusasse dela, Elza diminuiu o número de encontros gradualmente, até que assumiu o cargo de professora universitária. O medo do preconceito, a vergonha decorrente da possibilidade de estar transgredindo “regras de conduta convencionais” (BARBALET, 1998, p. 174) e vislumbrando uma percepção social negativa do eu, a partir da visão do eu do ponto de vista dos outros (BARBALET, 1998, p. 178), ela desistiu de vez de manter o Tinder ativo em Santa Maria:

E daí chegou um ponto, quando eu assumi na Universidade, que eu parei de usar o aplicativo aqui. Porque daí eu tinha medo que os meus alunos me enxergassem.

Porque as pessoas julgam. E ninguém tem nada a ver com a minha vida, com quem eu transo, porque eu pago as minhas contas. Mas daí fica aquela coisa: ah, porque eu vi a professora em tal lugar. Tem muito preconceito com quem está no app. Mas comigo sempre foi muito divertido e quando deixou de ser divertido, eu deixei de usar. Mas, sim, as pessoas julgam. As minhas amigas sempre me acharam louca, porque elas são casadas, têm outro estilo de vida. E eu sou a única solteira, eu estou na vida. Não tenho saco de sair para caçar e não fico com ninguém em barzinho, mas, de outros jeitos, as coisas acontecem. Até porque, se eu estou em um bar, as pessoas não chegam em mim. Mas, no aplicativo, as pessoas vêm. Não sei se pela questão de não ter paciência de não querer gastar o tempo, não sei, mas acho que, desde que eu me separei, eu não fiquei com ninguém em bar. Foi só por aplicativo. É mais fácil, tanto para nós quanto para homens, porque tem aquela coisa do gostou, não gostou, desaparece, nunca mais vê. Não sei, mas acho que facilita muito. E daí, depois que eu entrei na universidade, eu não usei mais em Santa Maria, só quando eu viajava, ia para Porto Alegre.

Cássia acredita que seria alvo de preconceito caso fosse solteira e estivesse no Tinder de maneira mais livre, embora defenda que muitos dos homens que estão na plataforma já não enxergam mais as mulheres que ocupam esses espaços como desesperadas ou fracassadas. Além disso, ela garante, diferentemente de minhas outras interlocutoras, que não se importaria com esse tipo de estigma:

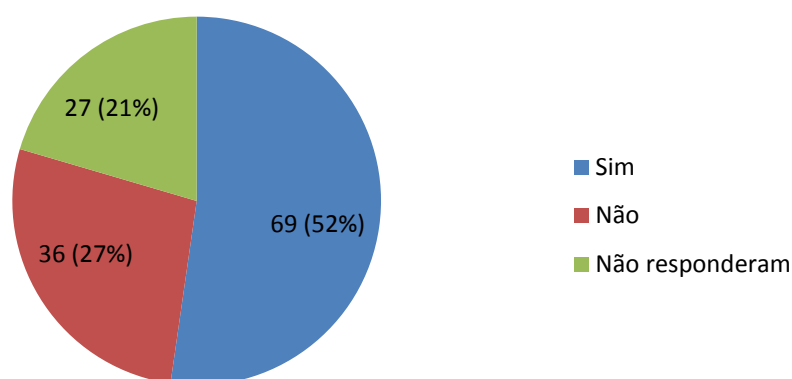
Acho que se eu estivesse solteira no Tinder haveria pessoas que teriam preconceito comigo. Mas eu não me importo com isso. Acho que, hoje em dia, os caras que estão no Tinder não acham que as mulheres que estão no app são menos do que as que não estão. Assim como ainda existe muito machismo por a mulher estar no app em busca de sexo, tem muito cara que pensa: poxa, ela está aqui assim como eu, em busca de sexo, de um namoro, como eu.

Muitas das mulheres ouvidas por mim associam a vergonha que sentem por estar no aplicativo diretamente ao fato de a presença delas na ferramenta dar a entender, para muitas pessoas, que estão fazendo uso do Tinder em busca de sexo e que isso, aos olhos de muitas pessoas, sobretudo dos homens que, curiosamente, também estão no aplicativo, é absolutamente condenável. Elas dizem se sentirem constrangidas com isso e afirmam que é preciso muita serenidade para filtrar esses comentários e não se deixar abalar por eles. Outras disseram apoiar-se no movimento feminista para não dar importância aos comentários que diminuem o valor que têm como pessoas apenas por estarem em busca de exercerem livremente seus desejos. Mas essas ainda são a minoria. Entre as 132 mulheres que responderam a todas ou a parte das minhas perguntas ao longo do trabalho de campo, 69 (52%) disseram que já sentiram algum tipo de preconceito por estar no Tinder; 36 (27%) disseram que nunca se sentiram estigmatizadas por serem usuárias da ferramenta; e 27 (21%) não responderam. Em seguida, apresento os dados em formato de tabela e gráfico para melhor compreensão dos resultados:

Tabela 13 - Já sentiram algum tipo de preconceito por estar no Tinder?

| | |
|-----------------|----|
| Sim | 69 |
| Não | 36 |
| Não responderam | 27 |

Fonte: levantamento de dados da autora

Gráfico 13 - Já sentiram algum tipo de preconceito por estar no Tinder

Fonte: levantamento de dados da autora

E o estigma, minhas interlocutoras garantem, não está só na plataforma. Muitas delas afirmaram que sentem vergonha diante de algumas opiniões duras de amigos e da família por terem optado por usar o Tinder na busca por um parceiro. Mas são as amigas, outras mulheres, que aparecem mais entre as pessoas que reprovam a escolha de minhas interlocutoras por fazerem parte do aplicativo. Embora a liberdade entorno da sexualidade feminina já seja hoje uma bandeira mais presente, o que faz com que muitas de nós nos sintamos mais à vontade na busca por prazer e autoafirmação, em muitos momentos e ambientes, “a mulher ainda será julgada e dela ainda será esperado um comportamento de uma ‘santa’, uma ‘dama’, diante de uma sociedade que não aceita a sua liberdade (SOUSA E SIRELLI, 2008, p.342). Nesse sentido, identifiquei em minhas interlocutoras uma pressão ainda muito grande, sobretudo de outras mulheres, quando elas assumem que estão dispostas a flertar, conhecer homens diferentes e fazer sexo. A cobrança social para que as mulheres não sejam solteironas ainda é imensa em 2018, mas, quando elas vão em busca de um companheiro em uma plataforma conhecida por ser um espaço em que as pessoas se encontram em busca de sexo, são constrangidas por um estigma violento que, em muitos casos, as faz desistir de estar no aplicativo. Em uma pesquisa com mulheres transexuais e travesti em Salvador-BA, Magno (et al., 2008) entendeu o estigma por meio de aspectos que

se aplicam também aqui, sobretudo no que diz respeito ao preconceito reproduzido por mulheres que não estão no Tinder:

O estigma existe quando os seguintes componentes inter-relacionados convergem: a simplificação das diferenças, associação das diferenças com características negativas e separação de sujeitos em grupos. O primeiro deles se refere ao fato de que as pessoas distinguem e rotulam as diferenças humanas com uma substancial simplificação das diferenças, como se não houvesse uma gradação entre as diversas categorias. [...] O segundo componente do estigma envolveria a associação das diferenças humanas – que são rotuladas – com características negativas, a conexão entre essas duas propriedades conformaria o denominado de estereótipo. E o terceiro componente ocorreria quando os rótulos sociais promovem a separação entre duas categorias de pessoas: “nós” e “eles” (MAGNO et al., 2008, p.5-6).

Essa diferenciação entre “nós” e “elas” é sentida pelas minhas interlocutoras de pesquisa quando relatam que amigas ou conhecidas que não estão no Tinder desaprovam a presença delas no aplicativo e dizem coisas como “imagina o que as pessoas vão pensar se souberem que você está no Tinder?”. Cansadas de serem estigmatizadas e envergonhadas, muitas escondem que têm um perfil no aplicativo e outras tantas optam por sair logo, mesmo que não tenham encontrado um companheiro, para não terem de sofrer esse tipo de pressão. Nesse sentido, é possível pensar a partir da perspectiva do que Barbalet (1998) chama de vergonha deferente:

A tensão entre aquilo que o eu é e aquilo por que recebe reconhecimento pode ser resolvida tentando obter um desempenho de acordo com as expectativas (irrealistas). Assim sendo, a resposta típica deste tipo de vergonha é a deferência e rigorosa conformidade (BARBALET, 1998, p. 182).

Em seguida, reproduzo alguns depoimentos dessas usuárias que mostram como ainda são alvo de preconceitos no que diz respeito a exercerem livremente sua sexualidade, como sentem vergonha por causa disso e de que maneira essa emoção influencia suas sociabilidades. Além de ouvirem que estão “desesperadas”, elas ainda lutam para mostrar que não querem só sexo na ferramenta, justificam-se a todo momento ressaltando que não é só isso, que têm mais a oferecer, como se a busca exclusiva por satisfação sexual fosse um problema ou as desabonasse de alguma maneira diante dos homens com quem conversam e das demais pessoas que sabem que elas fazem uso da ferramenta.

Figura 109 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

No começo sim, não gostava de abrir em público ou falar onde "conheci" determinada pessoa

Ou até mesmo de ser taxada como "desesperada" por estar no Tinder

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 110 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Sim, lógico acham q tinar é sexo

Mts homens pensam isso

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 111 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Alguns caras com quem conversei se referiram a mim como aventureira por estar no app

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 112 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Sim... e tu já sentiu algum tipo de preconceito por estar no app?

Muito... Principalmente logo que surgiu... Agora acho que é mais tranquilo, mas antes era até um pouco constrangedor dizer que usava o Tinder haahahah

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 113 - Reprodução de conversa com interlocutora de 24 anos

Sim... não diretamente, mas já senti que alguns amigos acham que isso não é uma forma legal de se relacionar

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 114 - Reprodução de conversa com interlocutora de 38 anos

Já ouvi que toda mulher que está nesse App, somente está atrás de sexo, que são mulheres que não se dão valor.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 115 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

Ah sim

Tenho amigas que tem horror a Tinder e reclamam de não conhecer ninguém

Mas, ficam em casa esperando alguém tocar a campainha

Não dá né

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 116 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

Simm um absurdo é beeem mais de mulher!

Ouçõ mais homem flaando que mulher de Tinder nao da pra namorar só

Que é só pra sair por um tempo e deu

Já ouvi inclusive um cara dizer que mulher de Tinder é que nem trator, bom só pro serviço, pra passear não dá

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 117 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Olha dos caras não. Os que falei de verdade, também estavam nessa situação de querer conhecer alguém porém não estar saindo etc. Poucos que chegam...ou raros... falando bobagem. Que nem respondi.

De amigas sim...

"Ahh mas daí vão ver que estou" "irão achar oq"

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 118 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Ah, sempre

Da família na maior parte do tempo

Dos pais mais "conservadores" vamos dizer

Tenho uma irmã que usou o tinder por muito tempo, e hoje em dia esta morando junto com o parceiro que conheceu aqui

Mas meus pais insistem em falar que isso é bobagem, frescura, e que aplicativos assim só proporcionam desastres, mortes, pedofilia, estupro.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 119 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

Então vivo nesse dilema.. excludo o app, paro com essa função de conversas q não levam a nda e me isolo e eximo o preconceito de estar aqui.. ou tacho o foda-se deixo o perfil, converso com os cara q derem match e puxarem um papo bacana pra, quem sabe, desenrolar em algo

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 120 - Reprodução de conversa com interlocutora de 33 anos

Aaah sim sempre tem uns idiotas q acha q pq ta no tinder é "mulher so pra pegar"

Mas eu agradeço de ja me livrar de pessoas assim de largada hahahaha

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 121 - Reprodução de conversa com interlocutora de 47 anos

Sim...sou professora....e algumas colegas interpretam minha liberdade sexual e minhas escolhas como um comportamento fora do padrão

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 122 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Sim. Muitas pessoas, especialmente as que estão em relacionamentos ha mtos anos, acham o Tinder a maior bobagem

Mas eles não sabem como hoje em dia é difícil conhecer alguém

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 123 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

Siiim mtoo

Tem mto machismo

Dizendo que as mulheres que estão no Tinder querem só sexo

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 124 - Reprodução de conversa com interlocutora de 29 anos

Sendo bem sincera as vezes eu sinto vergonha ... por essa questão de a maioria dos homens estarem aqui por sexo acredito que eles pensem que as mulheres que tem o aplicativo seriam "vagabundas" Mas como eu já conheci pessoas legais tbm .. até meu ex namorado eu conhecia por um outro aplicativo no mesmo estilo do tinder essa vergonha passa... logo no início da conversa ja fazem a típica pergunta "o que tu procura no tinder?" Respondo que quero fazer amizades e n tenho interesse em algo casual nesse momento a maioria ja diz ok e acaba a conversa

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 125 - Reprodução de conversa com interlocutora de 31 anos

Sim... Tipo "ta no Tinder pra conversar? Aqui não é lugar pra isso" ... Como se eu tenha que estar preparada e disposta a transar com qualquer um só oq to usando o tinder

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 126 - Reprodução de conversa com interlocutora de 23 anos

O preconceito que senti veio mais de fora

As pessoas têm uma visão distorcida, de rebaixar quem participa

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 127 - Reprodução de conversa com interlocutora de 34 anos

As amigas que trabalham comigo namoram a anos e falam como se usar o tinder fosse sinônimo de desespero

Que seria mais fácil sair para lugares e conhecer pessoas

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 128 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Ah, algumas amigas dizem sim

Mas eu não ligo hahaha

Elas acabam vindo tb rs
Normalmente essas são as mais carentes hahaha

Sou muito bem resolvida quanto a isso rs

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 129 - Reprodução de conversa com interlocutora de 36 anos

Sim, principalmente nas conversas com amigos.

Ou quanto tu vai sair com uma pessoa do tinder

Ela sempre fala que é a primeira vez que sai com alguém do app hahaha

Parece que é algo feio ou vulgar

Ou que tu não presta muito por estar ali no app independente da tua intenção

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 130 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

Eu me sinto meio mal as vezes por ser julgada a estar por aqui

Mas o que me faz continuar são os exemplos que tive ao meu redor. Tenho vários amigos e conhecidos que namoravam graças ao tinder

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 131 - Reprodução de conversa com interlocutora de 30 anos

É assim

Se tu é mulher e quer ter relações sexuais com alguém sem ter relação emocional

É pq tu é puta

Fácil

Dá de primeira

Esse tipo de rotulação acontece muito e mais ainda no meio das mulheres

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 132 - Reprodução de conversa com interlocutora de 32 anos

Não cheguei a sentir um preconceito diretamente, ao ponto de alguém me dizer isso. Mas indiretamente, tanto que eu estive relutante pra criar. Começou como uma brincadeira, mas tá aí há 4 dias hauhah

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 133 - Reprodução de conversa com interlocutora de 25 anos

Sim. Pessoas(tanto os que não usam, quanto os que usam)acham que SÓ é pra transar. Mas tem muita gente que quer coisas diferentes disso.

Sim... isso tem aparecido muito nas falas das minhas interlocutoras. E como tu se sente com isso?

Hoje eu não ligo mais pra isso. Se é uma pessoa do tinder eu já não converso mais. Se é alguém de fora falando sobre o app eu tento argumentar do pq não é bem assim.

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 134 - Reprodução de conversa com interlocutora de 21 anos

Por exemplo, nunca ninguém veio e me falou que eu não estava agindo bem usando o Tinder, entende

Mas já fizeram comentários sobre o caráter do aplicativo

Como sendo algo que não é legal

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 135 - Reprodução de conversa com interlocutora de 27 anos

“Coisa de vagabunda”

“Não é bem vista mulher que tá no Tinder”

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 136 - Reprodução de conversa com interlocutora de 28 anos

No começo

Principalmente por parte das amigas hahaha

Fonte: pesquisa de campo da autora

Figura 137 - Reprodução de conversa com interlocutora de 26 anos

Siiiiim.

Os homens acham que as mulheres que estão aqui só servem pra transar

E não pra ter um relacionamento sério

Como se existisse essa diferenciação nas mulheres, mas eles acham que sim

Maaaaas, tenho encontrado alguns que não tem essa opinião mais.

Mas no geral acho que sim

Fonte: pesquisa de campo da autora

A preocupação que aparece nas falas da maioria de minhas interlocutoras em deixar claro que não estão no aplicativo em busca exclusivamente de sexo parece ser o reflexo do quanto a sexualidade feminina ainda é cercada por tabus, o que gera angústia e sofrimento. Para Sousa e Sirelli (2018), essa confusão de difícil enfrentamento tem origem na exposição midiaticizada da mulher sexy e na concomitante valorização da mulher bela, recatada e do lar:

Entre as consequências desses enquadramentos, o adoecimento físico e mental e a sujeição aos diversos tipos de violência e abusos fazem parte da realidade das mulheres na contemporaneidade. As mudanças são insuficientes (embora muito importantes), visto que ainda há um movimento conservador latente que insiste em estabelecer um lugar de inferioridade e subalternidade para a mulher, ora reprimindo, ora coisificando e sexualizando nossos corpos — como se só nos coubesse esses dois papéis, “santa” ou “pecadora”, invisibilizando nosso desejo. Ao mesmo tempo, esse movimento concede ao homem poder, que acaba muitas vezes se configurando como destrutivo, como nos crescentes casos de violência e abusos cometidos contra as mulheres (SOUSA e SIRELLI, 2018, p.341-342).

Além de viverem esse dilema de exercerem sua sexualidade com liberdade, mas terem de provar o tempo todo que são mulheres “decentes”, minhas interlocutoras também evitam falar sobre sexo e desejo com muita ênfase no aplicativo por conta do medo que sentem de serem estupradas. É, também, esse medo que faz com que evitem um primeiro encontro de natureza sexual com os homens que conhecem pelo aplicativo. Com medo de serem estupradas, elas se protegem, já que, desde que nascemos e ao longo de nossa vida toda, somos ensinadas a como nos comportar, onde ir e quais roupas vestir para evitar sermos vítimas desse tipo de violência.

Diante dessa carga imensa de preconceito, essas mulheres não querem que esses homens achem que elas estão dispostas a manter relações sexuais independentemente de qualquer coisa. Isso porque o estupro também é carregado de uma carga de estigma intensa e, em muitos casos, a vítima é culpabilizada pela violência sofrida. Nesse sentido, “ser vítima de estupro é um *status* social condicionado à reputação. Não basta sofrer a violência. É necessário receber da sociedade o aval de quem realmente é inocente” (BRILHANTE et. al 2018, p. 7). E sabemos que o caminho ainda é triste, doloroso e permeado de vergonha para mulheres que precisam provar a inocência quando são estupradas por homens com os quais aceitaram sair, sobretudo quando o crime acontece dentro de um quarto ou de um motel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por relacionamentos não é nenhuma novidade que chegou articulada com o desenvolvimento das novas tecnologias – desde sempre, as pessoas quiseram (e é evidente que ainda querem) se encontrar. O que, sim, está em constante transformação são os meios encontrados por esses sujeitos para empreender a busca por um relacionamento. Desde os correios elegantes até o Tinder, passando pelos outdoors e pelos flertes em praças ou em festas, homens e mulheres tentam encontrar parceiros para desenvolverem relações sexuais, afetivas, duradouras ou casuais. Partindo da ideia de que aplicativos de relacionamento se fazem muito presentes no cotidiano de seus usuários, optei por partir da mais popular entre eles para tentar compreender diferentes emoções que permeiam as sociabilidades das mulheres. Minha intenção era entender a influência do desejo, do medo e do preconceito nas sociabilidades de mulheres que estão em busca de homens no Tinder, em específico, as que estão em Santa Maria-RS.

Os objetivos desta pesquisa eram, portanto, identificar por quais motivos as mulheres procuram por relacionamentos por meio do Tinder; entender como funciona o agenciamento do desejo e quais estigmas ainda se fazem presentes no imaginário feminino na escolha de um parceiro online; compreender quais são os medos que essas mulheres sentem em relação aos possíveis parceiros e por quais motivos e entender qual é a influência da mídia na intensificação desse medo. Para conseguir cumpri-los, optei pela abordagem etnográfica, desenvolvida a partir da observação participante no aplicativo e de entrevistas feitas pelo Tinder e, também, pessoalmente.

Ao longo do trabalho de campo, foram contatadas 207 mulheres com as quais dei match no aplicativo. Fiz contato com todas por mensagem e, entre elas, 132 me responderam. Deste grupo, selecionei seis usuárias com as quais conversei de maneira mais aprofundada e demorada – com cinco delas, pessoalmente, e com uma, por áudios trocados no WhatsApp. As seis também foram adicionadas por mim em outras redes sociais e seguimos em contato constante durante todo o processo de escrita desta dissertação. A maioria, entre minhas interlocutoras, era branca, tinha entre 21 e 30 anos e estava no mercado de trabalho. Ao longo do trabalho de campo e das conversas com essas mulheres, identifiquei quatro aspectos que se tornaram centrais para o desenvolvimento desta pesquisa: 1) a intensidade com que a possibilidade de exercerem o desejo mais livremente as influenciou para criar um perfil no Tinder e como o fato de serem aprovadas por homens que admiram faz bem à autoestima delas; 2) a relevância do medo que sentem de se encontrar com desconhecidos em ambientes

privados e se colocarem em uma situação de perigo porque acreditam que o pretendente possa ser “um psicopata”, “um criminoso”, “um maníaco”, ou “uma pessoa de má índole” e o quanto isso influencia no modo como conduzem seus relacionamentos no aplicativo; 3) a influência que notícias e relatos de casos de abuso exercem sobre essa percepção que elas têm de que o sujeito do outro lado da tela pode ser perigoso e como isso ganha contornos de lenda urbana, sobretudo quando se analisa a questão considerando o contexto de violência de gênero do Brasil, em que os agressores são, em sua maioria, pessoas muito próximas das vítimas; 4) o preconceito que essas mulheres ainda enfrentam e a vergonha que sentem por empreenderem uma busca livre de seus desejos e o quanto isso as limita em suas interações e acessos à ferramenta.

No decorrer de nossas trocas e do trabalho de campo, notei, portanto, que a vontade de conhecer pessoas novas e encontrar um parceiro e a sensação estimulante de se sentir desejada e de ter liberdade para desejar alguém foram os motivadores principais para a criação da conta no aplicativo para a maioria de minhas interlocutoras. Por isso, trabalho aqui com a ideia de que essas mulheres estão no Tinder para tentar encontrar um parceiro para relações de ordem sexual e/ou afetiva, pela possibilidade de exercerem o desejo mais livremente e por que isso faz bem à autoestima delas. No entanto, também identifiquei que há papéis de gênero diferentes no aplicativo e acredito que isso é determinante para o comportamento de minhas interlocutoras na plataforma. Enquanto, para os homens, essa busca por uma parceira é validada socialmente nas mais diferentes esferas, as mulheres, surpreendentemente, dizem sofrer preconceito de diversas ordens por estarem no Tinder. Julgadas por amigos, homens que estão no aplicativo, familiares e mesmo amigas, elas sentem vergonha diante do estigma que as ronda por não conseguirem estabelecer relacionamentos pelas “vias comuns” e, por isso, sentem-se limitadas em suas interações por meio da ferramenta.

Outro viés que o trabalho de campo desta dissertação apresentou diz respeito ao medo que essas mulheres sentem de se encontrar, em ambientes privados, com homens que conheceram pelo Tinder e, assim, colocarem-se em uma situação de perigo porque acreditam que o pretendente possa ser “um psicopata criminoso”. Esse temor faz parte de uma acumulação cognitiva que faz com que essas mulheres se sintam vítimas em potencial. Nesse contexto, é possível dizer que a percepção da violência e da criminalidade, por parte dessas mulheres, as faz sentir um medo intenso, real e coletivo diante do que conhecem e que é corroborado pela mídia. Esse medo influencia de maneira direta, portanto, as interações que essas mulheres estabelecem pelo aplicativo e nas decisões que tomam por levar ou não para a esfera off-line uma relação que começa on-line. Amedrontadas, elas investigam as vidas

desses homens antes de partirem para um encontro face a face, avisam conhecidos sobre com quem e onde vão e, às vezes, pedem que amigas as acompanhem discretamente. Mas nem sempre o desejo é intenso suficiente para se sobrepor ao temor e, não raramente, muitas de minhas interlocutoras desistem dos encontros para se preservarem. No entanto, ao passo que as fazem se sentirem seguras, as recusas também as deixam tristes e solitárias, enquanto seguem alimentando a expectativa de encontrar um companheiro no aplicativo.

Outro aspecto relevante decorrente do medo e das sociabilidades de minhas interlocutoras diz respeito ao fato de que, diante do temor que sentem dos homens desconhecidos – e que, estatisticamente, não são os grandes responsáveis pelas violências sofridas por elas – essas mulheres acabam se colocando em situações de perigo real, como quando, por exemplo, preferem dirigir bêbadas depois de sair de uma festa do que pegar um táxi porque têm medo de ser estupradas pelo motorista. Nesse contexto, a atenção voltada ao temor do desconhecido da internet, enquanto os agressores são amigos, vizinhos, parentes, namorados e maridos, pode levar à equivocada reivindicação por segurança e ao consequente investimento em políticas públicas que se tornam ineficientes no que diz respeito à proteção dessas mulheres.

Além disso, a maior parte de minhas interlocutoras afirmou que notícias e relatos de casos de abuso exercem sobre essa percepção que elas têm de que o sujeito do outro lado da tela pode ser perigoso. Sem desconsiderar o contexto social permeado pela violência de gênero em que estão inseridas essas mulheres, trabalhei, aqui, com a ideia de que, diante de uma grande repercussão, casos que, em sua maioria, são isolados e que, portanto, não representariam um perigo generalizado à população, ganham contornos de lendas urbanas e passam a povoar a imaginação dessas mulheres de modo a fazê-las terem medo. O papel da mídia é, portanto, central nesses casos de disseminação do temor, já que a credibilidade da apuração e da publicação jornalística é inquestionável por boa parte de seu público, tornando legítimas e verdadeiras situações que podem ter origem em um boato sensacionalista.

Com o olhar voltado para esse aspecto das sociabilidades estabelecidas com o intermédio dos aplicativos de relacionamento, em especial, o Tinder, essa dissertação buscou abordar algo até então pouco estudado e contribui para os estudos de emoções e mídias digitais considerando que, independentemente da origem do medo ou do caráter que ele tem, essa emoção se faz presente o tempo todo nessa busca feminina por um relacionamento online. Da mesma forma, entendo que essas mulheres encontram na plataforma a oportunidade de exercer o desejo, de forma mais livre e autônoma, além de se sentirem mais bonitas, atraentes e desejadas, mas, em contrapartida, negociam essa busca livre com o preconceito, o

estigma e a vergonha que as ronda por empreenderem uma iniciativa em favor do próprio desejo. Essas emoções são, portanto, centrais para o comportamento dessas mulheres, para que os encontros passem da esfera on-line para a off-line e para que essas usuárias deste e de outros aplicativos consigam vivenciar relacionamentos de diferentes ordens com os homens pelos quais se interessam.

A partir do que foi estudado aqui, acredito que se abre um leque de novas possibilidades futuras de investigação. Uma delas diz respeito às mulheres transexuais. Conversei longamente com uma durante meu trabalho de campo e identifiquei que, para ela, a frustração, o medo, o preconceito e a vergonha são questões intensamente presentes – os homens que aprovam o perfil dela deixam claro que só desejam realizar fantasias sexuais, o que faz com que ela não vislumbre perspectivas de encontrar um relacionamento duradouro; vivendo em um país transfóbico, ela sequer cogita encontrar com um homem desconhecido, não porque tema ser estuprada, sequestrada ou assaltada, como minhas demais interlocutoras, mas porque tem medo de ser assassinada por eles – ou por qualquer pessoa na rua; além disso, essa mulher se sente oprimida por um preconceito ainda mais limitador de seus usos da plataforma, considerando-se que seu perfil é denunciado a todo momento, fazendo com que o Tinder bloqueie sua conta sistemática e repetidamente. Acredito, portanto, que a presença, a permanência e a sociabilidade de mulheres transexuais nesses aplicativos mereça atenção de pesquisas que ajudem, inclusive, na promoção de políticas públicas eficientes e que garantam a manutenção de seus direitos e suas integridades física e moral.

Também penso que é válido, para uma pesquisa futura, compreender quem é esse “psicopata” que permeia o imaginário dessas usuárias de plataformas digitais de relacionamento e como esse medo que sente dessa figura as paralisa diante de homens que estejam potencialmente interessados nelas. Pretendo estudar, em um curso de doutorado, como as mulheres que fazem uso dessas ferramentas virtuais para relacionamentos em Santa Maria imaginam que seja o suposto psicopata que se esconderia atrás de telas em busca de potenciais vítimas e como isso muda as vidas delas e dos homens com os quais gostariam de se relacionar. Entendo ser relevante, também, investigar a influência dos meios de comunicação na potencialização desse temor e na construção imaginária deste psicopata. A aspiração desta proposta de trabalho é contribuir para o campo de pesquisa das Ciências Sociais, assim como pretendeu esta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4 WAYS FOR ANYONE TO GET MORE MATCHES ON TINDER. The Odyssey Online. Disponível em <<https://www.theodysseyonline.com/4-ways-anyone-more-matches-tinder>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

16 NÚMEROS SOBRE O TINDER QUE VÃO FAZER VOCÊ QUERER DAR UNS MATCHES. Buzzfeed. Disponível em <https://www.buzzfeed.com/julianakataoka/numeros-tinder?utm_term=.kxY4kzKAZ#.khBjPVn9q>. Acesso em 15 de maio de 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre : ARTMED, 2014.

BELELI, Iara. **O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais**. Cadernos Pagu. V.44, p.91-114, 2015.

BOELLSTORFF, Tom. **Rethinking Digital Anthropology**. In HORST, Heather; MILLER, Daniel (ed.). Digital anthropology. Berg: London, 2012.

BONAVITTA, Paola. **El amor em los tiempos de Tinder**. Cultura y Representaciones Sociales. México. V.10, n.19, 2015

BORGES, Doriam. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo**. Curitiba: APPRIS, 2011.

BRASIL TEM 10 MILHÕES DE USUÁRIOS DO TINDER; CRIADOR EXPLICA SUCESSO DO APP. Disponível em <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/23/brasil-tem-10-milhoes-de-usuarios-do-tinder-criador-explica-sucesso-do-app.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

BRILHANTE, A; NATIONS, M; CATRIB, A. **“Taca cachaça que ela libera”:** violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. Caderno de Saúde Pública, 2018.

BRUNVAND, J.H. **The Big Book of Urban Legends**. New York: Paradox Press, 1981.

CAETANO, Dhiogo José. **O Medo da Morte na Idade Média: uma visão coletiva do ocidente**. Belém: LiteraCidade, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CERQUEIRA, D.; COELHO D.; FERREIRA H. **Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014**. Rev. bras. segur. Pública. São Paulo, v. 11, n. 1, P. 24-48, 2017.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Instituto de pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2014.

COBRANÇA DE TELEFONE FIXO PASSA DE PULSO PARA MINUTO EM JANEIRO. Folha de S. Paulo. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u99215.shtml>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

Código de Processo Penal. Lei número 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del3689.htm>. Acesso em: 20 de dezembro 2018.

COELHO, Ana Carolina. **A sociedade em rede: a revolução é compartilhada**. Intexto. Porto Alegre, V.02, n.25, p. 165-173, 2011.

COMO TER (OU NÃO) SUCESSO NO TINDER. Vida Moderna. Disponível em <<https://www.vidamoderna.com.br/como-ter-ou-nao-sucesso-no-tinder/>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

COSTA, A. **What makes women swipe right: mate preferences in Tinder**. Dissertação. Universidade do Minho, 2018

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”**, in NUNES, Edison de O. *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

DIGITAL IN 2018. Disponível em <www.hootsuite.com>, acessado em 15 de dezembro de 2018

DION, S. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural**. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Londrina: n. 6, 2008.

DONOVAN, Pamela. **Drink spiking and predatory drugging: a Modern History**. New York: Springer Nature, 2016.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch. **Tinderelas: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones**. 2016.190f. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Revista Brasileira de Educação, n. 10, p. 58-78, jan.-abr. 1999.

GATTER, K.; HODKINSON, K. **On the differences between Tinder versus online dating agencies: Questioning a myth. An exploratory study**. Congent Psychology. Viena, 2016

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOFFMAN, E. **The interaction order**, American Sociological Review, 1983.

GOFFMAN, E. **A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias**, Lisboa, Relógio D'Água, 1993.

GOMES, L.; LEITÃO, D. **Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line**. Dossiê: Gênero e Sexualidade. Porto Alegre, V.18, n.1, p 171-186, 2018.

HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015

HINE, Christine. **Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia**. In CAMPANELLA, B.; BARROS, C. Etnografia & Consumo Midiático: novas tendências e desafios metodológicos. E-papers: Rio de Janeiro, 2016.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. MATRIZES. São Paulo, Ano 5, n.2, janeiro-julho, 2012.

HORST, Heather; MILLER, Daniel (ed.). **Digital anthropology**. Berg: London, 2012.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011

JAMES, J. **Mobile dating in the digital age: computer-mediated communication and relationship building on Tinder**. Tese. Universidade do Texas, 2015.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. *Sociologia E Antropologia*. Translated by Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. *Sociologie et anthropologie*, 1950.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2013.

LOPES, C.R. **Em busca do gênero lenda urbana**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, 2008.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. London and New York: Routledge, 2015.

MACHADO, C.; SILVA B.; FARIAS, S. **Deu Match: A Luxúria como Gatilho para o Consumo Hedônico de Aplicativos de Relacionamento**. International Journal of Business and Marketing. Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2017, 35–45

MAGNANI, J.G.C. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAGNO, L. DOURADO, I. SILVA, L. **Estigma e resistência entre travestis e mulheres transexuais em Salvador, Bahia, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, 2018

MALINOVSKI Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. In *Ethnologia*, n.6, 1197, p.17-37.

MILLER, D. et al. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity, 2011

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea**. Volume 6, n. 2 p. 275-297, 2016.

NOGUEIRA, M.; SILVA, R.; SILVA, T. **Onde está meu crush? Interação via mídias locativas e cibersexualidade feminina no Happn**. Panorama. Goiânia, V. 7, n. 1, p. 6-8, 2017.

NOW TINDER WANTS TO BE MORE LIKE SNAPCHAT WITH LATEST BUY. *Fortune*. Disponível em <<http://fortune.com/2017/02/16/tinder-snapchat-wheel/>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

NUÑEZ, E. **Lendas tradicionais e lendas urbanas: uma revisão conceitual**. Biblioteca, Leitura e Multimídia, Universidade de Passo Fundo. UPF Editora. Passo Fundo: 2012.

O QUE É TINDER? VEJA COMO FUNCIONA O APP DE RELACIONAMENTO. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/12/o-que-e-e-como-funciona-o-tinder.html>>, acesso em 15 de dezembro de 2018

OLIVEIRA, L.R.C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.39, n.1, p.13-37, 1996.

OLIVEIRA, L. R. C. **Pesquisa em versus Pesquisas com seres humanos**. In: Vítora, C.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Orgs.). *Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004.

OS IMPACTOS DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA NA SAÚDE MENTAL DE BRASILEIROS. *Revista Exame*. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-impactos-da-polarizacao-politica-na-saude-mental-de-brasileiros/>>. Acesso em 22 de janeiro de 2019

PANORAMA DE SANTA MARIA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹ Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>, acesso em 21 de janeiro de 2019.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. *Horiz. antropol.* [online]. 2014, vol.20, n.42, pp.377-391.

PELÚCIO, Larissa. **Prefácio**. In MISKOLCI, Richard. *Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <www.ibge.org.br>, acessado em 15 de dezembro de 2018.

PINHEIRO, Paulo. **Prefácio**. In GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. Esferas, v. 1, n. 3, 2014.

QUATRO EM CADA 10 VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO SOLICITARAM PROTEÇÃO NO RS. GaúchaZH. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/08/quatro-em-cada-10-vitimas-de-femicidio-solicitaram-protacao-no-rs-cjkk7x36s01ez01pispli3zqb.html>>. Acesso em 16 de dezembro de 2018,

RECUERO, Raquel. **Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social**. In CAMPANELLA, B.; BARROS, C. *Etnografia & Consumo Midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. E-papers: Rio de Janeiro, 2016.

RENARD, J.B. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, N. 32, 2007

RIUTORT, Philippe. **Compêndio de sociologia**. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

ROQUE S.J. **Prefácio**. In LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2013.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, Nikolas, **Inventando nossos selfs**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS A. **Do flerte ao “match”: Uma breve história do aplicativo Tinder e do(s) amor(es) no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, 2017.

SILVA, Sandra Rúbia. **A globalização como desafio para o trabalho de campo e a produção etnográfica**. In CAMPANELLA, B.; BARROS, C. *Etnografia & Consumo Midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. E-papers: Rio de Janeiro, 2016.

SOUSA, M.; SIRELLI, P. **Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 132, p. 326-345, 2018

SOUZA, A. **Mas, afinal, o que é o Tinder? – Um estudo sobre a percepção que os usuários têm do aplicativo**. Verso e Reverso. Porto Alegre. vol. 30, n. 75, 2016.

SUMTER, S.; VANDENBOSCH, L.; LIGTENBERG, L. **Love me Tinder: Untangling emerging adults' motivations for using the dating application Tinder**. Telematics and Informatics. Amsterdã, V. 34, n. 1, p. 67-78, 2017

SUPERLIKE DO TINDER CHEGA AO BRASIL; DIGA QUE VOCÊ GOSTA MUITO DE ALGUÉM. Techtudo. Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/10/super-do-tinder-chega-ao-brasil-diga-que-voce-gosta-muito-de-alguem.html>. Acesso em 15 de maio de 2018.

TANDOGAN, O.; ILHAN, B. **Fear of Crime in Public Spaces: From the View of Women Living in Cities**. Procedia Engineering, v. 161.2016.

TINDER. Disponível em www.tinder.com. Acesso em 22 de dezembro de 2018

TINDER BOOST: FUNÇÃO PAGA PERMITE 'IMPULSIONAR O SEU PERFIL' POR 30 MIN. Techtudo. Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/09/tinder-boost-funcao-paga-permite-impulsionar-o-seu-perfil-por-30-min.html>. Acesso em 15 de maio de 2018.

TINDER: THE 'PAINFULLY HONEST' DATING APP WITH WIDER SOCIAL AMBITIONS. The Guardian. Disponível em <https://www.theguardian.com/technology/2014/feb/24/tinder-dating-app-social-networks>. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016

VENTURI, G., RECAMÁN, M. E OLIVEIRA, S. (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VIEIRA J.; SEPÚLVEDA, R. **A autoapresentação dos portugueses na plataforma de online dating Tinder**. Observatorio (OBS*) Journal, p. 153-185, 2017

WASELFISZ, J. Jacobo. **Mapa da violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Flacso, 2015.

ANEXO

Anexo 1 – Critérios de diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial

Transtornos da Personalidade do Grupo B

Transtorno da Personalidade Antissocial

Critérios Diagnósticos **301.7 (F60.2)**

- A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:
1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
 5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.
- B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.
- C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.
- D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Características Diagnósticas

A característica essencial do transtorno da personalidade antissocial é um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros, o qual surge na infância ou no início da adolescência e continua na vida adulta. Esse padrão também já foi referido como *psicopatia*, *sociopatia* ou *transtorno da personalidade dissociada*. Visto que falsidade e manipulação são aspectos centrais do transtorno da personalidade antissocial, pode ser especialmente útil integrar informações adquiridas por meio de avaliações clínicas sistemáticas e informações coletadas de outras fontes colaterais.

Para que esse diagnóstico seja firmado, o indivíduo deve ter no mínimo 18 anos de idade (Critério B) e deve ter apresentado alguns sintomas de transtorno da conduta antes dos 15 anos (Critério C). O transtorno da conduta envolve um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual os direitos básicos dos outros ou as principais normas ou regras sociais apropriadas à idade são violados. Os comportamentos específicos característicos do transtorno da conduta encaixam-se em uma de quatro categorias: agressão a pessoas e animais, destruição de propriedade, fraude ou roubo ou grave violação a regras.

Fonte: Reprodução DSM